

História

5^o
ano

Ensino Fundamental – Anos Iniciais
Componente curricular: História

Ápis

Anna Maria Charlier
Maria Elena Simielli

Manual do
Professor





Ensino Fundamental – Anos Iniciais
Componente curricular: História

Anna Maria Charlier

Bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo (USP)

Bacharel e licenciada em Geografia pela USP

Ex-professora, diretora e supervisora do Ensino Fundamental e Médio na rede pública e em escolas particulares do estado de São Paulo

Maria Elena Simielli

Bacharel e licenciada em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP)

Professora doutora em Geografia e professora livre-docente do Departamento de Geografia – Pós-graduação, USP

Ex-professora dos Ensinos Fundamental e Médio na rede pública e em escolas particulares do estado de São Paulo

2ª edição

São Paulo, 2017

Atualizado de acordo com a BNCC.

Direção geral: Guilherme Luz

Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas

Gestão de projeto editorial: Tatianny Renó

Gestão e coordenação de área: Wagner Nicaretta (ger.) e
Brunna Paulussi (coord.)

Edição: Carlos Eduardo Ogawa, Aline dos Reis Neves e
Luciana Martinez

Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga

Planejamento e controle de produção:

Paula Godo, Roseli Said e Marcos Toledo

Revisão: Héliá de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.),
Rosângela Muricy (coord.), Ana Paula C. Malfa, Flavia S. Vênezio,
Gabriela M. Andrade, Larissa Vazquez, Luis M. Boa Nova,
Patrícia Travanca e Raquel A. Taveira

Arte: Daniela Amaral (ger.), Claudio Faustino (coord.),
Eber Alexandre de Souza (edição de arte), Jacqueline Ortolan,
Livia Vitta Ribeiro (edit. arte)

Licenciamento de conteúdos de terceiros:

Cristina Akisino (coord.), Luciana Sposito (licenciamento de textos), Erika Ramires e
Claudia Rodrigues (analistas adm.)

Design: Gláucia Correa Koller (ger. e proj. gráfico) e
Talita Guedes da Silva (proj. gráfico e capa)

Ilustração de capa: ArtefatoZ, Artisticco/Shutterstock, Artram/
Shutterstock, Denis Cristo/Shutterstock, Evellean/Shutterstock,
Sabelskaya/Shutterstock, Vectorpocket/Shutterstock, ProStockStudio/
Shutterstock, Faber14/Shutterstock, Macrovector/Shutterstock,
Stock_VectorSale/Shutterstock, Maglyvi/Shutterstock

Todos os direitos reservados por Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221, 3ª andar, Setor A
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061

www.atica.com.br / editora@atica.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Charlier, Anna Maria
Ápis história, 5º ano : ensino fundamental,
anos iniciais / Anna Maria Charlier, Maria Elena
Simielli. -- 2. ed. -- São Paulo : Ática, 2017.

Suplementado pelo manual do professor.
Bibliografia.
ISBN 978-85-08-18807-9 (aluno)
ISBN 978-85-08-18808-6 (professor)

1. História (Ensino fundamental) I. Simielli,
Maria Elena. II. Título.

17-11676

CDD-372.89

Índices para catálogo sistemático:

1. História : Ensino fundamental 372.89

2017

Código da obra CL 713450

CAE 728795 (AL) / 728753 (PR)

2ª edição

1ª impressão

Atualizado de acordo com a BNCC.



Impressão e acabamento

Apresentação

Este Manual do Professor apresenta os fundamentos teóricos que embasaram a escolha dos temas trabalhados nos cinco volumes desta coleção. Os temas foram escolhidos com o cuidado de integrar o processo de alfabetização plena e a formação do pensar histórico, base para o aprendizado e o desenvolvimento do conhecimento da disciplina História pelos alunos. Na coleção, contamos também com o material digital do professor.

O Manual está organizado da seguinte maneira:

Orientações gerais: esta parte apresenta os princípios e fundamentos teóricos que nortearam a elaboração dos cinco volumes; a estrutura geral da proposta de trabalho da coleção; como a coleção contribui para o processo de alfabetização; reflexões sobre a avaliação nos anos iniciais do Ensino Fundamental; encaminhamentos para a utilização dos conteúdos; textos complementares para aprofundar os conhecimentos do professor e bibliografia.

Orientações específicas: esta parte compõe-se da reprodução reduzida do Livro do Estudante acompanhada de encaminhamentos para o desenvolvimento das atividades nele propostas. Há também leituras e atividades complementares, bem como orientações para atingir os objetivos de aprendizagem da BNCC.

Material digital do professor: complementa o trabalho desenvolvido no material impresso com o objetivo de organizar e enriquecer o trabalho docente, contribuindo para sua contínua atualização e oferecendo subsídios para o planejamento e o desenvolvimento de suas aulas. Neste material, você encontrará: orientações gerais para o ano letivo; quadros bimestrais com os objetos de conhecimento e as habilidades que devem ser trabalhadas em cada bimestre; sugestões de atividades que favorecem o trabalho com as habilidades propostas para cada ano; orientações para a gestão da sala de aula; propostas de projetos integradores para o trabalho com os diferentes componentes curriculares; sequências didáticas para ampliação do trabalho em sala de aula; e propostas de avaliação.

SUMÁRIO

Orientações gerais

Princípios gerais	V
A BNCC e a Educação Básica	V
Ensino Fundamental de nove anos	VI
Fundamentos teóricos	VII
As Ciências Humanas nos anos iniciais do Ensino Fundamental segundo a BNCC	VII
Como o ensino de História contribui para a alfabetização e o letramento	VIII
A BNCC nesta coleção	IX
O pensar histórico nesta coleção	XII
O processo de avaliação	XIII
Estrutura geral da coleção	XIV
Seleção e organização dos conteúdos	XIV
Como a coleção está organizada	XV
Encaminhamentos para a utilização desta coleção	XVIII
As leis n. 10 639/03 e n. 11 645/08 nos currículos escolares	XVIII
Atividades escritas e orais	XXI
Minha coleção de palavras de História	XXII
Documentos históricos	XXII
Linha do tempo	XXIII
Interdisciplinaridade	XXIV
Sistematização do aprendizado	XXV
Representações cartográficas	XXV
Como trabalhar imagens em sala de aula	XXV
Referências para aprofundamento do professor	XXVI
A organização dos conteúdos	XXVI
A avaliação na educação escolar	XXVII
Interdisciplinaridade na formação de professores	XXVIII
Temas transversais	XXIX
O trabalho com a oralidade na escola	XXX
Patrimônios da História	XXXV
A coleção e a progressão didática estabelecida pela BNCC	XXXVI
Os objetos de conhecimento e as habilidades abordadas no volume do 5 ^o ano	XXXVII
Bibliografia	XXXVIII

Orientações específicas

Elementos do Manual do Professor página a página	XL
Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido	1

Orientações gerais

Princípios gerais

A BNCC e a Educação Básica

A Constituição Federal de 1988 fixa conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, a fim de assegurar formação básica comum a todos os alunos e o respeito aos valores culturais do país. Por sua vez, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), promulgada em 1996, determina que a União, junto com estados e municípios, deve estabelecer competências e diretrizes que norteiem a escolha dos currículos ¹.

As **aprendizagens essenciais** que o aluno deve desenvolver ao longo de sua escolaridade no Ensino Fundamental foram definidas recentemente pela versão final da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ². Os conhecimentos e as competências que devem ser aprendidos visam a uma formação humana integral e à capacitação para construir uma sociedade mais justa, inclusiva e democrática.

A presente versão da BNCC prescreve o conteúdo curricular mínimo para cada ano escolar, segundo a realidade regional, valorizando a diversidade cultural e o respeito às diferenças. Os currículos podem ser diversos, mas todos devem atender a esses conteúdos mínimos.

O Brasil, por ser um país de grandes desigualdades sociais e diferenças culturais, precisa de um sistema educacional que ofereça currículos adaptados para cada realidade, sem deixar de lado a **equidade na educação**. As instituições escolares também devem se manter abertas à **pluralidade** e à **diversidade** a fim de garantir a aprendizagem a todos e diminuir a histórica exclusão social existente no país.

A organização dos conteúdos curriculares mínimos na forma de competências, nos documentos oficiais do governo brasileiro, remonta aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e também está presente na

BNCC. Neste último documento, a noção de competência é utilizada no sentido da mobilização e aplicação dos conhecimentos escolares na forma de conceitos, procedimentos, valores e atitudes ³. É importante destacar que as competências têm o objetivo de direcionar a formação para a autonomia do aluno, pois se espera que o aluno aprenda e empregue os conhecimentos adquiridos em sua vivência cotidiana. Atualmente, mais do que acumular informações, o ser humano precisa se educar para ser criativo, saber se comunicar e produzir, estar capacitado para analisar, criticar, participar da sociedade em que vive e ser corresponsável por ela.

Essa aplicação dos conhecimentos escolares, de forma ampla, é explicada no texto da versão final da BNCC da seguinte maneira:

[...] No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades.

Nesse contexto, a BNCC afirma, de maneira explícita, o seu compromisso com a **educação integral**. Reconhece, assim, que a educação básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global [...].

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 14.

¹ Lei nº 9394/96, Art. 9, inciso IV. BRASIL. Lei nº 9394, que define as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 17 out. 2017.

² BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 15. Todas as citações da Base Nacional Comum Curricular referem-se à versão final publicada pelo Ministério da Educação em dezembro de 2018. A atualização conforme esse documento está prevista no edital do PNLD 2019 – atualização BNCC. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD 2019**. Brasília: Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação, 2019. p. 1.)

³ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 13.

A BNCC adota dez competências gerais, que se interligam às competências específicas de cada área e nor-teiam a construção dos objetos de conhecimento, habilidades, além de atitudes e valores do educando. São elas:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 9-10.

Ensino Fundamental de nove anos

Até a década de 2000, o Ensino Fundamental no Brasil se organizava em duas etapas de quatro anos. O Plano Nacional de Educação (PNE) de 2001 estabeleceu a meta de acrescentar um ano ao Ensino Fundamental, com o aluno iniciando os estudos aos 6 anos de idade. Acreditava-se, com isso, que o aluno teria maiores oportunidades de aprendizagem durante o primeiro período de escolarização obrigatória.

O Ensino Fundamental de nove anos foi implemen-

tado em 2006 pela Lei n. 11 274, que alterou a LDB. Posteriormente, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos, de 2010, reforçaram essa exigência.

É importante destacar que essas diretrizes, além de estabelecer os objetivos da educação no Ensino Fundamental, já presentes na LDB, como a formação do cidadão por meio da capacidade de aprender, pelo domínio da leitura, da escrita e do cálculo, bem como o fortalecimento dos seus vínculos familiares e de

tolerância e solidariedade humana, estabelece também princípios éticos, políticos e estéticos que devem nortear o aprendizado dos componentes curriculares.

Vale notar que o parecer do Conselho Nacional de Educação ⁴ para a aprovação das já citadas diretrizes também afirma que o Ensino Fundamental terá muito a ganhar se, como na Educação Infantil, incentivar o caráter lúdico da aprendizagem, com aulas mais prazerosas e que motivem a participação ativa dos alunos.

Por fim, o aluno deve passar a compreender o ambiente social e natural em que vive considerando os valores fundamentais da sociedade, ao mesmo tempo em que adquire conhecimentos e habilidades vinculadas aos componentes curriculares da educação básica.

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental em especial, o trabalho pedagógico concentra-se na alfabetização e no letramento, oferecendo aos alunos a oportunidade de se apropriarem do sistema de leitura e escrita.

Fundamentos teóricos

As Ciências Humanas nos anos iniciais do Ensino Fundamental segundo a BNCC

Na versão final da BNCC, o documento organiza o Ensino Fundamental em quatro áreas de conhecimento e seus componentes curriculares: Linguagens (componentes: Língua Portuguesa, Inglês, Artes e Educação Física), Matemática (componente: Matemática), Ciências da Natureza (componente: Ciências) e Ciências Humanas (componentes: Geografia e História). Cada uma dessas áreas possui competências específicas, bem como seus componentes, e todas essas competências devem estar ligadas às dez competências gerais da BNCC.

Para atingir as competências, os componentes curriculares apresentam um conjunto de **habilidades** relacionadas aos diferentes **objetos de conhecimento**. Os objetos e as habilidades estão organizados em **unidades temáticas** em todos os componentes curriculares. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o aluno constrói conhecimentos de forma ativa e novas relações consigo próprio, com os outros e com o mundo em que vive. Para isso, é preciso interagir, usar várias linguagens, afirmar a sua identidade, reconhecer as suas potencialidades e valorizar as diferenças.

Tempo e espaço são os conceitos fundamentais da área de Ciências Humanas. Eles contribuem para que os alunos desenvolvam a capacidade de observação, identificação de fenômenos e investigação. O raciocínio balizado pelo espaço e pelo tempo ajuda a contextualizar processos históricos, e está na base da ideia de

que os seres humanos produzem o espaço em que vivem em determinada época da história.

Ao desenvolver esse raciocínio com base nas ideias de tempo e espaço, os alunos adquirem consciência das ações realizadas por diferentes grupos sociais em diferentes épocas e lugares, e compreendem que também devem participar e ser responsáveis pelo mundo em que vivem. Eles passam a compreender a relação do tempo da natureza com o tempo social e a ocupação dos espaços pelo ser humano.

Além do trabalho com o tempo e o espaço, as Ciências Humanas devem contemplar a **ação humana**, as **relações sociais e de poder** e a **produção de conhecimentos e de saberes**, a fim de desenvolver nos alunos uma maior compreensão do mundo em que vivem e uma maior capacidade para se tornarem cidadãos responsáveis e atuantes.

Além das competências ligadas à compreensão do mundo em que o aluno vive, há também competências para estimular a **formação ética**, destacando a importância de valorizar os **direitos humanos**; o **respeito ao meio ambiente e à sua própria coletividade**, levando em conta a **solidariedade**, a **participação** no seu grupo social e a preocupação com as desigualdades sociais.

As competências específicas de Ciências Humanas para o Ensino Fundamental são:

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.
2. Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.
3. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.
4. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
5. Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.

⁴ Parecer CNE/CEB n. 11/2010. Aprovado em 7 jul. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 17 out. 2017.

6. Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
7. Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 357.

Como o ensino de História contribui para a alfabetização e o letramento

Baseada nas competências gerais e específicas da BNCC, a proposta pedagógica desta coleção, do 1º ao 5º ano, visa auxiliar a prática de educação fundamentada na integração dos aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança.

Mediante práticas sociais que favorecem as atividades lúdicas e as brincadeiras, a criança dos primeiros anos do Ensino Fundamental é levada a reinterpretar as situações da vida cotidiana e do seu contexto social.

As práticas sociais e culturais são realizadas em grande parte por meio da linguagem, da leitura e do conhecimento da escrita enquanto forma de comunicação. A proposta pedagógica desta coleção ajuda a desenvolver a aprendizagem da leitura e da escrita desde o início da escolaridade, pois é a partir da descoberta da escrita e de todas as convenções a ela ligadas que começa a se formar o leitor e o escritor autônomo.

Nesse sentido, é importante ater-se à contribuição que as áreas do conhecimento têm no processo de leitura e escrita. A partir da leitura de imagens, mapas, gráficos e tabelas, por exemplo, a criança poderá ser inserida em um universo de conhecimento que a auxiliará na leitura e interpretação dos fenômenos que observa e de que participa.

A ciência é permeada por uma linguagem específica que a escola, mediada pela ação do professor, deve propiciar aos seus alunos, contribuindo assim

para a inserção do sujeito na comunidade em que vive. Trata-se de um momento de leitura e escrita dos códigos e símbolos próprios de cada ciência escolar, que implica o processo de alfabetização e letramento.

Alfabetização e letramento são fenômenos diferentes, porém complementares. O primeiro é o processo de apropriação, compreensão e domínio do sistema de escrita; o segundo é o processo de se inserir na cultura escrita e participar dela. O letramento é um processo histórico-social mais amplo e abrangente. A alfabetização deve propiciar e facilitar o processo do letramento ⁵.

O grande desafio é coordenar esses dois processos para atingir com eficiência os objetivos propostos para o Ensino Fundamental. Os alunos, auxiliados pelo professor, precisam dominar o sistema alfabético e usar corretamente a linguagem nas práticas sociais de leitura e escrita, ampliando assim as competências de comunicação que favoreçam o seu espírito crítico.

Maria da Graça Costa Val ⁶, pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), indica que o trabalho de alfabetização e letramento em sala de aula deve se organizar em torno de quatro componentes do aprendizado da escrita: compreensão e valorização da cultura escrita (observar e explorar diferentes textos), apropriação do sistema de escrita (observações e reflexões sobre códigos de escrita), leitura (decodificar e compreender o sistema de escrita) e a produção escrita (compreensão e valorização dos diferentes usos e funções da escrita).

A criança que está sendo alfabetizada precisa usar a língua escrita, associando o uso das letras, seus sons e significados sociais para, finalmente, conseguir ler e produzir textos. Ela decodifica símbolos, localiza informações, aprende pouco a pouco a separar relações de causa e efeito, infere dados, interpreta e compreende. Tais processos estão presentes em toda a esfera do conhecimento científico, não apenas na área de Língua Portuguesa.

Portanto, por meio dessas operações cognitivas, espera-se proporcionar à criança um ambiente alfabetizador para que ela consiga desenvolver as habilidades do uso da leitura e da escrita em todo o campo do conhecimento científico.

⁵ Magda Soares, no seu trabalho “Letramento e alfabetização: as muitas facetas”, afirma que a entrada da criança no mundo da escrita se dá pela alfabetização (aquisição do sistema de escrita) e pelo letramento (desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita), não se podendo, portanto, dissociar esses dois processos, que são indissociáveis. (SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. 26ª Reunião Anual da Anped. Poços de Caldas, 2003.)

⁶ VAL, Maria da Graça Costa. O que é ser alfabetizado e letrado? In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (Org.). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: MEC/SEED, 2006.

Por meio das diferentes linguagens e das práticas sociointerativas, os seres humanos criam e recriam seu mundo. Os eventos comunicativos da oralidade e da escrita ocorrem por meio de códigos próprios de determinado grupo social, dentro de um contexto de espaço e tempo definidos.

No que se refere ao ensino de História, nesta coleção, as práticas de oralidade e escrita podem auxiliar na formação de um pensar histórico, uma vez que evocam a memória do que foi produzido culturalmente e permitem comparar registros de diferentes naturezas. O aluno é estimulado a descrever aquilo que observou utilizando argumentos, analisando os elementos apresentados à luz de seus conhecimentos prévios e sistematizando-os por meio da escrita.

A BNCC nesta coleção

A BNCC, em sua versão final homologada, apresenta sete competências do componente curricular História para o Ensino Fundamental, a saber:

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.
3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.
4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.

6. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.
7. Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 402.

Esta coleção, assumindo o compromisso com a educação integral proposto pela BNCC, procura desenvolver práticas e conteúdos adequados à consecução das competências previstas nesse documento. São as competências tanto gerais como específicas de Ciências Humanas e do componente curricular História, as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades que norteiam o trabalho na coleção.

O conhecimento do passado é fruto de indagações, investigações, análises e interpretações feitas por diferentes sujeitos, criando formas narrativas e marcos de memória. Interessa à História entender como os indivíduos construíram as suas narrativas sobre o seu mundo no passado e no presente. Nos volumes da coleção, diferentes tipos de fontes e documentos históricos foram utilizados (depoimentos escritos e orais, fotos, imagens, registros de várias formas, documentos materiais e imateriais, entre outros) para promover a compreensão pelos alunos da relação entre tempo, espaço e sociedade.

Há também atividades que permitem aos alunos observar o seu cotidiano e o do grupo social com que convivem para, assim, tornarem-se capazes de entender como o tempo é organizado ao seu redor e perceber que, no dia a dia, ocorrem experiências repletas de historicidade. Além de analisar os processos históricos, pretendemos trabalhar com os alunos a ideia de que, além de estudantes de História, eles também são seus agentes e narradores.

A BNCC de História orienta, para os anos iniciais do Ensino Fundamental, trabalhar a construção do sujeito, com a tomada de consciência do “eu” e do “outro” por parte dos alunos.

Os alunos devem partir do conhecimento do “eu”, ou seja, de si próprio e de suas referências sociais e culturais, para o conhecimento do “outro”, igual ou

diferente, e com isso valorizar vivências e experiências próprias e de familiares, bem como reconhecer a diversidade cultural e respeitar as diferenças.

Por meio de pesquisas, entrevistas, conversas, observações e trocas de ideias, o aluno é estimulado a fazer descobertas, o que poderá torná-lo mais crítico e criativo. Pelo estudo do cotidiano, pretendemos, ao mesmo tempo, desenvolver as primeiras ideias de pertencimento da criança à família, à escola ou a outro de seus grupos sociais mais próximos.

Trabalhando com pesquisas e “desafios”, propõe-se aos alunos que executem tarefas cada vez mais complexas; ao mesmo tempo, trabalhando com pequenos quadros de humor, busca-se estimular a aprendizagem de forma mais divertida. Assim, a coleção incentiva a observar e registrar, estabelecer comparações, destacar permanências e mudanças no tempo e no espaço e fomentar as discussões e a oralidade, com o objetivo de desenvolver o autoconhecimento ao dos outros. Assim, de forma progressiva, amplia-se o trabalho com o mundo do aluno: a família e a escola, a comunidade, o estado, o país e o mundo, sempre levando em consideração o ser humano e o ambiente natural em que ele vive.

Das habilidades do 1º e do 2º ano, que contemplam os primeiros grupos sociais da criança e a descoberta do “eu” e do “outro”, caminhamos no 3º e no 4º ano para o estudo de comunidades maiores e mais diversificadas, as comunidades urbanas e rurais. Ou seja, as cidades como centro de convivência de vários grupos sociais, dos tempos mais antigos aos atuais. No 5º ano contemplamos o estudo da diversidade humana no mundo em que vivemos, abordando sociedades distantes e diversas no tempo e no espaço, comparando-as com a realidade brasileira.

O foco principal em todos os anos de estudo são os princípios éticos de igualdade, tolerância, respeito e boa convivência entre as pessoas e os povos.

No sentido da importância dos princípios éticos tão importantes para esta coleção, trabalhamos apoiados nos temas contemporâneos que “afetam a vida humana em escala local, regional e global” (BNCC versão final, p. 19). Contemplamos por meio dos temas propostos, atividades e textos os temas:

- os direitos da criança e do adolescente – Exemplos: volume do 1º ano, capítulos 2 e 4;
- a educação ambiental – Exemplo: volume do 2º ano, capítulo 8;
- o processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso – Exemplos: volume do 2º ano, capítulos 3 e 8 e Projetos 1 e 2;
- a educação para o trânsito – Exemplo: volume do 2º ano, capítulo 8;

- a educação alimentar e nutricional – Exemplo: volume do 3º ano, capítulo 2 e Projeto 1;
- a educação em direitos humanos – Exemplos: volume do 3º ano, capítulo 2; e volume do 5º ano, capítulo 4;
- a vida familiar e social – Exemplos: volume do 1º ano, capítulos 2 e 3;
- o trabalho, a ciência e a tecnologia – Exemplos: volume do 2º ano, capítulo 7; volume do 3º ano, capítulo 7; e volume do 4º ano, capítulo 5;
- a diversidade cultural – Exemplos: volume do 1º ano, capítulo 4; volume do 2º ano, capítulo 2; e volume do 3º ano, capítulos 3, 4 e 6;
- educação financeira e fiscal – Exemplos: volume do 2º ano, capítulo 7; e volume do 3º ano, capítulo 7.
- a educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena – Exemplos: volume do 4º ano, capítulo 3; e volume do 5º ano, capítulos 1 e 2.

O estudo da formação social e cultural do Brasil, com a contribuição dos povos indígenas, africanos, europeus e asiáticos, permite que os alunos compreendam o “nós” como formadores e construtores do nosso país e de sua história. Isso os leva a compreender e respeitar as alteridades da sociedade brasileira.

A coleção também incentiva, ao longo dos anos, a produção de registros, a memória, os patrimônios materiais e imateriais, assim como a valorização dos lugares de memória. Este trabalho desenvolve nos alunos as noções de pertencimento a um grupo social e de valorização e respeito à sua cultura e à cultura de outros povos. É fundamental que em História os alunos percebam as noções temporais e as incorporem às suas vivências. Partindo do concretamente vivido, da sua própria dimensão no tempo e no espaço social, os alunos aprendem a abstrair, passando a compreender a dinâmica histórica da sociedade.

Por meio da observação de vivências cotidianas, é possível levar os alunos a perceber que as experiências vividas no passado devem ser investigadas, pois delas derivam nosso conhecimento, nossa maneira de observar, descrever e analisar o presente, e subsídios para compreender o mundo em que vivemos e para pensar o futuro.

O mundo em que vivemos é construído historicamente e, portanto, mantém íntima relação com o passado, tendo em vista que alguns elementos foram herdados; outros, transformados; outros, ainda, eliminados. A relação entre passado e presente é constantemente trabalhada na coleção por meio de atividades de comparação, observação e análise. A relação pas-

sado-presente auxilia os alunos a adquirir a ideia de pertencimento a uma sociedade e a se conscientizar como sujeito responsável pelo seu futuro.

O ensino de História aqui proposto busca obter leituras do presente e do passado significativas para os alunos e que estimulem a reflexão sobre sua vida, sua identidade, suas vivências sociais, afetivas e culturais, ampliando a compreensão da realidade vivida, bem como a capacidade de escolher e estabelecer critérios para suas ações.

O conhecimento histórico não deve ser oferecido aos alunos de forma pronta e acabada, para que seja simplesmente absorvido. Ao contrário, a História é uma recriação significativa que deve também ser feita pelos alunos. Com base em documentos de época e em análises feitas por historiadores, por exemplo, os alunos devem ser capazes de elaborar suas próprias conclusões, derivadas de análise, interpretação e comparação. Portanto, passam a participar ativamente como sujeitos do processo de construção do conhecimento, em que refletem sobre sua realidade, comparam-na com outras realidades, em outros tempos e espaços, identificam as relações entre o particular e o geral, o local e o global, percebem noções de semelhanças e diferenças, continuidades e permanências, manifestando sua opinião e estabelecendo conclusões.

Também entendemos que, ao ensinar História, estimulamos os alunos a construir sua cidadania, criando condições para que se tornem conscientes e críticos, capazes de ⁷:

- valorizar a si próprios como sujeitos responsáveis da História;
- respeitar as diferenças culturais, étnicas, políticas e religiosas, evitando, assim, qualquer tipo de discriminação;
- buscar soluções possíveis para os problemas detectados em sua comunidade, de forma individual e coletiva;
- atuar firmemente contra qualquer tipo de injustiça social;
- valorizar o patrimônio sociocultural (próprio e de outros povos) e os direitos conquistados pela cidadania plena.

De acordo com a faixa etária a que esta obra se destina, o professor pode trabalhar conteúdos que

estimulem as noções de cidadania. Há diversas sugestões de temas ao longo desta coleção. Ao tratar desses assuntos, é importante levar em conta o que foi descrito anteriormente a respeito da observação, da constatação e da compreensão de uma dada situação, que deve vir sempre acompanhada de uma proposta de atuação acerca do que foi observado.

No que se refere ao saber histórico em sala de aula, pensamos ser necessário fazer a distinção entre ele e o saber histórico produzido por especialistas, reelaborando o conhecimento produzido no campo das pesquisas dos historiadores e especialistas das Ciências Humanas, daquelas representações sociais vividas e produzidas por professores e alunos.

Uma das crenças que norteiam a coleção, portanto, é a de que o ensino de História deve considerar a historicidade das noções e dos conceitos – tempo, espaço, sujeito histórico, cultura, natureza, sociedade, relações sociais, poder, trabalho, período histórico, sequência, transformação, permanência, passado, presente, futuro, anterioridade, simultaneidade, posterioridade e duração – em suas dimensões como saberes acadêmicos e escolares.

Procurou-se, ao longo da obra, fornecer ao professor subsídios para, atendendo à BNCC, ajudar os alunos a se situarem no tempo e no espaço, levando-os a se posicionarem e a intervirem na realidade social, considerando que a História tem um papel muito importante no Ensino Fundamental, pois lida com concepções acerca do indivíduo, do grupo e de lugares e circunstâncias que estão em constante movimento.

Para viabilizar a construção do saber histórico escolar, é necessário levar em conta as características psicopedagógicas dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. É precisamente nessa etapa da escolarização que conteúdos e habilidades imprescindíveis à formação do conhecimento básico em Ciências Humanas são apropriados e internalizados.

Para atender às diversas habilidades e competências, os conteúdos da coleção estão organizados nos cinco volumes em uma **sequência equilibrada e progressiva**. O sumário da coleção trabalha em diversos momentos as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades previstas na BNCC para História. Nesse documento, a organização e a seleção de conteúdos baseiam-se em uma concepção ampliada de currículo escolar e foram assumidas de forma mais sistematizada e aprofundada.

⁷ Itens baseados em: BEZERRA, Holien Golçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2008.

Deve-se considerar, igualmente, as indicações das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, nas quais se baseia a BNCC, e que apontam para a necessidade de o saber estar vinculado às diferentes áreas do conhecimento. A seleção de conteúdos para esta coleção levou em conta que os temas poderiam estar articulados às demais ciências, superando a fragmentação das áreas, tornando o currículo mais abrangente e propiciando aos alunos conhecimentos mais significativos, o que facilita a participação deles com seus interesses e suas experiências de vida.

Vale pontuar que a disposição dos conteúdos, unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades é uma sugestão de trabalho para o professor, uma proposta. Deve haver liberdade, participação e criatividade por parte dos docentes, que podem agregar sua experiência ou mesmo algumas orientações dos órgãos responsáveis pelas políticas educacionais dos estados e municípios. Os conteúdos de História propostos não devem ser considerados fixos; eles devem ser trabalhados de forma integrada às demais disciplinas do currículo escolar. As escolas e os professores devem recriá-los e adaptá-los à sua realidade regional e local.

O pensar histórico nesta coleção

O trabalho com o **pensar histórico** recebeu destaque nos cinco volumes desta coleção. Esse conceito possui grande importância para o ensino do componente curricular nos anos iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que é nessa etapa que ocorre a familiarização do estudante com os conceitos que estão na base do saber histórico. Por meio da utilização de diferentes fontes e documentos, espera-se que os alunos compreendam as relações entre **tempo e espaço, permanências e mudanças** em diferentes sociedades e culturas, noções muito importantes para identificar e interpretar os processos históricos.

[...] um dos importantes objetivos de História no Ensino Fundamental é estimular a **autonomia de pensamento** e a capacidade de reconhecer que **os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem**, de forma a preservar ou transformar seus hábitos e condutas. A percepção de que existe uma grande diversidade de sujeitos estimula o pensamento crítico, a autonomia e a formação para a cidadania.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 400.

O ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental promove a aquisição de referências temporais fundamentais à reflexão dos alunos sobre sua condução no tempo, favorecendo a construção da sua identidade e estimulando-os, portanto, a se apropriarem cada vez mais da História como forma e prática de pensamento. Ao desenvolver o pensar histórico, o aluno poderá produzir conhecimento histórico.

Pensar historicamente significa desenvolver a conscientização e a compreensão de momentos históricos significativos da humanidade e, em particular, da nossa história local, regional e nacional, considerando principalmente, no nosso caso, as “histórias esquecidas da nossa História”, que são as histórias dos negros, dos indígenas e de outros grupos.

A História, como ciência, forma e prática de pensamento, visa à compreensão de um mundo em constante processo de transformação e sempre sujeito à nossa intervenção no presente. Para atingir esse objetivo, utilizamos expressões como **raciocínio histórico** e **pensar histórico** para reunir, de forma sistemática, os temas, conceitos e procedimentos da disciplina, que aparecem articulados aos conteúdos presentes na coleção. Com isso, propõe-se uma iniciação à História como forma de compreensão da experiência dos seres humanos em diferentes tempos e espaços.

O aprendizado dos fundamentos da disciplina deve ocorrer encadeado com o processo de refletir sobre as experiências humanas de diferentes culturas em tempos e espaços diferentes, partindo primeiramente das suas experiências e da sua cultura.

Nesse sentido, é importante trabalhar o sentimento de pertencimento a uma vida comunitária local, ampliando essa noção para círculos sociais cada vez maiores conforme o desenvolvimento da criança, tornando-a uma pessoa atuante na sociedade em que vive.

Ao favorecer a ampliação das suas vivências sociais e da compreensão das permanências e mudanças no âmbito da História, o desenvolvimento do pensar histórico na criança contribui para o seu processo formativo, levando-a a:

- refletir sobre fatos históricos;
- respeitar as singularidades étnico-raciais;
- valorizar e respeitar a memória e o patrimônio dos mais diversos grupos sociais e povos;
- adquirir a liberdade de pensar e agir com ética e responsabilidade diante de outros seres humanos, em diferentes tempos e espaços sociais;

- aprender a respeitar e a valorizar o ambiente e sua coletividade;
- conscientizar-se para ser mais responsável e participativa na sociedade em que vive;
- respeitar os direitos de todos;
- preocupar-se com as desigualdades sociais.

Para favorecer o trabalho sistemático com os fundamentos do componente curricular História na coleção, os textos e as atividades que dialogam com a BNCC e com os elementos desse pensar histórico serão indicados para o professor nas Orientações específicas, junto à reprodução reduzida do Livro do Estudante.

O processo de avaliação

É indispensável, considerando a proposta de ensino de História desenvolvida nesta coleção, explicitar como foi trabalhado o processo de avaliação e quais são as estratégias que podem ser empregadas para desenvolvê-lo.

Quando se fala em avaliação, costuma-se pensar inicialmente nos resultados obtidos pelos alunos. Porém, já faz muito tempo que, valendo-se da literatura pedagógica e dos princípios das reformas educacionais – empreendidas em diferentes países –, grupos de educadores mais inquietos se propuseram a entender a avaliação como um processo maior, que não se limita à valoração dos resultados obtidos pelos alunos. No modelo de ensino proposto na atualidade, com bases construtivistas, os componentes de avaliação desempenham um papel importante no projeto curricular.

Essas ideias são manifestadas por autores como César Coll e Antoni Zabala ⁵, nos quais nos apoiamos para elaborar a proposta de avaliação.

Com base nesse modelo, os desenvolvimentos afetivo e social também constituem componentes ou dimensões da avaliação. A formação integral do indivíduo é a finalidade principal do ensino e, portanto, seu objetivo é o desenvolvimento de todas as capacidades dele e não apenas as cognitivas.

Desse modo, a avaliação está a serviço do projeto educacional como um todo, é parte integrante dele e partilha seus princípios fundamentais; não está separada do processo de construção do conhecimento.

A avaliação deve desempenhar duas funções básicas:

- permitir o ajuste da intervenção pedagógica às características individuais dos alunos por meio de aproximações sucessivas;

- determinar o grau de obtenção de resultados de acordo com as intenções do projeto e os objetivos estabelecidos.

O processo avaliador tem de observar as diferentes fases que o compõem – a **inicial**, a **formativa** e a **somatória** – e deve ocorrer por meio de intervenção estratégica.

A **avaliação inicial**, em linhas gerais, consiste em detectar os esquemas de conhecimento que os alunos possuem a respeito de determinados conteúdos ou blocos de conteúdo. É realizada no início de cada nova etapa da aprendizagem.

Em seguida, há a **avaliação formativa**, que objetiva examinar o processo de aprendizagem a fim de proporcionar a intervenção pedagógica mais adequada em cada momento. Avaliam-se os progressos, as dificuldades e os bloqueios que marcam o processo de aprendizagem. É uma prática universal, realizada, em maior ou menor grau, quase sempre de forma intuitiva. Com frequência, traz resultados satisfatórios.

É importante utilizar os recursos que a coleção oferece para avaliar os avanços dos alunos ao longo do ano. Podem-se registrar as observações em planilhas de acompanhamento (ficha ou caderno) e analisá-las no decorrer do processo. Outra sugestão é adotar a prática da elaboração de relatórios para mensurar a trajetória de cada aluno (seus avanços e suas construções) nas atividades diárias, tanto em trabalhos individuais como em grupo.

Por fim, há a **avaliação somatória**, que consiste em medir os resultados da aprendizagem. Ela determina se as intenções educativas foram ou não alcançadas e até que ponto. É importante dizer que o objetivo da avaliação somatória não é obter uma análise final do êxito ou fracasso dos alunos, mas uma análise do êxito ou fracasso do processo educacional no cumprimento das intenções originais.

Convém ressaltar que o processo de avaliação permite detectar, sobretudo, o grau de qualidade do trabalho e do projeto escolar tanto por parte do professor como dos alunos. Portanto, engloba os dois sujeitos do processo de ensino-aprendizagem, permitindo que ambos reflitam sobre seu papel e suas práticas educacionais.

O quadro a seguir, proposto por César Coll, sintetiza essas três modalidades de avaliação.

⁵ COLL, César. *Psicologia e currículo: uma proposta psicopedagógica à elaboração do currículo escolar*. São Paulo: Ática, 2006; ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

	Avaliação inicial	Avaliação formativa	Avaliação somatória
O que avaliar?	Os esquemas de conhecimento relevantes para o novo material ou situação de aprendizagem.	Progressos, dificuldades e bloqueios que marcam o processo de aprendizagem.	Tipos e graus de aprendizagem que estimulam os objetivos (finais, de nível ou didáticos) dos conteúdos selecionados.
Quando avaliar?	No início de uma nova fase de aprendizagem.	Durante o processo de aprendizagem.	Ao final de uma etapa de aprendizagem.
Como avaliar?	Consulta e interpretação do histórico escolar do aluno. Registro e interpretação das respostas e comportamentos dos alunos diante de perguntas e situações relativas ao novo material de aprendizagem.	Observação sistemática e pautada do processo de aprendizagem. Registro das observações em planilhas de acompanhamento. Interpretação das observações.	Observação, registro e interpretação das respostas e comportamentos dos alunos a perguntas e situações que exigem a utilização dos conteúdos aprendidos.

Nesta coleção procuramos garantir momentos que permitam realizar a avaliação inicial na introdução de novos conteúdos, noções ou conceitos. As aberturas de unidade e a seção **Para iniciar**, no início de cada capítulo, constituem procedimentos metodológicos propícios à avaliação inicial, pois, por meio de questões, textos e recursos pontuais, o aluno é solicitado a expor seus conhecimentos prévios e suas hipóteses sobre o assunto.

O corpo de atividades e as seções propostas (trabalhos individuais ou em grupo, leitura de textos, análise de imagens, exposição de experiências pessoais, respostas orais e escritas, representações, pesquisas, confecção de painéis e cartazes, discussões na classe, tarefas de casa, etc.) servem de base para a avaliação formativa, que também consiste na observação sistemática e no acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos.

Nesta coleção, uma das estratégias que possibilitam a avaliação somatória é a seção **O que estudamos**, que aparece ao final de cada unidade em todos os volumes. Trata-se de um momento vivenciado pelo aluno como fechamento do trabalho e permite detectar o nível dos resultados obtidos em relação aos objetivos determinados.

Estrutura geral da coleção

Seleção e organização dos conteúdos

Mediante o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como foco a alfabetização, e por meio

do gradativo aumento da compreensão do ambiente natural e social e da capacidade de aprendizagem para adquirir conhecimentos e habilidades, valores e atitudes, esta coleção procura atender às expectativas de aprendizagem apresentadas pela BNCC.

Respeitadas as marcas singulares antropoculturais que as crianças de diferentes contextos adquirem, os objetivos da formação básica, definidos para a Educação Infantil, prolongam-se durante os anos iniciais do Ensino Fundamental, de tal modo que os aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual e social sejam priorizados na sua formação, complementando a ação da família e da comunidade e, ao mesmo tempo, ampliando e intensificando, gradativamente, o processo educativo com qualidade social.

Para a seleção dos conteúdos presentes nesta coleção, foram levados em consideração as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades apresentados pela BNCC para cada ano escolar. As orientações desse documento impulsionaram a opção pelos conteúdos que consideramos mais significativos para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Tivemos a preocupação de garantir, na medida do possível, o trabalho sistemático com os conceitos básicos do ensino de História (mencionados anteriormente em Fundamentos Teóricos).

Em todos os volumes da coleção, a estrutura foi concebida para facilitar a prática do professor e permitir a construção de rotinas escolares, fundamentais no processo de aprendizado. Os objetos de conhecimento e habilidades são trabalhados ao longo de uni-

dades e capítulos, nos quais os conteúdos estão organizados de acordo com um tema principal. Cada volume possui, então, um fio condutor, permitindo a reflexão sobre vários momentos históricos e a construção da relação presente-passado pela comparação entre acontecimentos e contextos históricos de diferentes épocas.

Em todos os volumes, os objetos de conhecimento são trabalhados a fim de que os alunos alcancem as habilidades correspondentes a eles, garantindo a aprendizagem e o desenvolvimento plenos dos conteúdos de cada ano letivo. De forma sucinta, os objetos de conhecimento, abordados na coleção e relacionados às diferentes habilidades, são:

- Primeiro ano – As fases da vida e a temporalidade, os vínculos pessoais, a família, a escola, a vida em casa e na escola, os diferentes vínculos e as diferentes formas de representação social e espacial.
- Segundo ano – A comunidade, a convivência, a interação entre as pessoas, os registros de experiências pessoais no tempo e no espaço, os marcos de memória, o tempo como medida, as fontes de registro de memória e a relação com a natureza.
- Terceiro ano – Os grupos sociais e étnicos da cidade, os patrimônios históricos e culturais da cidade, a produção dos marcos de memória (formação cultural da população e diferenças entre cidade e campo), espaços públicos e privados e atividades urbanas.
- Quarto ano – A ação humana no tempo e no espaço, as grandes transformações sociais e culturais da história da humanidade, a circulação de pessoas e produtos, a transformação do meio natural, o comércio, as rotas de circulação, o surgimento das cidades, o mundo da tecnologia e a comunicação, o surgimento do homem e sua expansão pelo mundo, as migrações no mundo e no Brasil.
- Quinto ano – A formação dos povos, as formas de organização social e política, o papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos, a cidadania, as tradições orais, a valorização da memória e os patrimônios materiais e imateriais da humanidade.

A íntegra desses objetos de conhecimento pode ser encontrada no item *História no Ensino Fundamental – Anos Iniciais: unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades* (item 4.4.2.1), páginas 403 a 415. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 30 set. 2019.

Apresentamos na página XXXVII um quadro com os objetos de conhecimento, as habilidades e sua relação com os conteúdos deste volume.

Essa organização dos conteúdos propicia a abordagem simultânea de diferentes conceitos, favorecendo o estudo de processos históricos sob a luz das relações de semelhança e diferença, permanência e transformação, ocorridas em épocas distintas. A coleção permite trabalhar os conteúdos históricos destacando a noção de tempo histórico, valorizando o papel das sociedades atuais e do passado e adequando seu estudo à realidade do aluno. Permite também a problematização e o encadeamento lógico dos conteúdos conceituais abordados.

É importante esclarecer que, à primeira vista, alguns conteúdos desenvolvidos nos volumes podem parecer repetitivos, mas na verdade as abordagens são diferentes e seguem a progressão didática das unidades temáticas e suas habilidades.

Em relação à extensão do conteúdo, deve-se destacar que o próprio trabalho com os temas de cada unidade permite flexibilidade e maior liberdade por parte do professor para priorizar temas a ser desenvolvidos no decorrer do ano letivo. É possível selecionar conteúdos, articulá-los e organizá-los para permitir aos alunos questionar, aprofundar, confrontar e refletir sobre sua realidade e as relações entre passado e presente.

Outro aspecto importante no estudo é que, além da possibilidade de seleção, articulação e organização dos conteúdos, é possível trabalhar eventos e processos protagonizados pelos mais variados sujeitos históricos. A noção de cronologia foi também suficientemente trabalhada para permitir aos alunos adquirir as noções de anterioridade, simultaneidade, posterioridade, duração, permanências e mudanças.

E, finalmente, como última abordagem sobre a organização do conteúdo desenvolvido na coleção, é preciso ressaltar que os conteúdos curriculares não são um fim em si mesmos. Eles são meios para atingir competências cognitivas ou sociais que auxiliem o aluno a desenvolver-se como sujeito. Sua seleção e escolha devem estar de acordo com as principais problemáticas sociais existentes no contexto escolar.

Como a coleção está organizada

Esta coleção emprega inúmeras estratégias didáticas que se concretizam em seções e boxes. O objetivo desses recursos é tornar a aprendizagem mais dinâmica,

alegre e divertida, adequada a cada faixa etária, sem deixar de aprofundar determinados assuntos. O conteúdo e as atividades possuem articulações que favorecem a aprendizagem do componente curricular e apoiam a alfabetização.

As seções que compõem a coleção são: **Tecendo saberes, De olho na imagem e O que estudamos**. Os boxes são: **Para iniciar, Desafio, Saiba mais, Assim também aprendo, Pesquisa e Minha coleção de palavras de História**. Os livros do 2º ao 5º ano também contam com **Projetos**.

Cada seção e cada box tem um objetivo específico e pretende estimular o desenvolvimento de determinada habilidade por parte do aluno. Convém esclarecer que é fundamental a participação do professor no encaminhamento dessas seções.

Abertura de unidade

Por meio da exploração das imagens e das questões de sensibilização, introduz-se o tema central que será abordado no decorrer da unidade. Paralelamente a essa introdução, o aluno tem a oportunidade de descrever sua experiência, expor sua opinião e conhecer a opinião dos colegas. Essa estratégia favorece a socialização e estimula a atitude de respeito pela opinião do outro.

Para iniciar

Composto de atividades que retomam a experiência prévia dos alunos, este boxe localiza-se no início de cada capítulo e tem como objetivo despertar o interesse dos alunos pelo tema que será desenvolvido, prepará-los para o estudo e possibilitar que compartilhem os conhecimentos que já possuem a respeito do assunto. Ao mesmo tempo, desenvolve nos alunos maior sociabilidade, capacidade de se expressar e de ouvir e o respeito às opiniões alheias e ao trabalho coletivo.

Nessa etapa, professor e alunos lerão juntos textos e imagens e compartilharão impressões, conhecimentos e dúvidas. É primordial que o professor explore essas atividades iniciais, motivando os alunos a falar sobre suas experiências e a ouvir a exposição dos colegas, criando um espaço de aprendizagem e interação. Isso é importante porque a linguagem organiza o pensamento e nos faz compreender o mundo por meio da comunicação.

O texto a seguir sintetiza alguns cuidados que devem ser tomados no desenvolvimento do **Para iniciar**.

- Organizar a ordem em que cada um vai falar. Todos devem ter liberdade para participar em diversos momentos, desde que não sobreponham sua fala à do outro.
- Evitar que as perguntas sejam respondidas em coro. Quando isso acontece, a autonomia e a habilidade de interagir ficam prejudicadas.
- Evitar antecipar as respostas das crianças. Dessa forma, perde-se a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento do pensamento infantil.

POLATO, Amanda. Um bate-papo sem fim. *Nova Escola*, São Paulo, n. 202, maio 2007.

Desafio

Possibilita ao aluno fazer descobertas e comparações, investigando temas relacionados ao conteúdo do capítulo por meio de atividades realizadas na sala de aula ou fora dela. Utilizam-se várias estratégias, por exemplo: consulta em biblioteca (da escola ou da comunidade), entrevistas (com a elaboração prévia de questões pertinentes ao assunto), leitura de imagens e posteriores comparação e elaboração de painéis.

Saiba mais

A intenção é que os alunos ampliem o conhecimento sobre o conteúdo estudado nos tópicos dos capítulos. Para isso, propomos a leitura de diversos tipos de texto e a observação/análise de imagens e mapas.

Assim também aprendo

Este boxe aborda um tema do capítulo de forma lúdica e bem-humorada. Pretende-se estimular, ainda que de maneira indireta, uma reflexão sobre o conteúdo abordado. É uma forma de divertimento com propósito, em que o aluno tem chance de usar diferentes habilidades.

Pesquisa

Proposta de investigação relacionada aos temas tratados no capítulo para desenvolver as habilidades de pesquisa e complementar e aprofundar o conhecimento sobre o assunto estudado. É importante assinalar que, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, as pesquisas não devem se restringir a ambientes e fontes "tradicionais", como bibliotecas e livros. Outras fontes de pesquisa recomendadas são os acervos familiares e as entrevistas sob supervisão. Essas fontes são mais adequadas para estudar os hábitos das pessoas no passado recente, um tema bastante explorado nessa etapa da escolaridade.

Tecendo saberes

A proposta desta seção é mostrar que a compreensão da realidade vivida pelo aluno também pode ser feita de um ponto de vista interdisciplinar.

De olho na imagem

Proposta que pretende introduzir noções de análise e de interpretação de documentos históricos imagéticos (pinturas, fotografias, mapas, etc.).

Minha coleção de palavras de História

Presente em cada capítulo e no final das unidades, o objetivo desta atividade é, em etapas sucessivas, contextualizar uma palavra importante para o estudo do componente curricular e, no final do estudo, explorar o seu significado. Ao longo do ano, enquanto forma a sua coleção de palavras, o aluno poderá rever o que estudou, obtendo um panorama de seu aprendizado. É um trabalho conjunto com Língua Portuguesa que valoriza o letramento, a ampliação do vocabulário e o conhecimento histórico dos alunos.

O que estudamos

Ao final de cada unidade, há uma proposta de sistematização dos temas desenvolvidos com o objetivo de proporcionar um momento de avaliação do aprendizado, tanto por parte dos alunos quanto do professor. Os momentos que dividem essa retrospectiva trabalham de modo global atividades de escrita, desenhos, leitura, síntese e autoavaliação, organizadas nos itens: **Eu escrevo e aprendo; Minha coleção de palavras de História; Eu desenho e aprendo; Hora de organizar o que estudamos e Para você refletir e conversar.**

Projetos

A aprendizagem por meio de projetos é uma estratégia de ensino que permite aos alunos conscientizarem-se de um fato, uma situação ou um problema e estimula a busca de soluções para as questões propostas, em um trabalho socializado com os colegas.

O professor deve atuar como um mediador nesse processo, cujo resultado final é a aquisição, por parte do aluno, de novas habilidades e procedimentos.

Pela aprendizagem por projetos, os alunos devem relacionar o tema ou o problema aos conhecimentos que já possuem ou que vão adquirir ao longo do trabalho e organizar essas informações e conhecimentos na forma de uma proposta de trabalho. De acordo com Fernando Hernández e Montserrat Ventura, os projetos de trabalho devem ser planejados como uma forma de

vincular a teoria à prática e com a finalidade de alcançar alguns objetivos, como gerar uma série de mudanças na organização dos conhecimentos escolares, tomando como ponto de partida as seguintes hipóteses:

- Na sala de aula, é possível trabalhar qualquer tema; o desafio está em como abordá-lo com cada grupo de alunos e em especificar o que podem aprender dele.
- Cada tema se estabelece como um problema que deve ser resolvido a partir de uma estrutura a ser desenvolvida e que pode encontrar-se em outros temas ou problemas.
- A ênfase na relação entre ensino e aprendizagem é, sobretudo, de caráter procedimental e gira em torno do tratamento da informação.
- O docente ou a equipe de professores não são os únicos responsáveis pela atividade que se realiza em sala de aula, mas também o grupo-classe tem um alto nível de implicação, na medida em que todos estão aprendendo e compartilhando o que se aprende.
- Podem ser trabalhadas as diferentes possibilidades e interesses dos alunos em sala de aula, de forma que ninguém fique desconectado e cada um encontre um lugar para sua implicação ou participação na aprendizagem.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

É importante destacar também que esses projetos favorecem a atuação dos alunos em situações de aprendizagem, levando-os ao questionamento e ao desenvolvimento intelectual e criativo.

Nesta coleção, os projetos estão no final de cada livro a partir do volume do 2º ano. Um dos projetos se relaciona com conteúdos das unidades 1 e/ou 2 e o outro, com conteúdos das unidades 3 e/ou 4. O professor, porém, tem autonomia para iniciar o projeto não apenas no final do ano, mas também quando o estudo do tema relacionado for iniciado.

Vocabulário de página e Glossário

No decorrer dos capítulos destacamos palavras que podem suscitar dúvidas para alunos da respectiva faixa etária. Alguns vocábulos são explicados em linguagem adequada na própria página.

Algumas palavras importantes para o estudo de História encontram-se no final do volume, seguidas da indicação da página em que ocorrem e do significado

que apresentam no trecho correspondente. A utilização desse recurso favorece, em muitos casos, o trabalho interdisciplinar com Geografia, Ciências e Língua Portuguesa, por exemplo.

A consulta a esses itens deve ser recorrente, e a seleção de palavras pode ser ampliada de acordo com a necessidade.

Encaminhamentos para a utilização desta coleção

Para desencadear o processo de ensino-aprendizagem de História, foram selecionadas atividades e situações do cotidiano dos alunos. A opção metodológica adotada é a de explorar o cotidiano dos alunos e de seu grupo social, permitindo ao professor desempenhar o papel de agente mediador no processo de construção e apropriação de conceitos.

Para obter o conhecimento histórico, é necessário interpretar fatos e analisá-los de acordo com conceitos, noções, informações e valores. Para que o aluno forme esses conceitos necessários à construção do conhecimento histórico, é preciso problematizar as noções de passado, presente e futuro, estabelecendo relações entre acontecimentos e contextos históricos no tempo.

Segundo Circe Bittencourt, para entendermos como o aluno constrói esses conceitos logo nos primeiros anos do Ensino Fundamental, precisamos recorrer às teorias de Piaget e Vygotsky.

Piaget afirma que o desenvolvimento intelectual da criança ocorre ao longo de sua maturidade biológica e das interações com o meio social, com peso maior para o primeiro aspecto. O domínio de conceitos fica vinculado aos estágios de desenvolvimento do concreto ao abstrato, que, por sua vez, estão vinculados aos aspectos acima citados. Assim, o conceito espontâneo e o científico são antagônicos, e o primeiro opõe obstáculos à formação do segundo.

Vygotsky defende uma relação entre esses dois conceitos. Para adquirir conceito científico, não é necessário excluir o espontâneo. Sua teoria baseia-se na aquisição social de conceitos e, para isso, a linguagem desempenha um papel fundamental, pois por meio dela o indivíduo se expressa e interage dentro do seu grupo social. A comunicação social favorece o processo de aquisição de conceitos e de ampliação dos conceitos científicos.

As interações sociais, como família, saúde e condições econômicas, levam o indivíduo a aprender a resolver problemas. Valoriza-se, assim, para a construção de conceitos por parte do aluno, todo o seu conhecimento

prévio, todas as suas experiências históricas e sociais e todo o seu conhecimento espontâneo. Cabe ao professor reconhecer esse conhecimento e dele se aproveitar para atingir os conceitos científicos da História.

Para desempenhar o papel de mediador do processo de construção e apropriação de conceitos, é importante que o professor, em seu contato com os alunos:

- valorize os conhecimentos prévios e as noções históricas que possuem;
- compartilhe suas ideias com eles a fim de delinear, organizar, desenvolver e efetivar a proposta que viabilizará a construção de determinado conceito histórico;
- promova estratégias interativas com o objetivo de favorecer trocas, tanto em trabalhos individuais como em grupo.

O desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem inclui, além da construção de conteúdos históricos, o trabalho com conteúdos procedimentais e atitudinais.

Os conteúdos procedimentais pretendem desenvolver no aluno competências cognitivas, como capacidade de observação, de compreensão, de argumentação, de organização, de análise, de síntese, de formulação de hipóteses e de planejamento. São conteúdos que devem ser trabalhados em sala de aula e instrumentalizam o aluno em sua análise da realidade.

Os conteúdos atitudinais referem-se a posicionamentos, valores e atitudes a ser desenvolvidos pelos alunos de modo integrado aos demais conteúdos. Durante muito tempo, valores e atitudes não foram objeto de atenção da escola. Ocorre que a escola não pode se eximir de analisar essas questões, pois os valores estão presentes em vários momentos do cotidiano escolar e da própria vida dos alunos.

Durante sua vivência escolar, os alunos manifestam seus valores em suas concepções e em muitas de suas atitudes. É importante destacar que os valores e as atitudes devem ser resultado de uma constante reflexão e estimular a construção da cidadania e o desenvolvimento de posturas cotidianas conscientes.

As leis n. 10 639/03 e n. 11 645/08 nos currículos escolares

Em 9 de janeiro de 2003, foi assinada a Lei n. 10 639/03, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da história da África e da cultura afro-brasileira nas escolas do país. De acordo com essa lei, esses conteúdos devem constar, principalmente, nos programas dos componentes curriculares de História e Língua Portuguesa, destacando o estudo da história da África e dos

africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na sociedade nacional.

Em 10 de março de 2008, a Lei n. 11 645/08 reformulou o artigo 26-A, incluindo a obrigatoriedade do estudo da história e cultura dos povos indígenas, que também caracterizaram a formação da população brasileira.

Essa exigência foi reafirmada nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) ⁹: o ensino de História do Brasil levará em conta as contribuições dos povos africanos e indígenas, contribuindo para assegurar o conhecimento e o reconhecimento desses povos para a constituição do povo e da cultura do país.

As leis e suas diretrizes objetivam a educação para a igualdade étnico-racial, reconhecendo e legitimando a contribuição das populações negra e indígena na construção da cultura e da sociedade brasileira.

Na prática, como podemos introduzir a história da África e a cultura afro-brasileira na sala de aula?

A obrigatoriedade do ensino da história da África e da cultura afro-brasileira é uma reivindicação antiga dos movimentos negros e de lideranças da área da Educação, que vêm discutindo o assunto desde pelo menos a década de 1970. É interessante lembrar, por exemplo, que vários debates e encontros para discutir a necessidade da revisão dos estudos sobre a presença negra no Brasil e a forma como ela aparece nos currículos escolares ocorreram em décadas anteriores à assinatura da lei. Entre esses debates e encontros, temos o I Fórum sobre o Ensino da História das Civilizações Africanas nas Escolas Públicas, que aconteceu na década de 1990, na cidade do Rio de Janeiro.

A disciplina História da África nas universidades brasileiras é bastante recente e as publicações em língua portuguesa vêm crescendo pouco a pouco. O resultado desse crescimento dos estudos é que, se antes o escravizado era considerado apenas mão de obra e mercadoria, hoje, cada vez mais, é visto como aquele que, mesmo cativo, chegou ao Brasil com conhecimentos prévios e com memórias.

Hoje, sabemos que as contribuições dos africanos no Brasil não se resumem a danças, comidas e festividades; há também uma enorme bagagem africana no que diz respeito a tecnologias e diferentes saberes.

Conhecer a África é perceber que esse continente é, historicamente, marcado pela presença de reinos

poderosos, que, muitas vezes, derrotaram europeus em batalhas. É também aprender que diversas tecnologias que acreditávamos terem sido somente dominadas por europeus foram, na verdade, muito desenvolvidas por africanos, como é o caso da metalurgia do ferro, cujas técnicas são conhecidas milenarmente na África, bem antes do contato com os europeus.

A escola é, portanto, local privilegiado para o estudo da contribuição dos africanos na formação da sociedade brasileira, para a superação do racismo e para a reflexão sobre as contradições e desigualdades de nossa sociedade.

De modo geral, a Lei n. 10639/03 faz com que uma importante matriz fundadora da sociedade brasileira seja estudada de forma mais justa e cuidadosa. As publicações sobre o tema também têm ganhado força, e hoje é possível afirmar que aquele que busca uma formação nessa temática não está mais desamparado.

Em sala de aula, é possível utilizar recursos simples para contemplar as indicações presentes nas DCN, introduzindo, por exemplo, as obras e a biografia de escritores negros, como Carolina Maria de Jesus ou Machado de Assis. É possível também aproximar os alunos das mitologias africanas, que podem ser comparadas e tratadas no mesmo nível de igualdade dos mitos gregos, e traçar paralelos entre eles.

As primorosas esculturas e máscaras africanas podem ser trabalhadas como uma produção artística de alta complexidade e grande beleza. Os reinos do Congo, de Gana, de Benim e do Mali, por exemplo (veja o capítulo 4, na Unidade 2, do livro do 3º ano), podem ser apresentados como exemplos de formações políticas que nada têm a dever em relação a outras do mundo.

No que se refere à contribuição africana no Brasil, é importante mostrar aos alunos que muitas técnicas e ferramentas de trabalho utilizadas durante o período da escravidão foram desenvolvidas por africanos.

Muitas personalidades extremamente importantes na história do Brasil também têm origem africana, como é o caso de Teodoro Sampaio, filho de uma escravizada, que se tornou um respeitado geógrafo e engenheiro. É importante mencionar ainda a família Rebouças, formada por engenheiros negros – sendo André Rebouças o membro mais conhecido –, com destacado papel na luta pelo fim da escravidão. Ainda no que diz respeito ao período abolicionista, temos a presença de Luís Gama, ex-escravizado, que se tornou advogado e

⁹ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica*. Brasília, 2013. p. 67. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=13448&Itemid=>>. Acesso em: 23 out. 2017.

atuou na libertação de diversos cativos nos anos anteriores à abolição.

Muitos artistas negros tiveram destaque na Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro, após a vinda da família real para o Brasil. Estevão Roberto da Silva, famoso pelas pinturas de natureza-morta, ainda é considerado um dos melhores pintores desse gênero. Estevão Silva e outros artistas negros até pouco tempo estavam esquecidos e eram negligenciados pela História da Arte brasileira.

Há, portanto, inúmeras maneiras de trabalhar a temática africana e afro-brasileira na sala de aula. É importante introduzir esses conteúdos cotidianamente, e não apenas em datas festivas, como o dia 13 de maio, quando é comemorada a abolição da escravidão, ou 20 de novembro, quando se comemora o Dia da Consciência Negra. Certamente, essas datas são importantes para refletirmos sobre a nossa própria história; porém, é urgente um trabalho permanente e criterioso.

Conhecer a história da África e a cultura afro-brasileira não apenas colabora para a melhora da autoestima de milhões de brasileiros, como também serve para tornar a sociedade brasileira mais justa e igualitária.

É importante lembrar que a cultura e a história da África e dos afrodescendentes são exploradas e bem aprofundadas nesta coleção. Há também outros encaminhamentos sobre como introduzir esses conteúdos em suas aulas nas páginas em que há orientações para o uso do Livro do Estudante.

Leituras para sua referência:

- PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva; CROSO, Camila (Coord.). *Igualdade das relações étnico-raciais na escola: possibilidades e desafios para a implementação da Lei n. 10 639/2003*. São Paulo: Petrópolis/Ação Educativa/Ceafro/Cert, 2007.

Leituras para o aluno:

Há vários títulos sobre o assunto na seção **Sugestões de...**, presente em todos os volumes do Livro do Estudante. Indicamos, a seguir, outros títulos, de caráter mais geral.

- Vale a pena conhecer o livro (acompanhado do jogo de tabuleiro) intitulado *Yoté: o jogo da nossa história*, produzido pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação (Secad/MEC). O Yoté é um jogo africano de estratégia praticado por dois ou mais jogadores. No

formato adaptado para material didático, apresenta peças de tabuleiro no formato de personalidades afro-brasileiras. O jogo está disponível no endereço eletrônico: <http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/yote_professor_miolo.pdf>. Acesso em: 19 out. 2017.

- No site *A cor da cultura*, na seção “Heróis de todo mundo”, há textos (biografias) e vídeos sobre os afrodescendentes que fizeram a diferença na história do Brasil, como: Adhemar Ferreira da Silva (1927-2001); Antonieta de Barros (1901-1952); Auta de Souza (1876-1901); Carolina Maria de Jesus (1914-1977); Juliano Moreira (1873-1933); Milton Santos (1926-2001) e muitos outros. Consulte <<http://antigo.acordacultura.org.br/herois/>> (acesso em: 19 out. 2017) e, se possível, mostre as biografias aos alunos.

Na prática, como podemos introduzir a história e a cultura indígenas na sala de aula?

É importante abordar, em sala de aula, a história e a cultura dos povos indígenas, não de forma isolada, mas relacionada à história do Brasil, à formação da identidade nacional e aos direitos dos povos indígenas no presente. Sempre que possível, é interessante utilizar as referências dos alunos, estimulando-os a respeitar as manifestações culturais e suas diferenças.

Por se dirigirem a uma parte significativa da população do país (constituída de 49,5% de negros e de aproximadamente 0,5% de indígenas) as políticas educacionais expressas nas leis 10 639/2003 e 11 645/2008 [...] dizem respeito a todos os brasileiros. [...]

Todo esse avanço da legislação educacional busca interferir na realidade social que exclui e marginaliza negros e indígenas. Cria condições legais para atender a demanda dessas populações por reconhecimento e valorização da diferença e o faz ao mesmo tempo em que promove maior igualdade no acesso delas a um direito social de cidadania fundamental, qual seja a educação.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; OLIVEIRA, Evaldo Ribeiro; MORAIS, Danilo de Souza. As leis 10 639/03 e 11 645/08 se fazem necessárias? *Presente! Revista de Educação*. Salvador: Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica, n. 63, 2008.

Esta coleção permite abordar, em sala de aula, aspectos culturais dos povos indígenas, seu modo de vida, sua organização do trabalho, bem como

mostrar aos alunos narrativas desses povos, enfatizando a importância da oralidade para eles. É importante, também, destacar o papel do indígena no início da colonização portuguesa da América, bem como os conflitos e a convivência com o colonizador, e expor aspectos da resistência indígena diante do avanço português.

É interessante que os alunos tenham em vista que a história da ocupação das terras que viriam a formar o Brasil começa muito antes da chegada dos portugueses, em 1500. Naquela época, historiadores calculam que entre 3 e 5 milhões de pessoas ocupavam *Pindorama* (como o território do atual Brasil era chamado por certos grupos indígenas). Cada povo indígena possuía seu sistema de crenças, sua língua, seus rituais, seu modo de trabalhar e sua organização familiar e social, fatores que evidenciam a pluralidade de culturas e etnias que aqui se encontravam.

Ao tratar das populações indígenas na atualidade, é importante comentar que, na defesa de seus direitos, as lideranças indígenas buscam se organizar cada vez mais. De acordo com dados do Instituto Socioambiental, a criação das organizações indígenas promoveu o surgimento de novos líderes e de novas formas de aliança entre os povos. Há organizações indígenas vinculadas a uma só aldeia; outras conseguem unir diferentes aldeias; há, ainda, casos de organizações maiores, que firmam um tipo de representação política no plano regional.

Vale reforçar que a cultura, a história e o cotidiano indígena são explorados e bem aprofundados nesta coleção. Outros encaminhamentos sobre como introduzir esses conteúdos nas aulas podem ser encontrados nas páginas em que há orientações para o uso do Livro do Estudante.

Leituras para sua referência:

- ANGTHICHAY et al. *O povo Pataxó e suas histórias*. 6. ed. São Paulo: Global, 2001.
- RIBEIRO, Berta. *O índio na história do Brasil*. 12. ed. São Paulo: Global, 2009.

Vídeo para o aluno:

Há vários títulos sobre o assunto na seção **Sugestões de...**, presente em todos os volumes do Livro do Estudante. Indicamos, a seguir, outros títulos, de caráter mais geral.

- *Vídeo nas aldeias*. Esses filmes, produzidos pelos próprios indígenas, mostram a cultura e a história de diversos povos no Brasil (entre eles, os Kuikuro,

os Panará, os Huni Kuin, os Xavante e os Ashaninka). Consulte o seguinte endereço: <www.videonasaldeias.org.br/2009>. Acesso em: 19 out. 2017.

Atividades escritas e orais

Entre os recursos didáticos oferecidos pela coleção, estão atividades que podem ser orais, escritas, em grupo, individuais e procedimentais. Os encaminhamentos para a execução das atividades ao longo das Orientações específicas deste Manual não devem ser considerados um imperativo. Cabe ao professor, com ampla liberdade e criatividade, adaptá-los à sua realidade e a seu momento.

Por meio de atividades de observação, percepção de diferenças e semelhanças, descrição, reflexão, análise e interpretação de documentos e dados históricos no tempo e no espaço, o aluno questiona o passado, o que o auxilia a formar conceitos, construir conhecimentos históricos e atuar como sujeito de sua própria aprendizagem.

Vale lembrar que a sistematização do conhecimento e o desenvolvimento de conceitos, que são as bases para a escolha dos conteúdos e das atividades, não podem prescindir da perspectiva da construção da cidadania, estimulando o convívio social, o respeito, a tolerância e a liberdade.

Essas atividades não devem ser utilizadas de modo que os alunos sejam simples repetidores de conteúdos. Como sujeitos ativos do conhecimento, eles não devem se preocupar em reproduzir, mas em construir e apropriar-se do conhecimento. Assim, esta coleção busca propor atividades que não se separem do conteúdo, mas que o integrem e o constituam, com a preocupação de desenvolver também os procedimentos e as atitudes. As atividades devem também trabalhar situações-problema partindo do meio em que o aluno vive.

Uma das preocupações da coleção é a de desenvolver um trabalho que envolva inúmeras habilidades, como a escrita, a leitura, a oralidade, entre outras.

A leitura e a escrita são habilidades importantes que devem ser acompanhadas de perto e orientadas. Nesta coleção, há um número significativo de atividades que trabalham o desenvolvimento dessas habilidades. Tanto a leitura quanto a escrita devem ser uma preocupação sistemática do professor. Deve-se estar atento à transposição da linguagem oral para a escrita por parte dos alunos.

Em História, no trabalho com a escrita, propõe-se desenvolver com os alunos a organização do pensamento, o aprendizado de informar e de narrar um fato, a conservação da memória individual e coletiva, etc.

As sugestões de leitura, que se encontram ao final de cada unidade, constituem um recurso didático para estimular o hábito de ler, além de consolidar e ampliar o conhecimento. Nessa seção há indicações de obras de literatura infantil e paradidáticas sobre os temas tratados nas unidades.

Quanto às atividades orais, a sala deve estar organizada de modo que você e todos os alunos possam escutar as apresentações dos trabalhos. Estimule a oralidade dos alunos, considerando aspectos como a postura, a voz, o tempo determinado para a exposição, a organização das frases e a defesa das ideias. Destaque a importância de saber ouvir; afinal, um bom orador também sabe escutar, respeitando as opiniões, as dificuldades e os limites alheios. É importante trabalhar com os alunos mais tímidos, oferecendo-lhes a oportunidade de desenvolver essa habilidade de modo gradual.

Em determinadas atividades algumas situações-problema são trabalhadas, procurando propô-las em momentos oportunos, sempre partindo da realidade vivenciada pelo aluno, a fim de que ele desenvolva procedimentos como busca, análise, reflexão, entre outros.

Valorizamos as ideias de Juan Ignacio Pozo¹⁰, o qual afirma que, diante de um ensino baseado na transmissão de conhecimentos, a solução de problemas pode constituir não somente um conteúdo educacional, mas também uma forma de conceber as atividades educacionais.

Para ele a solução de problemas baseia-se na apresentação de situações sugestivas que exijam dos alunos um esforço para buscar respostas por intermédio de seus próprios conhecimentos. Ensinar os alunos a resolver problemas é ensiná-los a aprender e a buscar as suas próprias respostas, sem esperar uma resposta já pronta.

Minha coleção de palavras de História

Para realizar as atividades da **Minha coleção de palavras de História**, os alunos devem fazer no caderno um quadro de acordo com o modelo abaixo, que eles devem preencher com as palavras à medida que os capítulos forem sendo estudados.

	Palavra da Minha coleção	Significado da palavra
Capítulo 1 (página 16)		

Esse quadro deve ser trabalhado com os alunos a fim de desenvolver os sentidos e os significados das palavras por meio de definições escritas e/ou desenhos. Além disso, o quadro promove a organização e a sistematização dessas palavras.

Em vez do quadro, uma opção é pedir aos alunos que reservem as quatro últimas páginas do caderno para nelas organizar e registrar a “coleção de palavras” que será formada ao longo do ano letivo.

Sugerimos o quadro ou o registro no caderno, mas, se possível e de acordo com as condições da escola, os alunos podem organizar e registrar a “coleção” em fichas ou em folhas de sulfite.

Outra opção seria: concluído o estudo do volume, fazer uma atividade de fechamento com as palavras da coleção, em que o aluno constrói um glossário ilustrado com as palavras aprendidas nas unidades. Nessa atividade, é interessante pedir aos alunos que organizem as palavras em ordem alfabética.

Para essas atividades, é importante explicar aos alunos que as definições por eles elaboradas para cada palavra, na atividade de fechamento da unidade, devem estar ligadas aos conteúdos de História. Afinal, anteriormente, eles “brincaram” com as palavras (nas atividades com palavras localizadas em cada capítulo) e descobriram que muitas delas podem ter sentidos diferentes do sentido histórico visto no livro didático. Essa é uma forma de garantir que apreendam os conceitos da disciplina.

Se quiser, converse com os alunos sobre o sentido da palavra “coleção”. Colecionar objetos, como chaveiros, bonecos, papel de carta ou figurinhas, faz parte do universo das crianças. Pergunte à turma se algum deles mantém uma coleção e explique por que colecionar algo é interessante e atraente. O ato de colecionar estimula a observação, incentiva o sentido de organização e de catalogação de objetos. Desse modo, uma “coleção” pode servir para fins educativos, como é o caso da **Minha coleção de palavras de História**.

Documentos históricos

Um dos mais importantes fundamentos do aprendizado do componente curricular nesta coleção é o uso que se faz das fontes históricas.

O estudo de História é feito por meio dessas fontes (documentos, jornais, fotos antigas, reprodução de pinturas e cartografia da época, objetos antigos), buscando compreender, de forma adequada à faixa etária, acontecimentos e fatos históricos, trabalhando em con-

¹⁰ POZO, Juan Ignacio (Org.). *A solução de problemas: aprender a resolver, resolver para aprender*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

junto a relação passado e presente, permite ao aluno a noção concreta da narrativa histórica, bem como questionar o passado, conhecer a metodologia da História e construir o conhecimento histórico.

A escolha de documentos deve privilegiar a aquisição de conhecimentos históricos. O seu uso não deve ser feito com o objetivo de iniciar o aluno nos métodos de trabalho do historiador ou de simplesmente atestar a veracidade da narrativa histórica do texto-base, mas sim desenvolver nele a capacidade de fazer análises críticas da sociedade, em uma perspectiva temporal.

Segundo Circe Bittencourt ¹¹, entre outros usos em sala de aula, um documento pode servir para ilustrar uma situação, como reforço de aula, como fonte de informação de uma situação histórica ou como introdução a um tema estudado (como situação-problema).

Além de suportes para o trabalho didático do professor, os documentos históricos ajudam o aluno a observar, questionar e refletir, muitas vezes descobrindo, com isso, os conteúdos da História.

Os documentos servem de suporte para pesquisa e fonte de interpretação. Caso se pretenda, por exemplo, compreender as sociedades em seus vários aspectos, as informações devem ser procuradas em diversos tipos de documento, por exemplo, as vestimentas e outros objetos de uso cotidiano, as construções, os textos escritos, as obras de arte (como as imagens de época) ou o espaço de produção e circulação. Enfim, tudo o que é utilizado e elaborado por aquela sociedade pode ser analisado.

O documento não deve ser tratado como anunciador de uma verdade, mas como elemento a ser interpretado:

- O que ele transmite?
- Quem o produziu?
- Quando?
- Por que foi elaborado?

Assim, o documento fornece pistas das realidades e dos acontecimentos históricos, mas não fala por si só, precisando, portanto, da interpretação do historiador. Afinal, os documentos são produzidos em um passado dinâmico, em um contexto específico.

A utilização da imagem é um recurso didático indispensável para a aprendizagem de História, mas deve ser feita com cuidado. Uma imagem, seja pintura, fotografia, gravura ou outra forma de representação expressa a intenção dos autores e as convenções de determinada época. Uma obra (pintura, por exemplo), feita nos séculos XIX ou XX e que representa um acontecimento

histórico do século XVI, não pode ser considerada um registro da época em questão. Porém, pode ser importante para saber como aquele acontecimento representado foi memorizado. O trabalho com imagens é detalhado no texto do item **Como trabalhar imagens em sala de aula**, na página XXV deste Manual.

Para resgatar diferentes aspectos da nossa cultura, de diferentes épocas, trabalhamos não só com textos atualizados, mas também com textos já conhecidos e considerados clássicos da nossa história e da nossa literatura.

Linha do tempo

Estimular o aluno a construir linhas do tempo significa introduzir a concepção de tempo histórico por meio do trabalho com as ideias de anterioridade e de posterioridade. Compreender processos históricos dessa maneira pode oferecer-lhe um estudo da História mais próximo da sua experiência e do seu mundo concreto.

Nos primeiros anos de estudo no Ensino Fundamental, deve-se partir das experiências do aluno e do meio em que vive, registrando na linha do tempo datas e acontecimentos mais significativos da sua vida e do seu grupo social, vinculando-os à noção de geração. Nos anos posteriores, trabalham-se as linhas do tempo do local ou do país. O tempo cronológico vai, assim, sendo apreendido progressivamente pelo aluno.

Ao construir a linha do tempo, o aluno aprende a situar cronologicamente os fatos históricos e a entender a sua evolução, desenvolvendo, nesse processo, as noções de passado, de geração, de século e, muitas vezes, das causas e consequências de acontecimentos ou situações.

A linha do tempo permite ao aluno apresentar de forma didática o conceito de tempo, que pode ser muito abstrato para crianças nessa faixa etária. No entanto, ela deve ser trabalhada com tudo aquilo que é anterior, concomitante e posterior aos fatos e datas nela representados. Explicar a simultaneidade dos fatos históricos faz o aluno entender que aqueles apresentados na linha do tempo não estão isolados, e sim integrados em um contexto histórico mais amplo.

A datação é importante para os historiadores localizarem e interpretarem os acontecimentos no tempo. Na escola o aluno deve aprender a datar e também a refletir e dar sentido às datas perfiladas. Assim poderá entender os acontecimentos históricos e visualizar períodos mais longos da História, tomando consciência da proporcionalidade das linhas do tempo para indicar a duração de um processo histórico.

¹¹ BITTENCOURT, Circe M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2005.

Interdisciplinaridade

Na interdisciplinaridade, duas ou mais disciplinas relacionam seus conteúdos para aprofundar o conhecimento do aluno. Dessa forma, é possível articular os conteúdos de Geografia, como localização e características naturais (relevo, clima, vegetação), com outras áreas, discutindo, por exemplo, a letra de uma canção que retrate o lugar estudado. Outras possibilidades são recorrer à interação com a disciplina de Ciências ou ainda com Língua Portuguesa, buscando compreender os significados de uma canção a partir da análise da letra.

Não podemos, no entanto, confundir interdisciplinaridade com multidisciplinaridade, a qual se dá quando um tema é abordado por diversas disciplinas, sem estabelecer necessariamente um diálogo entre elas.

A interdisciplinaridade como desenvolvimento de um trabalho de integração dos conteúdos de uma disciplina com outras áreas de conhecimento já havia sido aconselhada pelos PCN como contribuição para o aprendizado do aluno. Na BNCC, ela é definida como necessária, embora não esteja no escopo do documento indicar a forma como a interdisciplinaridade deve ocorrer ¹².

Ao oferecer um novo jeito de ensinar e aprender, a interdisciplinaridade auxilia na melhoria do processo de ensino-aprendizagem por meio de uma prática pedagógica mais integradora e de uma forma mais prática de construir o conhecimento. Ao relacionar conteúdos e conceitos de diferentes componentes curriculares, a interdisciplinaridade aproxima o aluno de sua realidade mais ampla.

O enfoque interdisciplinar é tido muitas vezes como um desafio porque o professor precisa ter uma atitude interdisciplinar, tornando-se um profissional com visão integrada da realidade, precisa tentar o novo no seu envolvimento com os projetos, deixando de lado velhos hábitos da prática pedagógica. A escola, por sua vez, deve ser uma instituição interdisciplinar.

A escola, como lugar legítimo de aprendizagem, produção e reconstrução de conhecimento, cada vez mais precisará acompanhar as transformações da ciência contemporânea, adotar e simultaneamente apoiar as exigências interdisciplinares que hoje participam da construção de novos conhecimentos. A escola precisará acompanhar o ritmo das mudanças que se operam em todos os segmentos que compõem a sociedade. O mundo está cada vez mais interconectado, interdisciplinarizado e complexo.

[...]

Não obstante as limitações da prática, a interdisciplinaridade está sendo entendida como uma condição fundamental do ensino e da pesquisa na sociedade contemporânea. A ação interdisciplinar é contrária a qualquer homogeneização e/ou enquadramento conceitual. Faz-se necessário o desmantelamento das fronteiras artificiais do conhecimento. Um processo educativo desenvolvido na perspectiva interdisciplinar possibilita o aprofundamento da compreensão da relação entre teoria e prática, contribui para uma formação mais crítica, criativa e responsável [...].

THIESEN, Juarez da Silva. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, set./dez. 2008. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000300010>. Acesso em: 23 out. 2017.

A realização de projetos é uma boa oportunidade para o desenvolvimento de atividades interdisciplinares, que permitem ao aluno perceber a relação dos conteúdos trabalhados com a sua realidade, uma vez que proporciona o aprofundamento do conhecimento sobre o tema tratado.

Para efetivar a interdisciplinaridade durante as aulas, pode-se recorrer a duas estratégias apresentadas na coleção: a utilização das situações-problema propostas nos **Projetos** e a realização das atividades propostas na

¹² Nos PCN, a interdisciplinaridade é tratada, principalmente, nos temas transversais: “Por tratarem de questões sociais, os Temas Transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Sua complexidade faz com que nenhuma das áreas, isoladamente, seja suficiente para abordá-los. Ao contrário, a problemática dos Temas Transversais atravessa os diferentes campos do conhecimento. Por exemplo, a questão ambiental não é compreensível apenas a partir das contribuições da Geografia. Necessita de conhecimentos históricos, das Ciências Naturais, da Sociologia, da Demografia, da Economia, entre outros.” (BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética*. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 29. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2017). Embora a BNCC não explicita como fazer a interdisciplinaridade, atribuindo essa responsabilidade aos formuladores de currículos, indica a importância de se “decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem.” (BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 16).

seção **Tecendo saberes**. Esta, por sua vez, é constituída por temas e atividades interdisciplinares que podem ser complementadas pelo professor, possibilitando a ampliação das disciplinas nelas envolvidas.

Sistematização do aprendizado

Com a finalidade de propiciar aos alunos um momento de sistematização dos conteúdos, a coleção propõe, ao final das unidades, a seção **O que estudamos**, que está dividida em cinco momentos: **Eu escrevo e aprendo**, que propõe ao aluno selecionar e escrever o que mais lhe chamou a atenção no capítulo; **Minha coleção de palavras de História**, que retoma as palavras trabalhadas nos capítulos; **Eu desenho e aprendo**, em que o aluno, por meio da linguagem gráfica, elabora um desenho apresentando o que entendeu sobre o conceito ou conteúdo tratado e o que ele mais gostou de aprender; e **Hora de organizar o que estudamos**, que traz um resumo geral do que foi estudado no capítulo.

As atividades **Eu escrevo e aprendo** e **Eu desenho e aprendo** consistem na seleção de frases ou de temas dos capítulos. O aluno é orientado a rever os conteúdos estudados e a escolher o que mais lhe chamou a atenção e foi significativo. Com isso, retomará os conteúdos trabalhados (conceituais, atitudinais, procedimentais), reforçando o processo de aprendizagem e permitindo ser avaliado.

A principal diferença entre esses dois encaminhamentos está na linguagem utilizada. Em **Eu escrevo e aprendo**, o foco é a linguagem escrita, enquanto em **Eu desenho e aprendo**, a linguagem gráfica. Nessa proposta, é possível obter dos alunos uma ressignificação de determinados conteúdos já trabalhados, concretizando a construção do saber histórico escolar. Essa proposta é uma oportunidade também para os professores ampliarem o processo de avaliação e acompanhamento do aprendizado de seus alunos, como explicado no item **O processo de avaliação** na página XIII deste Manual.

Ressaltamos que a seleção deve ser feita por eles, com autonomia e liberdade, sem que o professor interfira no processo de escolha e os direcione para as temáticas que acredita ser importantes. O aluno vai se tornando sujeito ativo de sua aprendizagem, que constitui um processo individual e diferenciado.

Da mesma forma, em **Hora de organizar o que estudamos**, o professor também poderá solicitar que os alunos façam uma breve síntese do que foi discutido durante as aulas, com o objetivo de resumir o que foi aprendido. Além disso, é possível criar estratégias de

registro, que podem tanto ser coletivas (com o professor anotando na lousa as falas dos alunos) quanto individuais, caso em que cada aluno faz uma síntese em seu caderno e, depois, socializa com os colegas da turma.

O último momento convida o aluno a refletir e conversar sobre os conteúdos estudados ao longo da unidade. Este momento é ideal para sanar as possíveis dúvidas remanescentes dos alunos.

Representações cartográficas

Ao longo dos capítulos podem ser encontradas representações cartográficas (mapas do Brasil e de outras regiões do mundo). Essas representações auxiliam os alunos a reconhecer a espacialidade de determinados fenômenos, possibilitando a realização de uma atividade interdisciplinar com Geografia.

Propomos ao professor valer-se do recurso dos mapas para explorar ou ampliar o tema em questão, sempre respeitando as limitações pertinentes à faixa etária e procurando alcançar níveis gradativamente mais complexos em relação a essa linguagem, levando ao processo de alfabetização cartográfica.

Com essa opção metodológica e as estratégias descritas, esperamos não somente levar os alunos a assimilar conteúdos, mas também criar condições para que possam articular conhecimentos, habilidades e valores.

É nosso objetivo, portanto, contribuir para a formação de indivíduos capazes de utilizar as informações e participar da construção coletiva da sociedade, com consciência política, autocrítica e pensamento autônomo, como cidadãos que almejem transformar a realidade à sua volta, melhorar o convívio social e primar pela tolerância e liberdade. Afinal, acreditamos no ensino de História como possibilidade de reflexão e reconstrução.

Como trabalhar imagens em sala de aula

As imagens apresentadas em um livro didático de História não devem servir de simples ilustrações, nem de meio de priorizar e apreender a informação apresentada. Tampouco são um simples recurso para motivar uma aula de História.

O uso de imagens tem o objetivo de introduzir o aluno na atividade de observação, reflexão e análise crítica do processo histórico.

A leitura e a interpretação de imagens são uma estratégia muito rica que deve ser utilizada pelo professor em sala de aula, pois com esse recurso desenvolve-se no aluno a capacidade de interpretar acontecimentos passados usando documentos, bem como seu senso crítico.

É sabido que as imagens fornecem uma mensagem imediata; quando bem trabalhadas pelo professor, porém, elas também podem oferecer muitas outras informações e permitir construir conhecimentos sobre o que representam. É importante ensinar aos alunos a interpretar a imagem e procurar discutir aquilo que está sendo representado, indo além do imediatismo.

As imagens, desde as mais antigas às mais modernas, refletem o olhar do seu autor e não são mera reprodução do fato acontecido. Essa premissa deve nortear o professor de História ao trabalhar as imagens com seus alunos. Uma imagem deve sempre ser interpretada de acordo com as configurações sociais do tempo e do espaço em que foi realizada/produzida.

Uma imagem não pode ser usada como verdadeira fonte histórica documental caso tenha sido feita muito tempo – às vezes séculos – depois do fato histórico representado. Mesmo que seja contemporânea ao fato, ela pode expressar uma visão parcial e individual do acontecimento.

O artista pode produzir uma obra de forma muito romântica e suave, a fim de amenizar o fato ocorrido, ou, ao contrário, criar uma cena mais forte, com tintas muito mais escuras. Como exemplo, temos as clássicas cenas de Rugendas sobre a chegada de pessoas escravizadas ao Rio de Janeiro e sua comercialização. A forma apresentada pelo artista ameniza, de modo geral, a dura realidade desses escravizados na época.

O professor precisa discutir com seus alunos o significado da representação do fato criada pelo artista, porque essa representação estabelece versão hegemônica, criada, às vezes séculos depois, sobre esse fato.

Imagens antigas ou atuais (fotos, reproduções de pinturas, jornais, mapas, desenhos, documentos, quadros, charges e outras) devem ser comparadas e exploradas em todas as suas potencialidades pelas atividades propostas.

A problematização passado-presente leva o aluno à percepção da construção do conhecimento histórico, possibilitando-lhe desenvolver um raciocínio autônomo e coerente com a sociedade em que vive.

Atividades com imagens também podem levar o aluno a iniciar o trabalho de pesquisa científica, oferecendo-lhe, muitas vezes, oportunidades para refletir, argumentar e analisar atividades que estimulem discussões e fomentem o interesse por novos temas, respeitando sempre as capacidades intelectuais da faixa etária a que o livro se destina.

Nem todos os temas são tratados com a mesma profundidade, levando-se novamente em consideração a faixa etária do aluno e os conteúdos da disciplina para cada ano escolar. Importante é que o aluno inicie seu contato com a metodologia de História e com a construção do conhecimento histórico.

As representações são percepções do social que, por sua vez, são construídas e de forma alguma constituem discursos neutros.

Ao trabalhar com imagens na sala de aula, é necessário levar em consideração as seguintes questões:

[...] qual a natureza desse documento [visual]? Quem o produziu? Quando? Com que objetivo? Como chegou até nós? Qual a questão central dele? Que tipo de mensagem o autor quer transmitir? Que avaliação você faz dele? Em sua opinião, existe algo que esteja subentendido nele? Como ele nos permite conhecer o passado? É importante garantir que cada um exponha o valor da obra enquanto testemunho de uma época e também a própria impressão sobre ela.

DIDONÊ, Débora; MENEZES, Débora. *Visões do passado: a história do Brasil em telas e gravuras*. Nova Escola, set. 2007. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2455/visoes-do-passado-a-historia-do-brasil-em-telas-e-gravuras>>. Acesso em: 23 out. 2017.

Referências para aprofundamento do professor

Nesta seção, são apresentados textos de aprofundamento para subsidiar o trabalho em sala de aula.

A organização dos conteúdos

Existem duas proposições acerca das diversas formas de organizar os conteúdos que, apesar de pontos coincidentes, partem de suposições e referenciais diferentes. Assim, certas formas de organizar os conteúdos tomam como ponto de partida e referencial básico as disciplinas ou matérias; neste caso, os conteúdos podem ser classificados conforme sua natureza em multidisciplinares, interdisciplinares, pluridisciplinares, metadisciplinares, etc. Nestas propostas, as disciplinas justificam os conteúdos próprios de aprendizagem e, portanto, nunca perdem sua identidade como matéria diferenciada. As características de cada uma das modalidades organizativas estão determinadas pelo tipo de relações que se estabelecem

e o número de disciplinas que intervêm nestas relações, mas em nenhum caso a lógica interna de cada uma das disciplinas deixa de ser o referencial básico para a seleção e articulação dos conteúdos das diferentes unidades de intervenção. Deste modo, encontraremos organizações centradas numa disciplina apenas, forma tradicional de organização dos conteúdos, e outras que estabelecem relações entre duas ou mais disciplinas.

No outro lado está o modelo de organização de conteúdos que nos oferecem os métodos globalizados, os quais nunca tomam as disciplinas como ponto de partida. Nestes métodos, as unidades didáticas dificilmente são classificáveis se tomamos como critério o fato de que correspondam a uma disciplina ou matéria determinada. Os conteúdos das atividades das unidades didáticas passam de uma matéria para outra sem perder a continuidade: a uma atividade que aparentemente é de Matemática segue outra que diríamos que é de Ciências Naturais, e a seguir uma que poderíamos classificar como de Estudos Sociais ou de Educação Artística. A diferença básica entre os modelos organizativos disciplinares e os métodos globalizados está em que nestes últimos as disciplinas como tais nunca são a finalidade básica do ensino, senão que têm a função de proporcionar os meios ou instrumentos que devem favorecer a realização dos objetivos educacionais. Nestas propostas, o valor dos diferentes conteúdos disciplinares está condicionado sempre pelos objetivos que se pretendem. O alvo e o referencial organizador fundamental são o aluno e suas necessidades educativas. As disciplinas têm um valor subsidiário, a relevância dos conteúdos de aprendizagem está em função da potencialidade formativa e não apenas da importância disciplinar.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*.
Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 141-142.

A avaliação na educação escolar

A avaliação é [...] uma atividade que envolve legitimidade técnica e legitimidade política na sua realização.

Ou seja, quem avalia, o avaliador, seja ele o professor, o coordenador, o diretor, etc., deve realizar a tarefa com a legitimidade técnica que

sua formação profissional lhe confere. Entretanto, o professor deve estabelecer e respeitar princípios e critérios refletidos coletivamente, referenciados no projeto político-pedagógico, na proposta curricular e em suas convicções acerca do papel social que desempenha na educação escolar. Este é o lado da legitimação política do processo de avaliação e que envolve também o coletivo da escola.

Se a escola é o lugar da construção da autonomia e da cidadania, a avaliação dos processos, sejam eles das aprendizagens, da dinâmica escolar ou da própria instituição, não deve ficar sob a responsabilidade apenas de um ou de outro profissional; é uma responsabilidade tanto da coletividade, como de cada um, em particular.

O professor não deve se eximir de sua responsabilidade do ato de avaliar as aprendizagens de seus estudantes, assim como os demais profissionais devem também, em conjunto com os professores e os estudantes, participar das avaliações a serem realizadas acerca dos demais processos no interior da escola. Dessa forma, ressaltamos a importância do estímulo à autoavaliação, tanto do grupo, quanto do professor.

Entendendo a avaliação como algo inerente aos processos cotidianos e de aprendizagem, na qual todos os sujeitos desses processos estão envolvidos, pretendemos [...] levar à reflexão de que a avaliação na escola não pode ser compreendida como algo à parte, isolado, já que tem subjacente uma concepção de educação e uma estratégia pedagógica.

[...]

Até que ponto, nós, professores, refletimos sobre nossas ações cotidianas na escola, nossas práticas em sala de aula, sobre a linguagem que utilizamos, sobre aquilo que prejudicamos ou outras situações do cotidiano? Muitas vezes, nosso discurso expressa aquilo que entendemos como adequado em educação e aquilo que almejamos. Isso tem seu mérito! Contudo, nossas práticas, imbuídas de concepções, representações e sentidos, ou seja, repletas de ações que fazem parte de nossa cultura, de nossas crenças, expressam um “certo modo” de ver o mundo. Esse “certo modo” de ver o mundo, que está imbricado na ação do professor, traz para nossas ações reflexos de nossa cultura e de nossas práticas

vividas, que ainda estão muito impregnadas pela lógica da classificação e da seleção, no que tange à avaliação escolar.

Um exemplo diz respeito ao uso das notas escolares que colocam os avaliados em uma situação classificatória. Nossa cultura meritocrática naturaliza o uso das notas a fim de classificar os melhores e os piores avaliados.

Em termos de educação escolar, os melhores seguirão em frente, os piores voltarão para o início da fila, refazendo todo o caminho percorrido ao longo de um período de estudos. Essa concepção é naturalmente incorporada em nossas práticas e nos esquecemos de pensar sobre o que, de fato, está oculto e encoberto por ela.

Em nossa sociedade, de modo geral, ainda é bastante comum as pessoas entenderem que não se pode avaliar sem que os estudantes recebam uma nota pela sua produção.

“Avaliar é um processo em que realizar provas e testes, atribuir notas ou conceitos é apenas parte do todo.”

[...]

Avaliar, para o senso comum, aparece como sinônimo de medida, de atribuição de um valor em forma de nota ou conceito. Porém, nós, professores, temos o compromisso de ir além do senso comum e não confundir avaliar com medir.

Avaliar é um processo em que realizar provas e testes, atribuir notas ou conceitos é apenas parte do todo.

A avaliação é uma atividade orientada para o futuro. Avalia-se para tentar manter ou melhorar nossa atuação futura. Essa é a base da distinção entre medir e avaliar. Medir refere-se ao presente e ao passado e visa obter informações a respeito do progresso efetuado pelos estudantes. Avaliar refere-se à reflexão sobre as informações obtidas com vistas a planejar o futuro.

Portanto, **medir não é avaliar**, ainda que o medir faça parte do processo de avaliação.

Avaliar a aprendizagem do estudante não começa e muito menos termina quando atribuímos uma nota à aprendizagem.

[...]

A elaboração de um instrumento de avaliação ainda deverá levar em consideração alguns aspectos importantes:

- a) a linguagem a ser utilizada: clara, esclarecedora, objetiva;

- b) a contextualização daquilo que se investiga: em uma pergunta sem contexto podemos obter inúmeras respostas e, talvez, nenhuma relativa ao que, de fato, gostaríamos de verificar;
- c) o conteúdo deve ser significativo, ou seja, deve ter significado para quem está sendo avaliado;
- d) estar coerente com os propósitos do ensino;
- e) explorar a capacidade de leitura e de escrita, bem como o raciocínio.

FERNANDES, Claudia de Oliveira; FREITAS, Luiz Carlos de. Currículo e avaliação. In: *Indagações sobre currículo: currículo e avaliação*. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, Brasília, 2007. p. 17-29.

Interdisciplinaridade na formação de professores

O conceito de interdisciplinaridade como ensinamos em todos os nossos escritos desde 1979 e agora aprofundamos encontra-se diretamente ligado ao conceito de disciplina, onde a interpenetração ocorre sem a destruição básica das ciências [...]. Não se pode, de forma alguma, negar a evolução do conhecimento ignorando sua história.

Assim, se tratamos de interdisciplinaridade na Educação, não podemos permanecer apenas na prática empírica, mas é imperioso que se proceda a uma análise detalhada dos porquês dessa prática histórica, culturalmente contextualizados.

Caminhando nesse raciocínio, falar de interdisciplinaridade escolar, curricular, pedagógica ou didática requer uma profunda imersão nos conceitos de escola, currículo ou didática. A historicidade desses conceitos, entretanto, requer igualmente uma profunda pesquisa nas potencialidades e talentos dos saberes requeridos ou a requerer de quem as estiver praticando ou pesquisando (Fazenda, 2003).

Interdisciplinaridade escolar não pode confundir-se com interdisciplinaridade científica [...].

Na interdisciplinaridade escolar a perspectiva é educativa; assim, os saberes escolares procedem de uma estruturação diferente dos pertencentes aos saberes constitutivos das ciências [...].

Na interdisciplinaridade escolar, as noções, finalidades, habilidades e técnicas visam favore-

cer sobretudo o processo de aprendizagem respeitando os saberes dos alunos e sua integração.

Cabe-nos também mais uma vez reafirmar a diferença existente entre integração e interdisciplinaridade (Fazenda, 1979). Apesar dos conceitos serem indissociáveis, são distintos: uma integração requer atributos de ordem externa, melhor dizendo, da ordem das condições existentes e possíveis, diferindo de uma integração interna ou interação, da ordem das finalidades e sobretudo entre as pessoas. Com isso, retomamos novamente a necessidade de condições humanas diferenciadas no processo de interação que façam com que saberes de professores numa harmonia desejada integrem-se aos saberes dos alunos. Isso requer um outro tipo de profissional com novas características ainda sendo pesquisadas. [...]

A interdisciplinaridade na formação profissional requer competências relativas às formas de intervenção solicitadas e às condições que concorrerem ao seu melhor exercício. Neste caso, o desenvolvimento das competências necessárias requer a conjugação de diferentes saberes disciplinares. Entenda-se por saberes disciplinares: saberes da experiência, saberes técnicos e saberes teóricos interagindo dinamicamente [...].

A formação interdisciplinar de professores, na realidade, deveria ser vista de um ponto de vista circundisciplinar [...] onde a ciência da educação fundamentada num conjunto de princípios, de conceitos, de métodos e de fins converge para um plano metacientífico. Tratamos nesse caso do que poderíamos chamar interação envolvente sintetizante e dinâmica, reafirmando a necessidade de uma estrutura dialética, não linear e não hierarquizada, onde o ato profissional de diferentes saberes construídos pelos professores não se reduz apenas a saberes disciplinares.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na formação de professores. *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Administração*, v. 1, n. 1, p. 24-32, maio 2009.

Temas transversais

Os temas transversais dos [...] Parâmetros Curriculares incluem Ética, Meio ambiente, Saúde, Pluralidade cultural e Orientação sexual. Eles expressam conceitos e valores fundamentais à democracia e à cidadania [...].

Através da **Ética**, o aluno deverá entender o conceito de justiça baseado na equidade e sensibilizar-se pela necessidade de construção de uma sociedade justa, adotar atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças sociais, discutindo a moral vigente e tentando compreender os valores presentes na sociedade atual e em que medida eles devem ou podem ser mudados. Através do tema **Meio ambiente**, o aluno deverá compreender as noções básicas sobre o tema, perceber relações que condicionam a vida para posicionar-se de forma crítica diante do mundo, dominar métodos de manejo e conservação ambiental. A **Saúde** é um direito de todos. Por esse tema, o aluno compreenderá que saúde é produzida nas relações com o meio físico e social, identificando fatores de risco aos indivíduos [e adotando] hábitos de autocuidado. A **Pluralidade cultural** tratará da diversidade do patrimônio cultural brasileiro, reconhecendo a diversidade como um direito dos povos e dos indivíduos e repudiando toda forma de discriminação por raça, classe, crença religiosa e sexo. A **Orientação sexual**, numa perspectiva social, deverá ensinar o aluno a respeitar a diversidade de comportamento relativo à sexualidade, desde que seja garantida a integridade e a dignidade do ser humano [...].

Além desses temas, podem ser desenvolvidos os **temas locais**, que visam tratar de conhecimentos vinculados à realidade local. Eles devem ser recolhidos a partir do interesse específico de determinada realidade, podendo ser definidos no âmbito do Estado, cidade ou escola.

INSTITUTO Paulo Freire/Programa de Educação Continuada.
Intertransdisciplinaridade e transversalidade.
Disponível em: <www.inclusao.com.br/projeto_textos_48.htm>.
Acesso em: 23 out. 2017.

A transdisciplinaridade refere-se ao conhecimento próprio da disciplina, mas está para além dela. O conhecimento situa-se na disciplina, nas diferentes disciplinas e além delas, tanto no espaço quanto no tempo. Busca a unidade do conhecimento na relação entre a parte e o todo, entre o todo e a parte. Adota atitude de abertura sobre as culturas do presente e do passado, uma assimilação da cultura e da arte. O desenvolvimento da capacidade de articular diferentes referências de dimensões da pessoa humana, de seus direitos, e do mundo é fundamento básico da transdisciplinaridade. De acordo com Nicolescu [...], para os

adeptos da transdisciplinaridade, o pensamento clássico é o seu campo de aplicação, por isso é complementar à pesquisa pluri e interdisciplinar.

A interdisciplinaridade pressupõe a transferência de métodos de uma disciplina para outra. Ultrapassa-as, mas sua finalidade inscreve-se no estudo disciplinar. Pela abordagem interdisciplinar ocorre a transversalidade do conhecimento constitutivo de diferentes disciplinas, por meio da ação didático-pedagógica mediada pela pedagogia dos projetos temáticos. Estes facilitam a organização coletiva e cooperativa do trabalho pedagógico, embora sejam ainda recursos que vêm sendo utilizados de modo restrito e, às vezes, equivocados. A interdisciplinaridade é, portanto, entendida aqui como abordagem teórico-metodológica em que a ênfase incide sobre o trabalho de integração das diferentes áreas do conhecimento, um real trabalho de cooperação e troca, aberto ao diálogo e ao planejamento (Nogueira, 2001, p. 27). Essa orientação deve ser enriquecida, por meio de proposta temática trabalhada transversalmente ou em redes de conhecimento e de aprendizagem, e se expressa por meio de uma atitude que pressupõe planejamento sistemático e integrado e disposição para o diálogo.

A transversalidade é entendida como uma forma de organizar o trabalho didático-pedagógico em que temas, eixos temáticos são integrados às disciplinas, às áreas ditas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas. A transversalidade difere-se da interdisciplinaridade e complementam-se; ambas rejeitam a concepção de conhecimento que toma a realidade como algo estável, pronto e acabado. A primeira se refere à dimensão didático-pedagógica e a segunda, à abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento. A transversalidade orienta para a necessidade de se instituir, na prática educativa, uma analogia entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade). Dentro de uma compreensão interdisciplinar do conhecimento, a transversalidade tem significado, sendo uma proposta didática que possibilita o tratamento dos conhecimentos escolares de forma integrada. Assim, nessa abordagem, a gestão do conhecimento parte do pressuposto de que os sujeitos são agentes da arte de problematizar e interrogar

e buscam procedimentos interdisciplinares capazes de acender a chama do diálogo entre diferentes sujeitos, ciências, saberes e temas.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica*. Brasília, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=13448&Itemid=>. Acesso em: 23 out. 2017.

O trabalho com a oralidade na escola

A coleção traz inúmeras atividades que trabalham a oralidade. Esse trabalho em sala de aula implica desenvolver a competência linguística. Fala e escrita são processos interdependentes, porém, a escola deve procurar não priorizar apenas a escrita. A escola auxilia o aluno a aprender a questionar, argumentar, explicar, problematizar, desenvolver ideias e, para isso, ele deve se sentir respeitado e seguro para se expressar, inclusive oralmente.

A participação nas interações sociais em sala de aula, por meio de questionamentos, debates, sugestões, apresentações de trabalhos e exposição de ideias, auxilia o aluno a valorizar a sua fala e a respeitar a voz do seu próximo.

Assim, são trabalhadas atividades como discutir um tema com os colegas, contar suas ideias à classe, elaborar regras de convivência para a rotina em sala de aula, falar de algo que conhece ou de que gosta, da família, de brincadeiras ou expressar-se oralmente de diferentes maneiras. Além dessas atividades sugeridas nos volumes, o professor pode, sempre que a ocasião for oportuna, elaborar com os alunos novas atividades que exercitem a oralidade. Para isso, poderão ser usados como objeto de questionamento algumas palavras, fotos, circunstâncias, sentimentos e outros.

Os textos a seguir servem de referência para o trabalho com a oralidade.

O tempo, a criança e o ensino de História

Ao relacionarmos teoria e prática, nesta pesquisa, buscamos estabelecer uma ponte para a compreensão de como se constrói a noção de tempo em crianças de sete a dez anos e, consequentemente, a noção de passado.

No que se refere à noção de passado, percebemos que a criança analisa os acontecimentos através de sua lógica operatória. Ela não é capaz de relacionar a duração de vida de seu pai, avô ou bisavô com a ideia de sucessão no tempo (não consegue

estabelecer uma relação causal entre estas sucessões). As crianças com sete anos concluem, com frequência, que seu bisavô estava vivo na época do descobrimento do Brasil porque ele é muito velho. Mesmo quando efetuam cálculos matemáticos, contradizem-se ao analisar esses resultados com relação ao tempo. Isso comprova a ideia de que o tempo histórico é uma construção causal e não meramente cronológica. Ou seja, o fato de a criança saber que seu avô ou bisavô tem 62 anos e também saber que o descobrimento do Brasil ocorreu há quinhentos anos não impossibilita a elaboração da seguinte conclusão: meu avô ou bisavô viveu no tempo do descobrimento porque ele é muito velho.

O desprezo pela interpretação cronológica como fundamental para a compreensão do tempo histórico aparece novamente nas respostas das crianças, quando explicam que o acontecimento com Tiradentes é posterior ao descobrimento. A maioria esmagadora das crianças de todas as idades pesquisadas analisa os acontecimentos através da causalidade histórica, explicando que, se Tiradentes lutou pela independência do Brasil, o Brasil já teria que ter sido descoberto.

Quando estabelece uma cadeia de sucessões para explicar por que conclui que sua família já existia no início do mundo, a busca de explicações causais aparece novamente em todas as respostas das crianças.

Ao justificarem a existência de Londrina na época de Tiradentes, as crianças argumentaram com explicações em que a diferença de época pudesse ser identificada. Londrina existia, mas era menor, era uma ilha cheia de animais, era velha. A inversão da temporalidade é uma característica própria do pensamento de crianças de sete anos. Explicam o presente através do passado, e não o contrário (a Londrina do presente é comparada com a Londrina do passado, quando era menor).

O mesmo raciocínio aparece nas respostas das crianças quanto à existência de relógios, livros, trens na época do descobrimento do Brasil. A maioria das crianças responde que existiam de forma diferente, caracterizando o aspecto de diferença temporal, mas existiam, reafirmando que o presente determina o passado (no presente podem ser identificados elementos cuja leitura possibilita entender o passado, depreender algumas de suas características). A criança não interpreta a história como uma série de acontecimentos sem nenhuma ligação; [...] essas conclusões nos levam

a repensar a prática do ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Nos últimos anos, discutiu-se amplamente a respeito de transformar a História, de uma disciplina meramente expositiva, em que os acontecimentos são expostos de forma linear e o papel da criança é somente como sujeito assimilador, para uma história crítica, dinâmica, na qual exista espaço para as diferenças de interesses em que o sujeito se perceba como sujeito histórico e procure analisar o presente buscando respostas mais profundas no passado.

No entanto, através das respostas das crianças de sete a dez anos, percebemos que elas interpretam a História da maneira como nós, professores de História, gostaríamos que interpretassem: como lógica, buscando relações de causa e efeito entre os acontecimentos.

Podemos afirmar que as crianças possuem um saber, a respeito da História, coerente com seu nível de pensamento. Através desse saber, explicam o passado da forma como o compreendem. Quando na escola, muito cedo elas começam a perceber que existe um saber histórico escolar e aprendem esse saber.

Nas entrevistas, contam a história do descobrimento e de Tiradentes, mas, aparentemente, confundem nomes, datas ou dão explicações sem nenhuma lógica do ponto de vista do adulto. Um exemplo está na criança que nos explicou o Descobrimento do Brasil da seguinte forma:

“Existia, naquela época, muitos homens nativos. Eles foram para uma terra que não conheciam, porque o Brasil ainda não tinha sido descoberto. Mas outro homem, Pedro Álvares Cabral, descobriu a terra para eles e todos foram para lá, que era o Brasil. O tempo foi passando, passando, e os nativos viraram escravos e o Pedro Álvares Cabral não queria mais voltar para Portugal e então gritou: ‘Independência ou Morte’ e ficou no Brasil”.

Fica claro, no relato acima, o exercício mental que a criança está fazendo para organizar tudo o que já ouviu ou estudou sobre a história do Brasil. Ela constrói um raciocínio lógico que, em qualquer prova tradicional, receberia nota zero.

No entanto, é nessa busca de lógica entre os acontecimentos históricos para dar conta da explicação da realidade que, em nossa interpretação, deveria consistir o trabalho de História nos primeiros anos do Ensino Fundamental. [...]

Paralelamente, é necessário que se proporcione, cada vez mais, aos alunos desses anos escolares, a oportunidade de ampliar seus conhecimentos a respeito da realidade que os cerca, não os limitando a bairros, cidades, estados ou países ou ao presente, passado ou futuro, pois, para a criança, o lugar e a cronologia não são o mais importante, mas importa mais a causalidade entre os acontecimentos, a cadeia que se estabelece entre os homens de diferentes tempos e diferentes lugares. Isso constrói a noção de tempo histórico e, conseqüentemente, da História.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de.
O tempo, a criança e o ensino de História.
In: ROSSI, Vera Lúcia Sabongi de; ZAMBONI, Ernesta (Org.).
Quanto tempo o tempo tem! Campinas: Alínea, 2005.

O passado que não está nos livros de História

O relato oral das experiências de vida de pessoas comuns mostra que não existem só as versões de reis, rainhas, políticos e heróis. A escola é um dos lugares mais propícios para dar voz a essas novas fontes.

Seu José Soares Pontes tem 77 anos e foi condutor de bondes em Santos, no litoral paulista, nas décadas de 1950 e 1960. Convidado pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Therezinha Pimentel, foi conversar com crianças que pesquisavam os primórdios do morro São Bento, onde vivem e por onde bondes circulavam antigamente. Apesar de contar com pouquíssimos dados escritos sobre o bairro, no encontro de gerações a turma descobriu que o morro tem uma história que pode ser contada por quem já viveu mais. E o simpático senhor se sentiu útil por saber que sua trajetória de vida é fonte de conhecimento para os mais novos.

Atividades semelhantes são realizadas por muitas escolas como forma de valorizar a terceira idade. Mas a oportunidade de contato com pessoas como seu José é muito mais rica. Ela possibilita a história oral, uma nova área de pesquisa que tem conquistado espaço. Esse campo surgiu da necessidade de buscar outras fontes de informação, além dos documentos escritos e oficiais.

[...] Novos enfoques e temáticas têm dado voz a grupos que, tradicionalmente, não têm oportunidade de expressar sua versão dos fatos. “É fundamental preservar a memória daqueles que não têm lugar nos manuais de história, salvaguardar os seus testemunhos e depoimentos”, disse o fi-

lósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940), que defendia, como ele próprio chamava, a “história dos vencidos”. Ou dos excluídos, como seu José. Onde mais a experiência de vida do condutor de bondes poderia ser conhecida senão entre seus familiares e amigos? Relatada para mais de 80 crianças, ela agora está perpetuada no acervo da escola e na exposição de fotos e textos exibidos em painéis aberta aos moradores do bairro.

A veracidade das fontes orais

Informações históricas relativas a fatos como a chegada dos portugueses ao Brasil ou a abolição da escravidão são de fácil acesso em arquivos. Nesses locais, no entanto, só se encontram versões oficiais. “Existem muitas outras”, afirma [Lourival dos] Santos, docente da USP. O que pensavam os índios e os escravos nesses momentos históricos?

São poucos os documentos que trazem a voz dos dois grupos. Considerar apenas arquivos escritos como comprovações fidedignas é desconsiderar, por exemplo, a memória de sociedades indígenas. Sem papéis, valem as lembranças dos mais velhos, transmitidas oralmente aos mais jovens como única forma possível de reconstrução do passado.

Há historiadores que não reconhecem os relatos orais como fontes históricas. Eles apontam que a memória falha e que o presente recria lembranças que transformam o passado. Eis uma boa discussão a ser lançada em sala de aula: seriam os documentos escritos mais confiáveis que a história oral? Para Fábio Bezerra de Brito, docente de História da Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP, ambos são subjetivos, pois foram ditos ou escritos por pessoas que são por natureza parciais. “Na história oral a subjetividade é mais explícita.” O que as pessoas contam é apenas aquilo que elas acham merecedor de ser lembrado. E o que fica não é todo o passado. Mais que conferir a veracidade das informações, a criança precisa saber que nem tudo é conhecido e o que importa são as versões.

É importante que a turma compreenda que memória é cultura e também poder. Os arquivos oficiais contêm as versões que mais interessam às classes sociais que dominaram e dominam as sociedades. E os livros, conseqüentemente, só reservam espaço para essas interpretações.

Os livros, então, não são confiáveis? “Claro que não podemos ignorar as histórias estabelecidas. Seria cometer o mesmo erro. Mas devemos contrapô-las às outras que podem ser recolhidas pelos próprios estudantes”, afirma Santos. Ótima chance de comparar informações e formular hipóteses. Seja na consulta a arquivos de relatos orais, que são poucos no Brasil, seja realizando entrevistas.

O bairro e a cidade, segundo os moradores

Foi difícil para a Escola Municipal Therezinha Pimentel, em Santos (SP), encontrar informações sobre o bairro onde está instalada. “Parecia que a história não tinha subido o morro”, brinca a professora Marta Ramos Cabette. Mas um convite para que dona Maria Alexandre Fernandes visitasse a turma abriu a todos uma janela do passado. Avó de uma aluna, dona Maria, de 68 anos, é bordadeira desde os 7. “Aprendi o ofício com minha mãe, uma imigrante que trabalhava dia e noite para sustentar a casa.” Além de descrever sua arte para a garotada, ela falou sobre a chegada e a vida dos portugueses que ocuparam o bairro no começo do século XX.

Assim como o condutor de bondes José, a bordadeira Maria também faz parte da história do morro São Bento. “A classe ficou muito curiosa para saber como eram e o que faziam as crianças daqui antigamente”, conta a professora Marta. “Mas todos aprenderam mais do que os costumes de uma época. Descobriram que o bairro em que moram tem história, da qual eles participam”, completa. Trabalhos como esse provocam os estudantes a refletir sobre o fato de fazerem parte da história de sua família, da escola e da comunidade em que vivem e, aos poucos, perceber sua inserção no país e no mundo.

Um dos objetivos mais relevantes do ensino de História é a constituição da noção de identidade. “Os livros da disciplina são escritos de forma impessoal. Não se reconhece a origem da fonte. É como se os fatos fossem contados por um deus, absoluto e inquestionável. Ao ouvir um relato ao vivo, a criança verifica que ela é contada por alguém real, que passou por aquilo. Por fim, se reconhece no mesmo contexto”, afirma Maria Cecília Cortez de Souza, docente da Faculdade de Educação da USP e autora de livro sobre o assunto.

Ao possibilitar a construção da identidade de quem conta e de quem ouve, a história oral traz a comunidade para dentro da escola. E inclui na pauta de discussões os problemas locais. No caso do morro São Bento, as maiores dificuldades dizem respeito à carência de empregos, à ocupação desordenada do espaço e à pouca valorização do lugar por seus moradores. “Marta foi certa ao identificar a necessidade que os moradores da vizinhança têm de reconhecer seu valor. A história oral é um dos caminhos possíveis para provocar uma transformação”, afirma Zilda Kessel, museóloga e responsável pelo programa educativo do portal Museu da Pessoa, um espaço virtual que utiliza a internet como ferramenta. [...]

A entrevista como técnica de trabalho

Ao considerar como principal fonte de pesquisa as pessoas, verifica-se que a transmissão da história se dá na comunicação entre o entrevistado e a turma. Portanto, é possível aprimorar em classe o diálogo, a disposição de ouvir, a linguagem não verbal de gestos e posturas e a elaboração de perguntas conforme o universo do entrevistado e o objetivo do trabalho. “A dinâmica do diálogo é um dos aspectos mais apaixonantes do trabalho com as fontes orais. Ótima oportunidade para ensinar principalmente os adolescentes a ouvir e respeitar a diversidade”, diz Zilda Kessel.

Um dos momentos mais importantes de uma atividade sobre história oral é a entrevista. Por isso, é preciso ter claro o objetivo da conversa e a temática do projeto. As perguntas devem ser preparadas com antecedência, assim como o ambiente, para que o entrevistado se sinta à vontade. “Os jovens devem ter claro que durante a entrevista estão à frente de pessoas, e não de fontes históricas”, diz o professor Brito, da USP. “Caso contrário, a conversa perderá toda a espontaneidade.” Observar os movimentos do corpo, as expressões faciais e o olhar é essencial. Esses elementos dão boas dicas sobre a personalidade do entrevistado e enriquecem seu perfil. O trabalho se tornará ainda mais rico se forem solicitados ao entrevistado alguns elementos que ajudem a contar o passado, como fotos e objetos de época.

A importância crescente das fontes orais é apenas o começo de muitas mudanças que estão por vir não só no campo da história. [...]

Da tradição oral para a multimídia

Ouvir e aprender com os mais velhos eram práticas comuns do passado. Hoje o ritmo acelerado do trabalho e a nova configuração da família permitem cada vez menos situações diretas de trocas pessoais. A história oral vem, de certa forma, preencher esse vazio. [...]

Hoje a gravação de imagens em vídeo, as fotografias e a internet mudaram radicalmente a relação com a informação. Na medida do possível, todos esses meios podem e devem ser utilizados pela escola na transmissão dos relatos.

É essencial que o material coletado pela escola ultrapasse o alcance dos alunos, pais, funcionários e professores e atinja a comunidade. “Sem registro e sem a divulgação dos relatos não há história. Há apenas entrevistas”, afirma o professor Lourival dos Santos, da USP. Por isso, projetos dessa natureza devem resultar num produto final. Há vários meios de registrar os relatos colhidos: livro, CD, peça de teatro, *site* ou mesmo numa exposição. O material recolhido deve ser preservado em um espaço na biblioteca.

BENCINI, Roberta; GUIMARÃES, Arthur. O passado que não está nos livros de história. *Nova Escola*. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2378/o-passado-que-nao-estamos-livros-de-historia>>. Acesso em: 23 out. 2017.

Memória e memória coletiva

Neste texto, procurarei apontar alguns dos conceitos relativos à memória que considero fundamentais para o trabalho com a memória de alunos, professores e das comunidades escolares em que atuamos nos projetos de memória local.

[...] Este conceito vem se modificando e se adequando às funções, às utilizações sociais e à sua importância nas diferentes sociedades humanas. Em cada época procurou-se explicar a memória utilizando-se de metáforas compreensíveis, construídas em torno de conhecimentos que caracterizavam o momento histórico. [...]

[...] Como elaboração a partir de variadíssimos estímulos, a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências/experiências ocorridas no passado.

[...] Os estudos empreendidos por Maurice Halbwachs (1990) contribuíram definitivamente

para a compreensão dos quadros sociais que compõem a memória. Para ele a memória aparentemente mais particular remete a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições.

É no contexto destas relações que construímos as nossas lembranças. A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. Ela está impregnada das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências, que percebemos qual uma amálgama, uma unidade que parece ser só nossa. As lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, a que o autor denomina “comunidade afetiva”. E dificilmente nos lembramos fora deste quadro de referências. Tanto nos processos de produção da memória como na rememoração, o outro tem um papel fundamental.

Esta memória coletiva tem assim uma importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha memórias. [...]

[...] As memórias individuais alimentam-se da memória coletiva e histórica e incluem elementos mais amplos do que a memória construída pelo indivíduo e seu grupo. Um dos elementos mais importantes, que afirmam o caráter social da memória, é a linguagem. As trocas entre os membros de um grupo se fazem por meio de linguagem. Lembrar e narrar se constituem da linguagem. Como afirma Ecléa Bosi a linguagem é o instrumento socializador da memória pois reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural vivências tão diversas como o sonho, as lembranças e as experiências recentes.

[...] Outro aspecto importante acerca da memória é a sua relação com os lugares. As memórias individual e coletiva têm nos lugares uma referência importante para a sua construção, ainda que não sejam condição para a sua preservação, do contrário povos nômades não teriam memória. As memórias dos grupos se referenciam, também, nos espaços em que habitam e nas relações que constroem com estes espaços. Os lugares são importante referência na memória dos indivíduos, donde se segue que as mudanças empreendidas

nesses lugares acarretam mudanças importantes na vida e na memória dos grupos.

Finalmente, é importante pontuar algumas características relativas a memória individual e coletiva e as suas articulações com a memória histórica, aquela que estamos habituados a encontrar nos livros didáticos e nos livros de História do Brasil, História Geral, entre outros. Durante muito tempo, os estudos de História privilegiaram os documentos escritos, os objetos, enfim, os vestígios que possibilitassem ao historiador realizar o seu trabalho: compreender e construir a história apoiando-se nos documentos que garantiriam a veracidade dos acontecimentos e processos ali registrados. Os temas tratados privilegiaram os grandes movimentos e a história dos grupos dominantes das diferentes sociedades. Foi a partir de meados do século XX que grupos de historiadores começaram a questionar estes procedimentos na medida em que eles baniam da História os grupos oprimidos, minoritários e os temas relativos ao cotidiano, às mentalidades e às experiências dos diferentes grupos. Nesta perspectiva seu foco voltou-se para a memória coletiva dos grupos acessível, sobretudo, pela utilização das metodologias alternativas ao trabalho estrito com documentos, como é o caso dos trabalhos apoiados na metodologia de história oral. Desta maneira emergiram as histórias de mulheres, negros, trabalhadores, enfim, a História, ao invés de se configurar numa grande narrativa comum a todos, passou a acolher e dar existência e visibilidade às várias narrativas.

Memória individual e coletiva se alimentam e têm pontos de contato com a memória histórica e, tal como ela, são socialmente negociadas. Guardam informações relevantes para os sujeitos e têm, por função primordial, garantir a coesão do grupo e o sentimento de pertinência entre seus membros. Abarcam períodos menores do que aqueles tratados pela história. Têm na oralidade o seu veículo privilegiado, porém não necessariamente exclusivo, de troca. Já a memória histórica tem no registro escrito um meio fundamental de preservação e comunicação. Memória individual, coletiva e histórica se interpenetram e se contaminam. Memórias individuais e coletivas vivem num permanente embate pela coexistência e também pelo status de se constituírem como memória histórica.

KESSEL, Zilda. Memória e memória coletiva. *Museu da pessoa*. Disponível em: <www.museudapessoa.net/public/editor/memória_e_memória_coletiva.pdf>. Acesso em: 23 out. 2017.

Patrimônios da História

Texto 1. Os inventários como instrumentos de preservação do patrimônio imaterial

[...] No caso brasileiro, a temática do patrimônio imaterial ganha nova força a partir da redemocratização do país, especialmente no processo de feitura da nova Constituição Federal [...]. Assim, a Carta Magna brasileira define:

Art. 216 – Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I. as formas de expressão;
- II. os modos de criar, fazer e viver;
- III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. [...]

No entanto, não bastava definir o patrimônio de forma mais ampla: era necessário também se propor medidas efetivas para a proteção desta dimensão [...].

CASTRIOTA, Leonardo Barci (Org.). *Mestres artífices* – Minas Gerais: cadernos de memória. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColCadMem_MestresArtificeis_MinasGerais_m.pdf>. Acesso em: 23 out. 2017.

Texto 2. Patrimônio imaterial

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial. [...]

PATRIMÔNIO Imaterial. In: *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>>. Acesso em: 23 out. 2017.

A coleção e a progressão didática estabelecida pela BNCC

As unidades e capítulos desse volume acompanham a progressão didática das unidades temáticas da BNCC, fornecendo uma base segura para os primeiros passos do aluno nos seus estudos de História. O volume 1 trabalha com o mundo pessoal do aluno, fazendo-o refletir sobre seu crescimento, sua infância e os grupos sociais de que faz parte, como a família e o grupo escolar.

Esse volume também aprofunda o tema das suas relações sociais, ajudando-o a perceber a diversidade contida nos grupos dos quais ele faz parte e a refletir sobre ela. Dessa maneira, o objetivo da progressão proposta para esse volume é de que, no fim do ano, ele possa identificar e reconhecer seu lugar no mundo e identificar a função social dos grupos que o compõe. O trabalho com as unidades temáticas continuará em todos os volumes da coleção.

O volume do 2º ano aprofunda a noção do “eu” e do “outro”. Se no volume do 1º ano a relação do aluno com a sua historicidade e com as pessoas do seu entorno recebia destaque, dessa vez, as unidades e capítulos apoiam-se nas práticas e registros dos grupos sociais em que o aluno participa, analisando relatos de memória, os marcadores de tempo, as experiências que o aluno já possui dentro dos grupos sociais e como ele pode agir nas comunidades. Dessa forma, espera-se que ele desenvolva conceitos importantes como o de tempo histórico e trabalho.

O volume do 2º ano continua o trabalho de reconhecimento e identificação do volume anterior, ampliando a seleção de temas, objetos e documentos. Com isso, espera-se que o aluno compare a sua realidade com a de outros grupos e compreenda mudanças e permanências.

O volume do 3º ano da coleção conclui o trabalho sobre grupos e comunidades em que o aluno está inserido, mostrando como sua identificação com esses grupos ocorre por meio de relações históricas. Ele também perceberá que diferentes grupos sociais também fazem parte da cidade ou de uma região, compreendendo que essas comunidades registraram e ainda registram suas vivências e experiências, comparando com as maneiras de fazer e registrar atuais e valorizando os marcos de memória, a transmissão de saberes e os patrimônios. A progressão temporal e espacial do universo do aluno também está presente na discussão a respeito da noção de público e privado, e ao mapear os espaços em que vivemos e cada uma de suas funções.

Os 2 últimos volumes da coleção extrapolam os

temas e objetos de conhecimento tratados até então para pensar na trajetória dos grupos humanos desde a Antiguidade partindo, por exemplo, da sedentarização do ser humano, as transformações pelas quais os grupos humanos passaram ao longo do tempo, a circulação de mercadorias e as migrações que se sucederam. Com o objetivo de construir conceitos históricos importantes que servirão de base para o estudo de História dos anos seguintes, a coleção trabalha de forma que os alunos alcancem as habilidades de identificar e relacionar povos e processos históricos do passado, analisando e discutindo as dinâmicas que contribuíram para a formação de diferentes culturas e contextos. Até o último volume dos anos iniciais, o 5º ano, serão tratados a formação e a organização dos diferentes povos, tanto do ponto de vista sociocultural quanto do ponto de vista político. Retomamos nesse volume a importância dos marcos de memória e a transmissão de saberes, trabalhando também os conceitos de mudanças e permanências com base em documentos históricos, entrelaçando todos os volumes, anos anteriores e posteriores em um movimento de complexidade cada vez mais amplo.

O sumário de todos os volumes da coleção reflete a preocupação com a progressão da aprendizagem dos alunos, buscando ser uma ferramenta de apoio para o professor em sala de aula. Espera-se, dessa forma, que os conteúdos mínimos estabelecidos pela BNCC se tornem efetivos.

Assim como está explicitado no texto da BNCC, a base não é currículo, sendo que “BNCC e currículos têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da educação básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação.” (BNCC, 2018. p. 16).

O livro didático, na medida em que é uma ferramenta de aprendizado, é o ponto de encontro das diversas instâncias e agentes do processo educativo. Ele media a relação da Base, do Currículo, dos Projetos Político-Pedagógicos, do professor e dos alunos. Assim, da mesma forma que busca garantir a progressão didática, e o desenvolvimento de competências, objetos de conhecimento e habilidades, procura igualmente facilitar o aprendizado no contexto em que professores e alunos estão inseridos.

Na página a seguir apresentamos um quadro que demonstra como a BNCC está contemplada no volume do 5º ano. Ele está organizado de modo a explicitar em quais unidades e capítulos cada habilidade e seu respectivo objeto de conhecimento é trabalhado e conduzido.

Os objetos de conhecimento e as habilidades abordadas no volume do 5º ano

Objetos de conhecimento	Habilidades																	
	Unidade		1		2		3		4		5		6		7		8	
	Capítulo		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
O que forma um povo: do nomadismo aos primeiros povos sedentarizados	(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.																	
As formas de organização social e política: a noção de Estado	(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.																	
O papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos	(EF05HI03) Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.																	
Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas	(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.																	
As tradições orais e a valorização da memória	(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.																	
O surgimento da escrita e a noção de fonte para a transmissão de saberes, culturas e histórias	(EF05HI06) Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.																	
Os patrimônios materiais e imateriais da humanidade	(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.																	
	(EF05HI08) Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.																	
	(EF05HI09) Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.																	
	(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.																	

Bibliografia

ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. *Ensino de História: conceito, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ABUD, Katia Maria. A construção do conceito de tempo na escola fundamental. In: _____ (Coord.). *A criança e o tempo*. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1994.

_____. Um projeto de educação continuada para os professores de História. In: CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (Org.). *Formação continuada de professores: uma releitura das áreas de conteúdo*. São Paulo: Pioneira/Thomson Learning, 2003.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *História: a arte de reinventar o passado*. São Paulo: Edusc, 2007.

ANTUNES, Celso. *Abrindo as portas do futuro: aprender a aprender, relacionar-se e trabalhar*. Campinas: Papirus, 2006.

BARBERÀ, Elena. *O construtivismo na prática*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BEAUCHAMP, Jeanette et al. *Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2007.

BICUDO, Maria Aparecida. *Tempo, tempo vivido e história*. Bauru: Edusc, 2003.

BITTENCOURT, Circe. Em foco: História, produção e memória do livro didático. *Educação e pesquisa*, São Paulo, USP/FE, set./dez. 2004. v. 30, n. 3.

_____. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *Livros didáticos: concepções e usos*. Recife: Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco, 1997.

_____. (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOCCHINI, Maria Otilia. Legibilidade visual e projeto gráfico na avaliação de livros didáticos pelo PNL. In: *Anais de Simpósio Internacional do Livro Didático: Educação e História*. São Paulo, 2007.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

_____. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

_____. *Estatuto da criança e do adolescente*. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

_____. Ministério da Educação. *Caderno 9 - Ciências Humanas no Ciclo de Alfabetização*. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/materiais-listagem/item/64-caderno-9-ciencias-humanas-no-ciclo-de-alfabetizacao>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica*. Brasília, 2013.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Elementos conceituais e metodológicos para a definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento*. Ciclo de alfabetização (1ª, 2ª e 3ª anos) do Ensino Fundamental. Brasília, 2012.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Ensino Fundamental de nove anos*. Brasília, 2006.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Ensino Fundamental de nove anos: orientações gerais*. Brasília, 2007.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Guia do Livro Didático PNL 2010: História – Séries/Anos iniciais do Ensino Fundamental*. Brasília, 2009.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia*. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 5.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 9-10.

_____. Secretaria Especial dos Direitos da Pessoa com Deficiência. *Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência: viver sem limite*. Disponível em: <www.pessoa.comdeficiencia.gov.br/app/viver-sem-limite>.

CABRINI, Conceição (Org.). *Ensino de História: revisão urgente*. São Paulo: Edusc, 2005.

CALDEIRA, Jorge. *Viagem pela história do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CAMPOS FILHO, Candido Malta. *Reinvente seu bairro*. São Paulo: Editora 34, 2003.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. *Circulação do livro didático: entre práticas e prescrições*. Políticas públicas, editoras, escolas e o professor na seleção do livro escolar. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas; sobre o estado da Arte. *Educação e pesquisa*, São Paulo, USP/FE, v. 30, n. 3, set./dez. 2004.

COLL, César; MARTIN, Elena. *Aprender conteúdos & desenvolver capacidades*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. et al. *O construtivismo na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1996.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Direito dos índios*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DE GRAMMONT, Anna Maria de. *O que é patrimônio cultural?!* Ouro Preto: do Autor, 2014.

DEL PRIORE, Mary. *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

DIMENSTEIN, Gilberto. *O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil*. 22. ed. São Paulo: Ática, 2009.

ELIAS, Roberto João. *Comentário ao Estatuto da Criança e do Adolescente*. São Paulo: Saraiva, 2004.

FAZENDA, Ivani. *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Didática e interdisciplinaridade*. Campinas: Papirus, 2004.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de História*. 4. ed. Campinas: Papirus, 2004.

- FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FREITAG, Bárbara; MOTTA, Valéria Rodrigues; COSTA, Wanderley Ferreira da. *O livro didático em questão*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- HELM, Judy Harris; BENEKE, Sallee. *O poder dos projetos*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- _____ et al. *Aprendendo com as inovações na escola*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- HOFLING, Eloisa de Mattos. Notas para discussão quanto à implementação de programas de governo: em foco o Programa Nacional do Livro Didático. *Educação & sociedade*, Campinas, n. 70, abr. 2000.
- KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2003.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.
- LIBÂNIO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2004.
- LOUREIRO, Carlos Frederico. *Sustentabilidade e educação: um olhar da ecologia política*. São Paulo: Cortez, 2012.
- MACEDO, Lino et al. *Aprender com jogos e situações-problema*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabiola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- MEIRIEU, Philippe. *O cotidiano da escola e da sala de aula*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- MEKSENAS, Paulo. O uso do livro didático e a pedagogia da comunicação. In: PENTEADO, Heloísa (Org.). *Pedagogia da comunicação: teorias e práticas*. São Paulo: Cortez, 1998.
- MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, v. 23, n. 45, jul. 2003.
- MIRANDA, Sônia Regina. *Sob o signo da memória*. São Paulo: Ed. da Unesp; Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2006.
- MONTEIRO, Ana Maria et al. *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MUNAKATA, Kazumi. *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica/EHPS, São Paulo, 1997.
- NIKITIUK, Sônia (Org.). *Repensando o ensino de História*. São Paulo: Cortez, 1996.
- NOVAIS, Fernando A. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. v. 4.
- OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coord.). *História: Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEB, 2010. (Coleção Explorando o Ensino).
- _____ ; STAMATTO, Maria Inês Sucupira (Org.). *O livro didático de História: políticas educacionais, pesquisas e ensino*. Natal: EDUFRN, 2007.
- PAULA, Eunice Dias de et al. *História dos povos indígenas: 500 anos de luta no Brasil*. Petrópolis: Vozes/Cimi, 2001.
- PERRENOUD, Philippe. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- _____ et al. *A escola de A a Z: 26 maneiras de repensar a educação*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- _____ ; THURLER, Monica Gather. *As competências para ensinar no século XXI*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- POZO, Juan J. *A solução de problemas*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- RATHS, Louis et al. *Ensinar a pensar*. São Paulo: EPU, 1977.
- REY, Bernard. *As competências transversais em questão*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ROJO, Roxane (Org.). *Alfabetização e letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- ROSSI, Vera Lúcia de; ZAMBONI, Ernesta (Org.). *Quanto tempo o tempo tem?* Campinas: Alínea, 2003.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.
- SILVA, Jeane. *A constituição de sentidos políticos em livros didáticos de Geografia na ótica da análise do discurso*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.
- SILVA, Marcos (Org.). *Repensando a História*. Rio de Janeiro: Anpuh/Marco Zero, 1984.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SPOSITO, Maria Encarnação (Org.). *Livros didáticos de História e Geografia: avaliação e pesquisa*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.
- VIEIRA, Maria do P. de Araújo et al. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 2008.
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. *Pensamento e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- ZAMBONI, Ernesta. O ensino da História e a construção da identidade. *Revista História*. São Paulo: Secretaria do Estado da Educação de São Paulo, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 1993. (Série Argumento).
- _____ ; CAMARGO, Dulce. *A criança, novos tempos, novos espaços: a História e a Geografia na escola*. Brasília, MEC/Inep, 1998. v. 7, n. 37.
- _____ et al. (Org.). *Memórias e histórias da escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2008.
- _____ (Org.). *Memória, história oral e razão histórica*. Itajaí: Maria do Cais, 2006.
- ZENAIDE, Maria de Fátima Tavares (Org.). *Ética e cidadania nas escolas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

Orientações específicas

Elementos do Manual do Professor página a página

Além das Orientações gerais, o Manual do Professor traz outros recursos que auxiliam o professor a planejar aulas, atividades e mostram como os alunos poderão atingir os objetivos do ensino de História estabelecidos pela BNCC.

Objetivos da unidade e do capítulo

Estabelece metas de aprendizado, mostrando o que se espera dos alunos após o estudo do capítulo ou da unidade.

Livro do Estudante reduzido

As orientações específicas do volume são apresentadas junto da reprodução reduzida do Livro do Estudante, facilitando a consulta durante as aulas.

A BNCC na página

Relaciona os temas trabalhados nas páginas à BNCC, com o objetivo de ajudar a desenvolver, nos alunos, as habilidades exigidas por esse documento.

Atividade

Comentário para ampliar as atividades propostas no Livro do Estudante.

Objetivos do capítulo

1. Analisar o papel das religiões na organização das sociedades humanas ao longo do tempo.
2. Comparar religiões politeístas e monoteístas.
3. Refletir sobre a importância da tolerância religiosa e do respeito à diversidade cultural.
4. Identificar elementos centrais para a formação das tradições culturais e religiosas no Brasil.

Para iniciar
Explore os conhecimentos prévios dos alunos perguntando se eles conhecem outros mitos ou relatos da criação do dia e da noite. Trabalhe com os alunos a importância da alternância do dia e da noite.

Capítulo 2 Povos e religiões

Muitos povos e religiões buscam explicar a origem do mundo e dos fenômenos da natureza por meio da intervenção dos deuses e de outras divindades. Leia o texto abaixo, em que o professor indígena Aturi Kayabi conta como seu povo explica a origem do dia e da noite.

No início do mundo
No início do mundo as coisas eram todas malfeitas.
Não tinha a noite, só existia o sol.
O dia não tinha fim.
As pessoas trabalhavam sem parar.
[...]
Até que certo dia o pajé pensou em mudar. Ele pegou duas cabaças de amendoim, uma com amendoim branco e outra com amendoim preto.
Primeiro ele quebrou a cabaça de amendoim preto, e a noite chegou.
[...] ele quebrou a outra cabaça, de amendoim branco, e o dia apareceu.
Por isso é que temos o dia e a noite.

KAYABI, Aturi. No início do mundo. In: **Geografia indígena**. São Paulo: Instituto Socioambiental; Brasília: Ministério da Educação, 1988. p. 12.

Para iniciar

1. Como o povo Kayabi explica a origem do dia e da noite? Discuta com os colegas. **O povo Kayabi explica a origem do dia e da noite por meio da ação do pajé. Ele utilizou duas cabaças de amendoim para criar o dia e a noite.**
2. Na sua opinião, como seria o mundo se o dia nunca acabasse? **Resposta pessoal.**
3. Você sabe para que serve o período da noite? **Resposta pessoal.**

28 UNIDADE 1

Objetos de conhecimento	Habilidades
O que forma um povo: do nomadismo aos primeiros povos sedentários.	BNCC EF05H01 Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.
As formas de organização social e política: a noção de Estado.	BNCC EF05H02 Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

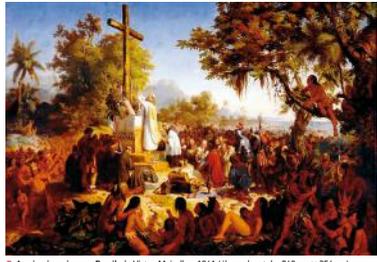
A religião e a cultura

Existem muitas religiões diferentes em nosso mundo. Essa diversidade mostra a importância das crenças religiosas para grande parte das pessoas.

As religiões influenciam a formação e a cultura dos povos, orientando seus adeptos no modo de viver, comer, pensar, entre outros aspectos. Todas elas precisam ser respeitadas.

Ao colonizar o Brasil, os portugueses introduziram no país o catolicismo, que é uma religião cristã, e começaram a cristianizar os indígenas e, posteriormente, os negros escravizados, que tinham crenças religiosas diferentes.

Hoje, no Brasil, diversas religiões são praticadas. Por exemplo, as religiões cristãs, o espiritismo, as religiões afro-brasileiras (como o candomblé e a umbanda), o budismo, o judaísmo e o islamismo.



A primeira missa no Brasil, de Victor Meirelles, 1861 (óleo sobre tela, 268 cm x 356 cm).

1. Discuta com seus colegas: por que é importante respeitar todas as religiões? **Resposta pessoal.**
2. Escolha um colega e, juntos, pesquisem informações sobre duas religiões praticadas no Brasil. Apresentem o trabalho ao professor e aos demais colegas.

29 CAPÍTULO 2

Objetos de conhecimento	Habilidades
O papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos.	BNCC EF05H01 Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.
Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas.	BNCC EF05H04 Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos. BNCC EF05H05 Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.

Objetivos da unidade e do capítulo

Explora os conhecimentos prévios dos alunos perguntando se eles conhecem outros mitos ou relatos da criação do dia e da noite. Trabalhe com os alunos a importância da alternância do dia e da noite.

Atividade 1

Trabalhe com os alunos a tolerância religiosa, a aceitação dos que têm crenças, costumes, hábitos e maneiras de pensar diferentes dos deles. Trabalhe também o respeito e a tolerância àqueles que não possuem religião.

Atividade 2

Orienta os alunos a contextualizar a prática religiosa no Brasil (locais onde se pratica mais, número de seguidores, etc.) e a buscar informações sobre a origem da religião.

Pensar histórico

Ao estudar o papel das religiões para a formação cultural dos povos no passado e na atualidade, os alunos são estimulados a identificar-se como parte do seu grupo social e cultural. Isso auxilia na formação do seu pensar histórico e, por conseguinte, na sua conscientização como sujeito histórico.

Quadro BNCC

Mostra quais são os objetos de conhecimento e as habilidades da versão final da BNCC tratados em cada capítulo.

Pensar histórico

Destaca a importância dos temas tratados em uma página ou em um conjunto delas para a formação do pensamento histórico do aluno.

Outros recursos

Orientações didáticas

Comentários que trazem informações adicionais sobre os conteúdos das páginas do Livro do Estudante, além de advertências para temas delicados.

Textos e atividades complementares

Seleção de textos relevantes para aprofundar o tema tratado. Há também atividades complementares que podem ser desenvolvidas em sala de aula.

Indicações de leitura para o professor

Títulos ligados aos temas propostos para consulta.



Ensino Fundamental – Anos Iniciais
Componente curricular: História

Anna Maria Charlier

Bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo (USP)

Bacharel e licenciada em Geografia pela USP

Ex-professora, diretora e supervisora do Ensino Fundamental e Médio na rede pública e em escolas particulares do estado de São Paulo

Maria Elena Simielli

Bacharel e licenciada em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP)

Professora doutora em Geografia e professora livre-docente do Departamento de Geografia – Pós-graduação, USP

Ex-professora dos Ensinos Fundamental e Médio na rede pública e em escolas particulares do estado de São Paulo

2ª edição

São Paulo, 2017

Atualizado de acordo com a BNCC.

ea
editora ática

Direção geral: Guilherme Luz
Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas
Gestão de projeto editorial: Tatiany Renó
Gestão e coordenação de área: Wagner Nicaretta (ger.) e Brunna Paulussi (coord.)
Edição: Carlos Eduardo Ogawa, Ana Claudia Pelegrini, Aline dos Reis Neves e Luciana Martínez
Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga
Planejamento e controle de produção: Paula Godoi, Roseli Said e Marcos Toledo
Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Brenda T. M. Morais, Carlos Eduardo Sigrist, Flavia S. Vênezio, Heloísa Schiavo, Larissa Vazquez, Luciana B. Azevedo, Luís Maurício Boa Nova, Maura Loria, Patrícia Travanca, Rita de Cássia C. Queiroz e Vanessa P. Santos
Arte: Daniela Amaral (ger.), Claudio Faustino (coord.), Eber Alexandre de Souza (edição de arte), Jacqueline Ortolan, Josiane Batista, Karen Midori Fukunaga, Livia Vitta Ribeiro, Meyre Diniz e Rodrigo Bastos Marchini (edit. arte)
Iconografia: Sílvia Klugin (ger.), Denise Durand Kremer (coord.), Daniela Ribeiro (pesquisa iconográfica)
Licenciamento de conteúdos de terceiros: Cristina Akisino (coord.), Luciana Sposito (licenciamento de textos), Erika Ramires e Claudia Rodrigues (analistas adm.)
Tratamento de imagem: Cesar Wolf e Fernanda Crevin
Ilustrações: Cláudio Chiyo, Danillo Souza e Rodval Matias
Cartografia: Eric Fuzii (coord.) e Robson Rosendo da Rocha (edit. arte)
Design: Gláucia Correa Koller (ger. e proj. gráfico) e Talita Guedes da Silva (proj. gráfico e capa)
Ilustração de capa: ArtefatoZ, Artístico/Shutterstock, Artram/Shutterstock, Denis Cristo/Shutterstock, Evellean/Shutterstock, Sabelskaya/Shutterstock, Vectorpocket/Shutterstock, ProStockStudio/Shutterstock, Faber14/Shutterstock, Macrovector/Shutterstock, Stock_VectorSale/Shutterstock, Maglyvi/Shutterstock

Todos os direitos reservados por Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221, 3ª andar, Setor A
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902
Tel.: 4003-3061
www.atica.com.br / editora@atica.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Charlier, Anna Maria
Ápis história, 5º ano : ensino fundamental,
anos iniciais / Anna Maria Charlier, Maria Elena
Simielli. -- 2. ed. -- São Paulo : Ática, 2017.

Suplementado pelo manual do professor.
Bibliografia.
ISBN 978-85-08-18807-9 (aluno)
ISBN 978-85-08-18808-6 (professor)

1. História (Ensino fundamental) I. Simielli,
Maria Elena. II. Título.

17-11676

CDD-372.89

Índices para catálogo sistemático:

1. História : Ensino fundamental 372.89

2017

Código da obra CL 713450
CAE 624535 (AL) / 624536 (PR)
2ª edição
1ª impressão

Atualizado de acordo com a BNCC.

Impressão e acabamento





APRESENTAÇÃO

Caro aluno,

Com este livro queremos lhe propor uma maneira prazerosa de aprender história.

O presente traz marcas do passado, assim como o futuro terá marcas do presente. Por isso, é importante estudar o passado para compreender o mundo em que vivemos. Como você vai perceber, a história é viva.

Este livro vai despertar seu interesse pela história. Você vai viajar no tempo por meio de textos e de imagens, localizando e relacionando fatos em diferentes momentos históricos. Assim, você vai construir a sua própria história utilizando experiências do seu dia a dia e comparando-as com experiências vividas por outras pessoas em diferentes espaços e tempos.

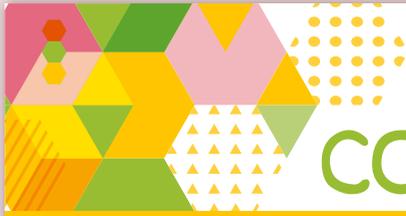
Desenvolver o pensamento histórico para compreender e construir a história é um grande passo para você se tornar um cidadão participante do lugar onde vive e das transformações da sua comunidade.

Você aceita esse desafio?

As autoras



Claudio Chyze/Arquivo da editora



CONHEÇA SEU LIVRO

Este livro contém quatro unidades. Cada unidade tem dois capítulos.



Abertura de unidade

No início de cada unidade apresentamos uma ilustração e algumas questões para despertar o seu interesse pelo tema que será estudado.

Minha coleção de palavras de História

Ao longo dos capítulos e ao final de cada unidade, você vai resolver atividades que exploram o contexto e o sentido de algumas palavras importantes para a disciplina.

Abertura de capítulo

Por meio de imagens e textos lúdicos e das atividades orais do **Para iniciar**, você vai dialogar com a sua turma sobre os assuntos que serão abordados no capítulo.

Pesquisa

Aprenda a pesquisar, interpretar informações e ampliar o seu conhecimento.

Desafio

Faça descobertas e comparações em grupo ou individualmente.

Saiba mais

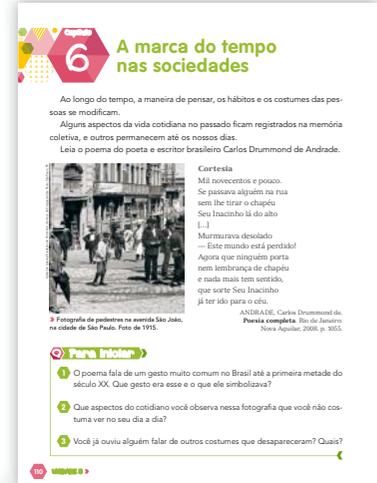
Textos, imagens e atividades para você ampliar seus conhecimentos e aguçar a sua curiosidade.

Assim também aprendo

Uma maneira lúdica e divertida de aprender.

Glossário

Aprenda o significado de termos e palavras importantes para o estudo de História.





Tecendo saberes

Você vai perceber que os assuntos abordados no capítulo também podem ser estudados com a ajuda de outras disciplinas.

DE OLHO NA IMAGEM

Em 12 de setembro de 1940, quatro jovens francesas passeavam à beira de um delta e, ao entrar em uma caverna, descobriram um sítio arqueológico muito importante. As paredes da caverna estavam cobertas por pinturas representando animais que não existiam mais naquela região: cavalos selvagens, cervos, búfalos e touros selvagens.

Os jovens encontraram o professor Jean-Louis Comte, com o ajuda do arqueólogo Henri Breuil, confirmou que as imagens na caverna eram pinturas rupestres. Pesquisadores acreditam que as pinturas datam de, aproximadamente, 17 mil anos atrás e foram feitas por seres humanos muito antigos.

As pinturas rupestres de Lascaux foram produzidas no período em que algumas seres humanos eram nômades e ajudou a entender o modo como eles se organizavam e conseguiram se alimentar.

2 Pintura rupestre de cavalos selvagens em parede de caverna, cerca de 17 mil anos atrás, em Lascaux, França.

Analise fotos em laboratório mostram que os pintores desse período preparavam suas tintas com pigmentos feitos de materiais retirados da natureza. Leia e responda.

Como elas faziam?

Para preparar essas tintas, os artistas pré-históricos usavam o que a natureza lhes oferecia. As gravuras eram feitas com o apoio do movimento de água, a pátina de cores e lastreiros à guisa das pigmentos retirados da natureza para uso em tintas, óleos e outros. Alguns dos materiais usados para pintar as rochas foram minerais. [...] Eles aplicavam os pigmentos diretamente com os dedos ou com pinéis rudimentares, feitos com pedaço de madeira ou com fibras vegetais.

DEBATE: CURIOSIDADE. A Pré-História passou a parte do livro "Caminhos da Arte" (2014).

- 1 Como ocorreu a descoberta da caverna de Lascaux na França?
- 2 Responda às questões e seguir com base na imagem da pintura rupestre e no texto acima.
 - a) O que os seres humanos pintavam nas paredes das cavernas?
 - b) De acordo com o texto, com quais materiais eram feitas os pigmentos que eles usavam para fazer as pinturas rupestres?
 - c) Discuta com seus colegas: Os materiais usados hoje para fazer pinturas são os mesmos utilizados pelos seres humanos para pintar as paredes das cavernas há milhares de anos atrás?

TECENDO SABERES

As mudanças ocorridas durante o século XIX também se expressaram nas manifestações culturais e nas atividades de lazer da população.

A cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, que era a capital do Brasil, começou a abrigar óperas, concertos de piano, recitais de canto, além de espetáculos teatrais.

Embora os mais ricos desfrutassem nos salões os sons de gêneros musicais europeus, a maior parte da população – negros escravizados, mestiços e homens e mulheres livres e pobres – dançavam nas ruas e lundu e outros ritmos que misturavam elementos musicais de origem africana e portuguesa.

1 Cena de balé em uma sala de baile no Rio de Janeiro, século XIX. O príncipe Dom Pedro e sua esposa, a rainha Leopoldina, estão à direita. Ao fundo, outros convidados.

1 Dança folclórica de Joãozinho de Pernambuco. Sua dança é uma mistura de elementos africanos e portugueses. Ela é caracterizada por movimentos rápidos e saltos.

- 1 Observe as pessoas que aparecem nas imagens dessas páginas e escreva no caderno:
 - a) Quais diferenças podem ser notadas entre as roupas das pessoas representadas em cada uma das imagens?
 - b) Há diferença entre a postura das pessoas em cada imagem? Qual?
- 2 Procure em jornais e revistas uma foto de uma dança atual ou faça um desenho. Compare a imagem que você encontrou ou elaborou com as imagens dessas páginas. Depois, troque ideias com seus colegas e seu professor, escreva as diferenças ou diferenças entre as imagens que a classe encontrou e as imagens dessas páginas? Qual?
- 3 Ao tocar uma música, os músicos conseguem tocar juntos porque seguem o ritmo, que é a pulsação da música. Assim como acontece com a pulsação do nosso corpo, as vezes não percebemos a pulsação da música, mas ela está lá, presente o tempo todo.
 - a) Seu professor vai escolher uma música para vocês ouvirem. Com sua colega, encontrem a pulsação da música e batam com o pé para marcar as batidas.
 - b) Depois, contem quantas vezes batem o pé no intervalo de um minuto. Logo vai definir o andamento da composição musical. Qual é o andamento da música que vocês ouviram?
 - c) Então, contem suas batidas cardíacas, medindo no pulso ou pela lateral esquerda do pescoço, durante um minuto. Qual pulsação é mais rápida e de qual música ou de sua colega?

De olho na imagem

Você sabe que as imagens também são fontes históricas? Aprenda História por meio da leitura de imagens.

O QUE ESTUDAMOS

Eu escrevo e aprendo

As frases abaixo aparecem nos capítulos da unidade 3. Copie, embora de cada uma delas, outra frase sobre o que você mais gostou de aprender em cada capítulo.

Capítulo 5 - O uso da linguagem e a memória
Muitos povos preservam suas tradições e memórias transmitindo-as oralmente por meio de histórias que lembram as pessoas de alguma festa comemorada anualmente.

Capítulo 6 - A marca do tempo nas sociedades
No Brasil, uma pessoa é considerada indígena quando se declara como tal ou se identifica como membro de uma comunidade ou de um povo indígena.

Atividade prática: Jogo de palavras
Em cada capítulo da unidade, há uma atividade destinada para a Memória Cultural. Você também fez atividades com essas palavras para saber como usá-las quando precisar escrever um pequeno texto de História. Veja quais são essas palavras no quadro ao lado.

Atividade prática: Jogo de palavras
O que você aprendeu com essa atividade? Discuta com seus colegas. Em um quadro ou no caderno, escreva suas ideias e a importância de cada uma delas. O significado deve estar ligado ao que você aprendeu no capítulo.

Eu desenho e aprendo

Os desenhos abaixo representam assuntos importantes estudados em cada capítulo da unidade 3. Observe-os atentamente.

Capítulo 5
O uso da linguagem e a memória

Capítulo 6
A marca do tempo nas sociedades

Para preparar essas tintas, os artistas pré-históricos usavam o que a natureza lhes oferecia. As gravuras eram feitas com o apoio do movimento de água, a pátina de cores e lastreiros à guisa das pigmentos retirados da natureza para uso em tintas, óleos e outros. Alguns dos materiais usados para pintar as rochas foram minerais. [...] Eles aplicavam os pigmentos diretamente com os dedos ou com pinéis rudimentares, feitos com pedaço de madeira ou com fibras vegetais.

DEBATE: CURIOSIDADE. A Pré-História passou a parte do livro "Caminhos da Arte" (2014).

- 1 Agora é a sua vez! Para cada capítulo, faça um desenho do que você mais gostou ou achou importante estudar nessa unidade do livro. Se preferir, faça um colagem.

O que estudamos

É o encerramento da sua unidade de estudo. Nela você vai trabalhar a escrita, o desenho, o resumo dos temas estudados, além de ver sugestões de livros, filmes, músicas ou sites de pesquisa.

Hora de organizar o que estudamos

Sugestões de...

Livros

Histórias de índios: Daniel Munduruku, Companhia das Letrinhas.
Daniel Munduruku é um indígena que conhece muito sobre importantes sobre a organização e o modo de vida dos povos indígenas no presente. Nesse livro, ele apresenta um pouco da história indígena em uma linguagem muito clara e acessível.

O cotidiano brasileiro no século XIX: Hernani Donato, Malhotra.
O livro conta um pouco sobre o cotidiano das pessoas no Brasil durante o século XIX.

O livro do papel (o homem e a comunicação): Ruth Rocha e Otávio Roth, Malhotra.
A obra conta um pouco da história da comunicação escrita e o desenvolvimento da humanidade ao longo do tempo.

Sítio

Parque Memorial Quilombo dos Palmares. Disponível em: <http://www.parquememorialpalmares.gov.br/>.

Filme

Diáspora Quilombola. David Revilla, 2012, 13 minutos.
O filme mostra o processo de uma comunidade quilombola com o mundo com o tempo que vive em um morro na cidade de Vitória, no estado do Espírito Santo. Essa forma é possível conhecer um pouco mais o cotidiano desses dois grupos sociais.

Para você refletir e conversar

- De qual assunto você gostou mais nessa unidade?
- Você teve dificuldade para entender alguma atividade ou alguma explicação?
- Escolha a imagem de que você mais gostou nessa unidade. Conte a sua colega o motivo de sua escolha.

PROJETO 2

patrimônio cultural brasileiro

Construções, danças, técnicas de artesanato, estilos musicais, recursos naturais, tradições, festas... tudo isso pode ser entendido como parte do patrimônio cultural de um povo. No Brasil, muitos desses patrimônios são passados de geração em geração e estão presentes no cotidiano da nossa gente.

Nos dois últimos capítulos deste livro, você conheceu alguns exemplos de patrimônios culturais brasileiros. Agora é a vez de conhecer mais algumas manifestações populares de nossa cultura que também são patrimônios históricos.

- 1 Forme um grupo com mais três colegas. Juntos, procurem e anotem:
 - um patrimônio material brasileiro de seu estado, se houver;
 - um patrimônio material brasileiro de outro estado;
 - patrimônios materiais do Brasil:
 - uma dança
 - um tipo de comida
 - um artesanato
 - um patrimônio de sua cidade ou região, material ou imaterial.
- 2 Elaborem um cartaz com o resultado da pesquisa, ilustrando-o com desenhos, recortes de jornal ou revista, cartões-postais ou outras coisas que acharem adequadas.
- 3 No dia marcado pelo professor, levem o trabalho para a classe e montem, com os outros grupos, um painel na sala de aula.
- 4 Em uma roda de conversa troquem ideias com seu professor e os colegas sobre o projeto realizado.
 - Foi fácil ou difícil encontrar os itens pedidos?
 - Que material vocês consultaram para obter os dados da pesquisa? Quem foram os entrevistados?
 - Alguns dos itens pedidos não foi encontrado? Qual?

Projetos

No final do volume, há duas propostas para você trabalhar em equipe, investigar e pesquisar.



SUMÁRIO

Unidade 1 Os povos e as culturas8

Capítulo 1
A formação dos primeiros povos10

- Os seres humanos vieram da África11
- De olho na imagem**16
- Organizar-se para viver bem21

Capítulo 2
Povos e religiões28

- A religião e a cultura29
- Tecendo saberes**32
- Tradições religiosas e culturais38
- O que estudamos**46

Unidade 2 A formação da cidadania50

Capítulo 3
Respeitar quem é diferente52

- A diversidade cultural53
- Tecendo saberes**62
- Os princípios do respeito aos outros64

Capítulo 4
Lutar pela cidadania70

- Os direitos e os deveres71
- A conquista dos direitos no Brasil79
- O que estudamos**88

Danilo Souza/Arquivo da editora





Unidade
3 **Cultura e transmissão de saberes92**

Capítulo 5
O uso da linguagem e a memória... 94
Comunicar-se pela linguagem..... 95
A escrita e os registros da História..... 99
De olho na imagem..... 102
Tradições orais e memória..... 105

Capítulo 6
A marca do tempo nas sociedades 110
O cotidiano se transforma..... 111
Tecendo saberes..... 114
Os grupos sociais e o direito à memória..... 119
O que estudamos..... 126

Unidade
4 **Patrimônio, história e memória130**

Capítulo 7
Patrimônio histórico e cultural 132
Patrimônios materiais..... 133
Patrimônios imateriais..... 142
Tecendo saberes..... 148
Patrimônios naturais..... 150

Capítulo 8
Mudanças e permanências no patrimônio histórico 152
O que era patrimônio histórico na Antiguidade?..... 153
Cada patrimônio tem sua história..... 162
Há sempre novos patrimônios?..... 166
O que estudamos..... 168
Projeto 1 172
Projeto 2..... 173
Glossário..... 174
Bibliografia..... 176

Danielle Souza/Arquivo da editora



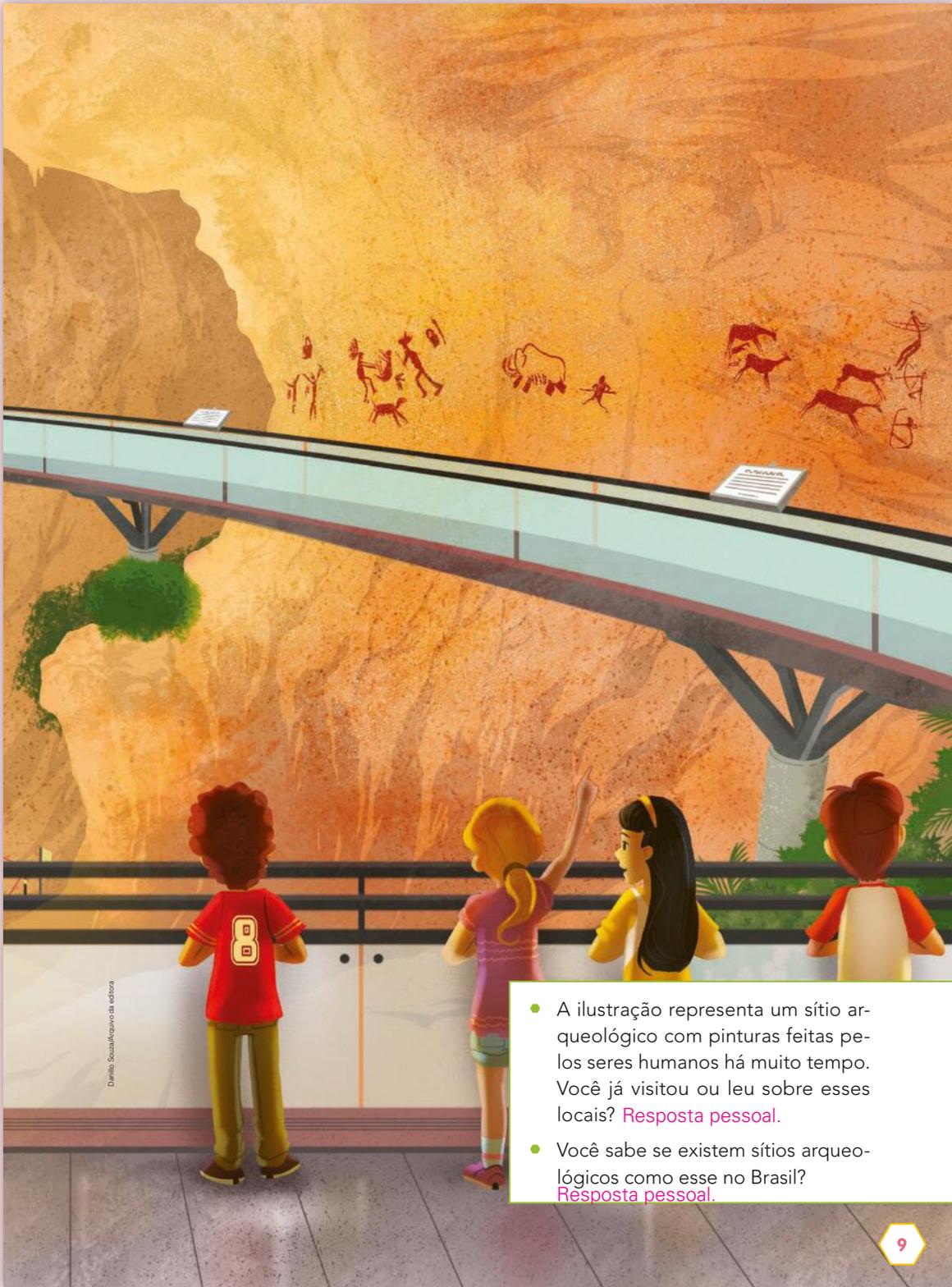
Objetivos desta unidade

1. Apreender as condições essenciais para a formação dos povos e suas formas de organização social e política.
2. Analisar o papel das religiões e da cultura para a formação dos povos.
3. Analisar o papel das religiões e da cultura de diversos grupos étnicos para a formação do povo brasileiro.

Este volume visa tratar os povos e as culturas. Ao estudar a formação de povos e culturas de outros tempos e lugares, espera-se que os alunos reconheçam aspectos dos grupos sociais em que vivem e o lugar que ocupam no mundo. Ao mesmo tempo, espera-se que apreendam as condições essenciais para a cidadania, compreendendo como se desenvolvem as organizações sociais e políticas, e reconheçam o papel das religiões e da cultura para a formação dos povos, incluindo a do povo brasileiro.



Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.



Daniel Souza/Arquivo da editora

- A ilustração representa um sítio arqueológico com pinturas feitas pelos seres humanos há muito tempo. Você já visitou ou leu sobre esses locais? **Resposta pessoal.**
- Você sabe se existem sítios arqueológicos como esse no Brasil? **Resposta pessoal.**

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Comentário para abertura de unidade

Nesta unidade, os alunos são incentivados a reconhecer aspectos fundamentais para o desenvolvimento da humanidade — sua expansão pelos continentes, a formação dos primeiros povos, o sedentarismo e a origem das cidades —, levando-os a se identificar com o seu grupo social e a adquirir valores de cidadania e noções de organização social e política.

A ilustração mostra crianças observando pinturas rupestres em um sítio arqueológico, reportando-se a um dos primeiros assuntos da unidade, que aborda as origens do ser humano na Terra. As questões incentivam os alunos a pensar sobre isso, quando os convidam a dizer se já visitaram um sítio arqueológico ou se já ouviram falar de algum.

Objetivos do capítulo

1. Analisar diferentes experiências de ocupação do espaço por povos ao longo do tempo.
2. Identificar o papel do processo de sedentarização de grupos humanos na formação das sociedades.
3. Refletir sobre o papel do governo e do Estado na organização das sociedades humanas ao longo do tempo.
4. Refletir sobre a importância da participação política na organização das sociedades humanas.

Objetivos do Para iniciar

1. Despertar o interesse dos alunos pelos temas levantando os conhecimentos prévios da classe.
2. Proporcionar maior sociabilidade.
3. Desenvolver a capacidade de se expressar e ouvir.
4. Desenvolver o respeito às outras opiniões e ao trabalho coletivo.

Para iniciar

Atividade 2

Espera-se que os alunos respondam que a agricultura é importante para a alimentação dos seres humanos e também para fornecer produtos para a indústria.



A formação dos primeiros povos

O domínio da agricultura foi um marco para a história da humanidade. Essa técnica permitiu aos seres humanos planejar a produção de alimentos e deu origem às primeiras cidades. Esse processo ocorreu há mais de 10 milênios.

Ainda hoje, a agricultura é muito importante para os seres humanos. Leia a letra da canção a seguir sobre o tema.

milênio:
cada milênio corresponde a mil anos.

Terra molhada

Areia a terra arrumei o meu roçado
Deixei o chão preparado pra plantar
e pra colher
Vivo torcendo pra que as nuvens
alimentem
Toda sede da semente, tô rezando pra
chover.

[...]

Vai chover, vai chover,
Sopro de brisa anuncia a chuva mansa
no sertão
Neste ano o que eu plantar vou colher
Não vai faltar o pão, não vai faltar
o pão.

JOSELITO; VICTOR, José. Terra molhada.
Intérpretes: Lourenço e Lourival.
In: **Terra molhada**. São Paulo:
RGE, 1998. 1 CD. Faixa 10.



▶ Trabalhadores rurais na Fazenda do Engenho, que pertence ao Santuário Natural da Caraça, Santa Bárbara, no estado de Minas Gerais. Foto de 2014.

Para iniciar >>

- 1 Atualmente, a maior parte dos alimentos vem do campo. Como você se alimentaria se a agricultura não fosse conhecida? **Resposta pessoal.**
- 2 Converse com seus colegas e com seu professor sobre a importância da agricultura para as sociedades humanas. **Resposta pessoal.**

10 UNIDADE 1 >

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetos de conhecimento	Habilidades
O que forma um povo: do nomadismo aos primeiros povos sedentarizados	BNCC EF05HI01 Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.
As formas de organização social e política: a noção de Estado	BNCC EF05HI02 Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

Os seres humanos vieram da África

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), há 193 países no mundo atualmente. Alguns desses países são muito grandes, como a Rússia, e outros são menores, como a Croácia. Em alguns países, a população fala muitas línguas, como ocorre no Níger. Em outros, há uma língua que predomina, como no Brasil.

Assim como os países, também são muitos os povos do mundo. Um povo pode viver somente em um país ou espalhado pelo território de dois ou até mais países, como os curdos, povo espalhado por Turquia, Irã, Iraque e Síria. Na China, por exemplo, vivem vários povos, mas todos eles têm a nacionalidade chinesa.

Muitas pessoas saem do país em que nasceram e migram para outro. Nesse novo lugar geralmente conhecem uma nova cultura, aprendem uma nova língua e convivem com outro povo. Elas também podem adquirir a nacionalidade do novo país, como muitos estrangeiros que vieram morar no Brasil e que hoje possuem nacionalidade brasileira.

A definição das palavras destacadas está no Glossário, página 174.



Curdos festejando durante a celebração de Newroz, festival que marca o início da primavera, em Diyarbakir, Turquia, 2017.

1 Podemos dizer que há somente um povo no Brasil? Por quê?

Não, pois moram no Brasil centenas de povos indígenas. Embora sejam de povos diferentes, também fazem parte da população do país e possuem a nacionalidade brasileira.

2 Você conhece alguém que deixou o Brasil para ir morar em outro país?

Resposta pessoal.

CAPÍTULO 1 11

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetos de conhecimento	Habilidades
Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas	BNCC EF05HI04 Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.
	BNCC EF05HI05 Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.

A BNCC nas páginas 11 a 13

Estas páginas abordam a divisão política do mundo atual, com seus países, povos e diferentes culturas, bem como as migrações pelo mundo e o encontro de culturas diversas, levando os alunos a partirem do momento presente para o estudo dos primeiros grupos humanos e da formação dos primeiros povos. As páginas 12 e 13 abordam a origem do ser humano no continente africano, as migrações através dos tempos, culminando na ocupação de todos os continentes, bem como a prática do nomadismo. Assim, inicia-se o trabalho com as habilidades **EF05HI01** e **EF05HI04** da BNCC.

Orientações didáticas

Não há acordo entre os especialistas sobre o papel do território para a constituição de uma nação ou de um povo.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), existem 193 países no mundo. Alguns Estados não estão nessa lista, como Taiwan, cuja independência não é reconhecida pela China; o Vaticano e a Palestina, que, apesar de ficarem de fora do cadastro da ONU, são considerados “observadores permanentes” da entidade, status que dá direito a voto nas conferências da organização. Além disso, a ONU não contabiliza possessões e territórios. Leia mais sobre esse assunto em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/geografia/quantos-paises-existem-atualmente>>. Acesso em: 28 maio 2017.

Dê exemplos aos alunos de outros países com diferentes povos e culturas: Índia, Rússia, Egito, entre outros.

Atividade 1

Explore a situação com os alunos. Muitos brasileiros são descendentes de imigrantes que se naturalizaram brasileiros. Trabalhe os diferentes sobrenomes “estrangeiros” de brasileiros, incluindo os de personalidades dos meios político, cultural, econômico e esportivo do país.

Lembre os alunos dos 305 povos indígenas, segundo dados do Censo demográfico de 2010, que também fazem parte da população brasileira.

Orientações didáticas

O conceito de nomadismo é muito importante. A permanência de um povo nômade em uma região está ligada à capacidade de extração de alimentos da natureza. Por isso, eles não se preocupam com a construção de habitações que durem muitos anos. Explique que a maior parte das pessoas no planeta não tem mais esse estilo de vida, mas que ainda há povos nômades como beduínos da África e do Oriente Médio, algumas sociedades indígenas da América (como os Awá-Guajá no noroeste do Maranhão), grupos de ciganos e os povos de Song-Kul na Quirguízia. Esses grupos formam diferentes povos. Um acontecimento importante para a celebração da cultura nômade são os Jogos Mundiais dos Povos Nômades.

Atividade 2

Essas práticas, ainda hoje realizadas, evidenciam a diversidade cultural dos grupos humanos e mostram como as atividades desenvolvidas pelos primeiros grupos são importantes para a vida humana até o presente.

Texto complementar

O conceito de povo utilizado nesta coleção é o da antropóloga Sylvia Caiuby Novaes.

O conceito de povo implica, em primeiro lugar, um agrupamento de pessoas que se reúnem em função das várias afinidades que mantêm entre si. Povo não quer dizer, em nenhum dos significados que aparecem nos dicionários, uma organização formal ou poderes formalmente constituídos. Designa muito mais um compartilhar de uma história, de uma mesma língua, de hábitos e tradições comuns, como é o caso dos vários povos que emigraram para o Brasil – japoneses, judeus, etc. As outras acepções de povo nos transmitem a ideia de um conjunto de pessoas que, por uma eventualidade, estão reunidas – por morarem no mesmo local ou então por serem igualmente destituídas de reconhecimento social.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Nações indígenas. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, v. 2., n. 2, São Paulo, 1985. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451985000300006>. Acesso em: 9 jan. 2018.

Embora a divisão do mundo em países seja familiar para a maior parte das pessoas no planeta, é um acontecimento recente na história da humanidade. Por milhares de anos, os países não existiram.

Especialistas afirmam que os primeiros seres humanos surgiram há cerca de 200 mil anos na África. Eles não tinham um território fixo e se mudavam constantemente, ou seja, eram **nômades**. Esses povos:

- viviam da caça, da pesca e da coleta de vegetais;
- partiam para novas terras em busca de alimentos ou de segurança quando eram ameaçados por outros grupos humanos;
- fabricavam instrumentos com materiais retirados da natureza e os usavam para caçar, preparar a comida, coletar produtos e lutar contra inimigos;
- moravam em cavernas ou em moradias feitas de peles, palha, madeiras, entre outros.



► Ainda há muitos povos nômades no mundo. O povo San, que vive nos territórios da Namíbia, Botsuana e África do Sul, é um deles. Mulher dança em festividade tradicional San em Botsuana. Foto de 2015.

1 Com a ajuda de seu professor e de seus colegas, pesquise sobre o modo de vida de outros povos nômades da atualidade. Depois, conversem sobre as principais descobertas.

2 Quais atividades realizadas pelos primeiros povos nômades ainda são feitas em nossos dias? **Todas as atividades feitas pelos primeiros povos nômades, como a fabricação de instrumentos, a caça, a pesca e a coleta, o uso do fogo, entre outras.**

12 UNIDADE 1 ►

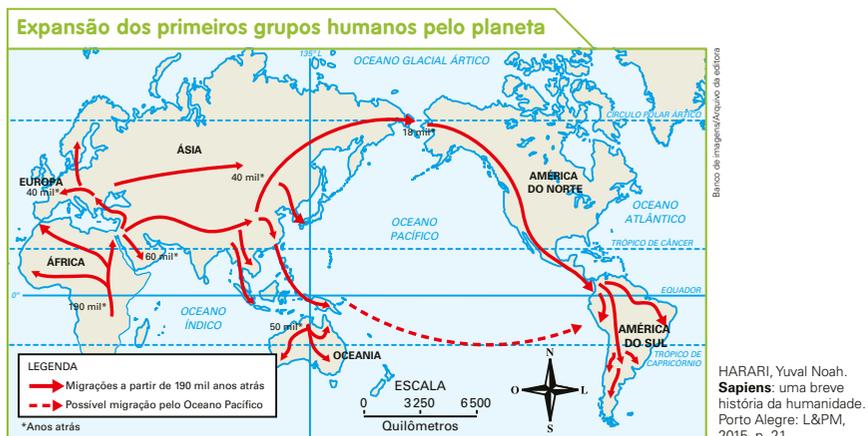
Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Pensar histórico

É importante compreender que os seres humanos migraram do continente africano para todos os outros continentes e que diferentes povos e culturas se formaram, com maneiras diversas de viver, de pensar e de trabalhar, além de outros aspectos que perduram até hoje.

Os primeiros grupos humanos nômades foram se espalhando da África para outras regiões do planeta. Acredita-se que esse processo começou 70 mil anos atrás e durou mais de 50 mil anos.

Observe no mapa abaixo as migrações que eles fizeram para a Europa, a Ásia e a América.



- 1 Você já tinha visto um mapa como esse? Qual é a principal informação que ele apresenta? **Resposta pessoal. A principal informação que ele apresenta é a maneira como os primeiros grupos humanos se deslocaram pelo planeta.**
- 2 Converse com seu professor e com seus colegas sobre o percurso das migrações dos primeiros seres humanos.

Desafio

Para registrar acontecimentos que ocorreram há vários milênios, os historiadores e outros especialistas costumam dizer que eles ocorreram tantos anos atrás ou há tantos anos antes de Cristo.

- 1 Nosso tempo atual é contado a partir do nascimento de Cristo. Em que ano depois de Cristo você nasceu? **Resposta pessoal.**
- 2 Com a ajuda de seu professor, faça uma linha do tempo que comece na provável origem do ser humano na África e termine no ano de 2025. Marque os seguintes acontecimentos: quando os seres humanos chegaram à Ásia e à Europa; o ano 1, considerado o início do calendário cristão; a data do seu aniversário. As datas antes do nascimento de Cristo deverão ser acompanhadas da sigla **a.C.** e as depois do nascimento de Cristo, da sigla **d.C.**

Atividade complementar

É possível utilizar as atividades da seção Desafio para explorar noções de temporalidade com os alunos, como: ordenação, sucessão, duração e simultaneidade. Para isso, sugerimos destacar alguns marcos próximos da experiência dos alunos (o ano em que estamos e o ano em que eles nasceram, por exemplo) e também marcos distantes, porém já conhecidos por eles, como o nascimento de Cristo (ano 1), o surgimento dos primeiros seres humanos (por volta de 200 mil anos atrás) e sua expansão para todos os continentes, trabalhando em conjunto com o mapa da página. Essa representação visual pode ajudar o aluno a criar uma dimensão de longa e média duração dos processos históricos e a situar melhor alguns marcos importantes da história da humanidade no tempo.

Orientações didáticas

Enfatizar que o processo de deslocamento dos seres humanos pelo planeta demorou milhares de anos. Não existiam meios modernos de transporte; os seres humanos precisavam caminhar, utilizar animais e embarcações simples para ir de um ponto a outro.

Atividade 2

Trabalhe essa questão com o planisfério político. Na época das primeiras migrações não havia a divisão do mundo em países, mas pode-se perguntar aos alunos por quais regiões eles teriam andado se a migração ocorresse nos dias de hoje e fosse feita a pé.

Pergunte também qual meio de transporte eles usariam hoje para fazer grandes migrações como as indicadas no mapa. Compare os meios de locomoção dos primórdios da humanidade com os de alguns séculos atrás, quando a principal força de tração dos veículos era animal ou o vento (naus e caravelas), e com os dos tempos atuais (baseados na eletricidade e em combustíveis). Compare velocidade e outros recursos tecnológicos desses meios de locomoção.

Desafio

A linha do tempo é uma forma de representar acontecimentos históricos, tanto do passado como do presente, organizados cronologicamente, ou seja, em função da sua ocorrência ao longo do tempo.

A linha do tempo costuma ser apresentada horizontalmente, em que cada unidade de distância representa determinado período de tempo. Esse período pode ser contado em milênios, em séculos, em décadas, em anos, em meses e até em dias, conforme o que se deseja apresentar. Por exemplo, para mostrar a evolução dos seres humanos no planeta usamos milênios e para representar a vida de uma pessoa usamos anos.

A BNCC nas páginas 14 e 15

Estas páginas relacionam deslocamento de populações à formação dos primeiros povos com diferentes culturas. Além disso, trata das pinturas rupestres, levando os alunos a reconhecerem-nas como uma das primeiras expressões artísticas do ser humano, que ilustrava e comunicava as atividades daqueles povos. Desse modo, os alunos trabalham a habilidade **EF05HI01** da BNCC.

Orientações didáticas

É importante destacar que, ao longo do tempo, os grupos humanos foram se diferenciando entre si. As sociedades que se formaram na América, por exemplo, criaram hábitos e valores culturais diferentes das sociedades que se formaram na África. Isso possibilitou a diferenciação cultural dos grupos humanos, dando origem a povos com características próprias e diferentes uns dos outros. Posteriormente, povos diferentes se encontraram e passaram a realizar trocas culturais, o que também possibilitou o surgimento de novos povos, como é o caso do povo brasileiro. Esse é o resultado do encontro de muitos povos com características diferentes ao longo do tempo.

Atividade

Caso os alunos sintam dificuldade em encontrar a resposta, procure com eles em um mapa-múndi onde se localiza a Groenlândia e questione-os sobre como deve ser o clima nesse lugar.

Minha coleção de palavras de História

Aqui se iniciam as atividades com as palavras da **Minha coleção de palavras de História**. Em cada capítulo há uma atividade com uma dessas palavras, duas por unidade. No final desta unidade, em **O que estudamos**, as duas palavras serão retomadas.

Discuta com os alunos sobre o significado da palavra **povo** para eles. O povo, como conjunto de indivíduos com características socioculturais semelhantes, deve ser distinguido do conceito de país. Caso haja esse tipo de comentário, lembre com os alunos que os países podem ter vários povos.

Leia mais sobre a **Minha coleção de palavras de História** na página XXII das Orientações gerais.

No período de deslocamento das populações pelo planeta, os grupos humanos foram se distanciando uns dos outros, resultando em povos diferentes, com culturas próprias.

Ao longo de milhares de anos, formaram-se sociedades muito diferentes na América, na África, na Europa, na Ásia e na Oceania.



► Casal inuíte, povo que habita a região de Nanortalik, na Groenlândia, vestindo roupas tradicionais. Foto de 2016.

- Discuta com seus colegas: por que as pessoas retratadas na foto acima se vestem de forma diferente dos povos indígenas do território brasileiro?
Uma possível explicação é a acentuada diferença climática das regiões que esses povos ocupam. A cultura também é importante para explicar essa diferença.

Minha coleção de palavras de História

Você deve ter notado a presença de uma expressão bem importante nesta página. Essa expressão é bastante usada por historiadores e estudiosos:

POVO

- Discuta com seus colegas o que vocês conhecem a respeito dos povos que vivem no Brasil e escreva abaixo uma frase sobre eles.

Os alunos podem responder que os povos do Brasil são formados por diferentes grupos, principalmente os de origem indígena, europeia e africana. São de maioria católica e falam português, além de outras línguas indígenas.

14 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Durante o processo de expansão pelo planeta, os grupos humanos desenvolveram técnicas para desenhar imagens nas paredes de cavernas e rochas. Esses desenhos são chamados de **pinturas rupestres**, considerados uma das expressões artísticas mais antigas dos seres humanos.

Muitas dessas pinturas se conservaram até os dias de hoje e são encontradas em sítios arqueológicos pelo mundo. Esses locais são muito importantes para o estudo do modo de vida desses grupos.

Ao estudar essas pinturas, podemos conhecer algumas atividades realizadas pelos primeiros seres humanos, como a prática da caça. Os pesquisadores acreditam que essas pinturas sejam também os primeiros sinais de crenças religiosas dos seres humanos.

Algumas das pinturas rupestres mais antigas datam de cerca de 20 mil ou 30 mil anos atrás. No Parque da Serra da Capivara, no estado do Piauí, por exemplo, há pinturas que foram criadas há aproximadamente 25 mil anos e, antes de serem estudadas, já eram conhecidas pela população local.

Iderlan Souza nasceu em uma comunidade de 54 famílias, emoldurada por paredões estampados por figuras ocre, desenhadas por homens que viveram há pelo menos 20 mil anos onde hoje é o Piauí. Quando criança, ouvia a mãe, a agricultora Olímpia de Souza Miranda, contar que índios muito antigos tinham feito pinturas naquelas rochas. Mas foi só aos 18 anos que ele entrou, pela primeira vez, em um sítio arqueológico do Parque Nacional da Serra da Capivara.



Recebi Mafra/Arquivo da editora

OLIVETO, Paola. Serra da Capivara tem registros de megafauna, diz pesquisador.

Correio Braziliense, 20 fev. 2017. Disponível em: <www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2017/02/19/interna_ciencia_saude,574885/serra-da-capivara-tem-registros-de-megafauna-diz-pesquisador.shtml>. Acesso em: 20 nov. 2017.

- 1 Existem muitas explicações para o significado das pinturas rupestres. Qual você acha que é a mais provável? Discuta com os colegas.
Resposta pessoal.
- 2 Pesquise alguns exemplos de pintura rupestre e faça, no caderno, uma ilustração que tente reproduzir um desses exemplos. **Resposta pessoal.**

» CAPÍTULO 1 15

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Explique aos alunos que o Brasil tinha sociedades complexas muito antes da chegada dos europeus. Leia o texto a seguir.

A cerâmica: uma história antiga

Os antigos habitantes da região amazônica chegaram há pelo menos 10 mil anos, possibilitando o surgimento das primeiras aldeias. Embora os portugueses e espanhóis já tivessem explorado a região

desde o século XVI, os arqueólogos só descobriram a Amazônia no século XIX. E as surpresas foram muitas.

Nas zonas ribeirinhas existiam colinas artificiais, formadas pelo longo tempo de ocupação.

[...]

Alguns arqueólogos acreditam que, ali, no meio da floresta Amazônica, a cerâmica tenha sido inventada ao mesmo tempo que em outras partes da Terra e é das mais antigas do mundo.

FUNARI, Pedro Paulo. *Os antigos habitantes do Brasil*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2000. p. 21.

Objetivos da seção De olho na imagem

O objetivo desta seção é introduzir noções de análise e interpretação de documentos históricos visuais aos alunos. Analisar e interpretar as imagens, sua relação com o tempo e o espaço e as relações sociais que as geraram é fundamental para o exercício de construção do saber histórico.

A BNCC nesta seção

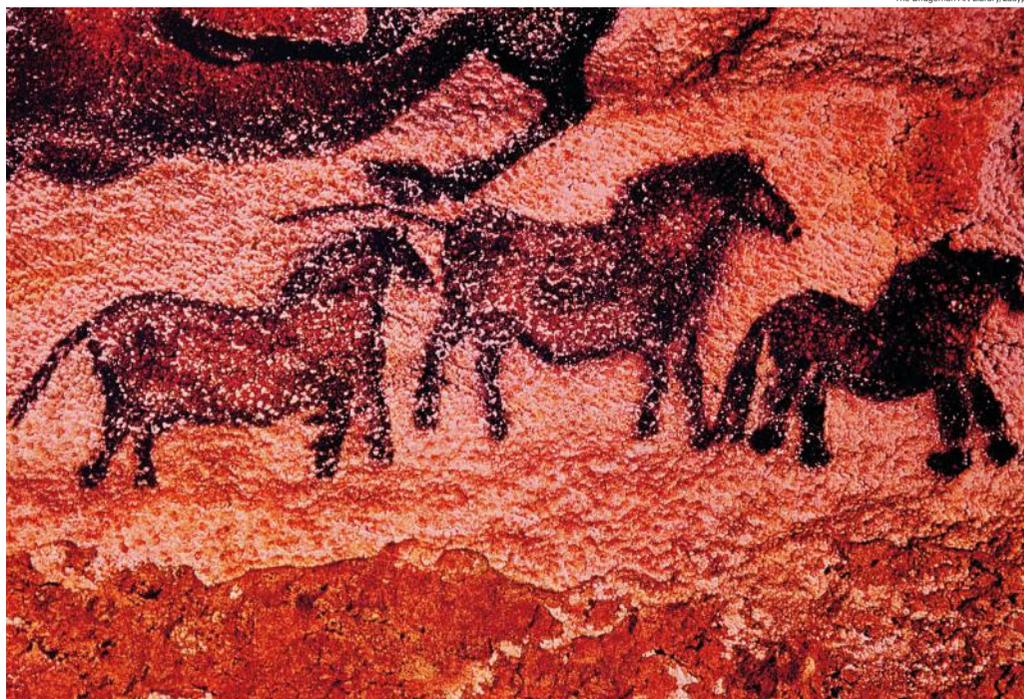
Esta seção apresenta como se deu a descoberta das pinturas rupestres de Lascaux, como esses registros eram feitos e aprofunda o trabalho com a habilidade **EF05HI01** da BNCC.

DE OLHO NA IMAGEM

Em 12 de setembro de 1940, quatro jovens franceses perseguiram o cão de um deles e, ao entrar em uma caverna, descobriram um sítio arqueológico muito importante. As paredes da caverna estavam cobertas por pinturas representando animais que não existiam mais naquela região: cavalos selvagens, cervos, bisões e touros selvagens.

Os jovens avisaram o professor Léon Laval que, com a ajuda do arqueólogo Henri Breuil, confirmou que as imagens na caverna eram pinturas rupestres. Pesquisadores acreditam que as pinturas datam de, aproximadamente, 17 mil anos atrás e foram feitas por seres humanos muito hábeis.

As pinturas rupestres de Lascaux foram produzidas no período em que aqueles seres humanos eram nômades e ajudam a entender o modo como eles se organizavam e conseguiam seus alimentos.



► Pintura rupestre de cavalos selvagens em parede de caverna, cerca de 17 mil anos atrás, em Lascaux, França.

16

UNIDADE 1 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Pesquise no portal do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) se há algum sítio arqueológico no município ou estado em que se situa a escola. Procure localizá-lo em um mapa e obtenha informações sobre ele. Caso seja possível, programe uma visita ao local com os alunos e outros professores, funcionários da escola ou familiares.

Se possível, compartilhe e discuta com os alunos o texto a seguir, que trata dos bens arqueológicos tombados no Brasil.

Bens arqueológicos tombados no Brasil

O Brasil possui 18 bens arqueológicos tombados em todo o território, sendo 11 sítios, e seis coleções arqueológicas localizadas em museus. O país reconhece a importância dos bens arqueológicos como elementos representantes dos grupos humanos responsáveis pela formação identitária da sociedade brasileira. Isto está explícito na legislação que protege como bem da União todo achado arqueológico e estabelece que qualquer nova descoberta deve ser imediatamente comunicada às Superintendências do Iphan ou diretamente ao Instituto. Por

Análises feitas em laboratório mostram que os pintores desse período preparavam suas tintas com pigmentos feitos de materiais retirados da natureza. Leia a seguir.

Como eles faziam?

Para executar suas obras, os artistas pré-históricos usavam o que a natureza lhes oferecia. As gravuras eram feitas com a ajuda de instrumentos de pedra. A paleta de cores se limitava à gama dos pigmentos minerais: **ocre** para vermelhos, amarelos e marrons; **óxido de manganês** para pretos e os marrons bem escuros. [...] Eles aplicavam os pigmentos diretamente com os dedos ou com pincéis rudimentares, feitos com pelos de animais ou com fibras vegetais.

● **pigmento:** cor.

● **ocre:** tipo de solo que pode ter a cor vermelha, amarela ou marrom.

● **óxido de manganês:** substância encontrada na natureza na forma de um cristal escuro.

SWINNEN, Colette. **A Pré-História passo a passo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 63.

1 Como ocorreu a descoberta da caverna de Lascaux na França?

A caverna foi descoberta por acaso, quando quatro jovens entraram nela atrás de um cachorro perdido.

2 Responda às questões a seguir com base na imagem da pintura rupestre e no texto acima.

a) O que os seres humanos pintavam nas paredes das cavernas?

Principalmente animais e cenas de caça.

b) De acordo com o texto, com quais materiais eram feitos os pigmentos que eles usavam para fazer as pinturas rupestres? Os grupos humanos pré-históricos usavam pigmentos obtidos da natureza, principalmente de origem vegetal e mineral. As cores vermelha, amarela e marrom eram obtidas do ocre. O óxido de manganês era usado para obter o preto e o marrom-escuro.

c) Pesquise: os materiais usados hoje para fazer pinturas são os mesmos utilizados pelos seres humanos para pintar as paredes das cavernas milênios de anos atrás?

Não. Em nossos dias, ainda há pigmentos retirados da natureza, mas há também os pigmentos sintéticos, fabricados em indústrias.

meio dos bens arqueológicos é possível identificar conhecimentos e tecnologias que indicam anos de adaptação humana ao ambiente, além da produção de saberes tradicionais brasileiros. O patrimônio arqueológico do Brasil está sob proteção legal desde 1937, com o Decreto-Lei nº 25. No entanto, em 1961, a Lei Federal nº 3 924, de 26 de julho de 1961 estabeleceu proteção específica e, em 1988, a Constituição Brasileira também reconheceu os bens

arqueológicos como patrimônios da União, incluindo-os no conjunto do Patrimônio Cultural Brasileiro. Desta forma, a destruição, mutilação e inutilização física do patrimônio cultural são infrações puníveis por lei. [...]

CENTRO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (CNA). *Bens arqueológicos tombados*. IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/cna/pagina/detalhes/895>>. Acesso em: 4 set. 2017.

Atividade 2

c) Espera-se que os alunos respondam que hoje as tintas e outros materiais para pintar (pincéis, diluentes, solventes, etc.) são comprados nas lojas. Explique para os alunos que, atualmente, a maior parte das tintas é sintética, isto é, não é extraída diretamente da natureza, e sim obtida por meio de processos químicos na indústria.

A BNCC nas páginas 18 e 19

Nestas páginas os alunos são estimulados a reconhecer a importância do domínio da agricultura e a domesticação de animais para o sedentarismo e o surgimento das primeiras aglomerações humanas, identificando aspectos da formação dos povos e das diferentes culturas e sua relação com o espaço geográfico, contemplando a habilidade **EF05HI01** da BNCC.

Orientações didáticas

Há especialistas que datam o início da agricultura em 9000 a.C.

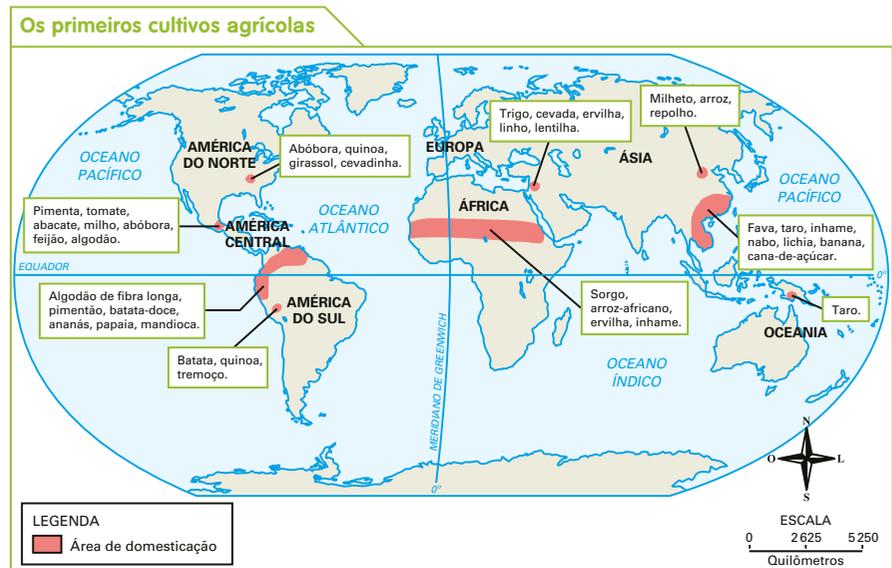
Os egípcios foram um dos povos que dominaram a agricultura na Antiguidade. Além deles, muitos outros também fizeram isso em épocas próximas, inclusive em outros continentes do planeta (como a América, a Ásia, a Europa e a Oceania).

Atividade 2

Muitos dos alimentos representados no mapa fazem parte da dieta dos brasileiros, como o tomate, a batata, o trigo, o arroz e a banana. Além disso, o mapa mostra também o algodão, que é um importante gênero agrícola para a produção de objetos variados.

Com o passar do tempo, alguns dos povos nômades aprenderam a cultivar cereais e frutas, além de domesticar animais para produzir alimentos e ajudar nos trabalhos agrícolas. Entre os anos 12000 a.C. e 9000 a.C., na parte ocidental da Ásia, muitos seres humanos já sabiam praticar a agricultura e a pecuária.

Como não precisavam mais se locomover em busca de alimentos, alguns povos abandonaram o estilo de vida nômade. A agricultura e a pecuária fizeram com que eles se tornassem, pouco a pouco, **sedentários**.



MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das agriculturas no mundo: do Neolítico à crise contemporânea.** São Paulo: Ed. da Unesp; Brasília: Nead, 2010. p. 99.

► O mapa mostra as regiões do mundo onde alguns alimentos que consumimos hoje foram domesticados.

1 É possível dizer que os seres humanos aprenderam a cultivar os mesmos alimentos em todos os continentes? Por quê?

Não. Os povos que viviam em diferentes continentes cultivaram alimentos diversos.

2 Quais dos alimentos representados no mapa você já experimentou?

Resposta pessoal.

18 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Quando os portugueses chegaram ao atual território do Brasil, muitos povos indígenas da Amazônia já haviam domesticado certas plantas nativas da região, como a mandioca. Leia o texto a seguir.

Domesticação agrícola na Amazônia

[...] Em artigo publicado em 2010, Charles R. Clement, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, estimou em 138 o número

de plantas amazônicas sob algum grau de domesticação à época da chegada dos europeus nas Américas. Naquele período, uma das plantas mais importantes na dieta das populações indígenas era a mandioca. Entre as palmeiras, o fruto da pupunha, extremamente rico em óleos e amido, é o que mais se destacava [...].

Há cerca de 6 500 a.C., tanto a mandioca quanto o amendoim e a pimenta *C. chinense* já haviam sido domesticados. Com relação à pupunha, estudos genéticos e morfológicos sugerem que suas populações já estavam sendo alteradas pelos humanos há pelo menos 10 mil anos.

Plantas e animais domesticados em uma região foram pouco a pouco sendo levados para outras partes do planeta e ali cultivados. Foi assim que, séculos depois, alimentos originários da Europa começaram a ser cultivados na América, e alimentos americanos foram levados para a Europa e outros continentes.

Pesquise

Muitos vegetais cultivados no Brasil não são originários da América do Sul.

- 1 Com um colega, pesquisem em livros, revistas, dicionários e na internet sobre a origem dos seguintes alimentos ou produtos agrícolas:

algodão: América Central

arroz: Leste Asiático, África

banana: Sudoeste Asiático

café: África

cana-de-açúcar: Sudoeste Asiático

feijão: América do Sul

goiaba: América Central, América do Sul

laranja: Ásia

manga: Sul da Ásia

milho: América Central

pimenta: América Central

trigo (para o pão): Oriente Médio

- 2 Pesquisem também a origem de animais usados nos trabalhos agrícolas ou como alimento:

boi: Oriente Médio

cavalo: Ásia Central

galinha: Leste Asiático

porco: Oriente Médio

- 3 No final, converse com seus colegas sobre as informações encontradas.

Já o abacaxi, também originário da Amazônia, tem sua domesticação estimada em pelo menos 4 000 a.C. Outro produto com origem neste bioma é o guaraná, domesticado pelos índios sateré-maués entre o baixo rio Tapajós e o baixo rio Madeira.

[...]

Um caso que parece ter sido especial é o do cacau. Embora seja uma espécie nativa da região, ela provavelmente foi domesticada na América Central, pelos povos maia ou zapoteca, por volta de 4 000 a.C. Por fim, temos o que parece ter sido o único animal domesticado na

Amazônia, o pato-do-mato ou pato-almiscarado. Nesse caso, pesquisas ainda estão em fase muito incipiente no que se refere à antiguidade e à localização desse evento.

PRADO, Helbert Medeiros; MURRIETA, Rui Sérgio Sereni. Presentes do passado. *Ciência Hoje*, n. 326, 16 jun. 2015. Disponível em: <www.cienciahoje.org.br/revista/materia/id/957/n/presentes_do_passado>. Acesso em: 4 set. 2017.

Pesquise

A proposta da pesquisa é estimular a reflexão sobre trocas culturais ocorridas ao longo do tempo, levando a constatar que até o que consideramos mais típico em nossa alimentação tem uma história e foi resultado de ações humanas no decorrer do tempo.

Atividade 1

Para iniciar a pesquisa, é possível consultar a reportagem “A origem de 10 alimentos que hoje são globalizados” (disponível em: <www.dw.com/pt-br/a-origem-de-10-alimentos-que-hoje-s%C3%A3o-globalizados/g-19326732>, acesso em: 21 jun. 2017).

Atividade 2

Para obter informações sobre a domesticação do gado bovino, é possível consultar a reportagem “Origem das vacas modernas pode ser traçada até um único rebanho” (disponível em: <<http://hypescience.com/origem-das-vacas-modernas-pode-ser-tracada-ate-um-unico-rebanho/>>, acesso em: 8 jan. 2018).

A BNCC nas páginas 20 e 21

Estas páginas tratam do surgimento das primeiras aldeias em várias regiões do planeta, formando espaços organizados. Os alunos serão levados a identificar o surgimento de novas tecnologias para controlar a natureza e a valorizar o esforço humano para a organização social das primeiras comunidades. Desse modo, eles desenvolvem as habilidades **EF05HI01**, **EF05HI02** e **EF05HI05** da BNCC.

Orientações didáticas

A ilustração da aldeia foi feita com base em estudos arqueológicos.

Atividade 1

É importante identificar a maneira como diversas etapas do trabalho agrícola são representadas na imagem: o plantio, o cuidado com a terra, a colheita e a organização dos grãos produzidos.

Atividade 2

Auxilie os alunos a analisar a ilustração. É importante que o texto explique que a ilustração trata da produção agrícola na Antiguidade e mostra diversas etapas que eram realizadas para o plantio e a colheita de grãos, processos fundamentais para a sedentarização do ser humano.

Com a sedentarização, as populações começaram a construir casas e outros edifícios mais resistentes, de madeira, barro ou pedra. Foi nesse período que surgiram as pequenas aldeias. Nesses povoados, os espaços eram organizados em casas para morar, depósitos para os alimentos e estábulos para os animais.

Esse processo ocorreu em várias regiões do mundo, como a América Central, a China e o Oriente Médio, mas cada povo interagiu de forma diferente com a natureza. Em lugares mais secos, os campos precisavam ser irrigados; em lugares mais úmidos, precisavam ser **drenados**. Nas regiões mais frias, as casas precisavam ser mais protegidas e os mantimentos armazenados para o inverno.

drenar:
retirar o excesso de água de um terreno.



Fonte: HUNT, Norman Bancroft (Ed.). *Living in Ancient Mesopotamia*. Nova York: Thalamus, 2009. p. 18-19.

► Ilustração representando aldeia mesopotâmica de aproximadamente 4 mil anos atrás. Cores fantasia.

- 1 Converse com seu professor e com seus colegas: o que mostra a ilustração?
Resposta pessoal.
- 2 Agora, escreva um pequeno texto sobre a importância do que nela é retratado.
Resposta pessoal.

20 UNIDADE 1 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Para sua referência, leia o texto a seguir.

[...] Nos últimos anos, intensos trabalhos de campo conduzidos por pesquisadores nacionais e do exterior no Alto Xingu, no norte do Mato Grosso, e na confluência dos rios Negro e Solimões, a cerca de 30 quilômetros de Manaus, no Amazonas, indicam a existência de grandes e refinados assentamentos humanos, habitados simultaneamente por alguns milhares de pessoas, nessas áreas, 500 anos atrás – ou até mesmo antes disso.

As evidências mais espetaculares de ocupações dessa magnitude – um feito só possível com a adoção de um estilo de vida sedentário e de práticas que alteravam a floresta nativa e possibilitavam a adoção de uma agricultura razoavelmente produtiva – saíram de sítios pré-históricos situados nas terras hoje habitadas pelo povo kuikuro, dentro da reserva indígena do Xingu, e se materializaram nas páginas da edição de 19 de setembro da revista norte-americana *Science*, uma das publicações de maior peso entre os cientistas.

Num artigo de quatro páginas, ilustrado por seis imagens de satélite, uma pouco usual equipe de autores – três da Universidade da Fló-

➤ Organizar-se para viver bem

Nos grupos nômades, as pessoas trabalhavam juntas para se alimentar e se proteger. Acredita-se que esses grupos tinham líderes, que podiam ser os caçadores ou guerreiros mais habilidosos ou mais fortes. Os líderes não podiam tomar decisões sozinho, precisando consultar outros membros do grupo.

Quando os grupos humanos se tornaram sedentários, o número de pessoas começou a crescer e foram desenvolvidas novas formas de tomar decisões e criadas novas tarefas para o funcionamento das comunidades. Inicialmente, as primeiras aldeias eram formadas por um pequeno número de pessoas, geralmente membros de uma mesma família que viviam e trabalhavam juntos.

Ao longo do tempo, as aldeias cresceram ainda mais e deram origem às primeiras cidades. Esse processo levou milhares de anos, mas entre 10 mil a.C. e 5 mil a.C. já existiam cidades em diversas regiões do planeta.

Hoje, nossas sociedades são formadas por um grande número de pessoas. O Brasil, por exemplo, conta com mais de 208 milhões de pessoas, segundo a estimativa do IBGE para 2017. Estima-se que, no passado, quando ainda predominava o nomadismo, os grupos humanos eram formados por apenas algumas dezenas de pessoas.

1 Você sabe como as decisões são tomadas nos grupos em que você participa, como a escola ou a família? Converse com seu professor e seus colegas e depois anote suas conclusões.

Resposta pessoal.

2 Quais são as principais decisões que precisamos tomar para organizar a comunidade, a cidade, o estado e o país em que vivemos?

É possível destacar que hoje vivemos em grandes grupos de pessoas, por isso é importante escolher nossos governantes, criar leis e regras e seguir certas normas de conduta que permitam o bom funcionamento da comunidade, a boa convivência e o trabalho de todos para produzir tudo aquilo que é necessário para nossa vida, como alimentos, roupas, construções, serviços de eletricidade, água, esgoto, tecnologias de comunicação, entre muitos outros exemplos.

rida, dois do Museu Nacional do Rio de Janeiro e dois índios kuikuro – descreve a estrutura do tipo de sociedade que havia nesse ponto da Amazônia entre 1200 e 1600 d.C.: um conjunto de 19 aldeias de formato circular, as maiores protegidas por fossas de até 5 metros de profundidade e muros de paliçadas, interligadas por uma extensa e larga malha de estradas de terra batida. Os pesquisadores estimam que entre 2500 e 5000 pessoas moravam nas maiores aldeias.

O capricho e a precisão com que as vias foram concebidas e executadas impressionam. Elas eram extremamente retilíneas, com larguras entre 10 e 50 metros e extensão de 3 a 5 quilômetros. [...]

Indícios de praças, pontes, represas e canais e do cultivo de mandioca e outras plantas também foram encontrados no sítio arqueológico, que compreende uma área de 400 quilômetros quadrados, equivalente a um terço do território da capital fluminense, não muito distante das três aldeias contemporâneas dos Kuikuro. [...]

A luz que o homem branco apagou. *Pesquisa Fapesp*, n. 92, out. 2003. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2003/10/01/a-luz-que-o-homem-branco-apagou/>>. Acesso em: 2 dez. 2017.

Atividade 1

Auxilie o aluno nessa tarefa. No caso da escola, apresente sua estrutura e argumente que, apesar de haver um diretor na escola, ele não toma as decisões sozinho. Muitas decisões são tomadas em conjunto com o corpo docente, o corpo discente e os pais ou responsáveis dos alunos. Explique também como são escolhidos o diretor e os professores, assim como os outros funcionários. Em relação às famílias, peça a eles que contem como são tomadas as decisões em casa. É importante que eles compreendam que a melhor maneira de conviver é tomando decisões coletivas, mas que os pais ou responsáveis têm mais condições de tomar decisões sobre alguns fatores por serem adultos.

Atividade 2

A proposta é apresentar algumas noções centrais sobre as relações políticas que se desenvolvem em todos os grupos humanos. Para isso, é importante destacar que diferentes sociedades criaram formas de organização política muito distintas.

A BNCC nas páginas 22 e 23

Estas páginas tratam do crescimento das cidades e da consequente especialização do trabalho por parte dos seus moradores. Abordam também aspectos de como o poder e o governo se organizavam nas sociedades da Mesopotâmia e da Grécia, e como surgiu a ideia de democracia. Trabalham-se, assim, as habilidades **EF05HI01**, **EF05HI02** e **EF05HI05** da BNCC.

Orientações didáticas

É importante reforçar a relação entre o crescimento dos grupos humanos e a necessidade de criação de sistemas políticos capazes de organizar a sociedade e garantir que um número cada vez maior de tarefas sociais (como a produção de alimentos, a proteção da comunidade, a construção de casas e utensílios, o cuidado com a saúde, a educação das crianças, entre outros exemplos) seja realizado. Em pequenos grupos humanos, todos poderiam participar da tomada de decisões. Porém, em sociedades maiores, a participação torna-se mais difícil.

Atividade

É importante que os alunos reflitam sobre as dificuldades de construir monumentos grandiosos sem o auxílio de máquinas motorizadas, como as que existem hoje.

Uma das principais consequências do crescimento das cidades foi a especialização do trabalho. Até então, os grupos humanos realizavam todas as tarefas necessárias para a sobrevivência. Porém, como existiam mais pessoas na cidade, tornou-se necessário organizar as tarefas de outra forma.

Algumas pessoas passaram a se dedicar à fabricação de utensílios, enquanto outras praticavam o comércio ou exerciam outras tarefas. Por isso, a vida nas cidades deixou de ser igualitária e lentamente as pessoas começaram a se diferenciar entre as que eram consideradas mais importantes e aquelas que eram consideradas menos importantes.

Um dos locais em que esse processo ocorreu foi na região chamada Mesopotâmia, onde surgiram cidades independentes, isto é, que não dependiam uma da outra nem de um governo externo. Possuíam governo próprio, com funcionários, soldados e outras pessoas que ajudavam o governante a garantir a ordem, criar leis e cobrar impostos. O governo é uma das instituições do Estado, e tem a função de administrá-lo.

Alguns estudiosos definem o **Estado** como o conjunto de instituições públicas que representam, organizam e atendem as necessidades e reivindicações da população que habita um território.

-  Observe a foto abaixo e discuta com seus colegas: como vocês imaginam que essas construções eram feitas sem o auxílio de máquinas motorizadas? Como elas poderiam ser feitas hoje em dia? **Resposta pessoal.**



➤ Os zigurates eram grandes edifícios religiosos construídos na região do atual Iraque por volta de 3,5 mil anos atrás. Para serem construídos, era necessário o trabalho de milhares de pessoas. Na imagem, zigurate da cidade de Ur, construído em cerca de 2000 a.C. Foto de 2015.

22 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

O texto a seguir comenta sobre o sentido de democracia entendido na Grécia antiga.

[...] é certo que a democracia não tinha para os gregos o sentido a ela hoje devotado. [...] porque era apenas a cultura das classes superiores e alfabetizadas. E estas seriam a minoria, dona de escravos, que sabia ler e escrever [...].

Em outras palavras, segundo este autor, a cultura clássica que tanto estimamos foi a cultura de uma pequena minoria de habitantes urbanos em Atenas [...].

Como já podemos perceber, não obstante tenha sido implantado um sistema em que os cidadãos participam efetivamente e diretamente da vida do Estado, tomando por si próprios, e no bem de toda a coletividade, as decisões necessárias à sobrevivência e à manutenção deste mesmo Estado, é certo que o modelo grego era excludente e formado por uma minoria dos assim denominados cidadãos.

Por outro lado, se os gregos tiveram o mérito, indiscutível, de fazer nascer um modelo, com as devidas adaptações, tido atualmente como desejável em qualquer sistema que tenha como base o respeito ao cidadão e o combate à opressão, cumpre aqui trazer em relevo uma ob-

Nessas sociedades da Mesopotâmia, já bastante organizadas, o governante tinha grande poder. Porém, em outras sociedades da **Antiguidade**, surgiram outras formas de organização e de governo, em que o poder do governante tinha limites.

Os gregos, por exemplo, foram um povo que surgiu no segundo milênio a.C. na Europa, em região não muito distante da Mesopotâmia. Eles viviam em cidades independentes e tinham formas variadas de governo.

Na cidade grega de Atenas, parte da população participava do governo por meio de assembleias e do voto. Esse tipo de organização política foi chamado **democracia**, apesar de nem todos terem direito de participar das decisões.

A ideia de democracia na Grécia antiga não era a mesma de hoje, em que todos os cidadãos têm direito de participar das escolhas políticas, mas foi um dos primeiros exemplos de regime democrático no mundo.



► Colina da Phnyx, onde ocorriam as assembleias e as votações na Atenas clássica. No alto da escada ficava o orador, que defendia suas propostas diante dos cidadãos. Cidade de Atenas, Grécia. Foto de 2017.

- 1 Pesquise em dicionários, enciclopédias ou na internet o significado da palavra **democracia**. Anote o que você encontrou em uma folha separada e traga para a sala de aula. **Resposta pessoal.**
- 2 Converse com os colegas e o professor. Em uma democracia, os governantes têm poderes ilimitados? Por quê?

Não. Em todo regime democrático, os governantes devem seguir os programas de governo que defenderam durante a campanha eleitoral, prestar contas aos eleitores, além de seguir as leis do país.

servação que entendemos de capital importância para uma maior compreensão da democracia ali praticada: o sacrifício do individualismo face à vontade soberana do Estado.

Para os gregos, a vontade do Estado deveria sempre prevalecer sobre a vontade individual. Não se cogitava na civilização grega falar em direitos e garantias individuais, enquanto a vontade soberana do Estado indicasse, grosseira e genericamente o que é melhor para todos.

[...]

Os antigos não conheciam, portanto, nem a liberdade da vida privada, nem a de educação, nem liberdade religiosa.

CRUZ CERREJIDO, Juliano Henrique da.

A democracia antiga não reconhece direitos humanos. A moderna não pode abrir mão deles. São Paulo: *Revista Jurídica 9 de Julho*, n. 1, 2002.

Disponível em: <www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/351_arquivo.pdf>.

Acesso em: 15 out. 2017.

Orientações didáticas

O tema da cidadania grega será retomado e aprofundado na unidade 2; assim, a proposta aqui é apenas introduzir a questão. Posteriormente, ela poderá ser aprofundada em sala de aula.

Esse momento permite explorar a historicidade dos regimes políticos, destacando como os seres humanos criaram formas distintas de organização de seus sistemas de governo ao longo do tempo. Nesse caso, é possível comparar o sistema egípcio, no qual o faraó tinha amplos poderes, com a democracia ateniense, na qual os governantes eram o próprio povo e todos os cidadãos podiam participar das decisões políticas.

A BNCC nas páginas 24 e 25

Esta página traz um exemplo de organização política dos povos indígenas no Brasil, diferente daquela da Mesopotâmia e da Grécia, levando os alunos a identificar aspectos do mecanismo de organização do poder político, com vista à compreensão da ideia de Estado. Na página seguinte, os alunos irão reconhecer a forma atual de governo no Brasil, trabalhando as habilidades **EF05HI01**, **EF05HI02** e **EF05HI05** da BNCC.

Saiba mais

Este é outro momento importante para comparar a organização de sistemas políticos distintos ao longo do tempo. Povos indígenas americanos também criaram formas específicas de organização política, por exemplo, os povos do tronco linguístico tupi que viviam no litoral do Brasil e arredores no século XVI. Entre esses povos, o governante não tinha muitos poderes, e a comunidade tomava em conjunto as decisões políticas relevantes.

Saiba mais >>

No território em que hoje está o Brasil, antes da chegada dos europeus, os indígenas desenvolveram sua vida social de forma bem organizada e variada.

A organização dos povos indígenas era diferente daquela existente na Mesopotâmia. Em alguns povos, como os Tupinambá, os chefes das famílias se reuniam e tomavam as decisões, enquanto em outros havia um governante: o cacique.

Os povos indígenas eram nômades ou seminômades, desenvolvendo uma forma de sociedade que não precisava de um Estado como o que temos hoje. Todos trabalhavam juntos para a produção de alimentos e dos objetos de que necessitavam, ainda que homens e mulheres pudessem ter papéis diferentes.



► As lideranças kaiapós se encontram na aldeia Mojkarako para uma reunião de todos os Benadjure (caciques) das 22 aldeias do território mebengokre, em São Félix do Xingu, estado do Pará, 2016.

Com um colega, escreva um texto explicando a diferença entre a forma de governo da Mesopotâmia e a dos grupos indígenas brasileiros citados acima.

As cidades da Mesopotâmia eram independentes e possuíam governantes, _____
funcionários do governo, leis e impostos. Em alguns grupos indígenas não existia _____
um governante; toda a comunidade decidia, em conjunto, como se organizar. _____
Em outros, havia um líder, o cacique. _____

24 UNIDADE 1 >

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Sobre as organizações de governo nas sociedades indígenas, leia o texto a seguir que comenta, a partir de Pierre de Clastres, antropólogo francês que estudou grupos indígenas com organizações não hierárquicas, sobre a relação de poder desses povos.

A relação de poder entre os povos indígenas segundo Pierre Clastres

[...] Segundo Pierre Clastres, é isso que ocorre na questão do poder. O Ocidente classifica as sociedades indígenas como sociedades sem poder. Elas apresentam um chefe, mas este chefe é desprovido de poder coercitivo. Para o autor, o grande problema é que para pensar o poder nessas

O regime político que existe hoje no Brasil também é a democracia, que tem sua origem nas experiências passadas na Grécia e em outras democracias que existiram ao longo do tempo. Veja algumas características dessa forma atual:

O governo conta com representantes eleitos e com funcionários para administrar a população que vive em seu território.

Os representantes da população criam regras, leis e direitos para todos os cidadãos do país. Isso serve para evitar conflitos, disputas e favorecer o bom convívio entre as pessoas.

Os governantes devem:

- 1 – manter a ordem da comunidade e garantir o seu bem-estar.
- 2 – garantir que todos tenham seus direitos respeitados e que todos colaborem para o funcionamento do país.

O Brasil é uma república federativa democrática, na qual todos os governantes são escolhidos de forma direta ou indireta pelos cidadãos brasileiros com mais de 16 anos.

► Eleitor votando em urna eletrônica em posto da Pontifícia Universidade Católica (PUC), cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.



1 Retome a pesquisa que você fez sobre a democracia na página 23 e responda: Na sua opinião, por que a democracia é uma forma de governo importante em nossos dias? Explique.

Resposta pessoal.

2 Você sabe como funcionam as eleições no Brasil? Converse com o professor e com seus colegas sobre esse tema. Resposta pessoal.

► CAPÍTULO 1 25

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

No Brasil, a democracia foi restabelecida no final dos anos 1980, quando uma nova Constituição foi promulgada. Porém, é importante salientar que democracia não é sinônimo de direito a voto; em algumas ditaduras, eleições também eram realizadas.

Trabalhe com os alunos o que eles entendem por democracia: O que a democracia deve garantir aos cidadãos? Lembre-os de que a liberdade de expressão, a igualdade de direitos e o acesso à informação são características de governos democráticos.

Atividade 1

Oriente os alunos a responder a essa questão após conversar com os colegas. A democracia permite a prática de um governo que respeita o bem-estar de toda a sociedade.

sociedades, a etnologia (estudo das etnias) parte sempre do poder político que se baseia na dicotomia comando-obediência.

Para essas sociedades, nada seria mais estranho do que alguém mandar no outro e o outro obedecer. Elas não veem o poder a partir dessa categoria. A etnologia em seus estudos faz com que as sociedades primitivas girem em torno da civilização ocidental, como se o poder comando-obediência fosse a forma universal do poder. Para Clastres, universal é o fato de que não há social sem poder, pois essa é uma

questão que teve de ser resolvida por todas as sociedades. Entretanto, a forma como cada uma enfrentou e resolveu seu próprio problema é uma forma particular de pensá-lo [...].

CABRAL, João Francisco Pereira. A relação de poder entre os povos indígenas segundo Pierre Clastres. *Brasil Escola*. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/filosofia/a-relacao-poder-entre-os-povos-indigenas.htm>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

A BNCC nas páginas 26 e 27

As páginas 26 e 27 abordam as Constituições que o país já teve desde a Proclamação da República, em 1889, incluindo a luta para aprovar a mais recente delas, e a conquista do voto feminino, identificando mecanismos de organização política do Estado. Estas páginas dão continuidade ao desenvolvimento das habilidades **EF05HI01**, **EF05HI02**, **EF05HI04** e **EF05HI05** da BNCC.

Orientações didáticas

Atualmente o número de eleitores é bem alto: aproximadamente 70% da população está apta a votar. Na Primeira República (1889-1930), por causa do grande número de analfabetos e da exclusão destes e das mulheres do direito ao voto, apenas uma parcela muito pequena da população podia votar.

As informações sobre o número de votantes na última eleição para prefeitos e vereadores estão disponíveis no site do TSE, no endereço: <www.tse.jus.br/eleitor-e-eleicoes/estatisticas/eleicoes/eleicoes-anteriores/estatisticas-eleitorais-2016/eleicoes-2016>. Acesso em: 9 jan. 2018.

Pensar histórico

A promulgação da Constituição de 1988 destaca aspectos da história recente do país e seu estudo possibilita o reconhecimento das práticas de cidadania. O papel das mulheres na política também é analisado neste item, o que permite aos alunos conhecer a atuação delas enquanto sujeitos políticos importantes na história do Brasil.

Texto complementar

Embora o voto feminino exista há mais de 80 anos, o percentual de mulheres eleitas deputadas federais ainda é baixo. Leia a seguir.

Mulheres ainda são minoria nos poderes do Brasil

[...]

O Brasil tem uma proporção menor de mulheres no legislativo federal do que a Arábia Saudita, país onde existe segregação entre

O Brasil foi, a partir de 1500, uma colônia de Portugal. Em 1822, passou a ser um país independente, tornando-se uma **Monarquia**. Desde 15 de novembro de 1889, o Brasil é uma **República** democrática governada por um presidente eleito, que deve obedecer à Constituição. O país também passou por períodos de **ditadura**, mas hoje é uma democracia.

A primeira Constituição da República brasileira foi aprovada em 1891. Segundo esse documento, somente homens alfabetizados maiores de 21 anos podiam votar. Não podiam votar mulheres, analfabetos, mendigos, soldados e religiosos.

A Constituição atual, em vigor desde 1988, é bem diferente da primeira. Hoje todos os brasileiros entre 18 e 70 anos são obrigados a votar, independentemente de sua profissão, sexo ou condição financeira. Os analfabetos, os jovens de 16 a 18 anos e as pessoas com mais de 70 anos podem votar se desejarem, mas não são obrigados. Atualmente, há eleições obrigatórias no Brasil a cada dois anos.

► Ulysses Guimarães, presidente da Assembleia Constituinte em 1988, com o livro da Constituição do mesmo ano, na Câmara dos Deputados. Brasília, Distrito Federal.



► Você sabe quantos brasileiros puderam votar nas eleições de 2016? Pesquise em reportagens sobre o tema ou no site do Tribunal Superior Eleitoral, disponível no endereço <www.tse.gov.br> (acesso em: 21 nov. 2017) e anote as informações que encontrou.

De acordo com o TSE, 144 088 912 pessoas puderam votar no Brasil nas eleições municipais de 2016. Informação disponível em: <www.tse.jus.br/eleitor-e-eleicoes/estatisticas/eleicoes/eleicoes-anteriores/estatisticas-eleitorais-2016/eleicoes-2016>. Acesso em: 21 nov. 2017.

26 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

os sexos em muitos locais públicos. No início de 2013, em uma caneta-da, o rei saudita determinou uma cota de 20% de mulheres no Conselho Consultivo do país, o dobro do atual Congresso brasileiro. Esse não é o único país do Oriente Médio a contar com um contingente feminino legislativo maior que o Brasil: também entram na lista Jordânia, Síria, Iraque e Emirados Árabes.

[...]

No Brasil, mulheres votam e podem se candidatar há muitas décadas. As primeiras brasileiras a conquistarem o direito ao voto foram as

Desafio

Atualmente, todos os cidadãos brasileiros com mais de 16 anos podem votar para escolher o presidente, os governadores, os prefeitos e outros representantes do povo. Porém, nem sempre foi assim.

Leia o texto abaixo sobre a conquista do voto feminino.

De saia às urnas

Você sabia que houve uma época em que as mulheres simplesmente não podiam votar?

[...] No início [da República], apenas homens com mais de 21 anos que soubessem ler e escrever podiam votar. Somente em 1932 as primeiras mulheres foram às urnas, após um decreto do então presidente Getúlio Vargas.

[...]

Na luta pelo direito ao voto feminino, uma cientista teve papel de destaque: a bióloga Bertha Lutz. Em 1922, ela ajudou a fundar e presidiu a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que buscava promover a educação e a profissionalização das mulheres. Ela não só liderou a campanha pelo voto feminino, como também pelo direito de as mulheres se candidatarem – a própria Bertha foi eleita deputada federal em 1936.

Você pode estar se perguntando: por que toda essa luta para votar? Ora, porque é uma oportunidade importante de participar do futuro do país!



► Bertha Lutz, bióloga e feminista brasileira, primeira mulher a ser eleita deputada, em 1937.

DORNELLES, Camille. De saia às urnas. *Ciência Hoje das Crianças*, 4 out. 2012. Disponível em: <<http://chc.org.br/de-saias-as-urnas/>>. Acesso em: 21 nov. 2017.



Converse com os adultos que moram em sua casa ou que você encontra na escola. Faça as perguntas abaixo e anote as respostas em seu caderno.

- Você conhece mulheres que exercem cargos políticos?
- Você considera o voto importante? Por quê?

Respostas pessoais.

potiguaras. Em 1927, como resultado da campanha pelo sufrágio feminino promovida pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), o Rio Grande do Norte removeu o veto ao voto feminino na Constituição Estadual. Não foi suficiente para que as eleitoras pudessem, de fato, influenciar o resultado. O Tribunal Eleitoral estadual acabou anulando todos os votos de mulheres.

[...]

Desde os anos 90, o Brasil registra uma participação de cerca de 10% de mulheres em vagas legislativas em todo o país, de acordo com

números do TSE, que abarcam câmaras municipais, assembleias legislativas e Congresso. Nas onze eleições de 1994 para cá, o patamar se manteve sempre em torno destes 10%. As variações são mínimas. Enquanto vereadoras e deputadas estaduais chegaram quase nos 13% do total de cadeiras nas eleições de 2014, deputadas federais ficaram em 9%.

MULHERES ainda são minoria no poder do Brasil. *Nexo Jornal*, mar. 2016. Disponível em: <www.nexojornal.com.br/especial/2016/03/08/Mulheres-ainda-s%C3%A3o-minoria-nos-poderes-do-Brasil>. Acesso em: 11 dez. 2017.

Desafio

O objetivo de abordar a luta histórica pelo voto feminino é conscientizar os alunos para os problemas das minorias, grupos menos favorecidos e menos valorizados em nossa sociedade. A conquista do voto feminino foi uma vitória em termos de igualdade de gênero, mas a luta em outros aspectos pela igualdade entre homens e mulheres ainda continua.

Extrapole, se possível, a conversa sobre a igualdade de gêneros. Hoje em dia, apesar dos avanços, ainda há preconceitos em diversas profissões e desigualdades nos salários entre homens e mulheres.

Objetivos do capítulo

1. Analisar o papel das religiões na organização das sociedades humanas ao longo do tempo.
2. Comparar religiões politeístas e monoteístas.
3. Refletir sobre a importância da tolerância religiosa e do respeito à diversidade cultural.
4. Identificar elementos centrais para a formação das tradições culturais e religiosas no Brasil.

Para iniciar

Explore os conhecimentos prévios dos alunos perguntando se eles conhecem outros mitos ou relatos da criação do dia e da noite.

Trabalhe com os alunos a importância da alternância do dia e da noite.



Povos e religiões

Muitos povos e religiões buscam explicar a origem do mundo e dos fenômenos da natureza por meio da intervenção dos deuses e de outras divindades.

Leia o texto abaixo, em que o professor indígena Aturi Kayabi conta como o seu povo explica a origem do dia e da noite.

No início do mundo

No início do mundo as coisas eram todas malfeitas.

Não tinha a noite, só existia o sol.

O dia não tinha fim.

As pessoas trabalhavam sem parar.

[...]

Até que certo dia o pajé pensou em mudar.

Ele pegou duas cabaças de amendoim, uma com amendoim branco e outra com amendoim preto.

Primeiro ele quebrou a cabaça de amendoim preto, e a noite chegou.

[...] ele quebrou a outra cabaça, de amendoim branco, e o dia clareou.

Por isso é que temos o dia e a noite.

KAYABI, Aturi. No início do mundo. In: **Geografia indígena**. São Paulo: Instituto Socioambiental; Brasília: Ministério da Educação, 1988. p. 12.



Para iniciar >>

- 1 Como o povo Kayabi explica a origem do dia e da noite? Discuta com os colegas. **O povo Kayabi explica a origem do dia e da noite por meio da ação do pajé. Ele utilizou duas cabaças de amendoim para criar o dia e a noite.**
- 2 Na sua opinião, como seria o mundo se o dia nunca acabasse? **Resposta pessoal.**
- 3 Você sabe para que serve o período da noite? **Resposta pessoal.**

Objetos de conhecimento	Habilidades
O que forma um povo: do nomadismo aos primeiros povos sedentarizados	BNCC EF05HI01 Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.
As formas de organização social e política: a noção de Estado	BNCC EF05HI02 Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

► A religião e a cultura

Existem muitas religiões diferentes em nosso mundo. Essa diversidade mostra a importância das crenças religiosas para grande parte das pessoas.

As religiões influenciam a formação e a cultura dos povos, orientando seus adeptos no modo de viver, comer, pensar, entre outros aspectos. Todas elas precisam ser respeitadas.

Ao colonizar o Brasil, os portugueses introduziram no país o catolicismo, que é uma religião cristã, e começaram a cristianizar os indígenas e, posteriormente, os negros escravizados, que tinham crenças religiosas diferentes.

Hoje, no Brasil, diversas religiões são praticadas. Por exemplo, as religiões cristãs, o espiritismo, as religiões afro-brasileiras (como o candomblé e a umbanda), o budismo, o judaísmo e o islamismo.



► A primeira missa no Brasil, de Victor Meirelles, 1861 (óleo sobre tela, 268 cm x 356 cm).

- 1 Discuta com seus colegas: por que é importante respeitar todas as religiões?
Resposta pessoal.
- 2 Escolha um colega e, juntos, pesquisem informações sobre duas religiões praticadas no Brasil. Apresentem o trabalho ao professor e aos demais colegas.

► CAPÍTULO 2 29

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetos de conhecimento	Habilidades
O papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos	BNCC EF05HI03 Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.
Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas	BNCC EF05HI04 Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.
	BNCC EF05HI05 Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.

A BNCC na página 29

Esta página dialoga com o presente e apresenta como o catolicismo foi introduzido no Brasil e as diferentes religiões existentes trabalhando a habilidade **EF05HI03**. Além disso, estimula os alunos a compreenderem a intolerância religiosa como uma ameaça à liberdade das pessoas e uma falta de respeito ao próximo, culminando na deterioração da boa convivência entre os membros de uma sociedade. Assim, as habilidades **EF05HI04** e **EF05HI05** da BNCC são desenvolvidas.

Orientações didáticas

Explique aos alunos que há no Brasil várias igrejas cristãs: Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Católica Ortodoxa, Igreja Presbiteriana, Igreja Luterana, Congregação Cristã do Brasil, Assembleia de Deus, entre outras.

Atividade 1

Trabalhe com os alunos a tolerância religiosa, a aceitação dos que têm crenças, costumes, hábitos e maneiras de pensar diferentes dos deles. Trabalhe também o respeito e a tolerância àqueles que não possuem religião.

Atividade 2

Oriente os alunos a contextualizar a prática religiosa no Brasil (locais onde se pratica mais, número de seguidores, etc.) e a buscar informações sobre a origem da religião.

Pensar histórico

Ao estudar o papel das religiões para a formação cultural dos povos no passado e na atualidade, os alunos são estimulados a identificar-se como parte do seu grupo social e cultural. Isso auxilia na formação do seu pensar histórico e, por conseguinte, na sua conscientização como sujeito histórico.

A BNCC nas páginas 30 e 31

Estas páginas abordam a importância da religião, mais especificamente do politeísmo, na formação dos povos antigos e de sua cultura, a exemplo dos egípcios, que tinham a religião como pilar da organização do Estado. A sociedade egípcia da Antiguidade e a importância conferida por ela às crenças religiosas para sua organização política e para a sua identidade poderão auxiliar os alunos a desenvolver a habilidade **EF05HI03**.

Orientações didáticas

Destaque as diversas formas de organização das crenças religiosas ao longo do tempo. Os seres humanos criaram religiões que cultuam diversos deuses (politeístas) e também religiões que cultuam apenas um deus (monoteístas). Como as maiores religiões do mundo atualmente são monoteístas, a ideia de uma crença que segue diversos deuses pode causar estranhamento nos alunos, por isso é importante reforçar que ao longo do tempo muitos povos seguiram religiões politeístas e isso é um exemplo da diversidade cultural dos seres humanos.

Minha coleção de palavras de História

Leia mais sobre a **Minha coleção de palavras de História** na página XXII das Orientações gerais.

Atividade 1

Trabalhe a atividade com os alunos: poliglota – pessoa que fala várias línguas; poliesportivo – lugar onde são praticados vários esportes; policultura – cultivo de vários produtos agrícolas em uma área.

Não é só em nossos dias que a religião é importante. Na Antiguidade, as crenças religiosas também faziam parte do cotidiano das pessoas.

Entre 6 mil anos e 2 mil anos atrás, viveu no norte da África, às margens do rio Nilo, a sociedade do Egito antigo. A religião tinha grande importância na organização do Estado e para a identidade desse povo.

Os egípcios acreditavam em vários deuses, ou seja, eram **politeístas**, e os responsáveis pelos cuidados dos assuntos divinos eram chamados **sacerdotes**. Eles deveriam alimentar, proteger e divertir os deuses. Para isso, os egípcios criavam

templos onde, de acordo com suas crenças, os deuses moravam. Em troca do cuidado, do respeito e dos cultos, os deuses garantiriam a paz e a prosperidade aos egípcios.

Muitos dos deuses egípcios representavam diferentes aspectos da natureza, como a cheia dos rios, as chuvas e o Sol. Existiam também deuses guardiões das cidades, responsáveis pela escrita e pelo conhecimento e protetores das mulheres e das crianças.



Granger/Photoarena

► O deus Osíris, ao centro, acompanhado de sua esposa Ísis e seu filho Hórus. Ouro e lápis-lazúli, cerca de 870 a.C. Osíris era o deus supremo e o juiz do mundo dos mortos.

Minha coleção de palavras de História

Você deve ter notado a presença de um termo bem importante nesta página. Ele é bastante usado por historiadores e estudiosos:

POLITEÍSTA

- 1 Um dos significados do termo **poli** é numeroso. Ele pode ser usado para criar outras palavras, como poliglota, poliesportivo e policultura. Procure no dicionário o significado delas e escreva-os no caderno.
- 2 Qual é a palavra antônima de politeísta? O que ela significa?
A palavra antônima de politeísta é monoteísta, que se refere à pessoa que professa uma religião, que acredita na existência de um único deus.

30 UNIDADE 1 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

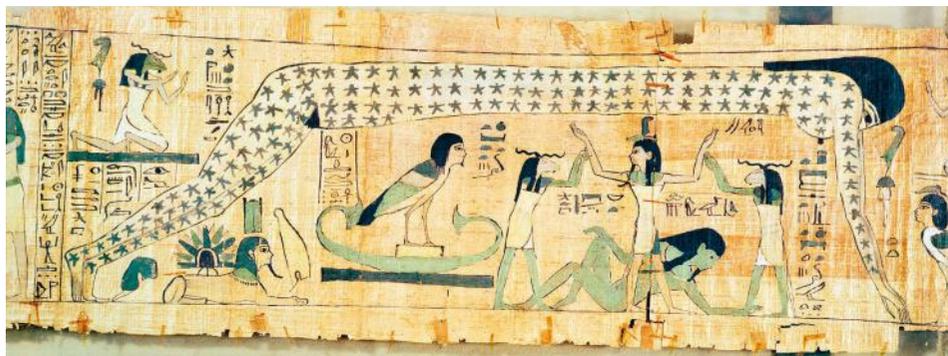
Saiba mais

Você sabe como os antigos egípcios explicavam a origem do mundo? Conheça no texto a seguir.

A criação do mundo

Os egípcios acreditavam que o mundo havia sido criado por Rá, o Sol. No início, o universo não existia. No lugar dele havia o Nun, uma espécie de grande massa de água parada que simbolizava o nada. Desse Nun surgiu o Sol, Rá. Ao cuspir no chão, ele deu origem ao deus Shu (o sopro) e à deusa Tefnut (o calor). Esses deuses se uniram e criaram Geb (a terra) e Nut (o céu), que por sua vez tiveram cinco filhos: Osíris, Ísis, Hórus, Set e Néftis. Na sequência nasceram os outros deuses e, mais tarde, surgiram os homens. Tot, o deus do conhecimento, por exemplo, nasceu do crânio de Rá, num momento de tristeza; Anúbis, o deus da mumificação, era filho de Osíris com Néftis [...].

BELER, Aude Gros de. **O Egito Antigo passo a passo**. São Paulo: Claro Enigma, 2016. p. 11.



► Detalhe de papiro representando o deus Geb (terra), deitado e envolto pelo corpo de sua mulher Nut (céu). Egito, cerca de 1069-945 a.C.

1 Como os egípcios explicavam a criação do mundo?

Os antigos egípcios acreditavam que o mundo era resultado da união dos deuses

Shu e Tefnut, que criaram a terra e o céu (Geb e Nut).

2 Pesquise informações sobre um dos deuses egípcios citados no texto. Escreva as informações que você encontrou em uma folha avulsa. Procure também uma representação desse deus e faça um desenho para ilustrar sua pesquisa.

3 Compare com os colegas se as informações que vocês encontraram são as mesmas. Conversem também sobre o que observaram das características físicas desses deuses.

Texto complementar

O culto aos animais no antigo Egito

Ao contrário do que muita gente acredita, o Egito da Antiguidade nunca teve uma religião unificada e baseada na deificação do faraó. [...] E, dependendo do local e da época, houve casos de animais utilizados para retratar determinadas características atribuídas aos deuses. Hórus, por exemplo, era representado com uma cabeça de falcão porque os egípcios acreditavam que ele possuía as qualidades desse

animal, e a deusa Bast (também chamada de Bastet) tinha a forma de gato por ser associada à fertilidade e ao cuidado com as crianças. [...] [...]

À medida que a civilização egípcia evoluiu, a relação com alguns desses deuses e deusas deu origem ao que poderíamos chamar de culto aos animais propriamente dito, no qual o animal associado ao deus em questão passou a ser o objeto de adoração.

BROWNE, Sylvia. *O céu dos bichos*. São Paulo: Matrix, 2010. p. 37-38.

Saiba mais

Orientar os alunos a pesquisar mais informações e imagens desses deuses em livros ou na internet.

Incentivar os alunos a compartilhar as informações que descobriram. Explicar a eles que alguns deuses egípcios tinham a forma de animal (zoomorfismo), outros apresentavam forma humana (antropomorfismo) e havia ainda os de forma mista, humana e animal (antropozoomorfismo).

Atividade 2

Alguns deuses egípcios conhecidos são:

RÁ-ATUM – Principal deus egípcio, é o responsável pela criação do mundo e representa o Sol.

TOTH – Protetor dos escribas, ficou encarregado de inventar os hieróglifos. Era o deus da cura, da sabedoria e do conhecimento. Representava a Lua.

ÍSIS – Dona de poderes mágicos, protetora e piedosa, era muito popular. O rio Nilo nasceu das lágrimas que ela derramou quando seu marido, o deus Osíris, morreu.

OSÍRIS – O deus supremo e o juiz do mundo dos mortos.

SET – O deus responsável pelas guerras e pela escuridão.

Objetivo da seção Tecendo saberes

O principal objetivo desta seção é estabelecer a interdisciplinaridade, tornando os conhecimentos abordados mais significativos para o aluno. Ao “tecer saberes”, os alunos se conscientizam de que as áreas de conhecimento não são estanques e que, ao contrário, conectam-se, complementam-se e dialogam entre si. Assim, ao mesmo tempo que aprendem a estabelecer parâmetros entre essas áreas de conhecimento, desenvolvem a leitura, a escrita e a capacidade de interpretar os fenômenos que observam e dos quais participam. Trabalho conjunto com Ciências e Língua Portuguesa.

A BNCC nesta seção

A seção trabalha dois mitos de criação: o dos índios Kamaiurá, do Brasil, e o dos iorubas, da África, de modo a levar os alunos a identificar os processos de formação cultural desses povos, conforme a habilidade **EF05HI01**, e como a cultura e a religião são fundamentais para a identidade dos povos, de acordo com a habilidade **EF05HI03**.

TECENDO SABERES

Como vimos nas páginas anteriores, os egípcios antigos tinham seu modo de explicar a origem do mundo. Eles não eram os únicos, e muitos povos, sejam eles do passado ou do presente, também criavam esses **mitos**. A narrativa de cada povo varia de acordo com sua cultura.

Um exemplo de narrativa sobre a criação do mundo é a do povo Kamaiurá, que vive atualmente em Mato Grosso.

O primeiro homem

No início dos tempos existia apenas um ser neste mundo. Seu nome era Mavotsinin. Ele vivia sem esposa, sem filhos, nem parentes.

Um dia, Mavotsinin decidiu que queria um filho. Ele foi até o rio, pegou a concha mais bonita que encontrou e a transformou numa mulher. Pronto! Agora ele tinha acabado de arrumar uma esposa.

Os dois se casaram e tempos depois tiveram um belo bebê. Logo que ele nasceu, o pai quis saber:

- É homem ou mulher?
- É homem – respondeu a esposa.

Mavotsinin, então, decidiu que iria embora com seu filho. E assim fez. A mãe do garoto ficou tão triste que achou melhor voltar para a sua antiga vida no rio.

Então, foi até lá e virou uma linda concha outra vez.

O filho de Mavotsinin cresceu, casou-se e teve muitos filhos. Os índios kamaiurás dizem que são os seus netos.

SOUSA, Mauricio de. O primeiro homem. In: **Manual dos índios do Papa-Capim**. São Paulo: Globo, 2011. © Mauricio de Sousa/Mauricio de Sousa Editora Ltda.



Ricardo Teles/Pulsar Imagens

► Crianças kamaiurás brincam na lagoa Iananpaú enquanto os adultos pescam. Parque Indígena do Xingu, estado de Mato Grosso, 2014.

32

UNIDADE 1 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

A atividade a seguir é indicada para aprofundar a noção de mito de criação e o modo de imaginar como surgiu o mundo.

1. Em dupla, leiam o texto a seguir.

Eu pensava

Eu pensava que no mundo,
as pessoas viviam iguais,
tinham pensamentos iguais,
falavam igual,

comiam igual,
com costumes iguais.
Mas acabei descobrindo que tudo é diferente.
Eu pensava que no mundo só existia índio
eu pensava que no mundo existia gente que não morria
eu pensava que no mundo tinha gente levando água para jogar lá em cima,
para abastecer a floresta.
Eu pensava que a gente brotava que nem uma semente.

KAYABI, Aturi. *Geografia indígena*: Parque Indígena do Xingu. ISA, 1996.

Orientações didáticas

Atualmente, o povo ioruba é formado por várias comunidades no sudeste da Nigéria, na costa Oeste da África. No passado esse povo desenvolveu uma rica sociedade. A sua cultura se propagou para várias regiões, chegando inclusive ao Brasil, com os africanos que foram trazidos como mão de obra escrava.

Ainda hoje, no Brasil, há comunidades consideradas iorubas. O dialeto ioruba é usado aqui principalmente nos rituais do candomblé.

Os africanos iorubas que aqui chegaram trouxeram sua cultura e divindades. Por causa da pressão para a conversão católica que muitos deles sofriam, esses africanos acabaram por aproximar seus santos e orixás dos santos católicos. Conforme essa forma sincrética de exercer a fé foi se fortalecendo, formaram-se as religiões afro-brasileiras.

Para saber mais a respeito das religiões afro-brasileiras, leia o texto *Deuses africanos no Brasil: uma apresentação do candomblé*, de Reginaldo Prandi. Disponível em: <<http://web.fflch.usp.br/ds/prandi/her-axe1.htm>>. Acesso em: 21 dez. 2017.

O povo africano ioruba, que começou a se desenvolver na África há 2 mil anos, também criou histórias para explicar a origem do mundo. Leia a seguir.

[...] antes do início dos tempos, Olorum, o Ser Supremo, já habitava a eternidade. Ele vivia só, e tudo à sua volta era igual, sem diversidade e sem movimento. Acabou se cansando de tanto nada, [...] e decidiu fazer um mundo onde seu olhar pudesse pousar a cada instante numa coisa diferente. Queria que tudo se movesse e se transformasse. [...]

Olorum criou os orixás e atribuiu a cada um deles um de seus poderes, para que juntos governassem o mundo em seu nome.

PRANDI, Reginaldo. **Contos e lendas afro-brasileiros: a criação do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



- 1 Neste capítulo, você leu narrativas de diferentes povos que contam as crenças a respeito da criação do mundo, dos seres humanos, dos animais e das plantas. O que essas narrativas têm em comum?

As três histórias mostram a intervenção dos deuses e de seres com poderes mágicos na criação do mundo e dos seres vivos.

- 2 Como são chamadas as divindades iorubas?

São chamadas orixás.

2. Após conversarem entre si, elaborem um texto criando um mito sobre como era o primeiro homem e como funcionava o mundo dele.
3. Apresentem para a classe o que foi conversado e registrado em seus textos.

A BNCC nas páginas 34 e 35

As páginas abordam as religiões monoteístas, a origem do judaísmo e sua importância para o surgimento das duas religiões mais expandidas no mundo, o cristianismo e o islamismo. Essas páginas dão continuidade à identificação dos processos de formação das culturas e povos, aos mecanismos de organização do poder político e ao papel das religiões nesse processo; habilidades **EF05HI01**, **EF05HI02** e **EF05HI03**. A **atividade 2** da página 34 trabalha as noções de pluralidade e respeito à diversidade do ponto de vista religioso-cultural, conforme a habilidade **EF05HI04** da BNCC.

Orientações didáticas

Nesse momento, é possível retomar a comparação entre religiões politeístas e monoteístas e apresentar o judaísmo, uma das primeiras religiões monoteístas criadas pelo ser humano na Antiguidade. É importante destacar que o judaísmo influenciou outros povos e originou novas religiões monoteístas, como o cristianismo e o islamismo.

Atividade 1

Oriente os alunos a retomar o que foi estudado no capítulo, principalmente em relação à religião egípcia, comparando-a ao judaísmo.

Atividade 2

Espera-se que o aluno participe da discussão enfatizando a importância do respeito às diferentes religiões e crenças.

Israel e a Palestina – 2010



LE MONDE DIPLOMATIQUE. **L'Atlas**. Paris: Armand Colin, 2010. p. 17; ATLAS DES MIGRATIONS. Paris: Autrement, 2012. p. 10-11.

Nem todas as religiões dos povos antigos eram politeístas. Algumas delas cultuavam a um único deus. Estas são chamadas religiões **monoteístas**.

Uma das primeiras religiões monoteístas foi o judaísmo. Muitos especialistas no assunto dizem que essa religião começou a se formar por volta do ano 1700 a.C. entre os hebreus, povo que vivia no reino de Israel, nas regiões onde hoje encontram-se os países Israel e Palestina.

Os hebreus seguiam um Deus chamado Javé e tinham de respeitar uma série de regras, como cultuar somente a Javé e não comer carne de porco. Essas regras foram escritas em livros sagrados, como a Torá, depois ficaram conhecidos como parte do Antigo Testamento da Bíblia cristã.

O judaísmo ainda é praticado e possui muitos seguidores. A maioria deles está em Israel e nos Estados Unidos, mas eles também estão espalhados em vários países do mundo, inclusive no Brasil.

► Muro das Lamentações e Cúpula Dourada da Rocha e, ao fundo, a mesquita de Al-Aqsa. Jerusalém, Israel. Foto de 2017. O Muro das Lamentações é uma parte do antigo templo dos judeus, destruído no século I d.C. No século VII d.C., foi construída a mesquita de Al-Aqsa, que existe até hoje. A cidade de Jerusalém é considerada sagrada para o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.



- 1 Escreva no caderno um pequeno texto sobre a principal diferença entre as religiões politeístas e as religiões monoteístas. **A principal diferença entre as religiões politeístas e monoteístas é que as primeiras cultuam diversos deuses, enquanto as segundas cultuam apenas um deus.**
- 2 Discuta com seu professor e seus colegas: qual é a importância da prática de diversas religiões na mesma cidade? **Resposta pessoal.**

34 UNIDADE 1 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

As duas religiões com o maior número de adeptos na atualidade surgiram do judaísmo: o cristianismo e o islamismo.

Atualmente, há mais de 2 bilhões de cristãos e mais de 1 bilhão de muçulmanos espalhados por todos os continentes.

As duas religiões cultuam a mesma divindade, conhecida como Deus pelos cristãos e como Alá pelos muçulmanos, e estimulam as boas ações e cuidado com o próximo. Além disso, ambas possuem livros sagrados que servem de base para a prática religiosa. O cristianismo está baseado nos ensinamentos da Bíblia, e o islamismo, no Alcorão.

Para os cristãos, a figura principal é Jesus Cristo, considerado filho de Deus, nascido no século I na Palestina. Já os islâmicos seguem os ensinamentos revelados pelo anjo Gabriel ao profeta Maomé, que nasceu no século VI na península Arábica.

Veja mais algumas características dessas religiões nos quadros abaixo.

Cristianismo

- surgiu no século I d.C. na Palestina;
- espalhou-se pela Europa, pela África e por outras regiões do mundo;
- os cristãos acreditam na continuação da vida após a morte e na **salvação**.

Islamismo

- surgiu no século VI d.C. na região da península Arábica;
- espalhou-se pelo norte da África e pela Europa;
- os seguidores do islamismo também são conhecidos por muçulmanos.

salvação:
evento que determina se a pessoa terá vida eterna ou se será condenada pelos seus pecados.

● Cite algumas semelhanças e diferenças entre o cristianismo e o islamismo.

A principal semelhança entre as duas religiões é que ambas são monoteístas. Além disso, as duas religiões se espalharam por diversas regiões do mundo. Como diferenças, pode-se apontar que as duas religiões surgiram em locais e períodos diferentes e que, para os muçulmanos, o maior profeta é Maomé, já para os cristãos, Jesus Cristo é o filho de Deus e o salvador da humanidade.

Orientações didáticas

Pode-se comentar aqui um pouco da história do povo judeu e a sua dispersão pelo mundo. Comente que os judeus se espalharam pelo mundo durante séculos, mas não perderam a sua cultura e as suas tradições. Em 1948, por resolução da ONU (Organização das Nações Unidas), foi criado o Estado de Israel, em território da Ásia, no chamado Oriente Médio, ocupado por árabes, judeus e palestinos, dando início a conflitos que perduram até hoje, apesar de haver muitas pessoas, desses três povos, que lutam por uma resolução pacífica.

Se possível, pode-se fazer uma visita virtual à cidade de Jerusalém, considerada cidade sagrada por cristãos, judeus e muçulmanos (islamistas). Os sites que indicamos estão em inglês, mas você pode facilmente navegar por eles. O site *Jerusalém360*, disponível em: <www.jerusalem360.co.il/eng/> (acesso em: 20 dez. 2017), mostra uma imagem panorâmica da cidade com alguns pontos onde você pode clicar e ter a visão 3-D de lugares como A Grande Sinagoga (*Great Synagogue*), o Muro das Lamentações (*Western Wall Plaza*) e os portões das paredes da cidade antiga de Jerusalém (*gates*).

A BNCC nas páginas 36 a 39

As páginas a seguir discutem o respeito à diversidade, principalmente religiosa, levando os alunos a reconhecerem e a identificarem muitas características das religiões predominantes no Brasil e a respeitarem todas elas, atendendo à habilidade **EF05HI04** da BNCC, que deve ser desenvolvida constantemente com os alunos nessa faixa etária.

Orientações didáticas

É muito importante discutir o conceito de intolerância religiosa em sala de aula. Essa postura legítima um grande número de violências contra grupos sociais que seguem determinadas religiões e fortalece práticas preconceituosas e discriminatórias. Por isso, é fundamental destacar a importância de superar qualquer postura intolerante e estimular o diálogo com diferentes religiões ou culturas.

Segundo a Constituição brasileira, o Brasil é um país laico. Isso significa que os brasileiros podem seguir a religião ou a crença que desejarem. Ou mesmo serem ateus.

A religião católica, trazida pelos portugueses, é a que predomina, mas no país também se professam várias outras religiões cristãs ou de matriz africana.

Em um país como o Brasil, em que a sociedade procura soluções para problemas relacionados a vários preconceitos, devemos incluir o preconceito religioso nesse rol.

As religiões influenciam muitos hábitos, tradições e modos de viver das pessoas: alimentação, roupas, festas populares, organização familiar, entre outros aspectos.

Porém, há pessoas que não aceitam a diversidade religiosa e cometem atos de violência contra seguidores de outras religiões. O nome dessa prática é **intolerância religiosa** e é uma grave ameaça à liberdade.

Leia a reportagem a seguir sobre a intolerância religiosa no Brasil.

A cada 3 dias, governo recebe uma denúncia de intolerância religiosa

A cada três dias, em média, uma denúncia de intolerância religiosa chega à Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.

Entre 2011 e 2014, 504 queixas desse tipo foram relatadas à pasta pelo Disque 100 – canal de denúncias para violações dos direitos humanos, que são repassadas à polícia e ao Ministério Público.

SANT'ANNA, Emilio. A cada 3 dias, governo recebe uma denúncia de intolerância religiosa.

Folha de S.Paulo, 27 jun. 2015. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1648607-a-cada-3-dias-governo-recebe-uma-denuncia-de-intolerancia-religiosa.shtml>. Acesso em: 21 nov. 2017.

- Converse com os colegas sobre a religião de cada um de vocês. Lembre-se de que precisamos ser tolerantes e que todas as religiões devem ser respeitadas.
Resposta pessoal.

Assim também aprendo

2. A tirinha mostra uma situação de tolerância, pois o pai explica à filha que respeita as crenças cristãs, diferentes da dele, que é budista.



LAERTE. Folhinha, **Folha de S.Paulo**, 31 mar. 2007. p. +8.

1. É a incapacidade de aceitar e respeitar a religião de outras pessoas. O que significa a expressão **intolerância religiosa**?
2. Na sua opinião, a tirinha mostra uma situação de tolerância ou de intolerância? Justifique.
3. Em grupo, conversem sobre o que se pode fazer para não ter atitudes de intolerância religiosa. Ao final, elaborem juntos um cartaz com as principais ideias levantadas.
Resposta pessoal.

36 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

A quem interessa a onda de intolerância religiosa que sacode o Brasil?

O Brasil está destruindo um dos seus maiores valores, sua proverbial tolerância religiosa e a coexistência pacífica entre as diferentes confissões. A quem interessa essa onda iconoclasta que [...] cresceu 4960% em apenas cinco anos, que registra uma denúncia de hostilidade ou profanação de locais de culto e pessoas que os dirigem a cada 15 horas?

Os mais perseguidos são os locais de culto das religiões de matriz africana, mas também atinge templos católicos e protestantes, igrejas evangélicas, centros espíritas e sinagogas judaicas. Imagens de orixás são queimadas, uma imagem de Nossa Senhora Aparecida é destruída a golpes de martelo, os sacrários das igrejas católicas são violados e as hóstias consagradas são jogadas no chão e nem os cemitérios são respeitados.

Estamos diante de um fato novo e é urgente descobrir o que se esconde por trás dessa nova guerra contra o sagrado. Que a um Brasil atravessado por uma perigosa corrente de ódio político e social se

Pesquisa

Você sabia que o culto aos orixás é bastante presente na cultura brasileira? Isso acontece porque muitos africanos iorubas foram escravizados e trouxeram para o Brasil tradições, hábitos e crenças religiosas.

Como você leu na página 33, os orixás foram criados por Olorum. Cada orixá está ligado a um fenômeno da natureza ou aspecto cotidiano da sociedade ioruba e são divindades por causa dessas qualidades às quais estão ligados.



Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

- 1 Com a ajuda do professor e de seus colegas, pesquise em livros, revistas ou sites informações sobre os principais orixás cultuados pelos povos iorubas.
- 2 Escolha um desses orixás e desenhe-o em uma folha avulsa.
- 3 Com seus colegas, monte um painel com o material pesquisado.

queira acrescentar a intolerância e a agressão física aos símbolos e pessoas religiosas poderia ser a última etapa da barbárie. [...]

O longo e perigoso trabalho realizado pelas diferentes crenças religiosas para defender seus deuses produziu o milagre do sincretismo pacífico. Não foi realizado sem dor, mas o Brasil conseguiu manter a essência das três raízes espirituais caminhando juntas e até misturadas, dando vida a uma riqueza religiosa e cultural talvez única no mundo.

ARIAS, Juan. A quem interessa a onda de intolerância religiosa que sacode o Brasil? *El País*, 15 nov. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/14/opinion/1510697413_063183.html>. Acesso em: 11 dez. 2017.

Orientações didáticas

Explique aos alunos que há países e regiões onde os grupos religiosos minoritários que ali vivem sofrem violência e extermínio. Em muitas religiões há fiéis fanáticos que não toleram quem não siga a sua crença.

Comente que a cidade de Berlim, capital da Alemanha, é uma das capitais mais influentes e ricas da Europa e que se organiza para ser tolerante com os diversos grupos sociais e religiosos que a habitam. Se possível, mostre aos alunos a sua localização em um mapa-múndi ou visite-a com os alunos em um site de turismo virtual da cidade.

Atividade

Discuta a questão com os alunos. Leve-os a entender que só com o diálogo entre as religiões, o respeito e a tolerância de todos, poderemos viver em harmonia.

▶ Tradições religiosas e culturais

Ao longo dos séculos, a religião foi usada como justificativa para guerras, extermínio de populações e a dominação de grupos sociais. Infelizmente, os conflitos motivados por diferenças religiosas ainda acontecem em nossos dias em muitos lugares do planeta.

Esses conflitos, que também são demonstrações de intolerância religiosa, devem ser combatidos. Uma das formas de estimular a convivência pacífica e harmoniosa entre pessoas de diferentes religiões é incentivar o diálogo. Veja, no texto abaixo, um exemplo de combate à intolerância religiosa.

Berlim terá templo com sinagoga, mesquita e igreja

Berlim vai ganhar um templo multirreligioso: a House of One [em inglês, Casa de Um Só ou Casa de Deus] – o primeiro edifício [...] do mundo a reunir, sob o mesmo teto, uma sinagoga, uma mesquita e uma igreja. [...] a construção será um teste de tolerância. Na apresentação do projeto à imprensa, [...] o **rabino** Tovia Ben Chorin ficou lado a lado com o pastor luterano Gregor Hohberg e o **imame** Kadir Sanci no futuro canteiro de obras. [...]

rabino: sacerdote do judaísmo.

imame: sacerdote do islamismo.

[...]

“Nós não queríamos simplesmente construir uma igreja”, explica o pastor Hohberg. “A cidade se transformou. Gente de todas as confissões vive aqui e quer um lugar onde possa se congregar.” Por isso, as três religiões monoteístas vão projetar, construir e habitar juntas a nova casa.

DEUTSCHE WELLE. Berlim terá templo com sinagoga, mesquita e igreja. **Carta Capital**, 15 jun. 2014. Disponível em: <www.cartacapital.com.br/sociedade/berlim-tera-templo-com-sinagoga-mesquita-e-igreja-9302.html>. Acesso em: 21 nov. 2017.



▶ O pastor Hohberg, o rabino Ben Chorin e o imame Sanci durante a construção do templo multirreligioso na cidade de Berlim, Alemanha, em 2014.



Converse com seus colegas e seu professor: vocês acham uma boa ideia construir um templo multirreligioso? **Resposta pessoal.**

38

UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Entre as celebrações dos grupos sociais, as religiosas estão entre as mais antigas, sendo preservadas em muitos países e consideradas parte fundamental da identidade.

A data mais importante para o cristianismo é o Natal, em que se comemora o nascimento de Cristo, que teria ocorrido no dia 25 de dezembro. Os muçulmanos celebram anualmente o Ramadã, um período de jejum e de orações que dura um mês no calendário islâmico. O *Eid el Fitr* é um banquete que marca o fim do Ramadã.

Os judeus comemoram *Pessach*, a páscoa, ocasião em que se relembra a história da saída dos judeus do Egito, contada no livro do Êxodo da Torá.



► Cristãos em missa de Natal na Catedral de St. John em Manhattan, cidade de Nova York, Estados Unidos da América. Foto de 25 de dezembro de 2016.



► Muçulmanos em oração durante o *Eid al Fitr* na mesquita Selimiye em Edirne, Turquia. Foto de 25 de junho de 2017.



► Judeus comemoram *Pessach* em Herford, Alemanha. Foto de 2015.

Pesquise sobre outras duas festividades religiosas em livros, jornais ou na internet. Leve em consideração as seguintes perguntas:

- Essa festividade está relacionada a qual religião?
- As pessoas participam de algum ritual religioso nessa festividade?
- Em quais países essa celebração ocorre?
- Quando essa festividade surgiu?

Consulte os links a seguir para conhecer as festividades do hinduísmo e do budismo. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/noticias/2003/030412_hinduismofestivals.shtml>; <www.paulinas.org.br/dialogo/pt-br/?system=news&action=read&id=7654>. Acesso em: 9 nov. 2017.

► CAPÍTULO 2

39

Orientações didáticas

O Natal talvez possa ser considerado a festa mais importante das famílias brasileiras, perdendo atualmente muito de sua conotação religiosa. Para além de seu simbolismo religioso, é uma festa de confraternização, de rever familiares e amigos e com eles festejar.

Explique aos alunos que isto é muito importante: o significado de religiosidade para os que acreditam e um momento de paz, alegria e fraternidade para os que consideram essa data apenas uma festa de confraternização.

Chame a atenção dos alunos para o fato de o Natal ter se transformado em uma festa de consumo, de compras muitas vezes caras e supérfluas, sem grande utilidade na vida prática das pessoas. Comente sobre os cuidados para evitar o consumo exagerado de produtos comerciais e sobre a valorização do encontro e dos bons momentos passados com familiares e amigos nessa ocasião.

A BNCC nas páginas 40 e 41

Muitas festas e tradições religiosas fazem parte da formação cultural e da história de um país e de seu povo. No Brasil, elas são marcantes e mostram a influência do colonizador católico português e do negro africano que foi trazido para trabalhar como escravizado, além das influências indígenas. Muitas delas estão relacionadas a aspectos do nosso folclore popular. Estas páginas realizam o trabalho com as habilidades **EF05HI01**, **EF05HI03**, **EF05HI04** e **EF05HI05** da BNCC.

Orientações didáticas

O *quarup* (ou *kuarup*) é um ritual realizado pelos indígenas kalapalos, kamaiurás, awetis, kuikuros, mehinakos, trumais, yawalapitis e waurás, que vivem no sul do Parque Indígena do Xingu. Na festa, os mortos são representados por troncos, fincados no pátio de cada aldeia. Informações disponíveis em: <www.funai.gov.br>. Acesso em: 14 ago. 2017.

Pensar histórico

O trabalho com a valorização da cultura popular estimula a identificação do indivíduo à história do país e à história local (do estado ou do município em que vive). Além disso, vale destacar que o respeito pelas diferentes manifestações culturais promove atitudes de tolerância e de cidadania entre os alunos.

A cultura popular é o conjunto das manifestações produzidas e vivenciadas pelo povo. São costumes, hábitos, cantos, danças, literatura, artes plásticas, festas, saberes e fazeres, transmitidos oralmente de geração em geração.

As religiões contribuem com símbolos, tradições, crenças e festividades, tornando-se manifestações importantes da cultura popular. Esse processo ocorre de maneiras diferentes em várias regiões do mundo.

No Brasil, festividades religiosas ligadas à cultura popular incorporam elementos da cultura indígena, africana e europeia, principalmente do catolicismo praticado pelos portugueses.

Veja, a seguir, algumas das festas religiosas ligadas à cultura popular brasileira.



➤ Kuarup no Parque Indígena do Xingu, no estado de Mato Grosso. A festa acontece entre os meses de julho e setembro, e é uma homenagem dos indígenas a seus mortos. Foto de 2016.



➤ Festa de Iemanjá, divindade do candomblé, religião brasileira de origem africana, em Salvador, estado da Bahia, 2017.



➤ Quadrilha junina em praça do centro da cidade de Bueno Brandão, no estado de Minas Gerais, junho de 2016.

40

UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Os grupos indígenas brasileiros também possuem festas e rituais considerados religiosos. Leia o texto a seguir.

Você sabe o que é um quarup?

O quarup é uma cerimônia socioreligiosa, intertribal, de celebração dos mortos, realizada entre os povos indígenas brasileiros da região do alto Xingu.

O ritual é ligado ao ciclo mitológico de um herói cultural, conhecido entre os kamaiurás como Maivotsinim. De acordo com o relato do mito, Maivotsinim, desejando ressuscitar os mortos, entrou no

mato e cortou três troncos de quarup, fincando-os no centro da aldeia. Ali os pintou e adornou com colares e penas. [...]

O ritual é, ainda hoje, realizado entre os povos indígenas xinguanos. Os preparativos do quarup começam 15 dias antes do evento, quando são realizadas grandes pescarias, pois o grupo organizador tem que oferecer uma boa alimentação aos grupos convidados. Uma semana antes, são cortados os troncos que representam os mortos. Eles ficam escondidos na mata até a véspera do cerimonial.

A celebração tem início com a chegada dos grupos de índios de outras aldeias, o que ocorre em meio a muitas danças. À noite acontece a ressurreição simbólica do homenageado.

Orientações didáticas

A cavalhada, que ocorre durante a festa do Divino, foi trazida para o Brasil pelos portugueses e reproduz uma batalha entre cavaleiros mouros e cristãos.

Em alguns lugares, para representar o boi, nas festas do boi-bumbá, duas pessoas entram de baixo de uma armação de metal coberta de tecido colorido.

1 A festa do Kuarup é de origem indígena; a festa de Iemanjá é de origem africana; as festas juninas são de origem europeia.
Das festas representadas na página anterior, qual é de origem indígena, qual é de origem africana e qual é de origem europeia?

2 Em grupo, façam um quadro com os elementos de uma festa junina que vocês conhecem, categorizando-os em: músicas, alimentos, brincadeiras e decoração.

Exemplos de respostas: Música: “Cai, cai, balão”; alimentos: milho-verde, pamonha, pipoca; brincadeiras: quadrilha, correio elegante, pescaria; decoração: bandeirinhas, fogueiras.

No mês de janeiro, realiza-se em

Salvador, na Bahia, a festa em homenagem a Nosso Senhor do Bonfim. Essa festa dura oito dias e tem como momentos mais importantes a procissão e a lavagem da Igreja do Bonfim e de suas escadarias.

► Vestidas de branco, as baianas lavam as escadarias da igreja e oferecem água e flores ao Senhor do Bonfim, em Salvador, no estado da Bahia. Foto de 2014.



No mês de maio, em muitos municípios brasileiros comemora-se a Festa do Divino, em homenagem ao Espírito Santo.

► Cavaleiro vestido com as cores do grupo cristão durante a festa do Divino Espírito Santo, em Pirenópolis, estado de Goiás. Foto de 2014.



No Brasil, junho não é só o mês das festas juninas. Acontecem também algumas festas de boi. Nos estados do Nordeste, a festa chama-se bumba meu boi; em Santa Catarina, boi de mamão; e nos estados do Norte, boi-bumbá.

► Boi de mamão com o mestre Aorelio Domingues em apresentação de grupos folclóricos na cidade de Antonina, estado do Paraná. Foto de 2017.



► CAPÍTULO 2 41

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

[...] Aos primeiros raios do sol do dia seguinte, [...] começa a Dança da Vida, executada pelos atletas das tribos [...] Os atletas formam um grande círculo ao redor do *quarup* para reverenciá-lo. Depois o grande círculo se dispersa [...].

Os visitantes anunciam sua chegada com gritos, e iniciam competições entre os campeões de cada tribo, seguidas de lutas grupais para os jovens. Então o chefe da aldeia que sedia o *quarup* se ajoelha diante dos chefes de cada tribo visitante e, em sinal de boas-vindas, lhes oferece peixe e beiju para distribuírem entre os seus.

Um dos pontos altos da celebração é a luta “huka-huka”. Os lutadores se movimentam em círculos, para logo se ajoelharem. Em segui-

da, após espalmarem violentamente mãos contra mãos, dão um boque para frente, em demonstração de força e agilidade. No final do cerimonial, os troncos são lançados no rio, simbolizando a libertação da alma.

BENDER, Mires Batista (colaboração: Faculdade de Letras/PUC-RS). Você sabe o que é um *quarup*? PUC-RS. Disponível em: <<http://biblioteca.pucrs.br/curiosidades-literarias/voce-sabe-o-que-e-um-quarup/>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

A BNCC nas páginas 42 a 45

Estas páginas abordam as manifestações festivas nas diferentes regiões brasileiras, tais como o Círio de Nazaré, a Congada, o Carnaval e outras festas ligadas à religião e à cultura popular. A página 45 trata do sincretismo religioso, levando os alunos a valorizarem a miscigenação dos elementos culturais dos grupos étnicos que formaram o povo brasileiro e a pôr em prática as habilidades **EF05HI01**, **EF05HI03**, **EF05HI04** e **EF05HI05** da BNCC.

Orientações didáticas

Atividade 1

Faça um levantamento com os alunos das festas populares comemoradas em seu município. Se estiver próxima a data em que se comemora alguma delas, explore seu conteúdo com a classe e analise a possibilidade de os alunos participarem das comemorações.

Atividade 2

Organize um mural com os desenhos elaborados pelos alunos.

Peça aos alunos que observem as festas desenhadas pelos colegas, socializando com eles o que observaram, discutindo o assunto em sala de aula. Eles devem anotar as diferentes observações dos colegas. Por exemplo, qual é a festa, o que se comemora nela, quem a comemora, qual tipo de roupa os participantes usam, qual é o tipo de dança, enredos, canções e instrumentos musicais que apresentam, entre outras, a fim de entenderem qual a origem e aspectos culturais da comemoração estudada.

Também no mês de junho acontece a festa de *Corpus Christi*. Nessa festa, é comum usar areia úmida, serragem, pó de café, casca de ovos, papel, papelão, tampinhas de garrafa, bolinhas de gude e o que mais estiver disponível para a decoração.



► Em algumas cidades, como Santana de Parnaíba, no estado de São Paulo, a festa de *Corpus Christi* é a mais rica e concorrida das procissões católicas. Todos os anos enfeita-se o chão das ruas com desenhos coloridos. Foto de 2016.



Em outubro, na cidade de Belém, capital do Pará, realiza-se a festa do Círio de Nazaré. Milhares de pessoas carregam pelas ruas da cidade a pequena imagem da Virgem de Nazaré.

► Em Belém, no estado do Pará, as janelas das casas amanhecem enfeitadas para o Círio de Nazaré. O mais importante é o andor que leva o Círio, da Catedral da Sé até a Basílica de Nazaré. Foto de 2016.



Entre o fim do mês de dezembro e o início do mês de janeiro ocorrem muitas festas, como a Congada, o Natal e a Folia de Reis.

► Grupo de congo na Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Milagres, no estado do Ceará. Foto de 2016.

1 Troque ideias com seu professor e seus colegas: quais das festas estudadas nas páginas 41 e 42 acontecem na cidade em que vocês vivem?

Resposta pessoal.

2 Desenhe no caderno a festa de que você mais gosta na cidade onde mora.

42 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

As festas de Carnaval, em sua origem, eram diferentes das de hoje. Os carnavais de nossos dias também variam de um país para outro e, no Brasil, de região para região. Mesmo as cidades podem ter festas carnavalescas diferentes entre si. A esse respeito, leia o texto a seguir.

Carnaval no Brasil

O carnaval chegou ao Brasil em meados do século XVII, sob influência das festas carnavalescas que aconteciam na Europa. Em al-

guns países, como a França, o carnaval acontecia em forma de desfiles urbanos, ou seja, os carnavalescos usavam máscaras e fantasias e saíam pelas ruas comemorando.

[...]

A partir desse período, os primeiros blocos carnavalescos, cordões e os famosos cortejos de automóveis (corsos) foram criados, mas só se popularizaram no começo do século XX.

As pessoas decoravam seus carros, fantasiavam-se e, em grupos, desfilavam pelas ruas das cidades, dando origem assim aos carros alegóricos. O carnaval tornou-se mais popular no decorrer do século XX

Orientações didáticas

Entrudo, do latim *introitu* (introdução), refere-se aos três dias anteriores ao início da quaresma católica.

A quaresma é um período de 40 dias de abstinência e penitência para os católicos, por isso os três dias anteriores ao início desse período eram aproveitados para festejar.

1. Não. Antigamente, pequenos grupos se fantasiavam e saíam às ruas. Dançava-se também nos salões. Atualmente, seu formato é bastante diversificado nas diferentes regiões do país.

Algumas festas populares têm origem religiosa, mas hoje são comemoradas por todos, até mesmo os que não praticam a religião.

O Carnaval é uma das festas brasileiras mais populares. Era uma festividade católica comemorada na Europa. No Brasil, recebeu influências africanas e indígenas. A terça-feira de Carnaval é feriado nacional em nosso país.

Observe as imagens e leia as legendas.



► **Dia de entrudo**, de Jean-Baptiste Debret, 1835 (aquarela 18 cm x 36 cm). As brincadeiras carnavalescas no século XIX eram conhecidas como entrudo. Uma das brincadeiras era sair às ruas jogando água ou farinha uns nos outros.



► **Carnaval na Lapa**, de Di Cavalcanti (óleo sobre tela 114 cm x 146 cm). A tela, de 1964, representa um bloco fantasiado nesse bairro do Rio de Janeiro. Vários pintores retrataram cenas de Carnaval.



► **Bloco de Carnaval no Rio de Janeiro**, estado do Rio de Janeiro. Foto de fevereiro de 2017.



► **Desfile de bonecos gigantes no Carnaval de rua em Olinda**, no estado de Pernambuco. Foto de fevereiro de 2015.

- 1 O Carnaval antigo se parece com o de hoje? Por quê?
- 2 Como o Carnaval é comemorado na região em que você vive?
Resposta pessoal.

e teve um crescimento considerável que ocorreu devido às marchinhas carnavalescas (músicas que faziam o carnaval ficar mais animado).

A primeira escola de samba foi criada no dia 12 de agosto de 1928, no Rio de Janeiro, e chamava-se “Deixa Falar”, anos depois seu nome foi modificado para Estácio de Sá. [...] A região nordeste permaneceu com as tradições originais do carnaval de rua, como Recife e Olinda. Já na Bahia o carnaval fugiu da tradição, conta com trios elétricos, embalados por músicas dançantes, em especial o axé.

CARNAVAL no Brasil. *Brasil Escola*. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/carnaval/carnaval-no-brasil.htm>>. Acesso em: 8 jan. 2018.

Saiba mais

Esclareça que, nesta página, região não se refere às Grandes Regiões utilizadas pelo IBGE, e sim aos diferentes contextos culturais regionais que existem em áreas específicas de um estado ou em áreas de mais de um estado.

Comente com os alunos que no dia 22 de agosto comemora-se o Dia do Folclore. Em alguns estados, agosto é considerado o mês do folclore. O termo “folclore” vem sendo substituído, cada vez mais, por “manifestações da cultura popular”.

Saiba mais

No Brasil, acontecem festas comemorativas durante o ano todo. Algumas são de origem religiosa, como a Páscoa, mas há também as celebrações cívicas, o aniversário da declaração de independência do Brasil, o Dia do Índio e o Dia da Consciência Negra.

As comemorações ligadas à cultura popular, que celebram as características culturais e históricas de uma região, são conhecidas como festas folclóricas.

Você sabe o que é **folclore**? Leia:

Inglês	Português
Folk	Povo
Lore	Conhecimento

Folclore é o conjunto do conhecimento popular transmitido de geração em geração. Por meio dele podemos conhecer muitos aspectos da história e da cultura de um povo.

Veja algumas formas do folclore:

Músicas	Contos	Lendas	Roupas
Poemas	Danças	Provérbios	Artesanato
Festas	Jogos	Crenças	Autos

- 1 Existem muitos exemplos de lendas e contos folclóricos. Pesquise um exemplo e depois conte a história para seus colegas. **Resposta pessoal.**
- 2 Os provérbios populares fazem parte do folclore de um povo. Leia alguns deles a seguir.

Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca acabe.

Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.

Domínio público.

- Agora você vai pesquisar em livros, na internet ou com adultos da família, mais cinco provérbios e escrevê-los em uma folha avulsa. Depois, em sala de aula, você e seus colegas devem montar um mural com os provérbios e, sob a orientação de seu professor, conversar sobre o significado deles. **Resposta pessoal.**

Os indígenas e africanos que foram obrigados a se converter ao cristianismo praticavam a religião a seu modo, incorporando influências de seus povos de origem. Por isso, no Brasil, muitas das celebrações católicas incorporaram elementos das crenças desses povos.

Apesar da imposição portuguesa, indígenas e negros escravizados conseguiram manter muitas de suas tradições, que até hoje estão presentes no país e contribuem para enriquecer a cultura popular do Brasil.

Vamos ver mais algumas delas:

Alimentação		
Africana	Portuguesa	Indígena
Azeite de dendê	Quindim	Castanhas
Banana	Trigo	Beiju
Canjica	Bacalhau	Frutas da floresta

Festas, celebrações, danças, ritmos e tradições religiosas		
Africana	Portuguesa	Indígena
Festas de Iemanjá	Festas juninas	Festival folclórico de Parintins
Samba	Carnaval	Dança caiapó
Candomblé	Catolicismo	Cururu
Tambor de crioula	Cantigas de roda	Catira

Instrumentos musicais		
Africana	Portuguesa	Indígena
Agogô	Cavaquinho	Chocalhos
Berimbau	Violão	Maracás

- 1 Agora que você já sabe a importância de diferentes povos para a formação das tradições culturais e religiosas do Brasil, retome os nomes das festas da cidade onde você mora levantados na atividade 1 da página 42 e pesquise a origem delas. Monte um quadro categorizando-as em: origem africana, origem portuguesa e origem indígena.
- 2 Depois, converse com seus colegas e compare as informações presentes nos quadros de todos. **Resposta pessoal.**

Orientações didáticas

Aproveite para trabalhar com os alunos outros produtos típicos regionais usados na comunidade onde eles vivem. Em uma discussão com a classe, pergunte aos alunos quais são os outros produtos usados na alimentação da população local que provavelmente não são muito consumidos em outras áreas do país. Exemplo típico é o chimarrão dos gaúchos e catarinenses, consumido no sul do Brasil.

Caso necessário, pesquise na internet a origem dos produtos citados pelos alunos. Esclareça também que as influências culturais não são as mesmas em todo o território brasileiro. Em algumas regiões há mais influência indígena; em outras, mais influência negra; e em outras, mais a do branco europeu. Entretanto, há, em todas elas, uma grande miscigenação dessas três influências culturais.

Objetivos das páginas 46 e 47

As páginas a seguir permitem fazer uma retrospectiva dos temas desenvolvidos na unidade e, para isso, trabalham as atividades de escrita e coleção de palavras de História em **Eu escrevo e aprendo**; e atividades de desenho em **Eu desenho e aprendo**.

Eu escrevo e aprendo

Objetivo: Sistematizar noções desenvolvidas na unidade usando a **linguagem escrita**.

Nesta atividade, deve-se trabalhar o que foi importante para os alunos em cada capítulo ou o que eles mais gostaram de aprender. Eles terão oportunidade de retomar, registrar e organizar o que foi estudado. Como esta é uma das atividades que fecham a unidade, é o momento ideal para os próprios alunos selecionarem palavras que mais lhes chamaram a atenção durante o estudo. Assim, eles vão identificar os temas centrais de um texto e trabalhar a linguagem escrita.

As frases selecionadas estão nas páginas 18 e 36.

Minha coleção de palavras de História

Veja, na página XXII das Orientações gerais, como trabalhar a seção **Minha coleção de palavras de História** em sala de aula, incluindo um modelo de quadro que poderá ser feito com os alunos. Eles devem preenchê-lo com as palavras trabalhadas após o estudo da unidade. Esta atividade deve ser feita em conjunto com Língua Portuguesa, pois trabalha o letramento e incentiva a ampliação do vocabulário do aluno.

Atividade 1

A palavra **povo** é bastante importante para estudar e entender a maneira como diversos grupos humanos se organizam ao longo do tempo, destacando diferentes formas de organização política, social, econômica e cultural. Já a palavra **politeísta** ajuda a refletir sobre a diversidade religiosa ao longo do tempo e a existência de inúmeras religiões com valores próprios e distintos das demais.

O QUE ESTUDAMOS

Eu escrevo e aprendo

- As frases abaixo aparecem nos capítulos da unidade 1. Copie, abaixo de cada uma delas, outra frase sobre o que você mais gostou de aprender em cada capítulo.

Capítulo 1 – A formação dos primeiros povos

Com o passar do tempo, alguns dos povos nômades aprenderam a cultivar cereais e frutas, além de domesticar animais para produzir alimentos e ajudar nos trabalhos agrícolas.

Resposta pessoal.

Capítulo 2 – Povos e religiões

As religiões influenciam muitos hábitos, tradições e modos de viver das pessoas: alimentação, roupas, festas populares, organização familiar, entre outros aspectos.

Resposta pessoal.

Minha coleção de palavras de História

Em cada capítulo da unidade, há uma palavra destacada para a Minha coleção de palavras de História. Você também fez atividades com essas palavras para saber como utilizá-las quando precisar escrever um pequeno texto de História. Veja quais são essas palavras no quadro ao lado.



- 1 O que você aprendeu com essas duas palavras? Discuta com seus colegas.

Resposta pessoal.



- 2 Em um quadro no seu caderno escreva essas duas palavras e o significado de cada uma delas. O significado deve estar ligado ao que você aprendeu no capítulo.

POVO,
página 14.

POLITEÍSTA,
página 30.

46

UNIDADE 1 »

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Eu desenho e aprendo

- 1 Os desenhos abaixo representam assuntos importantes estudados em cada capítulo da unidade 1. Observe-os atentamente.

Capítulo 1 A formação dos primeiros povos



Capítulo 2 Povos e religiões



- 2 Agora é a sua vez! Para cada capítulo, faça um desenho do que você mais gostou ou achou importante estudar nesta unidade do livro. Se preferir, faça uma colagem.

Capítulo 1

Capítulo 2

Eu desenho e aprendo

Objetivo: Sistematizar noções desenvolvidas nesta unidade, usando a **linguagem gráfica**.

Incentive os alunos a usar a criatividade e a construir uma vinheta conclusiva. Lembre-se de que as representações gráficas são muito importantes para as crianças, pois permitem manifestações e estruturas do pensamento de forma mais lúdica e natural.

Objetivos das páginas 48 e 49

As páginas a seguir permitem fazer uma retrospectiva dos temas desenvolvidos na unidade e, para isso, promove a leitura e síntese em **Hora de organizar o que estudamos** e **Sugestões de leitura**, e autoavaliação em **Para você refletir e conversar**.

Com estas páginas pretende-se avaliar o progresso pessoal do aluno e o processo coletivo de ensino-aprendizagem. Essa avaliação tem como objetivo:

- permitir a intervenção do professor para auxiliar o aluno em suas características individuais;
- determinar o grau de obtenção de resultados de acordo com os objetivos estabelecidos e habilidades a serem atingidas.

Trabalha-se aqui a avaliação somatória, através da medição dos resultados da aprendizagem, observando se as habilidades e objetivos estabelecidos foram atingidos ou não.

Leia mais sobre o tema avaliação na página XIII das Orientações gerais.

Hora de organizar o que estudamos

- Os primeiros grupos humanos viviam de forma nômade. Com o desenvolvimento da agricultura, muitos grupos humanos deixaram a vida nômade e passaram a viver de forma sedentária.



► Mulher dança em festividade tradicional San em Botsuana. Foto de 2015.

- As sociedades sedentárias precisaram criar novas formas de organização para garantir que todas as pessoas colaborassem para o bem-estar da comunidade. Foi assim que surgiram os primeiros governantes.

- Ao longo do tempo, os grupos humanos criaram diferentes religiões. Algumas delas cultuavam diversos deuses e eram chamadas religiões politeístas. Outras cultuavam apenas um deus e eram chamadas religiões monoteístas.

- O povo brasileiro se formou a partir do encontro de diferentes povos. Os principais são: as sociedades indígenas que viviam na América, os africanos escravizados que foram trazidos para cá e os portugueses colonizadores. A combinação das culturas desses povos resultou na diversificada cultura brasileira.



► As lideranças kaiapós se encontram na aldeia Mojkarako para uma reunião de todos os Benadjure (caciques) das 22 aldeias do território mebengokre, em São Félix do Xingu, estado do Pará, 2016.

Sugestões de...

Livros

A escravidão no Brasil. Júlio Quevedo, FTD.

Um livro sobre a escravidão no Brasil: retrata o cotidiano dos indivíduos escravizados, a resistência e a vida nos engenhos, nas fazendas e nas cidades.

As lendas dos Orixás. Guta Galli, Lazuli.

Um livro que apresenta mitos da cultura afro-brasileira acompanhados de fotografias e ilustrações.

O Egito Antigo passo a passo. Aude Gros de Beler, Claro Enigma.

O livro apresenta as principais características do Egito Antigo, destacando suas crenças religiosas, a maneira como o governo se organizava e outras informações sobre a vida cotidiana e os costumes egípcios.

Filme

Índios somos nós. TV Brasil, 2016, 26 min.

O filme traz informações sobre a vida dos povos indígenas no presente, contando a visão dos próprios indígenas sobre o modo como vivem e os problemas que enfrentam no cotidiano.

Site

Povos indígenas no Brasil mirim. Disponível em: <<https://mirim.org/>>.

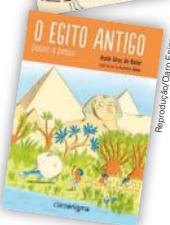
O site traz muitas informações sobre as sociedades indígenas brasileiras, tanto as do passado quanto as do presente. É possível conhecer hábitos, crenças, a organização social, além de ter acesso a inúmeras imagens e fotografias dos povos indígenas. Acesso em: 24 jun. 2017.



Reprodução/Editora FTD



Reprodução/Editora Lazuli



Reprodução/Claro Enigma



TV Brasil/EBC

Para você refletir e conversar Respostas pessoais.

- De qual assunto você gostou mais nesta unidade?
- Você teve dificuldade para entender alguma atividade ou alguma explicação?
- Escolha a imagem de que você mais gostou nesta unidade. Conte aos colegas o motivo de sua escolha.

» O QUE ESTUDAMOS

49

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestões de... (PARA O ALUNO)

Livros

As origens do homem explicadas para crianças. Pascal Picq. Ed. da Unesp.

Mitos africanos. Gary Jeffrey. Scipione.

Mitos indígenas. Betty Mindlin. Ática.

Rupi: o menino das cavernas. Bush, Timothy. Brinque-Book.

Indicações de leitura para o professor

- AVELAR, Lucia. *Mulheres na elite política brasileira.* São Paulo: Ed. da Unesp, 2001.

O livro enfoca o eleitorado feminino: numeroso, diverso, distinto em suas vivências cotidianas, embora pouco representado. Destina-se, também, aos homens, muitos deles já conscientes de que a causa feminista é em prol de uma sociedade muito melhor, mais fraterna, com menos desigualdade e preconceito.

- DARWIN, Charles. *A origem do homem e a seleção sexual.* São Paulo: Hemus, 2002.

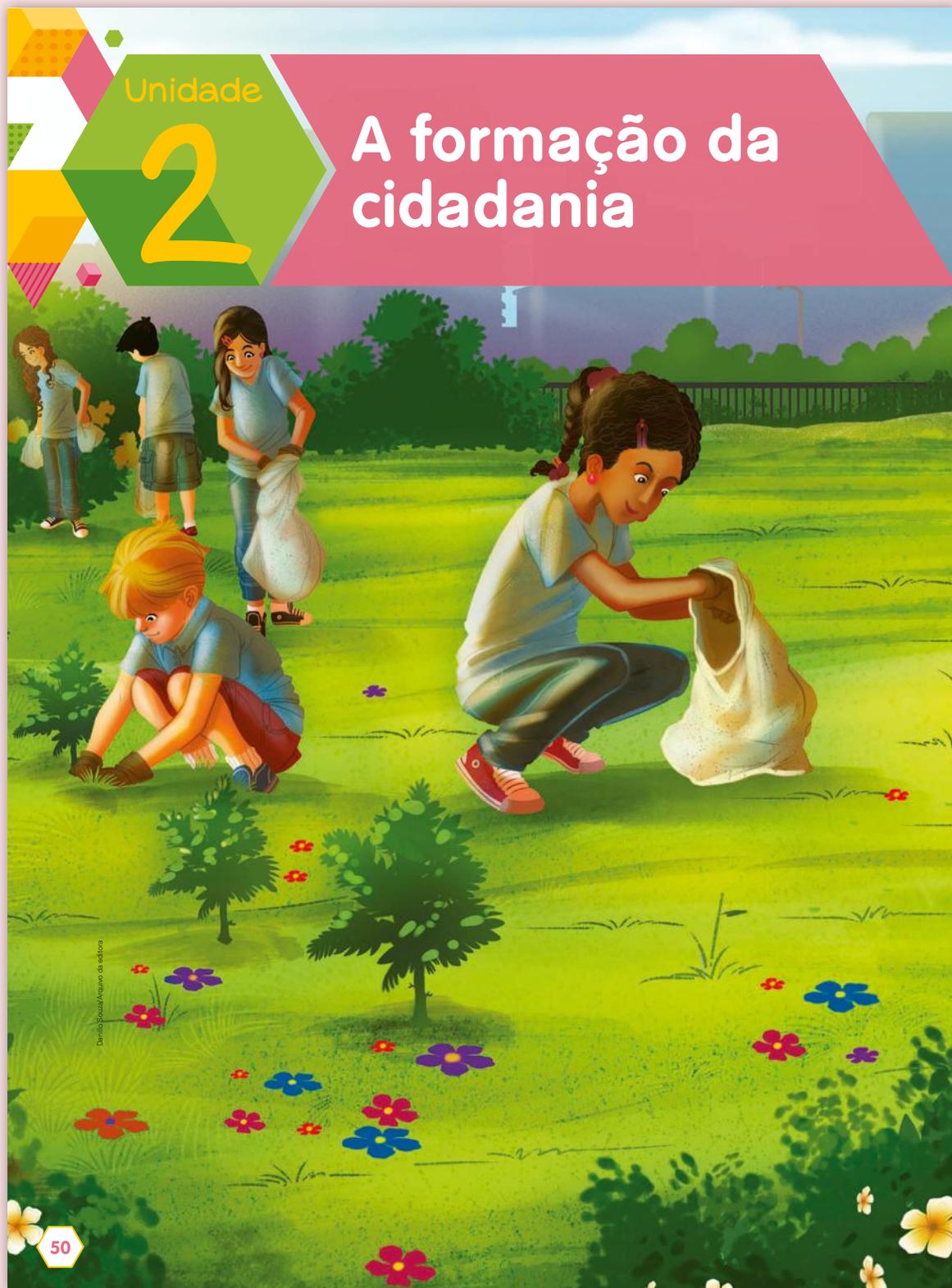
Neste livro, Charles Darwin nos conduz a sua provocadora teoria que considera que as raças humanas foram diversificadas pela seleção sexual, ou seja, as características raciais divergentes se deram pela escolha por parte das fêmeas em relação aos machos.

- JUSTAMAND, Michel. *As pinturas rupestres na cultura: uma integração fundamental.* Embu das Artes: Alexa cultural, 2012.

Este livro pretende chamar a atenção para a inserção das pinturas rupestres na cultura, além de discutir as funções sociais das pinturas rupestres para os grupos que as criaram e, também, para aqueles que seriam os seus futuros conhecedores.

Objetivos desta unidade

1. Identificar as diversidades culturais do lugar onde se vive e de outros lugares.
2. Reconhecer o respeito às diversidades culturais, sociais e históricas como fator primordial para o exercício da cidadania.
3. Analisar o processo de luta de diferentes grupos sociais pela conquista dos direitos de cidadania.
4. Refletir sobre a importância dos direitos e deveres dos cidadãos para a organização da sociedade em que vivemos.



Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.



- Na sua opinião, teremos uma vida melhor se as pessoas se respeitarem e cumprirem seus deveres? **Resposta pessoal.**
- Por que é importante lutar pelos nossos direitos? **Resposta pessoal.**

Comentário para abertura de unidade

Nesta unidade, os alunos são incentivados a identificar a diversidade cultural do lugar onde vivem e a compará-la com aspectos sociais de outras comunidades, aprendendo a valorizar, a respeitar e a aceitar essas diversidades, pois podem reconhecer nesse processo uma condição essencial para o exercício da cidadania. Eles passam também a conscientizar-se da importância da luta pela conquista de direitos dos cidadãos para se ter uma sociedade mais justa e organizada.

A ilustração, ligada ao tema da unidade, mostra crianças ajudando a conservar uma área pública, exercendo desde cedo a cidadania.

As questões levam os alunos a refletir sobre o tema estudado, pois a vida em sociedade é melhor quando todos cumprem seus direitos, respeitam uns aos outros e lutam por conquistas sociais.

Objetivos do capítulo

1. Identificar diferentes formas de organização social e cultural ao longo do tempo.
2. Comparar aspectos das culturas indígena, africana e europeia que ajudam a entender a formação da cultura brasileira.
3. Reconhecer a importância da tolerância cultural e religiosa para o desenvolvimento de uma sociedade justa.
4. Refletir sobre o respeito à diversidade no Brasil contemporâneo.

Para iniciar

Encaminhe a discussão com os alunos sobre respeito às diferenças. Estimule-os a relatar quais atitudes de respeito eles têm no seu dia a dia.

Pensar histórico

Estudar o processo de formação da cultura de um povo é uma maneira de estimular a tolerância e o respeito pela diversidade, já que é possível entender como toda cultura foi resultado de diversos processos históricos e da relação entre diferentes povos ao longo do tempo. Dessa maneira, é possível entender que as culturas não são fatos naturais ou que sempre existiram, mas que estão sempre se transformando. Isso auxilia na conscientização da importância de estar sempre aberto ao diálogo com todos aqueles que pensam ou agem de forma diferente, propiciando novas trocas culturais e enriquecimento das tradições sociais nas quais estamos inseridos.



Respeitar quem é diferente

Você já aprendeu que as pessoas no Brasil e no mundo são muito diferentes. Os hábitos e os costumes variam por muitos motivos, por exemplo, o país em que as pessoas moram, a origem da família, a religião, a história de vida de cada um, o nível econômico e as condições físicas do lugar onde moram. Apesar de todas as diferenças, devemos respeitar as diversas culturas e personalidades.

Cordel sobre a intolerância

Será mesmo que o respeito anda mesmo em desuso?

[...]

A minha simples poesia tem o poder de alertar:
Se você quiser respeito aprenda a respeitar
Seja mais inteligente pois pra alguém diferente o diferente é você
ninguém no mundo é igual normal é ser anormal
Não é difícil entender.

BESSA, Braulio. **Cordel sobre a intolerância**. Transcrito de: <<http://especiaiss3.gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/poesia-com-rapadura/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.



▶ Crianças refugiadas em aula de inglês na escola de voluntariado na ilha de Chios, na Grécia, em 2016.

Para iniciar

- 1 Na sua opinião, o “respeito anda mesmo em desuso”?
Resposta pessoal.
- 2 O cordel fala: “Se você quiser respeito aprenda a respeitar”. O que significa isso para você? **Resposta pessoal.**

52 UNIDADE 2

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetos de conhecimento	Habilidades
O que forma um povo: do nomadismo aos primeiros povos sedentarizados	BNCC EF05HI01 Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.
As formas de organização social e política: a noção de Estado	BNCC EF05HI02 Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.
O papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos	BNCC EF05HI03 Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.

➤ A diversidade cultural

Há muitas culturas diferentes no mundo em que vivemos. Algumas coisas que as tornam diferentes são:

LÍNGUA	COMPORTAMENTO	IDEIAS POLÍTICAS
RELIGIÃO	ALIMENTAÇÃO	FESTAS
MÚSICAS E RITMOS	CONSTRUÇÕES	HÁBITOS DIÁRIOS
TÉCNICAS E MANEIRAS DE TRABALHAR	MORADIAS	

Essas diferenças culturais são o resultado da trajetória dos povos ao longo do tempo, assim como da relação que eles têm com os lugares onde habitam.

Por isso, para entender essas diferenças culturais, é muito importante estudar a história desses povos.

Quando diferentes culturas convivem, os resultados podem ser tanto conflitos quanto novas tradições. Por exemplo, um alimento que faz parte da cultura alimentar do Brasil é a feijoada. De origem desconhecida, o prato tem influências indígenas (o feijão) e portuguesas (os cozidos). Hoje, muitos brasileiros têm o hábito de comer feijoada.



➤ A feijoada é uma adaptação brasileira do cozido português, prato que juntava carnes variadas com feijão – só que branco.

1 Converse com seu professor e seus colegas para identificar hábitos ligados à cultura brasileira que estão presentes em seu cotidiano.

Resposta pessoal.

2 Existem pessoas que possuem hábitos diferentes dos nossos. E isso é muito importante. Pense em exemplos e apresente aos seus colegas.

Resposta pessoal.

➤ CAPÍTULO 3 53

A BNCC na página 53

Esta página aborda a diversidade cultural resultante da trajetória dos povos e de sua relação com a natureza local, levando os alunos a reconhecer que a convivência de culturas gerou conflitos e assimilações, permanências e mudanças nas sociedades. O trabalho com a diversidade cultural visa desenvolver as habilidades **EF05HI01** e **EF05HI04** e é um dos temas contemporâneos da BNCC.

Atividade 1

Pergunte aos alunos se eles têm vizinhos ou amigos com traços culturais distintos, que se refletem nos hábitos cotidianos. Explore e dê exemplos. Isso é mais fácil de ser trabalhado se a sua escola estiver situada em áreas e cidades onde há imigrantes ou descendentes de imigrantes. Nos lugares onde há maior homogeneidade na composição social e étnica, os alunos podem necessitar de uma pesquisa mais aprofundada.

Atividade 2

Trabalhe a questão com os alunos. Por exemplo, a alimentação dos brasileiros, cujo prato básico é composto de arroz e feijão, pode variar de uma região a outra, dependendo dos produtos que a região possui. Assim, na Amazônia come-se mandioca, frutos e peixes de água doce; no Nordeste, a mandioca, a abóbora, a carne-seca e também muitos frutos típicos da região fazem parte das refeições. No Sul são mais comuns os legumes, o milho, o charque e o chá-mate. Outros exemplos são as maneiras de construir casas, as festas e as expressões populares, o costume de dormir em rede, os hábitos familiares, etc.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetos de conhecimento	Habilidades
Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas	<p>BNCC EF05HI04 Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.</p> <p>BNCC EF05HI05 Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.</p>
As tradições orais e a valorização da memória O surgimento da escrita e a noção de fonte para a transmissão de saberes, culturas e histórias	<p>BNCC EF05HI08 Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo povos indígenas originários e os povos africanos.</p>
Os patrimônios materiais e imateriais da humanidade	<p>BNCC EF05HI10 Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.</p>

A BNCC nas páginas 54 e 55

Nestas páginas os alunos são incentivados a compreender a diversidade das línguas e outros aspectos da cultura indígena, como a marcação da passagem do tempo e a organização de suas moradias. Os alunos aprendem também a identificar características das permanências e mudanças nessas culturas após a chegada dos portugueses, trabalhando as habilidades **EF05HI03** e **EF05HI08** da BNCC.

Orientações gerais

Aproveite para comentar com os alunos que atualmente há línguas indígenas oficializadas como segunda língua em alguns municípios brasileiros.

Em São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, por exemplo, são três línguas: o nheengatu, o tukano e o baniwa. Em Tacuru, em Mato Grosso do Sul, a língua indígena é o guarani. Com a nova língua oficial, todos os serviços públicos básicos na área de saúde e as campanhas de prevenção de doenças passam a ser feitos em todas essas línguas, além do português.

O significado e a etimologia das palavras de origem tupi sugeridas podem ser encontrados no dicionário Michaelis *on-line* de Língua Portuguesa, disponível no endereço: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

Pesquise

De forma geral, a população do campo também possui alguns conhecimentos tradicionais sobre os ritmos da natureza, o ciclo das estações e o comportamento do clima. Trata-se também de uma forma de perceber e marcar a passagem do tempo, organizando as atividades agrícolas. Os indígenas também observam a natureza para saber quando é o momento mais adequado para caçar, coletar, pescar e plantar.

A língua é um dos modos pelos quais as pessoas se comunicam e compreendem o mundo. As línguas se transformam com as pessoas que as falam.

Antes da chegada dos portugueses ao território que hoje pertence ao Brasil, os povos indígenas tinham culturas muito diferentes. Exemplos dessas diferenças culturais eram as línguas e as tradições religiosas.

O tupi era uma das línguas indígenas mais faladas pelos povos que viviam no litoral do Brasil quando os portugueses chegaram à América. O contato frequente entre os portugueses e as várias tribos tupis resultou em **intercâmbio** cultural.

intercâmbio:
troca entre dois grupos diferentes.

Acredita-se que havia mais de 1200 línguas indígenas quando os portugueses chegaram. Ao longo da história, a violência contra esses povos nativos por outros grupos indígenas e pelo colonizador fez com que muitas dessas línguas desaparecessem. Atualmente, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 274 línguas indígenas são faladas no Brasil, e algumas podem ainda desaparecer por causa do pequeno número de falantes.

Pesquise

A forma como os povos indígenas percebem e marcam a passagem do tempo também é um aspecto importante de suas culturas. Para esses povos, mudanças no ambiente indicam o momento mais adequado para plantar, colher, pescar e caçar. Por isso, eles estão sempre observando o movimento dos astros, o período de reprodução dos peixes, o volume das águas dos rios, as épocas de chuva ou de seca.

Essas mudanças no ambiente também mostram quando é a hora de fazer celebrações e rituais religiosos. Os acontecimentos da vida da comunidade também marcam o tempo: nascimento, puberdade, gravidez e morte.



- 1 Em grupo, entrevistem uma pessoa idosa da comunidade em que você vive. Façam as seguintes perguntas:
 - a) Você observa a natureza para marcar o tempo?
 - b) Você realiza atividades diferentes relacionadas às estações do ano? Quais?
 - c) Você conhece festividades e celebrações que demarcam a passagem do tempo? Quando elas ocorrem?
 - d) Que mudanças na sua comunidade você pôde observar até agora?
- 2 Após a entrevista, escrevam um pequeno texto sobre o que vocês descobriram e leiam para a turma.

54

UNIDADE 2 »

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

A respeito das línguas indígenas que eram faladas no território brasileiro quando os portugueses chegaram e também do intercâmbio cultural que resultou do contato frequente entre esses dois povos, leia o texto a seguir.

Línguas gerais

Nos primeiros tempos da colonização portuguesa no Brasil, a língua dos índios Tupinambá (tronco Tupi) era falada em uma enor-

me extensão ao longo da costa atlântica. Já no século XVI, ela passou a ser aprendida pelos portugueses, que de início eram minoria diante da população indígena. Aos poucos, o uso dessa língua, chamada de Brasilica, intensificou-se e generalizou-se de tal forma que passou a ser falada por quase toda a população que integrava o sistema colonial brasileiro.

Grande parte dos colonos vinha da Europa sem mulheres e acabava tendo filhos com índias, de modo que a Língua Brasilica era a língua

Quando os portugueses chegaram, encontraram os indígenas vivendo em aldeias. As aldeias eram, e ainda são, os espaços que os indígenas construíram para viver.

Ainda hoje, a maior parte dos indígenas vive em aldeias. Cada povo decide como construir suas aldeias, de acordo com a sua tradição, o ambiente em que vive e a relação que possui com os não indígenas. Veja algumas características dessas aldeias:

- a construção das moradias pode ser feita com recursos da natureza, como palha, cipós e madeira; algumas comunidades, devido à proximidade das cidades, estão atualmente construindo suas casas com materiais comprados, como telhas e tijolos;
- alguns grupos constroem grandes moradias para várias famílias aparentadas; outros grupos constroem moradias menores;
- as aldeias são construídas em lugar seguro e próximas de rios e florestas, para garantir o abastecimento de água, a pesca e a caça;
- o formato das aldeias pode variar; há aldeias circulares, em formato de U, em fileiras, entre outros.

Ilustrações: Claudio Chyco/Arquivo da editora



As aldeias dos Bororo e dos Kayapó são em formato circular, e as moradias são construídas em volta de um pátio.



Outras aldeias são em forma de ferradura e à beira de um rio. Os Xavante constroem aldeias nesse formato.



Algumas aldeias têm as moradias em fileiras, como as aldeias dos Karajá e dos Munduruku.

► Ilustrações representando os formatos mais comuns de aldeias indígenas no Brasil. As moradias representadas são apenas ilustrativas. Cores fantasia.

1. As aldeias indígenas não são iguais. Elas podem ser organizadas em diferentes formatos, como ferradura, circular ou em fileiras. As aldeias podem variar de acordo com os diferentes contatos culturais que os indígenas fizeram.

Minha coleção de palavras de História

Você deve ter notado a presença de uma expressão bem importante nesta página. Essa expressão é bastante usada por historiadores e estudiosos.

ALDEIA



1 Discuta com seus colegas e seu professor: todas as aldeias indígenas são iguais?

2 Descreva, no caderno, algumas diferenças entre as aldeias indígenas e as cidades.

Ao contrário das aldeias, as cidades não costumam ter formato predefinido (exceto as cidades planejadas, como Brasília), e nelas há construções variadas: casas, prédios, comércios, etc. As técnicas construtivas nas cidades também podem variar.

► CAPÍTULO 3 55

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

Comente com os alunos que foi observando, no céu, os ciclos do Sol e da Lua que os povos antigos criaram os primeiros calendários.

Os egípcios foram os primeiros a criar um calendário, que era totalmente baseado nos ciclos da Lua, mas esse sistema não conseguia prever as inundações anuais do rio Nilo, um acontecimento muito importante para a sobrevivência desse povo na época, pois a agricultura dependia das cheias do rio. Os egípcios passaram então a notar que as cheias do Nilo coincidiam com o surgimento da estrela Sirius no céu. Quando o Sol ia surgindo no horizonte, o brilho da estrela ficava mais visível e assim passaram a associar esse fenômeno com a inundação anual, criando o calendário solar.

A palavra “aldeia” foi utilizada na unidade 1 para designar as primeiras povoações dos seres humanos quando se tornaram sedentários. Nesta unidade, a palavra foi utilizada para se referir às aldeias indígenas do Brasil. É importante que os alunos não confundam os dois usos da palavra.

Explique aos alunos que muitos povos indígenas buscam manter hoje o modo de vida dos seus ancestrais. Explique a eles que, por proximidade das cidades e dos costumes dos não indígenas, muitos grupos estão modificando o seu modo de construir as casas, entre outras alterações. Indique para os alunos o link: <<https://mirim.org/como-vivem/casas>>. Acesso em: 7 ago. 2017. Se possível, visite a página com eles.

Minha coleção de palavras de História

Leia mais sobre a **Minha coleção de palavras de História** na página XXII das Orientações gerais.

Caso algum aluno tenha alguma vivência indígena ou já tenha visitado uma aldeia indígena, peça a ele que conte sua experiência para a turma.

materna dos seus filhos. Além disso, as missões jesuítas incorporaram essa língua como instrumento de catequização indígena. O padre José de Anchieta publicou uma gramática, em 1595, intitulada Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil. [...]

A partir da segunda metade do século XVII, essa língua, já bastante modificada [...] passou a ser conhecida pelo nome Língua Geral. Mas é preciso distinguir duas Línguas Gerais no Brasil colônia: a paulista e a amazônica. Foi a primeira delas que deixou fortes marcas no vocabu-

lário popular brasileiro ainda hoje usado (nomes de coisas, lugares, animais, alimentos etc.) e que leva muita gente a imaginar que “a língua dos índios é (apenas) o Tupi”. [...]

Línguas Gerais. *Pib Socioambiental*. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/linguas/linguas-gerais>>. Acesso em: 4 set. 2017.

A BNCC na página 56

Esta página aborda a divisão do trabalho e a organização social nas aldeias indígenas, levando os alunos a identificarem as culturas indígenas, relacionando-as ao espaço onde estão inseridas, contemplando as habilidades **EF05HI01**, **EF05HI02** e **EF05HI03** da BNCC.

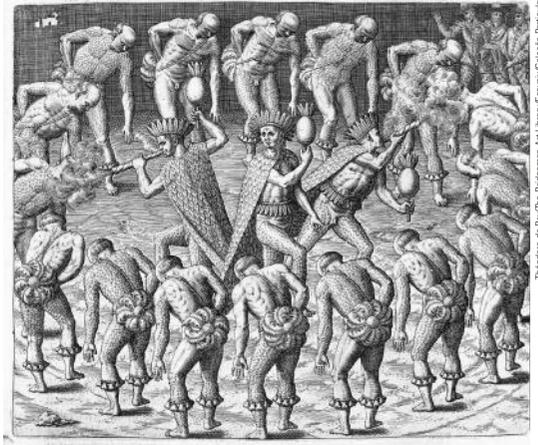
Orientações didáticas

Explore a diferença existente entre sociedades que se organizam em torno da ideia de propriedade privada e aquelas que se organizam em torno da ideia de uso comum dos bens. Enquanto nas primeiras os principais recursos são considerados propriedade de alguns indivíduos, nas outras aquilo que é fundamental para a vida da comunidade é dividido e utilizado de forma coletiva. Isso significa que o trabalho necessário para a produção de alimentos e objetos é repartido entre os membros da comunidade.

Quando entraram em contato com povos indígenas, após 1500, os portugueses perceberam que o trabalho e os alimentos eram divididos entre todos. Homens, mulheres, crianças e idosos tinham tarefas diferentes, mas todos colaboravam para a sobrevivência da aldeia.

Essa característica da cultura daqueles povos indígenas causou muito espanto aos portugueses, porque na Europa havia muitas diferenças sociais e as riquezas e as terras não eram divididas de forma igualitária entre todos. Na cultura europeia havia a ideia de **propriedade privada**, enquanto nas sociedades indígenas essa ideia não existia.

Não apenas a falta de propriedade privada diferenciava a cultura indígena da portuguesa. Como vimos nos capítulos anteriores, as crenças religiosas e a organização política também eram diferentes e causavam grande espanto aos portugueses.



Theodore de Bry/The Bridgeman Art Library/Retainor/Corbis

► Os hábitos culturais indígenas causaram estranhamento nos europeus. Um exemplo disso foi a dança praticada pelos Tupinambá, que viviam no litoral do Brasil antes da chegada dos europeus. Gravura representando dança tupinambá feita por Théodore de Bry no século XVI.

- 1 Portugueses e indígenas encaravam a terra e as riquezas de forma diferente. Qual era o ponto de vista de cada um? Discuta com seus colegas.
Resposta pessoal.

- 2 Escreva uma frase usando as palavras:

COMUNIDADE

TRABALHO

PROPRIEDADE

Resposta pessoal.

Os africanos trazidos para o Brasil também tinham uma cultura muito rica e diversificada. Um exemplo são as relações familiares, que eram, e continuam sendo, muito importantes para as sociedades africanas. Contudo, muitas vezes, a ideia de família dessas sociedades era bem diferente da nossa.

Na África, entre alguns povos, todos os filhos que nasciam se tornavam parte apenas da família do pai. A mãe e seus parentes não eram considerados da mesma família que o filho. Mas existiam outras sociedades em que ocorria o contrário, e todos os filhos faziam parte apenas da família da mãe.

Também existiam sociedades em que os homens podiam se casar com várias mulheres e formar grandes famílias. Mas isso não ocorria em toda a África. Alguns povos consideravam que as ações de um dos membros da família eram responsabilidade da família inteira. Assim, se uma pessoa cometesse um crime, todos seriam punidos.

O trabalho era dividido entre os membros da família; geralmente, as mulheres eram responsáveis pelo trabalho agrícola, enquanto os homens deviam construir as casas, caçar, cuidar do gado e proteger a família.

O texto a seguir explica como era a infância de crianças africanas.

Os anos da infância dividiam-se entre **folguedos** e aprendizado – um aprendizado prático, no qual as crianças acompanhavam os pais na labuta diária. Ao chegarem à **puberdade**, eram afastadas por um breve tempo do convívio da comunidade e, reclusas em cabanas no meio do mato, tomavam conhecimento das tradições do grupo e eram submetidas a rituais de iniciação [...].

SILVA, Alberto da Costa. **A África explicada aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2008. p. 61.

folguedo: brincadeira.

puberdade: época da vida em que ocorre a passagem da infância para a adolescência.

1 Como era a vida das crianças na África, de acordo com o autor do texto?

A vida das crianças era dividida em momentos de brincadeira e momentos de aprendizagem. Quando não estavam brincando, elas acompanhavam os pais no trabalho.

2 A vida das crianças na África era parecida com a sua vida de criança hoje?

Resposta pessoal.

A BNCC nas páginas 57 a 59

Nestas páginas os alunos são incentivados a conhecer aspectos das culturas africanas, como, por exemplo, a organização social e a organização de trabalho, em especial nas diferentes regiões africanas de onde emigraram os negros que vieram escravizados para o Brasil. É importante que os alunos reconheçam que a família tinha e até hoje tem um papel fundamental na organização social dos povos africanos, trazendo essa estrutura social para a nova terra. Além disso, é importante que percebam como eram diversas as maneiras de se construir moradias no continente africano. Os alunos trabalham, assim, as habilidades **EF05HI02** e **EF05HI03** da BNCC.

Orientações didáticas

Explique aos alunos que o norte da África é ocupado por povos árabes, com culturas diferentes da dos povos que habitam a parte central e o sul da África.

Atividade 2

É importante destacar que, atualmente, o aprendizado das crianças, tanto as brasileiras quanto as africanas, ocorre nas escolas, e não no trabalho dos pais ou responsáveis. Embora alguns povos indígenas também tenham a prática de separar os jovens durante a puberdade, esse costume não é generalizado.

Orientações didáticas

Consulte com os alunos um mapa do continente africano e analise com eles a organização política, quais são os países e as cidades principais e outras informações sobre esses países. Alerta os alunos para o fato de que a África é um continente, e não um país; e que nesse continente não se fala o africano, e sim várias línguas, inclusive línguas de origem europeia.

Informe os alunos que jovens estudantes africanos que vivem nos Estados Unidos lançaram uma campanha há alguns anos, com o objetivo de eliminar opiniões errôneas e preconceitos sobre o continente e mostrar que ele é muito diversificado e formado por mais de 50 países. A campanha se chama "A verdadeira África: combata o estereótipo" (título traduzido para o português). Nessa campanha, são mostradas fotos dos estudantes com as bandeiras de seus países, cada uma delas acompanhada de uma frase em inglês sobre o continente, como: "africano não é uma língua", "eu não falo africano", "a África não é uma selva com animais selvagens" (frases traduzidas para o português) e muitas outras.

Uma reportagem sobre o tema, com fotos dos estudantes, foi publicada no site: <www.acordacultura.org.br/artigos/10022014/campanha-para-mostrar-diversidade-da-africa-nao-somos-um-pais>. Acesso em: 6 dez. 2017.

A família era muito importante para os povos africanos, mas outras formas de organização social tinham igual importância. Alguns deles mantiveram a vida nômade, mesmo após o domínio da agricultura. Assim, formavam pequenos grupos que se deslocavam de tempo em tempo pelo continente, buscando caça e terras boas para a plantação de legumes, grãos e frutas.

Em algumas regiões, as famílias formavam pequenas aldeias nas quais todos se ajudavam para produzir alimentos e se proteger de invasores. E existiam também pequenas aldeias onde tudo era compartilhado por todos.

Em outros locais, surgiram reinos formados por diversas aldeias e também por grandes cidades, repletas de casas e construções complexas. Esses reinos se estendiam por um território muito grande, como o reino do Benin, na costa oeste da África.



▶ Representação de construções da cidade do Benin, a capital do reino do Benin, um importante reino africano entre os séculos XV e XIX. Esse desenho foi feito por um oficial britânico em 1897.

Observe atentamente a imagem e depois responda:

a) O que é possível afirmar sobre a cidade do Benin com base na imagem?

Que ela era bastante populosa e formada por diversas construções.

b) Todos os povos africanos viviam em cidades parecidas com o Benin? Por quê?

Não. Alguns povos viviam de forma nômade. Outros viviam em pequenas aldeias.

As construções africanas também se diferenciavam entre si. Em algumas regiões, as casas tinham terraços, pátios e paredes de pedra, por causa da influência dos costumes europeus. Em outros lugares, as casas eram feitas de madeira, pedras ou barro e cobertas com folhas de árvores.

Outra técnica de construção importante é conhecida no Brasil como pau a pique. As paredes eram construídas com pedaços de madeira ou vara e preenchidas com barro socado. Podiam ser usados azeite de dendê, manteigas e óleos para deixar o barro mais forte e duro. Essa técnica permitia a construção de casas, mas também de prédios religiosos, como as **mesquitas** islâmicas.

O adobe também era muito empregado na África. Essa técnica consiste em fazer tijolos com lama, terra, água, grama e outros materiais facilmente encontrados na natureza. O adobe possibilitou a construção da Grande Mesquita de Djenné, localizada no atual território do Mali. Esse local é considerado patrimônio histórico da humanidade e é uma das maiores construções de adobe do mundo.

mesquita:
edifício religioso onde se pratica o islamismo.



► Casas de pau a pique na República do Malauí na África, em 2016.

- 1 Os africanos só construíam casas de pau a pique? Justifique sua resposta.
Não. Na África existiam diferentes técnicas de construção de casas. O pau a pique era uma delas.
- 2 Converse com seu professor e seus colegas: quais são as principais formas de construção de casas na comunidade em que vocês vivem? **Resposta pessoal.**

Orientações didáticas

É importante lembrar que as casas de pau a pique são baratas e podem ser construídas com materiais encontrados na região onde as casas serão construídas. É por essa razão que essa técnica se tornou comum e importante no Brasil.

A BNCC nas páginas 60 e 61

Estas páginas abordam a organização social e o modo de vida na Europa na época da chegada dos portugueses ao Brasil. O continente se caracterizava por uma cultura rica e diversificada, em que a Igreja católica exercia grande poder, predominavam as grandes propriedades rurais, a maior concentração populacional ocorria no campo e havia algumas grandes cidades. Os alunos são estimulados a identificar aspectos da cultura dos brancos europeus, um dos elementos formadores de nosso povo e de nossa cultura, trabalhando continuamente as habilidades **EF05HI02** e **EF05HI03** da BNCC.

Os europeus também tinham uma cultura rica e diversificada. Na época da chegada dos portugueses à América, em 1500, muitos países europeus haviam acabado de se formar e outros ainda estavam em formação.

Naquele período, grande parte dos europeus vivia em grandes propriedades rurais. Nelas, os camponeses plantavam seus alimentos, construía suas aldeias e fabricavam a maior parte dos objetos necessários para a vida cotidiana.

As grandes propriedades rurais eram comandadas por um nobre, que tinha autoridade para organizar as leis e cobrar impostos. Além disso, era comum que as propriedades tivessem castelos e, ao redor deles, grandes muralhas de madeira e pedra que ajudavam na defesa do território.



As cidades, naquela época, não eram muito grandes. Paris, Londres e Lisboa, por exemplo, eram muito menores do que são hoje.

A Igreja católica tinha grande poder e controlava a produção de obras de arte e de livros. Por isso, a cultura europeia era muito marcada pelas ideias católicas.

► Iluminura de manuscrito francês de cerca de 1416 representando o trabalho dos camponeses e um castelo ao fundo.

1 Que tipo de atividade os camponeses estão realizando na imagem?

Os camponeses estão produzindo alimentos no campo.

2 Por que havia grandes muralhas ao redor do castelo?

Para proteger o castelo e suas imediações de invasores.

60

UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A alimentação dos europeus naquele período não era muito variada. Alguns dos principais alimentos eram feitos à base de trigo, como a farinha para produzir pães. Apenas a nobreza consumia carne regularmente.

Os alimentos doces eram feitos com frutas e mel porque o açúcar era um produto caro.

Politicamente, a sociedade na Europa era organizada em três grupos principais: o clero (membros da Igreja), a nobreza e os camponeses.

Uma das formas de diferenciação desses grupos eram as vestimentas. Enquanto a nobreza usava peles, tecidos de seda, roupas coloridas e carregava armas, os camponeses usavam blusas e calções de panos simples e sem cores vivas.

As habitações eram construídas principalmente com materiais como barro e madeira. Construções mais importantes, como igrejas, castelos e algumas residências da nobreza, podiam ser feitas com materiais mais resistentes, como pedras e telhas.



► Iluminura do século XV representando os três grupos da sociedade europeia no período.

1 Identifique na imagem acima cada um dos três grupos da sociedade europeia no século XV. Justifique sua escolha.

O clero está representado pelo personagem vestido com túnica, à esquerda; no centro, está a nobreza, identificada pela armadura; no lado direito, está o camponês, com suas ferramentas de trabalho.

2 Essa divisão social dos povos europeus também existia nas sociedades indígenas do território que hoje pertence ao Brasil? Por quê?

Não existia, já que as sociedades indígenas se organizavam com base na família, na idade, no sexo, mas não em classes e ordens.

Orientações didáticas

Da mesma maneira que foi encaminhado o estudo sobre a África, trabalhe com os alunos um mapa da divisão política da Europa, observando quais são seus países, capitais, principais cidades e outros aspectos. Há sites que oferecem visitas virtuais a várias dessas cidades e que podem ser acessados com os alunos. Explique aos alunos a posição da Europa em relação à África. Separados pelo mar Mediterrâneo, esses dois continentes, há muito séculos, desenvolvem relações comerciais e culturais. Países europeus, como Portugal, França, Inglaterra e Bélgica, dominaram muitos países da África entre os séculos XV e XIX. É por isso que em Angola e Moçambique, por exemplo, se fala português, em Camarões se fala francês, etc. Para aprofundar seu estudo sobre a história da África, consulte o livro *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*, de Leila Hernandez.

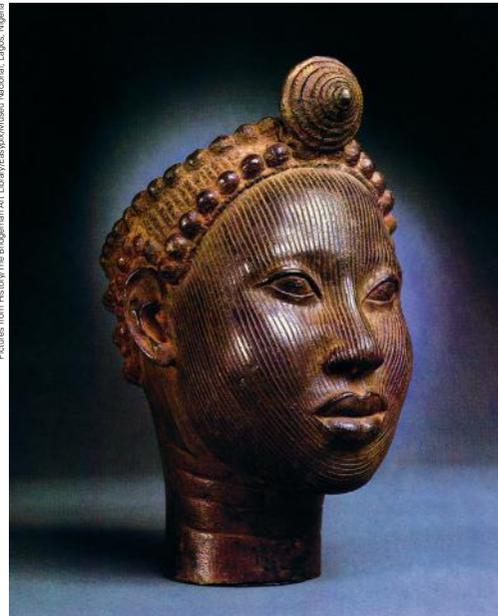
A BNCC nesta seção

Estas páginas tratam das manifestações artísticas produzidas por representantes dos três grupos formadores de nosso povo, incentivando os alunos a compreender que cada grupo possuía suas técnicas e sua cultura e que essa diversidade ainda hoje está presente na nossa sociedade. Frisa-se aqui a importância da valorização dessas culturas e a necessidade de respeito a todas elas. Trabalha-se a habilidade **EF05HI03** da BNCC.

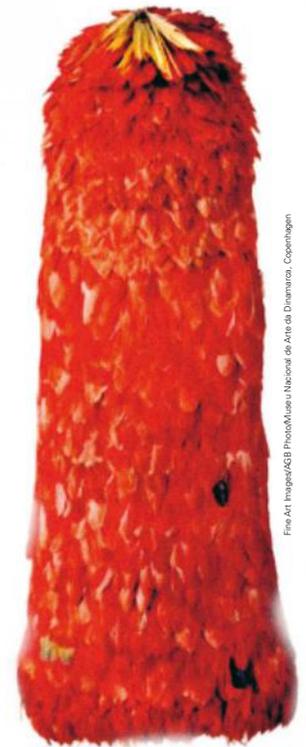
TECENDO SABERES

Neste capítulo, você estudou povos indígenas, africanos e europeus. Cada sociedade produziu objetos que hoje consideramos obras de arte, com características próprias e que estão ligados à história de cada um desses povos.

As imagens a seguir são exemplos de objetos produzidos por alguns desses povos. Observe-as atentamente e depois responda ao que se pede.



► Escultura em bronze produzida pelo povo ioruba, da África, no século XIX, representando a cabeça da rainha de Ifé, cidade que hoje pertence à Nigéria.



► Manto feito por indígenas tupinambás no século XVII, com 1,27 metro de altura e produzido com penas do pássaro guará.

62

UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Leia a entrevista a seguir sobre as tradições artísticas africanas.

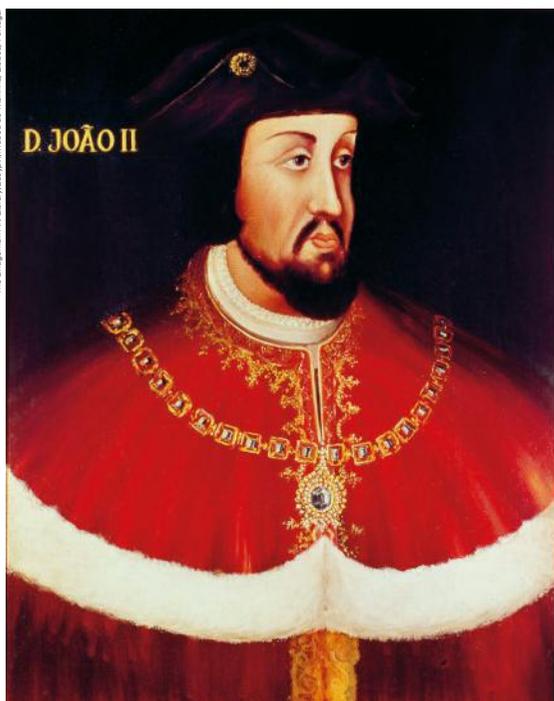
Quando o antropólogo alemão Leo Frobenius (1873-1938), há mais de 110 anos, descobriu na África cabeças de bronze que representavam os reis de Ifé – reinado que teria florescido entre os séculos XII e XV –, ficou emocionado e atônito. Tãmanha era a sofisticação das esculturas, a rivalizar em beleza e perfeição com o que de melhor os gregos e romanos produziram, que o explorador teve certeza de estar diante de obras da mítica Atlântida.

Depois de mais de cem anos de reflexão sobre a arte africana, muito ainda há a ser descoberto. “Será ela uma forma de arte saída direto da religião como foi a arte grega? Serão estes objetos em sua maior parte relacionados à sua função prática?” Quem lança as perguntas é Renato Araújo da Silva, pesquisador do Museu Afro Brasil.

[...]

CartaCapital: Pode-se falar numa tradição artística africana?

Renato Araújo da Silva: Não existe uma “tradição artística africana” no sentido de haver uma tradição única identificável por seus critérios estéticos, organizados por uma escola, com seus cânones e ten-



► Retrato de dom João II, um dos reis de Portugal no século XV (óleo sobre painel).

Atividade 2

Analise as obras artísticas de cada grupo e relacione-as com as técnicas de produção utilizadas para realizá-las. Peça aos alunos para identificar quais materiais foram usados. Depois explique que, apesar de conterem o senso estético próprio de sua cultura, as obras se diferenciam quanto à técnica e ao material empregado. Enquanto o africano utilizou o bronze, metal resultante principalmente da liga de cobre e estanho, cuja técnica dominava, o indígena, para confeccionar a sua obra, utilizou produtos tirados diretamente da natureza – ou seja, penas e provavelmente fios ou cola natural para prendê-las. A obra do europeu é uma pintura feita de tintas naturais à base de óleo, e provavelmente linho, usado como tela. A figura da pintura mostra um homem trajado à moda europeia, com roupas de tecido grosso e chapéu.

1 O que há em comum entre a escultura africana e o retrato português?

As duas obras são representações de governantes.

2 Em grupo, preencham o quadro a seguir com as informações de cada obra.

Nome do objeto	Local de origem	Período em que foi feito	Materiais empregados na confecção da obra
Escultura da rainha de Ifé.	Ifé, na Nigéria.	Século XIX.	Bronze.
Manto tupinambá.	Litoral do Brasil.	Século XVII.	Penas de pássaro.
Retrato de dom João II.	Portugal.	Século XV.	Tinta a óleo e tela.

3 Ainda em grupo, pesquisem em livros, revistas, jornais e na internet outros exemplos de obras de arte dos povos abordados neste capítulo.

dências dos quais não se poderia fugir sem perder seu “lugar ao sol”, como ocorre com as “tradições artísticas das culturas europeias”.

Nunca será possível fazer uma definição única dessas tradições, uma vez que são elementos da cultura material de diferentes povos.

[...]

Essas formas artísticas tradicionais foram e algumas ainda são produzidas com objetivos também diversos. Não foram feitas para serem dependuradas em museus (se estão nos museus é para que tenhamos dirimida parte de nossa própria curiosidade, que até certo ponto não tem nada a ver com as obras). E mais, algumas delas não foram feitas

sequer para serem vistas. Eram afastadas do grupo e depositadas em locais sagrados ou enterradas. São estatuetas, máscaras, bancos, tecidos, vestimentas, objetos decorativos e do cotidiano, instrumentos musicais e religiosos, joias, entre outra infinidade de artefatos da cultura material dos povos africanos tradicionais que servem de elementos para essa, por assim dizer, “tradição artística africana”.

FERRAZ, Ana. Livro reúne produção artística de 13 povos da África. *CartaCapital*, 17 maio 2015. Disponível em: <www.cartacapital.com.br/cultura/livro-reune-producao-artistica-de-13-povos-da-africa-3817.html>. Acesso em: 28 dez 2017.

A BNCC na página 64

Esta página leva os alunos a reconhecer que o encontro das três culturas formadoras do povo brasileiro deu origem a uma nova cultura rica e diversificada. Os alunos são também incentivados a compreender que esse encontro nem sempre foi amistoso por ser fruto de uma visão de mundo que hoje não se pode mais aceitar, ou seja, de um grupo fazer prevalecer sua cultura e organização social sobre outros forçosamente. Trabalho com as habilidades **EF05HI03**, **EF05HI04** e **EF05HI05** da BNCC.

Pensar histórico

Ao estudar a questão da diversidade cultural ao longo do tempo, é possível entender que a história humana é marcada pela formação de experiências culturais e sociais extremamente variadas. Deve-se destacar a importância de ser tolerante, buscando refletir positivamente sobre a diversidade cultural no presente.

Os princípios do respeito aos outros

Como já estudamos, foi o encontro de culturas muito diferentes que deu origem à cultura brasileira. Os povos indígenas, africanos e europeus que formaram o Brasil estavam organizados de formas diversas. O encontro desses povos permitiu a criação de uma cultura rica e variada.

Porém, o encontro não foi pacífico. Os povos indígenas e os escravizados africanos sofreram violências provocadas pelos portugueses. Uma das justificativas para a violência era a necessidade de cristianizar africanos e indígenas, com os portugueses buscando impor sua cultura.

A intolerância com outras culturas não ocorreu apenas no passado. Atualmente, há muitos exemplos de preconceito racial e religioso no Brasil. Por isso, é muito importante adotar medidas para que sempre haja respeito às diferentes práticas, crenças e culturas.

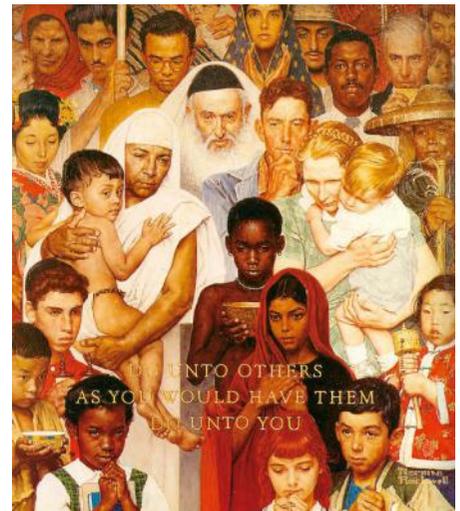
1 Converse com seu professor e seus colegas sobre formas de respeitar as diferenças culturais dentro da escola.
Resposta pessoal.

2 A pintura de Norman Rockwell ao lado mostra a ideia de tolerância em relação a todas as culturas. Explique a razão disso.

A obra de Norman Rockwell defende a ideia de que devemos tratar os outros da mesma maneira que gostaríamos que nos tratassem. Assim, devemos respeitar as demais culturas, já que esperamos que a nossa cultura também seja respeitada.

3 Escreva uma frase sobre "tolerância".

Resposta pessoal.



► A regra de ouro, de Norman Rockwell, 1961 (óleo sobre tela de 113 cm x 100 cm). No centro da imagem, o texto em inglês significa: "Faça aos outros o que você gostaria que fizessem a você".

Texto complementar

Bullying e violência nas escolas ainda são temas sem diagnóstico no país

O Brasil não tem um mapeamento claro sobre a dimensão da violência dentro das escolas. Não há estudos abrangentes sobre a temática, o que, segundo especialistas, dificulta não só um diagnóstico do problema, mas também uma intervenção mais adequada.

Na sexta-feira, um estudante de 14 anos atirou contra colegas de sala em uma escola particular de Goiânia. Dois morreram e outros quatro ficaram feridos.

O próprio autor dos disparos disse à polícia que era vítima de *bullying*. Colegas relataram que o estudante, tímido e retraído, era vítima de gozações contínuas e era xingado de "fedorento".

Pesquisadora sobre violência nas escolas, Miriam Abramovay afirma que não é possível saber, por exemplo, quais são os fatores de risco aos quais os estudantes estão envolvidos, nem tampouco possíveis estratégias de proteção – essa realidade é foco, inclusive, de estudo que ela coordena atualmente em dois estados.

"Não temos diagnósticos. Estados e municípios não querem ver expostos dados negativos em geral, muito menos sobre a violência nas

A BNCC na página 65

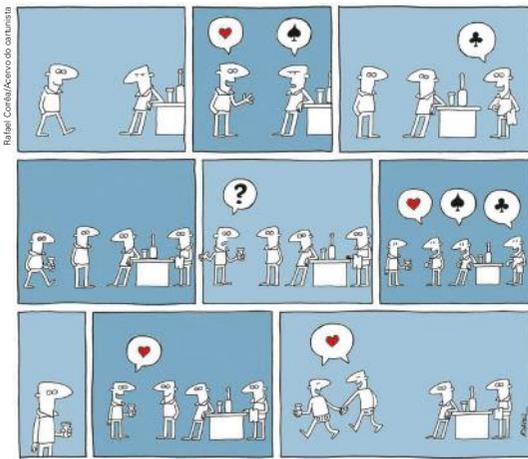
Esta página apresenta os problemas causados pela intolerância, que se manifesta de várias formas, tais como a homofobia, o machismo, o *bullying* e o preconceito racial, religioso e de gênero, incentivando os alunos à reflexão e a pensar em ferramentas para o combate à intolerância. Assim eles exercitam a habilidade **EF05104** da BNCC.

Há pessoas que não gostam da diversidade cultural do Brasil, principalmente quando se abordam as heranças africanas e indígenas. Esse comportamento se mostra intolerante, isto é, não suporta diferenças de opinião, religião, cultura ou personalidade.

A intolerância se manifesta no preconceito e nas diversas formas de violência, que impedem que muitas pessoas vivam de forma digna. Exemplos de intolerância são a **homofobia**, o machismo, o preconceito contra pessoas com deficiência, além do preconceito racial e contra as religiões afro-brasileiras.

homofobia:
preconceito
contra pessoas
homossexuais.

Uma das manifestações mais comuns de preconceito é o *bullying*. Esse nome é utilizado para indicar atos agressivos, como xingamentos e intimidações, feitos com frequência contra determinadas pessoas ou grupos e muito comuns nas escolas. Quando um ou mais alunos xingam e ameaçam sempre as mesmas pessoas por causa de sua orientação sexual, cor de pele ou por ser menina, já está ocorrendo o *bullying*.



CORRÊA, Rafael. Quadrinhos contra a homofobia. Disponível em: <<http://rafaelcartum.blogspot.com.br>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

O *bullying* é visto pelos praticantes como brincadeiras inofensivas, mas os alvos podem sofrer muito. Por isso, para que exista respeito à diversidade, é muito importante combater o *bullying* sempre que ele ocorrer.

1 Qual é a mensagem dos quadrinhos?

Os quadrinhos fazem uma crítica às pessoas que possuem comportamentos intolerantes contra homossexuais, mostrando que o que importa é o respeito à escolha de cada um.

2 Você já presenciou *bullying* dentro da escola? Converse com seus colegas sobre a situação e como evitar que ela se repita. **Resposta pessoal.**

» CAPÍTULO 3 65

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

escolas”, diz ela, ligada à Flacso (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais). “No sistema privado talvez seja ainda mais difícil.”

Em parceria com o MEC (Ministério da Educação) e OEI (Organização dos Estados Ibero-Americanos), a Flacso realizou uma pesquisa em 2015 com 6700 estudantes das sete capitais mais violentas do país. Divulgado no ano passado, é o último levantamento de maior fôlego feito no país.

[...]

Quatro em cada dez estudantes (do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º do Médio) afirmaram já terem sofrido violência física ou verbal dentro da escola no último ano. [...]

SALDAÑA, Paulo. *Bullying* e violência nas escolas ainda são temas sem diagnóstico no país. *Folha de S.Paulo*, 22 out. de 2017. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/10/1929183-bullying-e-violencia-nas-escolas-ainda-sao-temas-sem-diagnostico-no-pais.shtml>. Acesso em: 27 dez. 2017.

A BNCC nas páginas 66 e 67

Estas páginas finalizam o trabalho com o tema da diversidade e respeito aos indígenas neste capítulo, apresentando as dificuldades que passam as comunidades tradicionais e seu modo de vida. Os alunos aprofundam o desenvolvimento das habilidades **EF05HI03** e **EF05HI04** da BNCC.

Orientações didáticas

É importante destacar que a expulsão dos grupos indígenas de seus territórios tradicionais é um exemplo de violência praticada contra populações indígenas no Brasil. Para mais informações sobre o tema, é possível consultar o relatório *Violência contra os povos indígenas no Brasil*, disponível em: <www.cimi.org.br/pub/relatorio-violencia-contra-povos-indigenas_2016-Cimi.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2018.

O respeito pela cultura de outros povos e grupos sociais também envolve o direito de viver nas terras de seus ancestrais. Atualmente, muitos povos indígenas continuam sofrendo com a violência provocada pelos não indígenas e sendo expulsos de suas terras. Leia o texto a seguir.

Ajude as crianças Guarani Kaiowá

Já imaginou se alguém te expulsasse da sua própria casa? Do lugar em que viveram seus pais, seus avós, bisavós...? É isso que está acontecendo hoje com as crianças Guarani Kaiowá, no sul de Mato Grosso do Sul.

No passado, esse povo, assim como outros povos no Brasil, foi expulso de suas casas e terras, passando a viver em acampamentos de beira de estrada. Hoje a luta dos Guarani Kaiowá é para retomar seus territórios tradicionais – os *tekoha* – e poder criar suas crianças de acordo com o seu modo de vida.

É o caso da comunidade indígena Kurusu Amba, que fica na fronteira do Brasil com o Paraguai. Os indígenas, cansados de viver em acampamentos longe de suas casas, retomaram a área pacificamente em junho de 2015, mas logo depois foram expulsos de lá com muita violência por fazendeiros.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Ajude as crianças Guarani Kaiowá. **Povos indígenas do Brasil mirim**. Disponível em: <<https://mirim.org/node/16673>>. Acesso em: 22 nov. 2017.



► Mulher indígena da etnia Guarani Kaiowá na aldeia Jaguapiru, em Dourados, Mato Grosso do Sul, em 2015.

1 De acordo com o texto, o que aconteceu com os Guarani Kaiowá em 2015?

Eles foram expulsos novamente de suas terras ancestrais por fazendeiros que desejam explorar a região para a produção agrícola.

2 Com base no texto, é possível dizer que a sociedade brasileira respeita os direitos dos povos indígenas no presente?

Não, a sociedade brasileira não respeita os direitos dos povos indígenas, especialmente aqueles relacionados com a posse de suas terras.

66 UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

O texto a seguir trata do uso indiscriminado da coivara que traz consequências negativas para o solo.

Alternativas ao uso do fogo na agricultura e as etapas para planejamento de uma queimada controlada

A queimada ainda é muito utilizada pelos agricultores para limpeza e preparo do solo antes do plantio. Muitas vezes, essa prática é

feita de maneira indiscriminada e sem acompanhamento, causando danos ao solo, como a eliminação de nutrientes essenciais às plantas. As queimadas também trazem uma série de prejuízos à biodiversidade, à dinâmica dos ecossistemas e à qualidade do ar. Em Roraima, estado que apresenta altos índices de queimadas, [...] já delimitaram o calendário para uso do fogo no estado, que vai de fevereiro a março deste ano.

Segundo o pesquisador da Embrapa Edmilson Evangelista, a queimada é a última alternativa para a limpeza da área, pois, além de elimi-

Saiba mais

Os grupos indígenas plantavam e ainda plantam roças perto de suas aldeias. A técnica mais usada para fazer a plantação chama-se **coivara**. Conheça essa técnica no texto a seguir.

Como se faz a agricultura de coivara?

Primeiro derruba-se um trecho de mato, não muito grande. Depois de deixar o mato derrubado secar por um tempo, coloca-se o fogo, que limpa a área e a cobre de cinzas. Em seguida, faz-se uma limpeza na roça, tirando galhos e restos de árvores que não queimaram bem. Com as primeiras chuvas, plantam-se na mesma roça diferentes espécies, como milho, feijão, mandioca, batata, cará. Esse é um jeito de garantir a fertilidade do solo e evitar pragas. Depois é só manter a roça limpa.

[...] O **impacto ambiental** que esta técnica provoca [quando praticada por indígenas] é pequeno porque nunca se derruba uma área grande e, além disso, depois de alguns anos de uso, a roça pode ser abandonada e a floresta volta a crescer.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL.
Povos Indígenas no Brasil Mirim.
São Paulo, 2015. p. 118-119.



▶ Plantação de milho crescendo em terreno queimado segundo o sistema de agricultura de coivara. Aldeia indígena guarani de Salto do Jacuí, no Rio Grande do Sul, em 2015.

A coivara, quando é praticada por não indígenas, é muito criticada pelos ambientalistas. O uso dessa técnica em plantações comerciais enfraquece o solo, prejudica a fauna e a flora, piora a qualidade do ar e ainda aumenta o risco de incêndio nas áreas próximas. Os agricultores não indígenas só podem utilizar a coivara na agricultura com permissão especial do governo.

1 Com um colega, façam no caderno uma ilustração do método de coivara utilizado pelos indígenas. **Resposta pessoal.**

2 A coivara pode ser considerada uma prática prejudicial para a natureza?

Quando praticada em pequena escala, a técnica ajuda a melhorar a fertilidade do solo e evitar pragas. Nela, é feita a derrubada de pequenos trechos de floresta por um intervalo curto de tempo.

nar os restos vegetais, precursores na formação da matéria orgânica do solo, ainda prejudica a atmosfera pela liberação de gases que contribuem para o aquecimento global.

Segundo ele, em curto prazo, a queima pode até favorecer a renovação da vegetação, apresentando-se como uma ferramenta acessível e de baixo custo, mas, em longo prazo, as consequências não são tão positivas, gerando a degradação do solo pela exposição direta à chuva, eliminação da biodiversidade animal e vegetal, fatores importantes

para o controle de pragas e doenças, e perda de nutrientes essenciais ao crescimento das plantas.

[...]

ALTERNATIVAS ao uso do fogo na agricultura e as etapas para planejamento de uma queimada controlada. *Embrapa*. Disponível em: <www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/2471085/alternativas-ao-uso-do-fogo-na-agricultura-e-as-etapas-para-planejamento-de-uma-queimada-controlada>. Acesso em: 17 set. 2017.

A BNCC nas páginas 68 e 69

Nestas páginas os alunos são incentivados a identificarem a capoeira como uma forma de manifestação da cultura africana que se manteve e se afirmou no cenário cultural brasileiro (apesar de não ter sido aceita, durante séculos, pela elite branca dominante no país), tornando-se patrimônio cultural imaterial. Continua-se, assim, o desenvolvimento das habilidades **EF05HI04** e **EF05HI05**, além de introduzir aos alunos a habilidade **EF05HI10** da BNCC.

Muitos aspectos da cultura dos negros escravizados sofreram discriminação no passado. Um exemplo é a capoeira, mistura de luta esportiva e dança desenvolvida pelos africanos escravizados.

Acredita-se que ela seja praticada no Brasil desde o século XVIII como forma de divertimento e defesa. Porém, até a década de 1930 não era permitido que as pessoas jogassem capoeira livremente. A prática da capoeira era proibida e considerada um crime por ser um dos principais exemplos de resistência à escravidão dentro da cultura afro-brasileira.

Mesmo após a liberação, seus praticantes ainda sofriam com a discriminação racial e com o preconceito de classe, pois seus praticantes eram, em geral, pobres.

Em nossos dias, a capoeira se tornou muito popular, mas o preconceito contra a cultura afro-brasileira ainda persiste.



► **Negros lutando**, de Augustus Earle (aquarela sobre papel de 16,5 cm x 25,1 cm), 1824.

1 Descreva o que mais chamou sua atenção na gravura.

Resposta pessoal.

2 Compare a prática da capoeira no período da escravidão no Brasil com a dos dias de hoje.

Durante o período da escravidão e até as primeiras décadas do século XX, a prática da capoeira era proibida. Hoje, é amplamente divulgada como esporte e dança.

68 UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

A Roda de Capoeira – inscrita no Livro de Registro das Formas de Expressão, em 2008 – é um elemento estruturante de uma manifestação cultural, espaço e tempo, onde se expressam simultaneamente o canto, o toque dos instrumentos, a dança, os golpes, o jogo, a brincadeira, os símbolos e rituais de herança africana – notadamente banto – recriados no Brasil. Profundamente ritualizada, a roda de capoeira congrega cantigas e movimentos que expressam uma visão

de mundo, uma hierarquia e um código de ética que são compartilhados pelo grupo. [...]

O registro da Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira tem amplitude nacional e foi realizado com base nas pesquisas desenvolvidas, durante a fase de inventário, nos estados da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. A capoeira é uma manifestação cultural presente hoje em todo o território brasileiro e em mais de 150 países, com variações regionais e locais criadas a partir de suas “modalidades” mais conhecidas: as chamadas “capoeira angola” e “capoeira regional”. [...]

Em 1937, o governo brasileiro legalizou a prática da capoeira, reconhecendo sua importância para a cultura do país.

Ainda assim, demorou muito tempo para que a capoeira fosse reconhecida como uma importante manifestação cultural brasileira. Isso só aconteceu nas últimas décadas do século XX, quando surgiram academias de capoeira por todo o país.

Em 2008, a capoeira foi reconhecida pelo governo como um **patrimônio cultural imaterial** do Brasil. Ela passou a ser vista como um aspecto positivo de nossa cultura e que deve ser preservado. Assim, a capoeira é um exemplo de luta e resistência dos afrodescendentes pelas suas manifestações culturais. Também serve como exemplo de como respeitar a cultura de todos e valorizar a diversidade brasileira.



► Pessoas jogando capoeira em via pública na cidade de Salvador, na Bahia, em 2016.



Em grupo, pesquisem algumas das principais características da capoeira. Em seguida, anatem as descobertas do grupo.

Algumas características da capoeira: um tipo de dança e luta, de golpes ágeis, criada pelos africanos escravizados e seus descendentes. É feita ao som de música, tocada principalmente com berimbau e cantada pelos participantes. Na capoeira são utilizados chutes, joelhadas, rasteiras, cabeçadas, cotoveladas e acrobacias.

Patrimônio Imaterial da Humanidade – A 9ª Sessão do Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda aprovou, em novembro de 2014, em Paris, a Roda de Capoeira, um dos símbolos do Brasil mais reconhecidos internacionalmente, como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. O reconhecimento da Roda de Capoeira, pela Unesco, é uma conquista muito importante para a cultura brasileira e expressa a história de resistência negra no Brasil, durante e após a escravidão. Originada no século XVII, em pleno período escravista, desenvolveu-se como forma de sociabilidade e solidariedade entre os africanos escla-

vizados, estratégia para lidarem com o controle e a violência. Hoje, é um dos maiores símbolos da identidade brasileira e está presente em todo território nacional, além de praticada em mais de 160 países, em todos os continentes.

Roda de capoeira. *Iphan*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/66>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

Orientações didáticas

O termo **patrimônio imaterial** é introduzido aqui e será retomado e analisado no Capítulo 7.

Peça aos alunos que leiam a descrição do termo no **Glossário** deste volume e discutam entre eles sobre o entendimento do termo e quais patrimônios imateriais eles conhecem.

Objetivos do capítulo

1. Identificar a origem do conceito de cidadania na democracia grega.
2. Conhecer momentos importantes da luta pela ampliação da cidadania ao longo do tempo.
3. Refletir sobre a importância dos direitos e dos deveres dos cidadãos para a vida em sociedade.
4. Analisar o processo de conquista da cidadania no Brasil ao longo do tempo.

Para iniciar

Em muitos locais, as crianças ajudam seus pais no cuidado com os animais de criação ou nas plantações. Quando em áreas urbanas, participam do trabalho em comércios pequenos. Caso os alunos citem exemplos como esses, oriente a conversa: ajudar os pais no trabalho nem sempre é sinônimo de que essas crianças não estudam, e é preciso respeitar as diversas formas de vida das famílias.



Lutar pela cidadania

Até pouco tempo atrás, crianças de famílias pobres não frequentavam a escola porque precisavam trabalhar. O trabalho infantil era empregado até em atividades perigosas ou que prejudicavam a saúde. Leia a letra da canção e observe a imagem a seguir.

Criança não trabalha

Lápis, caderno, chiclete, pião
Sol, bicicleta, skate, calção
Esconderijo, avião, correria, tambor
Gritaria, jardim, confusão

Bola, pelúcia, merenda, crayon
Banho de rio, banho de mar, pula-cela, bombom
Tanque de areia, gnomo, sereia
Pirata, baleia, manteiga no pão

Criança não trabalha, criança dá trabalho
Criança não trabalha...

TATIT, Paulo; ANTUNES, Arnaldo. Criança não trabalha. Intérprete: Palavra Cantada. In: **Canções curiosas**. São Paulo: Rimo, 1998. 1 CD. Faixa 3.

► Crianças trabalhadoras no interior de uma fábrica de louças em Santa Catarina, em 1922.



Para iniciar

1. Qual é o significado do refrão “criança não trabalha, criança dá trabalho”?
2. A fotografia desta página mostra uma situação muito comum no Brasil do início do século XX: crianças trabalhando em uma fábrica. Atualmente, isso é proibido no país e é direito de toda criança não trabalhar. Você acha esse direito importante? Explique por quê. **Resposta pessoal.**

70 UNIDADE 2

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetos de conhecimento	Habilidades
O que forma um povo: do nomadismo aos primeiros povos sedentarizados	BNCC EF05HI01 Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.
As formas de organização social e política: a noção de Estado	BNCC EF05HI02 Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

Os direitos e os deveres

Na maior parte dos países, ser cidadão significa ter uma nacionalidade e possuir direitos e deveres. Entre os direitos, está o de participar das decisões tomadas no país. Essa ideia de cidadania não existiu sempre. Ela surgiu na Grécia antiga, em Atenas, no final do século VI a.C., na Antiguidade.

Em Atenas, a noção de cidadania era diferente da atual. Apenas os homens adultos, nascidos livres e filhos de atenienses podiam ser considerados cidadãos. As mulheres, as crianças, os estrangeiros e os escravos não eram cidadãos, não tinham direitos políticos nem podiam ser candidatos a cargos públicos.

A ideia de que a cidadania deveria ser um privilégio de poucos durou muitos séculos e ocorreu em diversas sociedades. Foi apenas a partir do final do século XVIII que homens e mulheres passaram a lutar para criar uma sociedade em que todos possuíssem os mesmos direitos.



▶ Angela Merkel, chefe de governo da Alemanha, é uma das personalidades políticas mais importantes na atualidade. Na imagem, ela faz um discurso no Parlamento Europeu, em Estrasburgo, na França, em 2015.

1 Observe a foto acima e responda: na Grécia antiga, seria possível uma mulher como Angela Merkel ter direito à cidadania e ocupar um cargo político? Por quê?

Não. Na Grécia antiga, a cidadania era um direito exclusivo dos homens.

2 Na imagem do Parlamento Europeu é possível observar a presença do mesmo número de políticos homens e mulheres?

Não, a maioria das pessoas da fotografia é de homens.

3 Converse com seu professor e seus colegas sobre a importância da igualdade entre homens e mulheres na política. **Resposta pessoal.**

Objetos de conhecimento	Habilidades
O papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos	BNCC EF05HI03 Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.
Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas	BNCC EF05HI04 Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.
	BNCC EF05HI05 Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.

A BNCC nas páginas 71 a 73

Nestas páginas os alunos são incentivados a reconhecer aspectos de direitos e deveres dos cidadãos no decorrer da História, associando-os à noção de cidadania, democracia e respeito ao próximo. Desenvolvem-se as habilidades **EF05HI02**, **EF05HI04** e **EF05HI05** da BNCC.

Orientações didáticas

A Alemanha é um país com um sistema de governo parlamentarista. Angela Merkel é a chanceler da Alemanha, cargo que em outros países parlamentaristas equivale ao de primeiro-ministro. No parlamentarismo, o governo é exercido pelo Poder Legislativo, formado por um parlamento eleito pelo povo e que tem um chefe de Estado, o presidente, e um chefe de governo, chamado de primeiro-ministro ou chanceler. O chefe de Estado no sistema parlamentarista tem função cerimonial e de representação do Estado, já o chefe de governo tem maiores poderes de execução de políticas públicas.

Para explorar um pouco a questão da diferença entre homens e mulheres na política brasileira, é possível consultar a reportagem *Mulheres ainda são minoria nos poderes do Brasil*, disponível em: <www.nexojournal.com.br/especial/2016/03/08/Mulheres-ainda-s%C3%A3o-minoria-nos-poderes-do-Brasil>. Acesso em: 9 jan. 2018.

Atividade 3

É importante ressaltar que somente com a igualdade entre homens e mulheres na política será possível construir efetivamente uma sociedade justa e equilibrada.

Saiba mais

Atividade 3

Uma sugestão de pesquisa para a realização desta atividade é propor aos alunos que visitem o *site* Plenarinho, da Câmara dos Deputados do Brasil, direcionado ao público infantil. O *site*, disponível em: <www.plenarinho.leg.br>, acesso em: 9 jan. 2018, traz informações sobre o funcionamento das instituições políticas brasileiras, como o voto e o processo de elaboração das leis. Oriente os alunos a acessarem o *site* e compararem a democracia ateniense com a democracia moderna e discutam o tema da representação política. Enquanto em Atenas as decisões políticas eram tomadas pelos próprios cidadãos, que se reuniam na *ekklesia*, no mundo contemporâneo os cidadãos elegem os deputados (e outros representantes) por meio do voto, para que estes façam as leis.

Saiba mais

Na cidade grega de Atenas, os cidadãos podiam participar do governo e votar leis. Mas esse regime político era bem diferente daquilo que chamamos atualmente de democracia. Vamos conhecer melhor como funcionava a democracia ateniense?

A democracia ateniense tentava fazer todos os cidadãos participarem da vida da cidade. Os cidadãos, e apenas eles, eram iguais e se reuniam na *ekklesia*, a assembleia do povo que votava as leis. As discussões aconteciam do nascer ao pôr do sol. Os cidadãos também podiam julgar pessoas que cometiam certos delitos graves. [...] Uma pena gravíssima podia vir a ser pronunciada: o ostracismo. Quem fosse condenado ao ostracismo estaria **fadado** ao exílio e deveria deixar a cidade. A Assembleia detinha praticamente todos os poderes, o que acabava dando muita autoridade aos que soubessem falar bem.

DARS, Éric; TEYSSIER, Éric.
A Grécia antiga passo a passo.
São Paulo: Claro Enigma, 2015. p. 32.

► **fadado:**
destinado,
condenado.



► Ruínas da Ágora de Atenas, na cidade de Atenas, Grécia. Este local era utilizado para reuniões e debates. Foto de 2016.

1 Explique como funcionava a democracia ateniense.

A democracia ateniense funcionava por meio da participação dos cidadãos na assembleia do povo. Nesse local, as pessoas votavam as leis e discutiam as medidas políticas que seriam tomadas na cidade.

2 O que era o ostracismo?

Era uma punição aplicada quando a pessoa cometia uma falta muito grave. Aquele que fosse condenado ao ostracismo deveria abandonar Atenas.



3 Pesquise em livros, revistas ou na internet sobre o funcionamento da democracia no Brasil hoje. Depois, com seus colegas e seu professor, compare-a com a democracia ateniense.

72

UNIDADE 2

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Pensar histórico

Estudar o processo de organização da democracia é uma maneira de abordar a importância da luta pela igualdade e pela participação de todos na política. Ressalte que devemos sempre lutar pelos valores da democracia e pelo direito de participar de todas as principais decisões tomadas na comunidade. Isso auxilia a conscientização da importância da organização política e da luta de movimentos e grupos sociais ao longo do tempo.

A ideia de que todos têm direitos faz parte de um movimento de transformações que estava acontecendo na Europa desde o século XVII, mas começou a se desenvolver com mais força no final do século XVIII, quando ocorreu, na Europa, a Revolução Francesa. Esse movimento teve grande influência no mundo inteiro, até mesmo no Brasil.

Os franceses, em 1789, lutaram para que todos no país, até o rei, fossem obrigados a obedecer às leis, e para que, a partir daquele ano, todos os cidadãos tivessem os mesmos direitos. O resultado foi a **Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão**, hoje considerada um documento histórico importante.

Vamos ler alguns artigos desse documento?

Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão

Art. 1º Os homens nascem e são livres e iguais em direitos. [...]

Art. 4º A liberdade consiste em poder fazer tudo que não prejudique o próximo. [...]

Art. 5º A lei não proíbe senão as ações nocivas à sociedade. [...]

Art. 9º Todo acusado é considerado inocente até ser julgado culpado [...].

Art. 10º Ninguém pode ser **molestado** por suas opiniões, incluindo opiniões religiosas [...].

Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão. Disponível em: <www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-à-criação-da-Sociedade-das-Nações-até-1919/declaracao-de-direitos-do-homem-e-do-cidadao-1789.html>. Acesso em: 23 nov. 2017.

1 Você concorda com o artigo 4º da Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão? **Resposta pessoal.**

Esse artigo afirma que o limite da liberdade dos cidadãos é não prejudicar outras pessoas, isto é, que as pessoas são livres para fazer o que desejarem, desde que isso não interfira negativamente na vida de outras pessoas.

2 A Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão estabeleceu que todas as pessoas são iguais e possuem os mesmos direitos. Você acha isso correto? Explique. **Respostas pessoais.**



► **Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão**, de Jean-Jacques Le Barbier (óleo sobre tela de 71 cm x 56 cm), 1789.

molestado:
incomodado;
assediado.

Orientações didáticas

Explique para os alunos o significado do artigo 5º: o Estado não pode criar leis para proibir os cidadãos de fazer coisas que não prejudiquem a sociedade. O Estado não poderia proibir a prática do futebol, por exemplo. O texto completo pode ser acessado em: <www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-a-criacao-da-Sociedade-das-Nacoes-ate-1919/declaracao-de-direitos-do-homem-e-do-cidadao-1789.html>. Acesso em: 10 ago. 2017.

Alguns movimentos por direitos humanos ocorreram antes da Revolução Francesa e não podem ser ignorados, como as Revoluções Inglesas de 1640-1642 e 1688, que resultaram na limitação do poder real por meio da Declaração dos Direitos (*Bill of Rights*); e a Independência dos Estados Unidos (1776). Esses movimentos políticos foram inspirados pelo ideário iluminista e liberal da época.

Atividade 2

Converse com os alunos sobre liberdade e igualdade, dois dos lemas da Revolução Francesa. Explique-lhes que em muitos países os direitos humanos não são respeitados. Por exemplo, em muitos países pessoas são perseguidas e mortas por motivos políticos e religiosos.

A BNCC nas páginas 74 a 77

Estas páginas tratam das lutas por igualdade de direitos e pela ampliação da cidadania, levando os alunos a reconhecer o papel de cada cidadão nessas lutas, compreendendo que muito já foi feito. O trabalho com a conquista de direitos ajuda a desenvolver as habilidades **EF05HI02**, **EF05HI04** e **EF05HI05** da BNCC.

Orientações didáticas

Oriente os alunos no preenchimento da linha do tempo, ajudando-os a distribuir os acontecimentos. Embora a noção de escala temporal seja complexa para eles, ajude-os para que acontecimentos recuados no tempo, como a Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão, fiquem mais distantes das declarações aprovadas pela ONU no século XX.

Entre os séculos XIX e XX, muitas pessoas continuaram lutando em seus países por direitos iguais e para exercer sua cidadania.

Nos países da Europa e da América, entre eles o Brasil, as mulheres lutavam pelo direito ao voto, os negros contra a discriminação racial e os trabalhadores por melhorias das condições de trabalho e por salários. Essas lutas resultaram em leis que garantiam direitos e protegiam os cidadãos.

Entre os direitos conquistados, estavam:

- criação de leis trabalhistas que garantissem direitos como férias, salário mínimo, descanso semanal e segurança no trabalho;
- direito de receber tratamento médico adequado e gratuitamente;
- direitos políticos para participar das decisões do governo;
- igualdade de direitos entre homens e mulheres e entre brancos e negros;
- direito das pessoas com deficiência de serem tratadas com respeito e terem condições de acesso aos espaços da cidade.

A partir da metade do século XX, a Organização das Nações Unidas (ONU) promulgou uma série de declarações inspiradas na Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão. Os países-membros da ONU aprovaram essas declarações e devem segui-las:

- Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada em 1948;
- Declaração dos Direitos da Criança, promulgada em 1959;
- Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes, promulgada em 1975.

Complete a linha do tempo abaixo. Nela, coloque o nome das declarações sobre direitos humanos criadas nos anos em destaque.



Texto complementar

Leia mais sobre os países-membros da ONU.

O direito de tornar-se membro das Nações Unidas cabe a todas as nações amantes da paz que aceitem os compromissos da Carta e que, a critério da Organização, estiverem aptas e dispostas a cumprir tais obrigações.

Chamam-se Membros-Fundadores das Nações Unidas os países que assinaram a Declaração das Nações Unidas de 1ª de janeiro de

1942 ou que tomaram parte da Conferência de São Francisco, tendo assinado e ratificado a Carta. Outros países podem ingressar nas Nações Unidas por decisão da Assembleia Geral mediante recomendação do Conselho de Segurança.

A suspensão pode ocorrer quando o Conselho de Segurança tomar medidas preventivas ou coercitivas contra um Estado-Membro, cabendo a expulsão sempre que houver uma violação persistente dos preceitos da Carta. O exercício dos direitos e privilégios de um membro que tenha sido suspenso pode ser restabelecido pelo Conselho de Segurança.

Nos últimos anos, os direitos das pessoas com deficiência têm ganhado espaço no Brasil e em outros países do mundo. Garantir os direitos de cidadania também significa criar ferramentas que ajudem as pessoas com deficiência a frequentar escolas e participar dos espaços públicos das cidades.



► Criança com deficiência utilizando plataforma mecânica de acesso a ônibus na cidade do Rio de Janeiro, em 2016.



Troque ideias com seu professor e seus colegas:

- a) O que a escola precisa ter para garantir às pessoas com deficiência o direito de estudar e de ser bem recebidas nos espaços públicos?
Resposta pessoal.
- b) Por que é importante que todas as pessoas sejam tratadas de forma igualitária? **Resposta pessoal.**

Pesquisa

Vamos conhecer melhor o que é a Declaração Universal dos Direitos Humanos e sua importância?

-  **1** Forme um grupo com seus colegas e pesquisem em livros, dicionários e na internet sobre essa declaração.
-  **2** Depois, converse com seus colegas e seu professor sobre as principais informações encontradas durante a pesquisa.
-  **3** Em uma folha separada, façam ilustrações sobre alguns dos direitos citados nesse documento.
-  **4** Montem um cartaz com as ilustrações e exponham para os colegas em sala.

A ONU possui hoje 193 Países-Membros. [...] O total de membros fundadores da ONU é de 51 países, entre eles o Brasil.

Os países-membros da ONU. *UNIC Rio* – Centro de Informações das Nações Unidas do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://unicrio.org.br/conheca-a-onu/paises-membros/>>. Acesso em: 4 set. 2017.

Atividade

É importante lembrar que as escolas e outros espaços públicos devem contar com ferramentas e adaptações que garantam a acessibilidade de todos, como rampas para pessoas com deficiência física, materiais em braille para pessoas cegas, intérpretes de Libras para pessoas surdas, entre outros recursos.

Pesquisa

Para ajudar na pesquisa, oriente os alunos a consultar a cartilha *Os Direitos Humanos*, produzida pela Unesco e pelo Ministério da Educação e ilustrada pelo quadrinista Ziraldo. Ela apresenta as principais características da Declaração Universal dos Direitos Humanos com uma linguagem clara e acessível para crianças. Disponível em: <www.turminha.mpf.mp.br/multimedia/cartilhas/CartilhaZiraldodireitoshumanos.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2017.

Atividade 1

É importante destacar que a cidadania no presente envolve um conjunto de direitos e deveres compartilhados por todos.

Discuta com a classe o fato de a Constituição brasileira, aprovada em 1988, estabelecer direitos e deveres para todos os cidadãos. Para uma sociedade funcionar com justiça, é necessário que a população tenha seus direitos respeitados, mas que também cumpra seus deveres preestabelecidos.

No Brasil, os cidadãos têm um conjunto de direitos garantidos por leis. A Constituição brasileira, aprovada em 1988, por exemplo, garante aos brasileiros:

- poder participar das decisões políticas do país, escolhendo os governantes e participando de partidos políticos;
- contar com a existência de leis claras e iguais para todos;
- expressar-se e agir livremente, desde que não cometam nenhum crime ou prejudiquem outras pessoas;
- utilizar serviços públicos variados, como escolas e hospitais.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, garantiu também diversos direitos para as crianças, pessoas com menos de 12 anos, e adolescentes, pessoas entre 12 e 18 anos. Entre os direitos, está o de ter uma família, estudar e o de não trabalhar.

O Estatuto do Idoso, de 2003, ajudou a proteger os direitos das pessoas com mais de 60 anos, como o direito de aposentadoria, além de outras ga-

rantias que ajudam as pessoas a viver de forma adequada durante a velhice.



► Sala de aula em escola municipal em Tucumã, no Pará, em 2016. Uma das consequências da transformação do estudo em um direito é que as crianças e os adolescentes podem estudar sem se preocupar com trabalho, até mesmo frequentando escolas de período integral.

- 1 Discuta com seus colegas: o que significa ser cidadão atualmente?
Resposta pessoal.
- 2 Na escola, os alunos também têm uma série de direitos. Quais são os principais direitos dos alunos?
Os alunos devem ser respeitados e não podem sofrer agressões de nenhum tipo; têm direito a estudo e acompanhamento didático; têm direito à convivência na escola.

76 UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

Para trabalhar a noção de direitos com os alunos utilize a atividade a seguir.

A **Constituição** reúne algumas das leis mais importantes de um país. No Brasil, é a Constituição aprovada em 1988 que estabelece os direitos e os deveres de todos os brasileiros.

1. Discuta com seus colegas: Como são observados os direitos e os deveres das pessoas em sua comunidade? São respeitados? São desrespeitados?

3. Igualdade perante a lei; direitos trabalhistas; direito a tratamento médico adequado e gratuito; direito a igualdade de tratamento independentemente da cor de pele, do gênero e da orientação sexual; direito de expressão; direitos políticos.

Ser cidadão não significa apenas ter direitos. Há vários deveres que todos precisam cumprir para que nossa sociedade funcione corretamente.

É dever de todo cidadão:

- obedecer às leis do país;
- pagar impostos;
- votar e participar das decisões políticas;
- respeitar outras pessoas, suas diferenças e suas histórias de vida;
- não perseguir as pessoas por terem crenças religiosas ou políticas;
- preservar o meio ambiente no seu cotidiano;
- preservar os patrimônios públicos.



► Lixo recolhido por pescadores na praia do Sobral em Maceió, no estado de Alagoas. Foto de 2015. Cuidar do meio ambiente é um dever de todos.

1 Você sabe por que é importante que os cidadãos cumpram todos os seus deveres? Explique com suas palavras.

Resposta pessoal.

2 Quais são os principais deveres dos alunos na escola? Converse com seus colegas e seu professor sobre o tema. Resposta pessoal.

3 Com a orientação de seu professor, faça com seus colegas um mural com os direitos que vocês estudaram neste capítulo. Para elaborar esse mural, sigam as etapas abaixo.

- a) Listem, em uma folha separada, todos os direitos que vocês estudaram até o momento neste capítulo.
- b) Façam um mural usando cartolina ou outro material com cada um dos direitos, ilustrando-os com fotografias ou com desenhos.
- c) Mostrem o mural para a classe e expliquem como o direito está relacionado à imagem que vocês escolheram ou desenharam.

Atividade 1

É importante lembrar que os cidadãos devem contribuir para a organização da sociedade, garantindo o bem-estar coletivo e a solução de problemas que afetem a vida de todos.

Atividade 2

Espera-se que os alunos reflitam sobre a relação entre o cotidiano escolar, seus direitos e os deveres que decorrem desses direitos. O direito de aprender e de frequentar a escola, por exemplo, traz consigo o dever de estudar. Outros deveres são: preservar o patrimônio da escola, respeitar os colegas e aceitar as diferenças.

A BNCC na página 78

Nesta página utilizamos uma tirinha para trabalhar, de forma lúdica, o papel de responsabilidade e de participação de cada um dentro da sociedade em que vive, levando os alunos a valorizarem essa atitude por parte das pessoas e levando-os a desenvolver as habilidades **EF05HI04** e **EF05HI05** da BNCC.

Assim também aprendo

Explique aos alunos que, no terceiro quadrinho, ao dizer “que o sistema não funciona e justificar a minha falta de colaboração”, o personagem Calvin quer dizer que ele quer fugir da responsabilidade de colaborar para que a situação melhore.

Assim também aprendo

Você conhece o Calvin, personagem criado pelo cartunista **estadunidense** Bill Watterson? Leia a tirinha e converse sobre ela com seus colegas.

- **estadunidense:** que nasceu nos Estados Unidos da América.
- **alegar:** justificar, falar algo para se defender.
- **engenhoso:** criativo, inventivo, bem-feito.



WATTERSON, Bill. **O livro do décimo aniversário.** São Paulo: Conrad, 2013. p. 163.

- 1 Procure em um dicionário o significado da palavra **legitimidade**.

De acordo com o dicionário *on-line Aulete*, a definição de **legitimidade** é “1. qualidade, caráter ou estado do que é legítimo; [...] 3. conformidade com princípios justos, sejam legais, sejam morais.”. Disponível em: <www.aulete.com.br/legitimidade>. Acesso em: 24 nov. 2017.

- 2 Por que o tigre Haroldo critica o comportamento do menino Calvin?

Ele critica o egoísmo de Calvin, já que ele utiliza o argumento de que a sociedade não funciona para não ajudar a resolver os problemas sociais.

- 3 Refaça a história em quadrinhos e crie um diálogo no qual o menino Calvin age como cidadão. **Resposta pessoal.**

--	--	--	--

► A conquista dos direitos no Brasil

Das primeiras décadas da colonização portuguesa na América, no século XVI, até a libertação dos escravizados, em 1888, apenas uma parte da população brasileira era livre. Até o final do século XIX, a escravidão era permitida por lei, embora muitas pessoas não a considerassem justa.

O **auge** da escravidão ocorreu a partir da metade do século XVIII até a metade do século XIX. Foi nesse período que o maior número de africanos foi trazido à força para o Brasil. Aqui eram obrigados a trabalhar nas atividades mais duras e sofriam inúmeros castigos e violências.

Muitos escravizados se revoltavam e fugiam para os quilombos, locais onde podiam viver livres e com mais segurança. Outros se refugiavam em cidades onde recebiam a ajuda de parte da população.

auge:
o ponto mais elevado; neste caso, o período em que o Brasil tinha o maior número de pessoas escravizadas.



► Fuga de escravos, de François-Auguste Biard (óleo sobre tela de 33 cm x 52 cm), 1859. O artista visitou o Brasil em 1858.

Como a resistência dos escravizados foi representada na pintura de Biard?

A fuga dos negros escravizados é um ato de coragem e de resistência à escravidão. Ao fugir, eles colocavam a vida em risco pela liberdade.

► CAPÍTULO 4 79

Pensar histórico

É fundamental analisar o processo de conquista de direitos sociais ao longo do tempo, pois ajuda a demonstrar o caráter histórico de todo direito, já que nem sempre ele existiu. Isso auxilia não apenas a ter uma consciência da temporalidade e das transformações sociais que ela acarreta, mas também sobre a importância da organização de diferentes grupos sociais ao longo do tempo.

A BNCC nas páginas 79 a 81

Nestas páginas, pinturas e ilustrações são utilizadas como importantes documentos históricos, a fim de levar os alunos a reconhecerem diferentes situações relacionadas à escravidão no Brasil: tentativas de fuga, os castigos que os escravizados sofriam e o momento da alforria. A partir da contextualização e dos desdobramentos do processo de escravização da mão de obra africana no Brasil, continua-se a trabalhar a associação entre a cidadania e a conquista de direitos com os alunos, habilidades **EF05HI04** e **EF05HI05** da BNCC.

Orientações didáticas

É importante não simplificar o processo abolicionista para os alunos. Os interesses eram variados, e, entre os brancos mais ricos, havia desde aquelas pessoas que eram abolicionistas por motivos humanitários até as que acreditavam que a escravidão era um regime de mão de obra ultrapassado, ou seja, defendiam a abolição por motivos econômicos. Alguns escravizados temiam ficar desabrigados caso se tornassem livres, principalmente os que trabalhavam na casa de seus senhores.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade 2

O artista representa a punição do escravizado como uma prática cruel. Dessa forma, o aluno pode argumentar que Debret tinha uma opinião negativa sobre a escravidão.

A imagem a seguir foi produzida por Jean-Baptiste Debret, artista francês que, com outros artistas, veio ao Brasil no século XIX para ensinar artes plásticas. Esses artistas produziram diversas gravuras e ilustrações sobre o cotidiano no Brasil e,



por meio delas, é possível ter pistas do que mais chamava a atenção de estrangeiros que visitavam o Brasil naquela época.

► **Feitores castigando negros**, de Jean-Baptiste Debret (litografia de 33 cm x 21 cm), presente na obra **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**, publicada entre 1834 e 1839.

1 Observe com atenção a imagem acima e a pintura **Fuga de escravos**, de François-Auguste Biard, na página anterior, e responda:

a) Que situação pode ser observada na gravura de Debret?

Um negro escravizado recebendo castigos.

b) Que situação pode ser observada na pintura de Biard?

Negros escravizados fugindo de seus senhores e da escravidão.

2 Na sua opinião, Debret tinha uma opinião positiva ou negativa sobre a escravidão? Por quê?

Resposta pessoal.

3 Qual é a diferença entre a representação das pessoas escravizadas na gravura de Debret e na pintura de Biard?

Na obra de Biard, os negros escravizados têm uma postura mais corajosa, podem ter medo, mas têm coragem de fugir da opressão. O escravizado na gravura de Debret foi representado indefeso.

80 UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Para sua referência, sugerimos a leitura do texto a seguir, que trata da escravização de indígenas e negros no período colonial.

A escravidão de “índios” e “negros”

As razões da opção pelo escravo africano foram muitas. É melhor não falar em causas, mas em um conjunto de fatores. A escravização

do índio chocou-se com uma série de inconvenientes, tendo em vista os fins da colonização. Os índios tinham uma cultura incompatível com o trabalho intenso e regular e mais ainda compulsório, como pretendido pelos europeus. Não eram vadios ou preguiçosos. Apenas faziam o necessário para garantir sua subsistência, o que não era difícil em uma época de peixes abundantes, frutas e animais. [...]

[...]

Os colonizadores tinham conhecimento das habilidades dos negros, sobretudo por sua rentável utilização na atividade açucareira das ilhas

Na segunda metade do século XIX, muitas pessoas e associações passaram a ajudar os negros escravizados a fugir ou a comprar sua liberdade, pagando determinado valor ao proprietário. Muitos escravizados conseguiam comprar sozinhos a sua liberdade trabalhando na cidade por conta própria.

Além dos próprios africanos e dos afrodescendentes, advogados, políticos, escritores, artistas e jornalistas também lutaram pelo fim da escravidão e pela libertação de todas as pessoas escravizadas que viviam no país.



► Cerimônia de entrega de cartas de alforria, ilustração de Angelo Agostini, 1886. Quando uma pessoa escravizada pagava por sua libertação, o antigo proprietário escrevia uma carta de alforria, que simbolizava a liberdade conquistada.

1. Resposta pessoal. Escravizados estão recebendo o documento chamado “carta de alforria”, que lhes garantia a liberdade.

1 Discuta com um colega sobre o significado da cena representada acima e escreva no caderno sua opinião.

2. Escravizados continuavam a se rebelar e a fugir. Porém, muitas pessoas passaram a ajudá-los a fugir ou a comprar a liberdade, demonstrando que parte considerável da sociedade já não tolerava a escravidão.

3 Imagine que ainda é a época da escravidão. Você é jornalista e apoia o movimento abolicionista. Respostas pessoais.

a) No caderno, escreva um pequeno texto a favor da libertação dos negros escravizados.

b) Troque o texto com um colega.

c) Discuta com seus colegas: como textos semelhantes aos que vocês escreveram podem ter ajudado a combater a escravidão?

d) Se o movimento abolicionista ocorresse hoje, que meios de comunicação poderiam ser usados para divulgá-lo? Principalmente jornais, revistas, TV e internet.

► Página do jornal *O amigo do escravo*, que circulava no Rio de Janeiro. A edição é do dia 27 de janeiro de 1884.



Orientações didáticas

Alerte os alunos para a importância dos meios de comunicação em momentos históricos como o processo abolicionista. Ao publicar artigos sobre as campanhas abolicionistas, os jornais, panfletos e periódicos esclareciam as pessoas sobre o absurdo que representava a escravidão e as encorajavam a lutar contra ela.

Atividade 3

Comente que as publicações abolicionistas surgiram em diferentes localidades do país e foram importantes para mostrar a crueldade da escravidão e os males que esse regime de mão de obra provocava no Brasil. De acordo com Emília Viotti da Costa, “A partir de 1870, os panfletos abordando diretamente a questão da emancipação se tinham tornado mais numerosos. [...] Em São Paulo, o *Correio Paulistano* e *A Província de São Paulo*, periódicos tradicionais, dedicavam espaço cada vez maior à propaganda em prol do trabalho livre e da emancipação. [...]” (COSTA, Emília Viotti da. *Da senzala à colônia*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1998. p. 468.).

Organize uma exposição dos textos elaborados pelos alunos, com a participação de toda a classe.

do Atlântico. Muitos escravos provinham de culturas em que trabalhos com ferro e a criação de gado eram usuais. Sua capacidade produtiva era assim bem superior à do indígena. O historiador americano Stuart Schwartz calcula que, durante a primeira metade do século XVII, nos anos de apogeu da economia do açúcar, o custo de aquisição de um escravo negro era amortizado entre treze e dezesseis meses de trabalho e, mesmo depois de uma forte alta nos preços de compra de cativos após 1700, um escravo se pagava em trinta meses.

[...]

Seria errôneo pensar que, enquanto os índios se opuseram à escravidão, os negros a aceitaram passivamente. Fugas individuais ou em massa, agressões contra senhores, resistência cotidiana fizeram parte das relações entre senhores e escravos, desde os primeiros tempos. Os quilombos, ou seja, estabelecimentos de negros que escapavam à escravidão pela fuga e recompunham no Brasil formas de organização social semelhantes às africanas, existiram às centenas no Brasil colonial. [...]

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2010. p. 49-52.

A BNCC nas páginas 82 e 83

Estas páginas abordam aspectos históricos relacionados ao período final da escravidão (as leis abolicionistas e a abolição, bem como o trabalho assalariado que se seguiu, excluindo a maioria da população negra), sensibilizando os alunos e levando-os a identificarem causas das injustiças sociais vigentes até hoje em relação aos afrodescendentes. As habilidades **EF05HI04** e **EF05HI05** continuam sendo trabalhadas.

Orientações didáticas

Atividade 1

Na linha do tempo, é oportuno assinalar a data atual, para que os alunos possam visualizar a distância dos fatos em questão até a data presente. Oriente-os a deixarem, na medida do possível, as mesmas distâncias em centímetros para períodos iguais de tempo.

Minha coleção de palavras de História

É importante lembrar que a escravidão era um tipo de relação social violenta, a qual transformava uma parcela importante da população brasileira em propriedade de outra parcela. Assim, a **abolição** significava acabar com essa violência e possibilitar a transformação das pessoas escravizadas em cidadãos.

Leia mais sobre a **Minha coleção de palavras de História** na página XXII das Orientações gerais.

A resistência dos escravizados, a pressão de outros países pela abolição e os esforços do movimento abolicionista ajudaram a modificar as leis do país. Pouco a pouco foram elaboradas leis que restringiam a escravidão no Brasil, mas a libertação total só ocorreu em 1888.

Veja no quadro as principais leis contra a escravidão aprovadas no Brasil:

	Proibição do Tráfico Negroiro	Lei do Ventre Livre	Lei dos Sexagenários	Lei Áurea
Ano da assinatura	1850	1871	1885	1888
O que a lei determinava	A partir dessa data estava proibido o comércio de escravizados da África para o Brasil.	Seriam libertos os filhos de escravizados nascidos a partir de 28 de setembro daquele ano.	Seriam libertos os escravizados com mais de 60 anos. Muitos, porém, não chegavam a viver até essa idade.	Assinada no dia 13 de maio pela princesa Isabel, filha do imperador dom Pedro II, a Lei Áurea determinou a abolição da escravidão no Brasil.

1 Faça, no caderno, uma linha do tempo para o período da escravidão no Brasil. Marque nela a data aproximada da chegada dos primeiros africanos escravizados (1550) e as leis abolicionistas.



2 Durante quantos séculos o Brasil utilizou o trabalho escravo dos africanos e de seus descendentes? **Por mais de três séculos: desde aproximadamente 1550 até 1888.**

Minha coleção de palavras de História

Você deve ter notado a presença de uma expressão bem importante nesta página. Essa expressão é bastante usada por historiadores e estudiosos.

ABOLIÇÃO

1 Escreva uma frase utilizando um sinônimo para a palavra **abolição**. Lembre-se de que a frase tem de fazer referência à época estudada neste capítulo. **Resposta pessoal.**

2 Por que a abolição era importante para ampliar a cidadania no Brasil? Converse com seus colegas e seu professor sobre esse tema. **Resposta pessoal.**

82 UNIDADE 2

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Para ampliar os estudos sobre a luta dos abolicionistas, apresente à turma a biografia de Luís Gama.

Luís Gama, nascido na Bahia em 1830, era filho de Luíza Mahin, uma africana liberta, e de pai português. Foi vendido pelo pai como escravo; por isso, passou a viver no Rio de Janeiro e, posteriormente, em São Paulo.

Aprendeu a ler e trabalhou como tipógrafo. Adquiriu a liberdade e tornou-se poeta, advogado e um dos mais importantes líderes abolicionistas do país. Como advogado, teve atuação marcante contra a escravidão, libertando mais de 500 pessoas que viviam na condição de escravos. Faleceu em 1882.

LOPES, Ana Lucia (Coord.). *Uma visita ao Museu Afro Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial/Secretaria Municipal de Cultura, 2006.

Com o fim da escravidão, os recém-libertos e seus descendentes se depararam com duas difíceis tarefas: encontrar ocupação no mercado de trabalho livre e lutar por seus direitos na sociedade brasileira.

A busca por trabalho livre e **assalariado** após a abolição foi um desafio para esses novos cidadãos. Muitas vezes, eles não encontravam emprego remunerado ou só conseguiam os que pagavam salários baixos. O preconceito racial continuou a existir depois da Lei Áurea, e pouco se fez para reparar os efeitos de séculos de opressão.

Além disso, para agravar ainda mais a situação de exclusão social, muitos fazendeiros brasileiros preferiram estimular a imigração de europeus para trabalhar nas fazendas de café a contratar pessoas negras. Por isso, mesmo com o fim da escravidão, muitas delas continuaram vivendo na pobreza.

No início do século XX, uma parte dos afrodescendentes conseguiu trabalhar em algumas indústrias, ferrovias e obras públicas. Ainda assim, o valor dos salários, o acesso à educação e as condições de vida entre brancos e negros no Brasil eram muito diferentes.

assalariado:
tipo de emprego em que a pessoa recebe um salário em troca do seu trabalho.



▶ Trabalhadores de uma fábrica de couro em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, em 1922. É possível observar a presença de pessoas negras que trabalhavam nessa fábrica.

- 1 Com base no que você aprendeu neste capítulo, imagine uma situação de exclusão social pela qual os negros passaram no começo do século XX e escreva um pequeno texto no seu caderno. **Resposta pessoal.**
- 2 Sob a orientação de seu professor, com um colega, pesquisem em jornais, revistas ou na internet sobre o preconceito racial e a exclusão social no Brasil atualmente. Depois, discutam sobre isso em sala de aula. **Resposta pessoal.**

Atividade 1

Acompanhe com atenção os alunos nesta atividade. Observe se, por meio do texto que redigiram, eles conseguiram mostrar que realmente se sensibilizaram para a injustiça racial e a exclusão social sofrida pelos afrodescendentes no Brasil depois da abolição da escravidão.

Atividade 2

Auxilie os alunos nesta atividade, acompanhando-os nas pesquisas para que não façam interpretações errôneas nem estejam sujeitos a desenvolver a intolerância de alguma forma.

Texto complementar

Leia trechos de uma entrevista concedida pelo sociólogo estadunidense Kevin Bales sobre escravidão. (Na coleção, optou-se por usar o termo escravizado; aqui, o entrevistado usou a palavra escravo.)

O que é a escravidão hoje

Folha: Como o senhor define a escravidão contemporânea?

Kevin Bales: [...] da mesma forma como foi reconhecida durante toda a história da humanidade. Pode-se definir escravo como uma pessoa sob controle total de outra pessoa por meio de violência ou de ameaça de violência. [...]

Folha: No Brasil, qual é a diferença entre a escravidão atual e a do tempo colonial?

Kevin Bales: A diferença fundamental hoje é o baixo custo de um escravo. No passado, um escravo no Brasil era uma mercadoria muito cara. [...] Hoje, pode-se levar uma pessoa à escravidão por meio de trapaça, prometendo emprego [...] por uma quantia bem pequena, poucas centenas de reais.

MAISONNAVE, Fabio. O que é a escravidão hoje. *Folha de S.Paulo*, 2 fev. 2004. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0202200428.htm/>. Acesso em: 6 out. 2017.

A BNCC nas páginas 84 a 87

A luta contra o preconceito racial e social, contra as difíceis condições de trabalho nas fábricas, contra os baixos salários, contra o trabalho infantil e contra o trabalho análogo à escravidão são exemplos para que os alunos reconheçam e valorizem o papel dos cidadãos em busca de garantir os direitos de todos, em prol de uma sociedade melhor e mais justa, em concordância com as habilidades **EF05HI04** e **EF05HI05** da BNCC.

Orientações didáticas

Atividade 1

É importante lembrar que o racismo está relacionado com a desigualdade entre brancos e negros em nossa sociedade. Por isso, as pessoas negras sofrem violências cotidianas e muitas vivem em condições piores que a população branca brasileira.

Atividade 2

Há vários símbolos que representam a luta da população negra por direitos. Um deles é a valorização do candomblé e da umbanda, religiões afro-brasileiras; outro são os ritmos criados pelos afro-brasileiros, como o samba e o rap. Os alunos também poderão escolher símbolos políticos, como o Dia da Consciência Negra e a figura de Zumbi dos Palmares. Para mais informações sobre a história do movimento negro no Brasil, é possível consultar o artigo "Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos". Disponível em: <www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07>. Acesso em: 9 jan. 2018.

O preconceito racial no Brasil ocorria, e ainda ocorre, de várias maneiras. Um exemplo é a crença de que apenas a cor de pele clara e o cabelo liso sejam traços físicos bonitos que devam ser valorizados. Outra forma de preconceito é considerar a religião e a cultura afro-brasileira inferiores a outras culturas e religiões.

Ideias e práticas preconceituosas como essas são combatidas pelo **movimento negro**, formado por grupos que lutam para defender a história e a cultura afro-brasileira e pela aprovação de leis que ajudem a população negra a ter melhores condições de vida. Esses grupos conseguiram muitas vitórias nas últimas décadas, mas ainda há muito a ser conquistado, e o racismo na sociedade brasileira persiste.



➤ Em 7 de julho de 1978 ocorreu na cidade de São Paulo um grande ato organizado pelo movimento negro no Brasil. Esse ato foi muito importante para a luta das pessoas negras contra o racismo e a desigualdade no país.

- 1 Com a ajuda de seu professor, discuta com seus colegas o que significa o termo racismo e por que ele reforça as desigualdades em nosso país.
Resposta pessoal.
- 2 Sob a orientação de seu professor e com seus colegas, pesquisem em livros, revistas e na internet um símbolo da luta pelos direitos da população negra no Brasil. Explique por que você escolheu esse símbolo.

Resposta pessoal.

84

UNIDADE 2

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Para sua referência, leia o texto a seguir, que trata das vilas operárias de São Paulo.

Se possível, faça a leitura do texto para os alunos e, depois, mostre a eles as imagens reproduzidas na página 85 para discutir as características das vilas operárias. Em seguida, pesquise imagens de cortiços e explique as diferenças entre um bairro operário e um cortiço.

Vilas de SP revelam história de trabalhadores

A Vila Maria Zélia, construída no início do século passado pelo industrial Jorge Street (1863-1939) ao lado de sua fábrica de tecidos, é um símbolo do descaso com que a cidade, às vésperas de seus 450 anos, vem tratando suas históricas vilas operárias, principalmente as que já foram tombadas.

É o caso da Vila Economizadora, na Luz (centro), que assiste calada à sua deterioração. Da mesma maneira estão também outras, como a Vila Itororó, construída no começo do século passado na Liberdade, que trazia a primeira casa de São Paulo a ter piscina – hoje um cortiço.

2. Nas vilas operárias do início do século XX, construídas pelas indústrias, cada família recebia sua casa e, muitas vezes, havia escola, clube e outras instalações para atender

A luta dos operários brasileiros por direitos também é exemplo de conquista da cidadania. A industrialização no Brasil teve início a partir do fim do século XIX, quando cidades como São Paulo e Rio de Janeiro se desenvolveram muito economicamente.

Em São Paulo, o crescimento da indústria provocou também o crescimento da cidade. As fábricas precisavam de mão de obra numerosa, e os primeiros operários das fábricas brasileiras foram imigrantes. Depois vieram os trabalhadores rurais, que se mudaram das fazendas para as cidades para evitar as difíceis condições de trabalho no campo. No entanto, em geral, os operários também trabalhavam muito e recebiam salários baixos.

Além disso, as fábricas eram ambientes sujos e apertados. Muitos operários trabalhavam mais de 12 horas por dia, sem tempo para descansar ou se alimentar direito. As máquinas eram perigosas, os acidentes eram frequentes. E não existiam leis para proteger os trabalhadores.

1. De acordo com o dicionário *on-line* **Aulete**, **operário** é “qualquer pessoa que exerce uma ocupação manual mediante o pagamento de salário”; **salário** é “remuneração paga ao empregado em troca do seu trabalho”; e **salário e fábrica**. **fábrica** é “instalação industrial em que se usam máquinas e mão de obra para transformar matéria-prima em produtos”. Disponível em: <www.aulete.com.br>. Acesso em: 11 ago. 2017.

- 1 Consulte um dicionário e anote no caderno o significado das palavras **operário**, **salário** e **fábrica**.
- 2 Observe as imagens a seguir e faça o que se pede.



➤ Vila Maria Zélia, anos 1920, na cidade de São Paulo. Algumas indústrias construíram vilas operárias para acomodar parte de seus trabalhadores.



➤ Conjunto habitacional no bairro do Jaguaré, na cidade de São Paulo, em foto de 2017. Atualmente, muitos conjuntos habitacionais são construídos por meio de programas de governo.

os moradores, funcionários das indústrias. Os operários que moravam nas vilas tinham o aluguel descontado do salário. Os conjuntos habitacionais de hoje são construídos fora do

- Leia as legendas e identifique o período em que as imagens foram feitas.
- Aponte as principais diferenças e semelhanças entre as vilas operárias e os conjuntos habitacionais.

centro das cidades e, na maior parte das vezes, por meio de programas do governo para atender pessoas de baixa renda. Ambos os tipos de moradia são construídos de forma padronizada (casas ou prédios iguais) e destinados a moradores de baixa renda.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A exceção é a Vila dos Ingleses, na Luz, que subsiste inalterada pela mão forte de seu proprietário e pelo fato de ter virado centro comercial.

São Paulo teve em seu auge pelo menos 40 vilas operárias, segundo Telma de Barros Correia, professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da USP-São Carlos e autora de pesquisa sobre esse tipo de construção. “Algumas continuam existindo, outras tiveram as casas modificadas, muitas foram destruídas.”

D'ÁVILA, Sérgio. Vilas de SP revelam história de trabalhadores. *Folha de S.Paulo*, 9 de nov. 2003. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u85377.shtml>. Acesso em: 17 set. 2017.

Orientações didáticas

A Constituição brasileira proíbe o trabalho de crianças e de adolescentes menores de 14 anos. Entre 14 anos e 16 anos, o adolescente pode tornar-se aprendiz. (BRASIL. Constituição, art. 7º, XXIII. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao_compilado.htm>. Acesso em: 9 jan. 2018.).

As fábricas brasileiras do início do século XX costumavam empregar crianças, às vezes em trabalhos perigosos, e elas recebiam salários ainda mais baixos que os dos adultos. Por causa disso, elas não podiam estudar e não tinham tempo para se divertir e brincar.

Situações como essa fizeram com que os operários se organizassem e lutassem por melhores condições do trabalho. Surgiram os primeiros **sindicatos** e também ocorreram as primeiras greves do país. A luta dos trabalhadores fez com que os governos brasileiros passassem a criar leis para impedir abusos e estabelecer os direitos e os deveres das empresas e dos trabalhadores.

Nas décadas de 1930 e 1940, diversas leis foram criadas para garantir direitos aos trabalhadores. Foi assim que surgiram o direito a férias, o limite máximo de trabalho diário e o salário mínimo. Além disso, o trabalho infantil também foi proibido e os trabalhadores conquistaram o direito de se aposentar.



► Comício na praça da Sé durante a greve geral de São Paulo, estado de São Paulo, em 1917.

- 1 Escolha um dos direitos conquistados pela população brasileira que você estudou nesse capítulo e responda: como seria a sua vida sem esse direito?

Resposta pessoal. Espera-se que os alunos imaginem como seria a vida deles sem a proibição ao trabalho infantil ou sem o direito de ir à escola, etc.

- 2 Pesquise o significado das palavras **sindicato** e **greve**. Depois, converse com seus colegas e seu professor sobre o tema. **Resposta pessoal.**

86 UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

A seguir, sugerimos uma atividade que você pode desenvolver com os alunos sobre o tema trabalho infantil.

1. Leia a letra da canção "Relampiano", de Paulinho Moska e Lenine, disponível em: <www.letras.mus.br/paulinho-moska/48071/>. Acesso em: 28 dez. 2017.
2. Após a leitura da letra, construa, em seu caderno, um quadro que destaque as semelhanças e as diferenças entre a sua vida cotidiana e a de Neném, personagem da canção.

3. Na sua opinião, é correto crianças trabalharem?

Peça aos alunos que respondam a esta questão fazendo um desenho que expresse o que pensam sobre o trabalho infantil. Eles podem utilizar palavras ou frases em seu trabalho. Troque ideias com a classe: Os desenhos representaram opiniões diversas sobre o trabalho infantil? Se possível, exponha os desenhos na quadra ou nos corredores, para que possam ser vistos pelo restante da comunidade escolar.

Apesar dos avanços sociais nas últimas décadas, ainda falta muito para que todos possam exercer seus direitos e sua cidadania. O desemprego, por exemplo, é um problema muito grave e há muitas pessoas que não conseguem emprego nas grandes cidades.

Os trabalhadores rurais também enfrentam muitas dificuldades. Poucas pessoas possuem a maior parte das terras, formando grandes propriedades chamadas **latifúndios**. Por conta disso, os trabalhadores rurais precisam trabalhar para esses grandes proprietários em troca de salários baixos.

O trabalho infantil, apesar de proibido, ainda existe no país. Outro problema grave é o trabalho **análogo** ao da escravidão, em que o empregado sofre violência, trabalha muitas horas sem pagamento e não pode se demitir.

análogo:
semelhante,
parecido.

Ainda é preciso acabar com esses exemplos de injustiça e garantir a cidadania para todas as pessoas que vivem no Brasil. Esse processo depende do esforço conjunto da população brasileira para criar novas leis que ajudem as pessoas a conquistar seus direitos de cidadão.



► Criança vendendo bala em avenida na cidade do Rio de Janeiro, em 2015. O problema do trabalho infantil ainda está longe de ser superado no país.

1 Na sua comunidade há crianças que trabalham? Em qual tipo de trabalho?

Resposta pessoal.

2 Converse com seu professor sobre as diferenças existentes entre a escravidão no passado e o trabalho análogo ao da escravidão na atualidade.

3 Pesquise uma iniciativa que ajuda as pessoas a ter acesso a seus direitos. Pode ser do governo da cidade ou do estado onde você mora ou de uma ONG.

Resposta pessoal. Exemplos de iniciativas são as de acesso à educação, como a de alfabetização de adultos, ou de incentivo à cidadania, como o voto consciente.

► CAPÍTULO 4 87

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade 2

É importante lembrar que, até 1888, as pessoas escravizadas eram consideradas propriedades de seus senhores e a lei considerava legal esse tipo de relação. Atualmente, as pessoas que trabalham em condição análoga à da escravidão não são propriedades, mas se encontram submetidas a situações de exploração e violência. Além disso, esse tipo de prática é ilegal e é considerado um grave crime no Brasil.

Objetivo das páginas 88 e 89

As páginas a seguir permitem fazer uma retrospectiva dos temas desenvolvidos na unidade e, para isso, trabalham as atividades de escrita e coleção de palavras de História em **Eu escrevo e aprendo**; e atividades de desenho em **Eu desenho e aprendo**.

Eu escrevo e aprendo

Objetivo: Sistematizar noções desenvolvidas na unidade usando a **linguagem escrita**.

Nesta atividade, deve-se trabalhar o que foi importante para os alunos em cada capítulo ou o que eles mais gostaram de aprender. Eles terão oportunidade de retomar, registrar e organizar o que foi estudado. Como esta é uma das atividades que fecham a unidade, é o momento ideal para os próprios alunos selecionarem as palavras que mais chamaram a atenção deles durante o estudo. Assim, eles vão identificar os temas centrais de um texto e trabalhar a linguagem escrita.

As frases selecionadas estão nas páginas 64 e 74.

Minha coleção de palavras de História

Veja, na página XXII das Orientações gerais, como trabalhar a seção **Minha coleção de palavras de História** em sala de aula, incluindo um modelo de quadro que poderá ser feito com os alunos. Eles devem preenchê-lo com as palavras trabalhadas após o estudo da unidade. Esta atividade deve ser feita em conjunto com Língua Portuguesa, pois trabalha o letramento e incentiva a ampliação do vocabulário do aluno.

O QUE ESTUDAMOS

Eu escrevo e aprendo

- As frases abaixo aparecem nos capítulos da unidade 2. Copie, embaixo de cada uma delas, outra frase sobre o que você mais gostou de aprender em cada capítulo.

Capítulo 3 – Respeitar quem é diferente

A intolerância com outras culturas não ocorreu apenas no passado. Atualmente, há muitos exemplos de preconceito racial e religioso no Brasil.

Resposta pessoal.

Capítulo 4 – Lutar pela cidadania

A partir da metade do século XX, a Organização das Nações Unidas (ONU) promulgou uma série de declarações inspiradas na Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão.

Resposta pessoal.

Minha coleção de palavras de História

Em cada capítulo da unidade, há uma palavra destacada para a Minha coleção de palavras de História. Você também fez atividades com essas palavras para saber como utilizá-las quando precisar escrever um pequeno texto de História. Veja quais são essas palavras no quadro ao lado.

ALDEIA,
página 55.

ABOLIÇÃO,
página 82.

- O que você aprendeu com essas duas palavras? Discuta com seus colegas.
Resposta pessoal.
- Em um quadro no seu caderno, escreva essas duas palavras e o significado de cada uma delas. O significado deve estar ligado ao que você aprendeu no capítulo.
Resposta pessoal.

88

UNIDADE 2 »

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Eu desenho e aprendo

- 1 Os desenhos abaixo representam assuntos importantes estudados em cada capítulo da unidade 2. Observe-os atentamente.

Capítulo 3 Respeitar quem é diferente



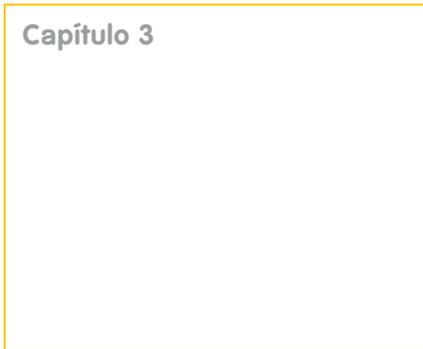
Capítulo 4 Lutar pela cidadania



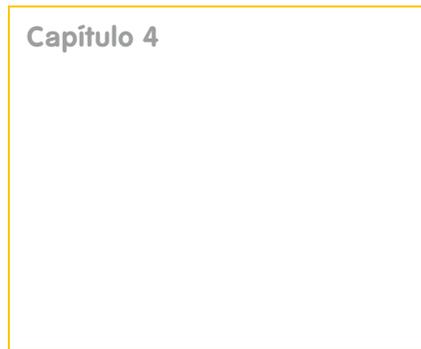
Ilustrações: Claudio Chyco/Arquivo da Editora

- 2 Agora é a sua vez! Para cada capítulo, faça um desenho do que você mais gostou ou achou importante estudar nesta unidade do livro. Se preferir, faça uma colagem.

Capítulo 3



Capítulo 4



» O QUE ESTUDAMOS

89

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Eu desenho e aprendo

Objetivo: Sistematizar noções desenvolvidas nesta unidade, usando a **linguagem gráfica**.

Incentive os alunos a usarem a criatividade e a construir uma vinheta conclusiva. Lembre-se de que as representações gráficas são muito importantes para as crianças, pois permitem manifestações e estruturas do pensamento de forma mais lúdica e natural.

Objetivo das páginas 90 e 91

As páginas a seguir permitem fazer uma retrospectiva dos temas desenvolvidos na unidade e, para isso, promovem a leitura e síntese em **Hora de organizar o que estudamos** e **Sugestões de leitura** e a autoavaliação em **Para você refletir e conversar**.

Com estas páginas pretende-se avaliar o progresso pessoal do aluno e o processo coletivo de ensino-aprendizagem. Esta avaliação tem como objetivo:

- permitir a intervenção do professor para auxiliar o aluno em suas características individuais;
- determinar o grau de obtenção de resultados de acordo com os objetivos estabelecidos e habilidades a serem atingidas.

Trabalha-se aqui a avaliação somatória, através da medição dos resultados da aprendizagem, observando se as habilidades e os objetivos estabelecidos foram atingidos ou não.

Leia mais sobre o tema avaliação na página XII das Orientações gerais.

Hora de organizar o que estudamos

- As sociedades humanas se organizam de forma muito variada, e é importante respeitar a diversidade cultural.

- Povos indígenas, africanos e europeus tinham modos de vida muito diferentes, e o encontro desses povos foi marcado por práticas intolerantes e violentas.



▶ Os hábitos culturais indígenas causaram estranhamento nos europeus. Um exemplo disso foi a dança praticada pelos Tupinambá, que viviam no litoral do Brasil antes da chegada dos europeus. Gravura representando dança tupinambá feita por Théodore de Bry no século XVI.

- Ao longo do tempo, as culturas indígenas, africanas e europeias se combinaram e criaram a cultura brasileira, por isso precisamos respeitar o modo de vida das outras pessoas e valorizar o diálogo entre as culturas.

- Os direitos e os deveres dos cidadãos são muito importantes para a organização da sociedade. Eles são resultado de uma longa luta pela igualdade.

- A luta pela cidadania também ocorreu no Brasil e foi marcada pela organização de muitos movimentos, como o movimento negro e o movimento dos trabalhadores.



▶ Em 7 de julho de 1978 ocorreu na cidade de São Paulo um grande ato organizado pelo movimento negro no Brasil. Esse ato foi muito importante para a luta das pessoas negras contra o racismo e a desigualdade no país.

Sugestões de...

Livros

A história dos escravos. Isabel Lustosa, Companhia das Letrinhas.

Chico, um menino curioso que vive na cidade, vai passear na fazenda do avô. Nessa aventura, ele aprende o que foi o Brasil dos escravizados e quais são as consequências da escravidão no Brasil atual.

ABC afro-brasileiro. Carolina Cunha, Edições SM.

Que tal conhecer a influência dos Banto, Congo, Angola e outros grupos étnicos no nosso cotidiano?

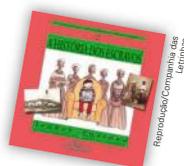
O livro apresenta um panorama sobre nossa herança africana, presente em técnicas, saberes, religiões e nas festas populares brasileiras.

Para toda criança: os direitos da criança em palavras e imagens. Unicef, Ática.

Por meio de belas ilustrações, o livro apresenta os principais direitos das crianças em nosso mundo.

A ONU declarou. Beatriz Monteiro da Cunha, Evoluir Cultural.

Aprofunde seus conhecimentos sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos lendo este livro, que traz os artigos comentados e ilustrados.



Site

História das mulheres – IBGE Teen. Disponível em: <<http://teen.ibge.gov.br/images/teen/mulher/diainternacional/index.htm>>.

Este canal especial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresenta muitas informações sobre a história das mulheres no Brasil e sua participação na política ao longo do tempo.

Para acessar os conteúdos, basta clicar em “Índice”. Acesso em: 24 jun. 2017.

Para você refletir e conversar Respostas pessoais.

- De qual assunto você gostou mais nesta unidade?
- Você teve dificuldade para entender alguma atividade ou alguma explicação?
- Escolha a imagem de que você mais gostou nesta unidade. Conte aos colegas o motivo de sua escolha.

» O QUE ESTUDAMOS

91

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestões de... (PARA O ALUNO)

Livros

Aldeias, palavras e mundos indígenas. Valéria Mendonça Macedo, Cia. das Letrinhas.

Bullying: não quero ir pra escola. João Pedro Roriz, Paulinas.

Vivemos juntos: os direitos e deveres na vida em sociedade, Edson Gabriel Garcia. FTD.

Indicações de leitura para o professor

- CALHAU, Lelio Braga. *Bullying: o que você precisa saber*. Niterói: Impetus, 2011.

Como pais, professores e profissionais devem agir em situações de *bullying*? Neste livro discute-se como identificar e combater o *bullying*, além de estarem reunidos depoimentos de vítimas e decisões de casos que foram parar na justiça.

- SILVA, Alberto da Costa e. *A África explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

Livro que explora os países da África, suas paisagens, suas belezas, e também problemas como miséria e violência, ligando a trajetória dos brasileiros com a dos povos africanos.

Objetivos da unidade

1. Compreender que as diversas linguagens usadas pelos seres humanos se desenvolveram historicamente.
2. Reconhecer os registros da história de um povo e sua relação com as linguagens e a cultura.
3. Identificar as tradições orais como forma de valorizar a memória.
4. Analisar o processo de transformação do cotidiano no Brasil ao longo dos séculos XIX e XXI.
5. Refletir sobre as condições de vida das populações indígenas brasileiras no presente.



Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.



Comentário para abertura de unidade

Nesta unidade, os alunos são incentivados a reconhecer a importância das linguagens e da escrita para a produção de registros. São os registros que permitem o estudo do passado e da cultura de um povo. As tradições orais também são formas de preservação da memória.

A ilustração apresenta pessoas em um centro comercial brasileiro de tradição nordestina. Os artigos à venda e a decoração mostram como as influências culturais dos povos formadores da população brasileira se mostram presentes no cotidiano. As atividades tratam da comunicação, principalmente a oral, como forma de transmissão de conhecimentos e de cultura.

- Além da língua que falamos, que outras formas de comunicação você conhece? **Resposta pessoal.**
- Você já ouviu falar em transmissão oral de conhecimentos e cultura? **Resposta pessoal.**
- Há formas de comunicação que usamos hoje e que não existiam antigamente. Você conhece alguma? **Resposta pessoal.**

93

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetivos do capítulo

1. Comparar o uso de diferentes linguagens no processo de comunicação.
2. Analisar o processo de transmissão oral de tradições e costumes.
3. Refletir sobre a construção da memória em diferentes grupos sociais, povos e sociedades.
4. Perceber a importância da luta de grupos sociais para a preservação de sua memória coletiva.

Para iniciar

Geni Guimarães é uma poetisa e escritora brasileira. Ela nasceu em 1947, no município paulista de São Manuel, e iniciou sua carreira literária escrevendo poemas para jornais de Barra Bonita, no mesmo estado. Faz parte do movimento negro desde a década de 1980 e suas obras refletem a preocupação com a cultura afro-brasileira e com os conflitos raciais no Brasil.

Explore o poema com os alunos, relacionando as preocupações da autora com as relações raciais no Brasil ao trecho do poema “aquela história/ que você inverteu”. Provavelmente, ela está se referindo a uma experiência vivida pelos seus antepassados e contada de forma diferente por outras pessoas.

Explique aos alunos que as histórias podem ser pessoais, familiares, da vizinhança, do bairro, da cidade ou mesmo de espaços e de comunidades maiores.



O uso da linguagem e a memória

Contar histórias é uma tradição antiga em várias culturas do mundo. Em alguns povos africanos, há contadores profissionais que transmitem histórias de geração em geração. Também é comum, entre os povos indígenas do Brasil, os idosos reunirem as crianças da aldeia para contar histórias sobre a origem do mundo e dos costumes do seu povo.

Leia o texto a seguir, da contadora de histórias e poetisa brasileira Geni Guimarães.

Aviso

Olha aqui, moço:
Aquela história
Que você inverteu,
Meus avós explicaram para meus pais,
Meus pais explicaram para mim,
Eu já expliquei para os meus filhos,
Meus filhos vão contar para os filhos
deles: Cuidado, pois.

GUIMARÃES, Geni. **Da flor o afeto, da pedra o protesto.** Barra Bonita: Ed. da Autora, 1981.



Contadora narra histórias para alunos no espaço de leitura da Escola Municipal Santa Luzia (Fazenda Estreitão), na zona rural de Bom Jesus do Tocantins, no estado do Tocantins. Foto de 2014.

Para iniciar >>

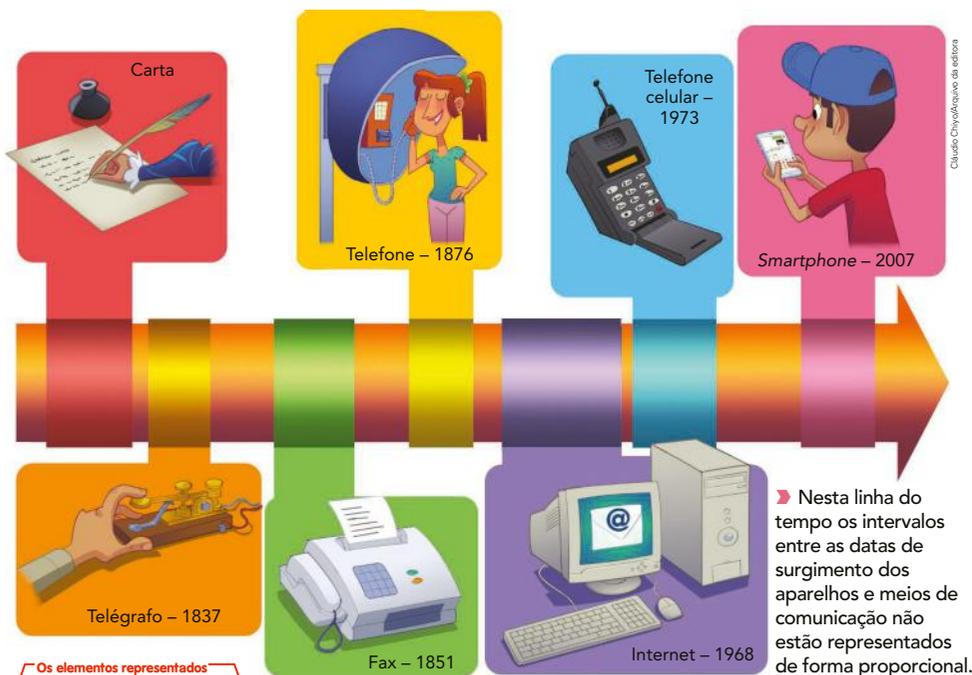
1. Você conhece histórias que foram contadas por seus avós, pais ou outras pessoas mais velhas sobre a vida no passado? Conte alguma dessas histórias para seus colegas. **Resposta pessoal.**
2. Por que é importante preservar as tradições e os conhecimentos das pessoas mais velhas? **Resposta pessoal.**

Objetos de conhecimento	Habilidades
As tradições orais e a valorização da memória	BNCC EF05HI06 Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.
O surgimento da escrita e a noção de fonte para a transmissão de saberes, culturas e histórias	BNCC EF05HI09 Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.
Os patrimônios materiais e imateriais da humanidade	BNCC EF05HI10 Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

Comunicar-se pela linguagem

Antes do surgimento da linguagem verbal, os seres humanos se comunicavam por meio de gestos, gritos e até mesmo cheiros. Cientistas acreditam que a arte e a fala surgiram ao mesmo tempo, há cerca de 40 mil anos. Desde então, essas linguagens são utilizadas para a comunicação e para a transmissão de conhecimento.

Depois do surgimento da linguagem verbal, os seres humanos inventaram outros meios para se comunicar. Os modos como nos comunicamos hoje são mais diversificados do que a maneira como nossos antepassados se comunicavam.



A BNCC na página 95

Esta página aborda o surgimento da linguagem, como ela é utilizada para comunicar ideias, e os diferentes meios de comunicação desenvolvidos ao longo do tempo. Ao trabalhar a linguagem como parte da cultura e suporte de sua veiculação, trabalha-se a habilidade **EF05HI06** da BNCC.

Orientações didáticas

Explore a linha do tempo com os alunos identificando os meios de comunicação. Explique que as cartas são quase tão antigas quanto a escrita e, antes de serem entregues pelo correio, eram levadas por mensageiros. O telégrafo e o telefone foram inventados no século XIX. O fax foi inventado em 1851, mas só se popularizou cerca de um século depois. O celular, inicialmente um telefone móvel, sem fios, começou a ser desenvolvido na década de 1940 e se popularizou a partir da década de 1970. A internet começou a se desenvolver na década de 1960, e tornou-se a rede mundial de troca de informações que conhecemos em nossos dias na década de 1990. O *smartphone* reúne diversas funções que pertenciam anteriormente a diversos aparelhos e mudou bastante a forma como as pessoas se comunicam.

1 A linha do tempo acima mostra diferentes meios de comunicação. Quais são as semelhanças e as diferenças entre eles?

Como semelhança, é possível destacar que todos eles são meios para os indivíduos transmitirem pensamentos, informações e sentimentos para outras pessoas. Há inúmeras diferenças, como o uso da escrita ou da fala, a comunicação próxima e a distante, o uso de símbolos, entre outras possibilidades.

2 Quais desses meios de comunicação você costuma utilizar em seu cotidiano?
Resposta pessoal.

A BNCC nas páginas 96 e 97

Nestas páginas, os alunos entram em contato com as línguas mais faladas atualmente. Essas informações são importantes para a compreensão do mundo atual, em que o aprendizado de outras línguas é importante para viver com desenvoltura em um mundo globalizado. Aborda-se também a Língua Brasileira de Sinais (Libras), permitindo que os alunos compreendam e respeitem os direitos da comunidade surda no país. Essas páginas trabalham a habilidade **EF05HI06** da BNCC. O direito à educação das crianças deficientes, assunto abordado por meio do trabalho com a Língua Brasileira de Sinais, é um dos temas contemporâneos da BNCC.

Orientações didáticas

O latim era a língua falada em Roma e, posteriormente, nas regiões dominadas pelo Império Romano. O português surgiu das transformações pelas quais o latim falado na península Ibérica passou. Outras línguas latinas modernas são o espanhol, o francês, o italiano e o romeno, além de dialetos falados por pequenos grupos. Entre essas línguas e dialetos falados por um reduzido número de pessoas destacam-se: o romanche, o catalão, o galego e o provençal.

Com a ajuda de dicionários, explore a semelhança que algumas palavras das línguas latinas têm entre si. Selecione palavras em português, espanhol, francês e italiano e faça um quadro na lousa. Veja o modelo a seguir:

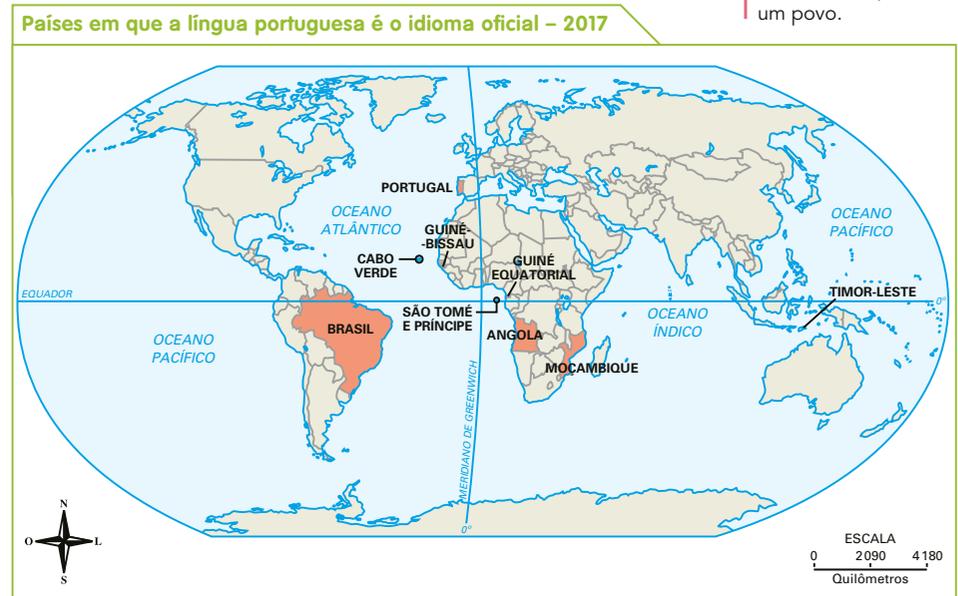
Português	bem	primeiro
Espanhol	bien	primero
Francês	bien	premier
Italiano	bene	primo

Estima-se que existam mais de 6 mil **idiomas** diferentes em uso no mundo. O idioma falado pelo maior número de pessoas é o chinês. Em muitos países, o inglês é o segundo idioma mais falado e é considerado uma língua popular. O português é o sétimo idioma mais falado do mundo.

O português é a língua mais falada no Brasil atualmente, mas não é a única. Segundo o Censo 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 274 línguas indígenas são faladas no país, além do português.

A língua portuguesa também é falada em outros países do mundo. Veja o mapa abaixo.

idioma:
língua falada por um povo.



COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <www.cplp.org/id-2597.aspx>. Acesso em: 26 nov. 2017.

1. a) Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.
b) Discuta com seus colegas e seu professor:
 - a) Conforme o mapa, em que países, além do Brasil, o português é falado?
 - b) Por que países tão distantes entre si e de culturas tão diferentes têm o português como língua oficial? **Porque esses territórios e suas populações nativas foram colonizados pelos portugueses.**
2. No estado onde você mora são faladas outras línguas além do português?

Resposta pessoal.

96 UNIDADE 3

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

O código Morse foi uma escrita inventada para facilitar a comunicação por meio do telégrafo. O telégrafo usava a eletricidade para transmitir um sinal sonoro por um cabo. Para transmitir textos, Morse e sua equipe criaram um código que representa letras, algarismos e sinais de pontuação por meio de pontos (um sinal sonoro breve), barras (um sinal sonoro longo) e espaços (intervalos de som). Ao longo do tempo, o código Morse foi aprimorado para transmitir outras línguas além do inglês.

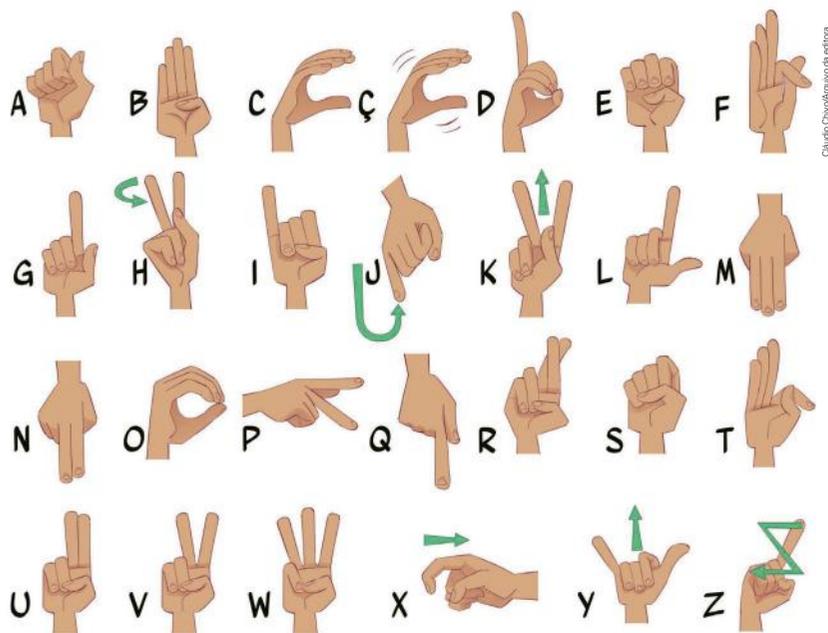
O código Morse foi usado no mundo todo nas primeiras décadas do século XX, mas hoje está cada vez mais obsoleto devido aos avanços tecnológicos na área de comunicação.

Por ser um código que está caindo em desuso, mas extremamente importante para a história da comunicação, apresente o quadro com o código Morse e proponha a atividade a seguir aos alunos.

A Libras, como é conhecida a Língua Brasileira de Sinais, é utilizada pela comunidade surda brasileira. Trata-se de uma língua de sinais que utiliza o movimento das mãos e do corpo.

Como o português, a Libras tem regras gramaticais próprias e pode ser aprendida e utilizada por qualquer pessoa – surda ou não.

Veja a seguir como as letras usadas para escrever a língua portuguesa são representadas em Libras.



Fonte: BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Acessibilidade Brasil. **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais.** Disponível em: <www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/vain_site/libras.htm>. Acesso em: 28 dez. 2017.

Orientações didáticas

Explique para os alunos o funcionamento da Língua Brasileira de Sinais e como a inclusão deve funcionar no ambiente escolar e, de forma geral, na sociedade brasileira. Alunos de inclusão têm vivências diferentes de outros alunos, e suas experiências de vida podem ser compartilhadas.

Pesquisa

Atividade 1

Indique o livro de Audrei Gesser, *Libras, que língua é essa?* (Parábola, 2015), para a pesquisa pedida nesta atividade. O *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais*, disponível no site Acessibilidade Brasil (<www.acessibilidadebrasil.org.br/libras/>, acesso em: 24 jan. 2018), também pode ser utilizado pelos alunos.

Atividade 3

No *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais*, é possível ver quais são os gestos para dizer palavras em Libras. Peça aos alunos que escolham as palavras e justifiquem por que eles as consideram importantes.

Pesquisa

Vamos conhecer melhor a Língua Brasileira de Sinais?

- 1 Com a ajuda de seu professor e com seus colegas, pesquisem em livros, dicionários e sites informações sobre os principais símbolos usados pela Libras. Pesquisem também quantas pessoas usam essa linguagem no Brasil.
- 2 Depois, conversem sobre as principais informações encontradas durante a pesquisa.
- 3 No final, montem um cartaz ilustrado sobre a Libras usando as informações encontradas.

Código Morse Internacional

a . - -	j . - - - -	s . . .	ä . - . -	5	" . -
b - . . .	k - - -	t -	é	6 -	: - - - . . .
c - - . . .	l	u - - -	ñ - - - - -	7 -	' -
d - . .	m - -	v	ö - - - -	8 - - - -	- - - - . . .
e . . .	n - -	w - - -	ü	9 - - - - .	/ -
f	o - - -	x - - -	1 - - - -	0 - - - -	(- - - -
g - - .	p	y - - - -	2 . - - - -	, - - - -) - - - -
h	q - - - -	z - - - -	3 - - - -	
i . . .	r . . .	ã . - - -	4	?	

Fonte: MERRIAN-WEBSTER. *International Morse Code*. Disponível em: <www.merriam-webster.com/table/collegiate/morsecod.htm>. Acesso em: 20 dez. 2017.

1. Reúnam-se em duplas e escrevam cada um em uma folha separada uma mensagem utilizando o código Morse.
2. Em seguida, cada um deve decifrar a mensagem escrita pelo outro.

Os alunos também podem converter a mensagem em sons utilizando a seguinte ferramenta *on-line*, disponível em: <www.invertexto.com/codigo-morse>. Acesso em: 20 dez. 2017.

A BNCC na página 98

Esta página apresenta o mito da Torre de Babel, que narra a origem das línguas, com o objetivo de levar os alunos a refletir sobre os significados sociais e culturais atribuídos à linguagem. A linguagem, e as possibilidades de comunicação que ela traz consigo, incluindo aí os mitos, possibilita a preservação da cultura pelos vários meios, dialogando com a habilidade **EF05HI06** da BNCC.

Desafio

O mito da Torre de Babel, recontado nesta página, pode ser lido na *Bíblia*, no livro de Gênesis, capítulo 11. Leia mais sobre esse mito e algumas interpretações feitas dele ao longo dos séculos no site: <www.historiadomundo.com.br/babilonia/torre-babel.htm>. Acesso em: 20 dez. 2017.

Há outros mitos que explicam o surgimento das diferentes línguas. Na mitologia persa, por exemplo, Arimã, um espírito do mal, criou a diversidade linguística para evitar que os seres humanos conversassem.

Pensar histórico

Estudar o processo de formação das línguas é uma forma de demonstrar que até o jeito como as pessoas falam tem uma história. Essa ideia não é muito evidente no cotidiano, já que há o costume de naturalizar a língua e assumir que ela não se transforma ao longo do tempo. Porém, todas as línguas humanas estão em constante transformação, provocada tanto por mudanças nas relações sociais quanto pelo contato com outras línguas.

Estudiosos da linguagem acreditam que os deslocamentos dos primeiros grupos humanos ao longo do tempo proporcionaram o surgimento de línguas diferentes entre si. Algumas delas desapareceram, e várias se modificaram, dando origem a outras línguas.

As línguas faladas no mundo em nossos dias são resultado de transformações ocorridas durante milênios nas línguas do passado.

Desafio

A origem da diversidade de línguas foi explicada por diferentes mitos e lendas.

Segundo o livro sagrado dos cristãos, por exemplo, em tempos imemoriais, falava-se uma só língua na Terra. Nessa época, em que não havia dificuldade de comunicação, as pessoas resolveram construir uma torre muito alta, cujo topo tocasse o céu, para morarem ao seu redor e não se espalharem pelo mundo.

Mas Deus não gostou da ideia e destruiu a Torre de Babel. Além disso, espalhou as pessoas sobre a Terra, agora falando diferentes idiomas, para que elas não se entendessem mais.

► Representação da Torre de Babel feita pelo artista húngaro Galambos Tamás, [s.d.].



- 1 Com mais dois colegas, procurem em sites ou em livros em qual região do mundo a Torre de Babel teria sido construída. **Na antiga cidade da Babilônia, situada no atual território do Iraque.**
- 2 A seguir, procurem outros mitos e lendas que, como o da Torre de Babel, expliquem a diversidade de línguas que há entre os seres humanos.

98 UNIDADE 3

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

Diferentes lendas e mitos contam histórias sobre a origem das línguas.

Muitas tribos indígenas da América do Norte, Central e da Amazônia contam que houve um grande dilúvio e que depois dele as pessoas estavam dispersas e falando línguas diferentes.

Povos africanos contam que no início havia uma única tribo, que falava uma só língua, mas depois de um grande período de fome as pessoas, enlouquecidas, começaram a pronunciar palavras desconhecidas e a se espalhar para outros lugares.

1. Proponha aos alunos que, em grupos, criem uma origem para as diferentes línguas do mundo e que compartilhem sua história com a classe.

➤ A escrita e os registros da História

Atualmente, é muito comum o uso de **símbolos** na comunicação. Alguns símbolos podem ser compreendidos por diferentes povos, independentemente da língua falada por eles, e por esse motivo são muito utilizados para substituir avisos, comunicados e proibições por escrito.

Essa maneira de se comunicar também é muito utilizada em redes sociais e aplicativos de troca de mensagens. Os *emojis*, por exemplo, servem tanto para representar objetos como para demonstrar emoções – as chamadas “carinhas”.

símbolo: representação gráfica, oral ou gestual, que substitui uma ideia, um sentimento ou uma mensagem.

1 Escreva uma palavra ou frase que explique cada um dos símbolos abaixo.



Acessibilidade.



Não jogar lixo no chão.



Sem som/mudo.



Tóxico ou venenoso.



Paz.



Reciclagem.

2 Você utiliza símbolos para se comunicar? Em quais situações?
Resposta pessoal.

3 Agora, imagine que você está conversando com um colega de sua sala por meio de um aplicativo de troca de mensagens. Escreva como seria esse diálogo na escrita geralmente usada nesse meio de comunicação.
Resposta pessoal.

4 Quais são as principais diferenças entre escrever uma mensagem para o colega e uma redação na escola? **Resposta pessoal.**

Nestas páginas, os alunos vão aprender sobre a importância da escrita para a comunicação e como suporte para os registros da História, diferenciando como essa tecnologia era usada no passado e em nossos dias.

Os alunos vão entrar em contato com as primeiras formas de escrita e compreender a sua importância para o desenvolvimento das sociedades, além de reconhecer quais são os alfabetos mais usados no mundo e identificar algumas de suas características, trabalhando as habilidades **EF05HI06** e **EF05HI09** da BNCC.

Atividade 3

É importante lembrar que a escrita escolar deve seguir a norma-padrão do português, enquanto a escrita na internet é mais livre e diversificada.

Orientações didáticas

Explique para os alunos que a pintura rupestre não é considerada uma linguagem escrita. A escrita é um sistema, e os símbolos que a integram formam um conjunto, mesmo quando os símbolos são desenhos. A escrita também está relacionada à fala e à língua, representando-as, e é muito provável que as pinturas rupestres não tivessem essa função. As pinturas rupestres estão mais próximas de outras representações plásticas do que de um sistema de escrita.

Os mesopotâmicos da Antiguidade usavam pequenos estiletos em forma de cunha para escrever nos tabletes de argila, daí o nome pelo qual a escrita é chamada, cuneiforme.

Há várias estimativas de quando a escrita alfabética teria surgido na Fenícia. Nesta coleção, utiliza-se a data citada por Steve Fischer, especialista nesse assunto. (FISCHER, Steve. *A History of Writing*. Londres: Reaktion Books, 2001. p. 43.)

Após o desenvolvimento da linguagem oral, os seres humanos demoraram milhares de anos para criar as primeiras formas de linguagem escrita.

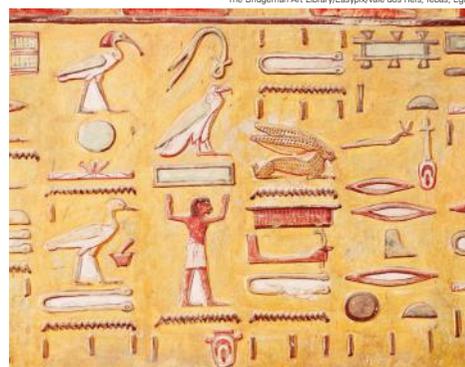
Na região da Mesopotâmia, por exemplo, isso só ocorreu por volta de 3500 a.C., quando os sumérios inventaram a escrita cuneiforme.

No mesmo período, os egípcios criaram a escrita hieróglifa. Mas foram os fenícios que, por volta de 1200 a.C., inventaram o primeiro **alfabeto** de que temos conhecimento.



The Bridgeman Art Library/EasyPix/Museu do Louvre, Paris, França

► Tablete com escrita cuneiforme produzida cerca de 2400 a.C. na região da Mesopotâmia, atual Iraque. Os sumérios riscavam a placa e a deixavam secar.



The Bridgeman Art Library/EasyPix/Vale dos Reis, Tebas, Egito

► Hieróglifos em parede de tumba egípcia construída entre 1292 e 1187 a.C. A escrita egípcia recorria a símbolos para registrar informações e ideias.



The Bridgeman Art Library/EasyPix/Museu do Louvre, Paris, França

► Escrita encontrada em um sarcófago fenício do século V a.C. O primeiro alfabeto foi inventado pelos fenícios, um povo que viveu na região onde hoje é o Líbano, entre aproximadamente 3000 a.C. e 300 a.C.

Saiba mais

Há diferentes alfabetos no mundo hoje. O latino, por exemplo, é usado em várias línguas, entre elas o português, formado por um conjunto de mais de 20 sinais gráficos, cada um deles representando um ou mais sons diferentes.

Veja outros alfabetos usados no mundo atualmente.



Shoji Kojima/Alamy Images



Agenciuiz/Heritage/Getty Images

► O **Abjad**, alfabeto árabe, é um dos mais utilizados no mundo. São 28 símbolos que representam letras; não há vogais. Além disso, o **Abjad** é lido da direita para a esquerda. Fotografia do Corão, livro sagrado do islã.

► O sistema de escrita da língua japonesa utiliza ideogramas, ou seja, símbolos que representam uma palavra ou conceito, e dois alfabetos fonéticos. Fotografia de jornal publicado no Japão em 2016.

- 1 Quantos sinais (letras) existem atualmente em nosso alfabeto? **26**.
- 2 Quantas letras diferentes foram usadas para escrever a frase abaixo?

ATUALMENTE VÁRIOS ALFABETOS SÃO USADOS NO MUNDO.

Foram usadas 15 letras diferentes.

- 3 Imagine que você precisa fazer uma lista de compras de alimentos. Com um colega, inventem um sistema de escrita que utilize desenhos para registrar cada alimento que deverá ser comprado. Os desenhos não podem utilizar letras e precisam ser diferentes para que qualquer leitor possa compreendê-los. **Resposta pessoal.**

A BNCC nesta seção

Nesta seção, os alunos são apresentados à história da Pedra de Roseta e de como a escrita hieroglífica foi decifrada. Por meio desse relato, os alunos poderão perceber que diferentes idiomas e escritas eram utilizados na sociedade egípcia do período helenístico. Ao comparar o uso das diferentes línguas e escritas, desenvolve-se a habilidade **EF05HI06** da BNCC.

DE OLHO NA IMAGEM

A escrita hieroglífica do Egito antigo começou a ser decifrada entre o final do século XVIII e o início do século XIX.

Em 1799 foi descoberto no Egito um bloco de pedra de granito preto que ficou conhecido como Pedra de Roseta. Nesse bloco de pedra, havia textos grafados em três escritas distintas: um em hieróglifo, outro em demótico – uma espécie de hieróglifo simplificado, usado em textos cotidianos – e um terceiro em grego.

Ao perceberem que o nome Ptolomeu se repetia nos três textos, os estudiosos concluíram que estavam diante de um mesmo texto escrito em três diferentes línguas e que, se conseguissem ler a tradução em grego, conseguiriam decifrar a escrita dos hieróglifos. E conseguiram.

Com a decifração da escrita hieroglífica, foi possível conhecer o conteúdo de centenas de documentos produzidos no Egito antigo e compreender o contexto de criação da Pedra de Roseta. As inscrições foram feitas para registrar a gratidão dos sacerdotes ao faraó Ptolomeu V, o qual havia concedido ao povo a isenção de uma série de impostos.

Muitos pesquisadores afirmam que a descoberta da Pedra de Roseta foi um dos achados arqueológicos mais importantes de todos os tempos. Desde 1802, a **estela** se encontra no Museu Britânico, em Londres. De acordo com o museu, a Pedra de Roseta tem as seguintes dimensões:

- altura: 112,3 centímetros;
- largura: 75,7 centímetros;
- espessura: 28,4 centímetros.

● **estela:**
coluna ou placa de pedra onde se faziam inscrições.

1 Por que a descoberta da Pedra de Roseta foi importante para conhecer a sociedade dos antigos egípcios?

Porque com a descoberta da Pedra de Roseta foi possível decifrar o significado dos hieróglifos.

Atividade complementar

É possível estimular o debate sobre descobertas arqueológicas compartilhando exemplos com os alunos.

Separe os alunos em grupos e peça a eles uma pesquisa, com imagens, sobre os seguintes sítios e artefatos arqueológicos: Pompeia, tumba do imperador Qin, caverna de Lascaux, Machu Picchu, manuscritos do mar Morto. Eles não devem se esquecer de buscar informações sobre o período em que o local ou o artefato foi construído, a data em que foi encontrado e a função original do local ou do instrumento.

Veja a seguir informações sobre cada uma dessas descobertas arqueológicas.

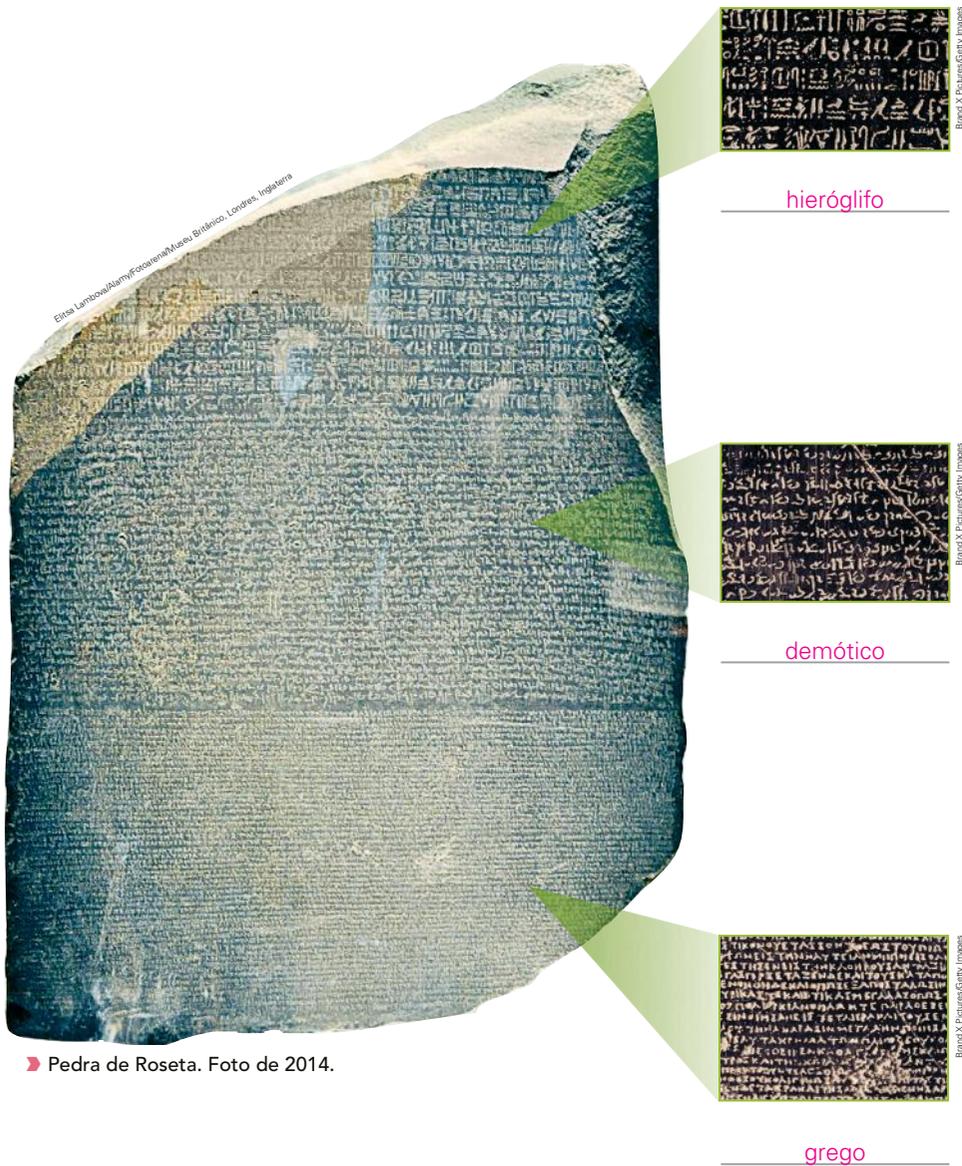
Pompeia

Cidade romana, no litoral italiano, que foi soterrada pela erupção do vulcão Vesúvio no ano 79. O sítio arqueológico foi descoberto no século XVIII.

Tumba do imperador Qin

Conhecidos como Exército de terracota de Xian, os guerreiros formam um conjunto de 8 mil esculturas que simulam um exér-

- 2 Observe com atenção a fotografia da Pedra de Roseta a seguir. Com base no que aprendeu, você consegue identificar quais são as escritas presentes no bloco de pedra? Escreva na linha abaixo de cada ampliação o nome da escrita correspondente.



► Pedra de Roseta. Foto de 2014.

Orientações didáticas

Explore a imagem da Pedra de Roseta com os alunos. Analise a imagem a partir das perguntas e respostas a seguir:

- Por que, na opinião dos alunos, a lei do faraó foi esculpida em pedra? A pedra servia para fixar a lei, evitando alterações e falsificações.
- Eles conseguem imaginar por que a lei foi grafada em três escritas e duas línguas? Provavelmente, parte da população egípcia não sabia ler a escrita hieroglífica, por isso a lei também foi grafada em demótico, uma escrita simplificada da língua egípcia. A lei também foi traduzida para o grego porque parte da população do Egito nesse período falava essa língua.
- Na opinião deles, a pedra é única ou havia mais de um exemplar dessa pedra no Egito? Por se tratar de uma lei que precisava ser divulgada em todo o reino, provavelmente ela fazia parte de uma série que foi enviada a diferentes regiões do Egito.

Atividade 2

Peça aos alunos que observem atentamente a pedra e as ampliações das escritas. Identifique com eles as três divisões da pedra, cada uma com uma escrita. A primeira tem o decreto na escrita hieroglífica, tradicional do Egito. A segunda é o demótico, uma escrita derivada da hieroglífica e que era mais popular. A terceira escrita, na parte inferior da pedra, é o grego. O grego possui escrita alfabética e algumas letras se assemelham à escrita latina, que é utilizada no Brasil.

cito chinês. Originalmente, a função dos guerreiros seria a de proteger o corpo do primeiro imperador chinês, Qin Shi Huang Di, que governou a China de 211 a 206 a.C. A tumba e o numeroso exército foram descobertos casualmente em 1974, a cerca de 30 quilômetros da cidade chinesa de Xian.

Caverna de Lascaux

Descoberta por acaso por garotos que estavam correndo atrás de um cachorro, a caverna, localizada na França, abriga inúmeras pinturas rupestres datadas de 17 mil anos atrás.

Machu Picchu

A antiga cidade inca foi descoberta no Peru no início do século XX. Sua descoberta revelou aspectos fundamentais da cultura do Império Inca.

Manuscritos do mar Morto

Essa coleção de 972 rolos de manuscritos religiosos redigidos em hebraico, aramaico e grego foi feita entre 250 a.C. e 65 d.C. Os manuscritos foram descobertos em cavernas na Cisjordânia nos anos 1940.

A BNCC na página 104

Esta página mostra um dos primeiros registros de um conjunto de leis, escrito em pedra com o objetivo de perpetuar sua visibilidade. A estela do Código de Hamurabi, quando tomada como documento histórico, tornou-se uma forma de preservação da memória do povo babilônico. Ao considerar a importância de objetos como esse para a transmissão e o registro das leis babilônicas, desenvolve-se a habilidade **EF05HI06**.

Atividade 2

Essa expressão indica que quem comete uma falta (ou crime) deve ser punido na mesma medida do sofrimento ou prejuízo que causou ao outro. Essa ideia é encontrada no Código de Hamurabi.

Conhecer as leis de uma sociedade é saber o que era permitido e o que era proibido, um aspecto importante do estudo da história de um povo.



The Bridgeman Art Library/Museu do Louvre, Paris, France

► Estela com o Código de Hamurabi, que hoje se encontra exposta no Museu do Louvre.

O uso da escrita, além de possibilitar o registro e a transmissão de informações, provocou grandes transformações e desenvolvimento nas sociedades humanas.

Na Mesopotâmia, a escrita era utilizada para controlar atividades comerciais e registrar grandes acontecimentos, rituais religiosos, leis e canções.

Um dos mais antigos conjuntos de leis escritas que se conhece é o Código de Hamurabi, criado durante o governo do rei Hamurabi da Babilônia, na Mesopotâmia, por volta de 1750 a.C.

O Código de Hamurabi foi esculpido em um monumento de pedra para todos conhecerem os castigos que teriam caso cometessem os delitos registrados. Leia abaixo dois artigos desse código.

O Código de Hamurabi

- Se um homem cegou o olho de um homem livre, o seu próprio olho será cego.
- Se cegou o olho de um escravo, ou quebrou-lhe um osso, pagará metade do seu valor.

São Paulo. Secretaria do Estado da Educação. **Coletânea de documentos históricos, de 5ª a 8ª séries**. p. 53.

1 De acordo com esses dois artigos do Código de Hamurabi, é possível afirmar que todas as pessoas eram iguais na Mesopotâmia?

Não, pois os artigos mencionam "homem livre" e "escravo". Além disso, dependendo da condição da vítima (homem livre ou escravo), o mesmo crime ("cegar um olho") tem penas diferentes.

2 Você já ouviu falar na expressão "olho por olho, dente por dente"? Converse com seus colegas e seu professor a respeito.

Resposta pessoal.

3 Você e seus colegas conhecem as regras da sua escola? Como elas são comunicadas? Resposta pessoal.

104 UNIDADE 3 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Esta página estabelece relações entre as tradições orais e a memória. É importante que os alunos percebam que a escrita não é a única forma de preservação de informações sobre o passado, sendo a memória e a tradição oral as formas mais antigas de transmissão de conhecimentos. Os temas abordados nesta página visam desenvolver as habilidades **EF05HI06** e **EF05HI09** da BNCC.

► Tradições orais e memória

A preservação da cultura, das tradições e da memória é muito importante para o indivíduo e também para os diferentes grupos que formam a sociedade. Ela é tão importante que se trata de um direito dos cidadãos assegurado por lei na Constituição brasileira.

Atualmente, existem muitos recursos para registrarmos atividades, hábitos e modos de vida. As redes sociais são um desses recursos. Por meio de textos e imagens (vídeos, fotografias, *gifs* e outros) registramos e compartilhamos momentos importantes e também cotidianos de nossas vidas.

As redes sociais permitem a uma pessoa recordar-se de suas experiências passadas. Esses registros também podem ser compartilhados com outras pessoas e ficam disponíveis a todo o tempo na internet.



Reprodução: Rafael/Imagens

► Indígenas registram com celulares os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, ocorridos em outubro de 2015, em Palmas, no estado do Tocantins.

- 1 Hoje existem muitos recursos que podemos utilizar para registrar não apenas fatos importantes, como festas de aniversário ou casamento, mas também eventos diários, cotidianos, como o recreio com os colegas. Converse com seus pais ou avós sobre como as pessoas registravam acontecimentos importantes no passado. Depois, converse com seus colegas sobre suas descobertas.
Resposta pessoal.
- 2 Você já utilizou redes sociais para registrar algum acontecimento de sua vida? Qual acontecimento? *Resposta pessoal.*

Pensar histórico

Os conceitos de memória coletiva e individual são muito importantes para a reflexão histórica. Ao longo do tempo, os indivíduos e grupos humanos desenvolveram diferentes maneiras de preservar a memória de acontecimentos importantes. Nesse sentido, há uma relação profunda entre a preservação da memória e o conhecimento histórico. Enquanto a memória é produzida por grupos sociais variados, o conhe-

cimento histórico é fruto do trabalho dos historiadores. Por isso, pode-se dizer que todas as sociedades possuem memórias coletivas e individuais, mas nem todas possuem um conhecimento histórico e sistematizado. Nesse caso, é importante demonstrar como a própria ideia de registrar a memória tem uma história e que, ao longo do tempo, os grupos humanos criaram maneiras muito diferentes de fazê-lo.

A BNCC nas páginas 106 a 109

Nestas páginas, os alunos são incentivados a identificarem a memória coletiva como um elemento que ajuda a preservar a cultura de um grupo social, transmitindo-a de uma geração a outra. Os exemplos citados, como a literatura de cordel e os saberes e fazeres dos quilombolas, mostram como esse conhecimento ainda está presente em nossos dias e auxiliam os alunos a valorizarem esse tipo de memória coletiva, desenvolvendo as habilidades **EF05HI06**, **EF05HI09** e **EF05HI10** da BNCC.

Minha coleção de palavras de História

Leia mais sobre a **Minha coleção de palavras de História** na página XXII das Orientações gerais.

Atividade 1

Oriente os alunos nessa atividade. Provavelmente, eles ainda não conseguem diferenciar a tradição oral de outras histórias contadas pelas pessoas mais velhas, como pais, tios e avós. É importante que eles percebam que a tradição oral tem relevância para a memória coletiva da sociedade ou de um grupo social.

Outra forma de registrar acontecimentos é por meio da memória coletiva, relacionada aos diferentes grupos sociais.

A memória coletiva pode ser o conjunto de lembranças de uma família, de uma comunidade, de um povo ou de um país e é, geralmente, passada de geração em geração.

Muitos povos preservam suas tradições e memórias transmitindo-as oralmente por meio de histórias que lembram as pessoas de alguns fatos considerados essenciais. As canções, as festividades, as celebrações religiosas e os livros também são formas de preservar e transmitir tradições.



▶ Grupo de griots africanos narrando histórias tradicionais de seu povo em apresentação no México, em 2016.

Minha coleção de palavras de História

A expressão a seguir é bastante usada por historiadores e estudiosos.

TRADIÇÃO ORAL

- 1 Escreva uma frase explicando o que é uma tradição oral. Lembre-se de que a frase tem de fazer referência aos temas trabalhados no capítulo.

Resposta pessoal.



- 2 Por que as tradições orais são importantes para a organização da vida em um grupo social? Sob a orientação do professor, converse com seus colegas sobre esse tema.
Resposta pessoal.

106 UNIDADE 3 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

A respeito dos conceitos história e memória, recomendamos alguns trechos do ensaio “Memória”, de Jacques Le Goff:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

[...]

[...] Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento.

Muitas das histórias e dos conhecimentos que temos nos foram transmitidos oralmente. Os chás medicinais e remédios caseiros são um bom exemplo de conhecimento transmitido de geração em geração, oralmente ou pela prática. Outro exemplo é o das fábulas e dos provérbios, que mostram qual é o comportamento mais adequado para as pessoas em determinadas situações.

Hoje muitos desses saberes e fazeres são registrados em livros e imagens, como uma forma de preservá-los.

- 1** Pergunte para um adulto sobre os chás de erva-cidreira, erva-doce e carqueja. Em seguida, preencha a ficha abaixo. **Respostas pessoais.**

	Erva-cidreira	Erva-doce	Carqueja
Esse chá é indicado para:			
Com quem você aprendeu sobre esse chá:			

- 2** Converse com seus colegas e seu professor sobre: **Respostas pessoais.**
- algumas canções tradicionais da comunidade em que vocês vivem;
 - alguns pratos típicos da região onde vocês moram.

Assim também aprendo

Uma forma importante de preservação da memória coletiva e individual no Brasil é a literatura de cordel. Trata-se de uma tradição oral que teve origem na região Nordeste. Nela, poetas elaboram narrativas para compartilhar notícias e histórias. Vamos ler um cordel?

Quando ainda não havia	Lendo folhetos, então
O rádio e a televisão	O nosso povo sabia
E os jornais não chegavam	Lenda de rei e princesa
Pra toda população	E fato que acontecia...
O folheto de CORDEL	Por ser cultura do povo
Era o JORNAL DO SERTÃO	Inda resiste hoje em dia.

VIANA, Arievaldo. **Salto para o futuro:** literatura de cordel e escola. Ano XX, boletim 16, out. 2010. Disponível em: <<https://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/12065716-LiteraturaCordel.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

- 3** Agora é a sua vez! Com um colega, escolham um tema e sobre ele façam, no caderno, um poema em forma de cordel. **Resposta pessoal.**

[...]

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 419, 422, 471.

Orientações didáticas

Para a população do campo, incluindo as sociedades tradicionais, costumes, saberes e fazeres são transmitidos por meio do relato de memória e da prática. Nas comunidades que vivem em ambiente urbanizado, as tradições e os costumes estão mais sujeitos a desaparecer.

Por isso há, atualmente, a preocupação de manter viva a memória de uma comunidade ou de um povo, criando, para isso, lugares de memória.

Esses lugares podem ser construções, monumentos, museus, bibliotecas, arquivos públicos e particulares, santuários, cemitérios, praças, parques, coleções, festas, comemorações, aniversários, associações e manifestações que preservem a memória. Ou seja, podem ser tanto materiais como imateriais.

Atividade 1

A erva-cidreira (*Melissa officinalis*) é utilizada como analgésico; a erva-doce (*Pimpinella anisum*) é usada para aliviar sintomas de irritações gastrointestinais; a carqueja (*Baccharis genistelloides*) é usada para aliviar sintomas relacionados a inflamações. Leia sobre outras ervas medicinais na reportagem “Conheça e saiba usar 37 plantas medicinais”, no site da revista *Saúde é Vital*, no endereço: <<https://saude.abril.com.br/bem-estar/conheca-e-saiba-usar-37-plantas-medicinais/>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

Orientações didáticas

Amplie o estudo sobre as comunidades quilombolas. Traga para a sala de aula um relato sobre a luta dessas comunidades para permanecer em suas terras e manter suas tradições, além das iniciativas e políticas do governo e da sociedade civil para proteger os direitos das comunidades remanescentes de quilombo.

A preservação das memórias e das tradições de um grupo social nem sempre é uma tarefa fácil. Existem grupos que precisam lutar muito para ter seus direitos reconhecidos pela sociedade e pelo Estado.

A luta das populações das comunidades **remanescentes** de quilombo pelo direito de permanecer nas terras em que seus antepassados viveram e pela preservação das suas tradições nesses locais é um exemplo disso.

Entre os séculos XVI e XIX, o termo quilombo era usado para nomear os povoados formados pelos escravizados que conseguiam fugir de seus senhores. Os quilombolas eram as pessoas que viviam nesses povoados.

Hoje, as populações quilombolas são, em sua maioria, descendentes dos antigos moradores desses povoados.

Veja algumas tradições centenárias que as populações quilombolas mantêm vivas.

remanescente:
o que resta, o que permanece.



► Artesão quilombola mostra cesto de palha que ele confecciona para vender em mercados e feiras locais, em Ubatuba, no estado de São Paulo. Foto de 2014.



► Cozinheira prepara beiju no Quilombo Maria Romana, localizado em Cabo Frio, no estado do Rio de Janeiro. Foto de 2015.

108 UNIDADE 3 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

Os alunos podem pesquisar vídeos sobre comunidades quilombolas e trazê-los para a classe, socializando-os com os colegas. Antes da apresentação, confira o que foi encontrado pelos alunos para saber se o material é adequado à faixa etária deles.

O link a seguir é um exemplo de vídeo que pode ser usado. Trata-se de uma reportagem da NBR sobre uma das maiores comunidades quilombolas do Brasil. A reportagem está disponível em: <www.youtube.com/watch?v=UNQAsps70kc>. Acesso em: 21 dez. 2017.



Hans Von Manteuffel/Ocêdo Brasil

► Apresentação de Congo no Quilombo Sapé, de Minas Gerais, no Ponto de Cultura Engenho Poço Comprido, município de Vicência, Pernambuco. Foto de 2015.

Orientações didáticas

Leia mais sobre a Caretada em: <<http://visiteparacatu.com.br/caretada-mantem-viva-tradicao-centenaria/>>. Acesso em: 6 set. 2017.

Uma fonte importante de informações sobre as tradições quilombolas pode ser encontrada na página “Memória Quilombola” do Inca. Disponível em: <www.inca.gov.br/memoria_quilombola>. Acesso em: 2 jan. 2018.

1 Sob a orientação de seu professor, pesquise em livros, revistas e sites informações sobre:

- comunidades quilombolas brasileiras;
- estados brasileiros onde se encontra o maior número de comunidades quilombolas;
- tradições das comunidades quilombolas;
- escolas das comunidades quilombolas.

2 Escreva abaixo um texto sobre as informações que você encontrou.

Objetivos do capítulo

1. Analisar algumas das principais transformações do cotidiano brasileiro ao longo do tempo.
2. Identificar marcas do tempo nas sociedades, através das mudanças no cotidiano ocorridas em diversos aspectos da sua cultura.
3. Reconhecer as permanências e mudanças dos hábitos, costumes e tradições das populações indígenas, que são vivas e dinâmicas.
4. Refletir sobre os principais problemas enfrentados pelas populações indígenas no presente.

Para iniciar

Leia o poema com os alunos. Incentive-os a procurar no dicionário as palavras que eles desconhecem.

Atividade 3

Pergunte se os alunos já conversaram com pessoas mais velhas, acima dos 60 anos, sobre como era a vida antigamente. Se for necessário, retome a sua própria experiência de vida.



A marca do tempo nas sociedades

Ao longo do tempo, a maneira de pensar, os hábitos e os costumes das pessoas se modificam.

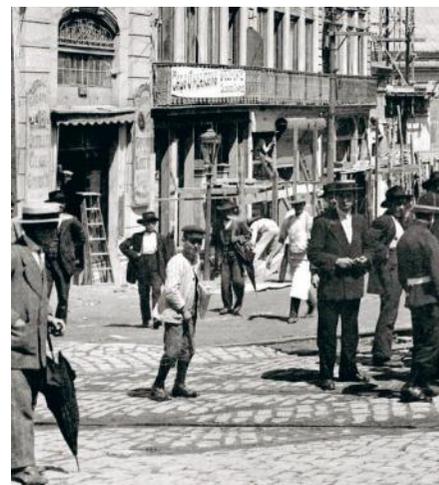
Alguns aspectos da vida cotidiana no passado ficam registrados na memória coletiva, e outros permanecem até os nossos dias.

Leia o poema do poeta e escritor brasileiro Carlos Drummond de Andrade.

Cortesia

Mil novecentos e pouco.
Se passava alguém na rua
sem lhe tirar o chapéu
Seu Inacinho lá do alto
[...]
Murmurava desolado
— Este mundo está perdido!
Agora que ninguém porta
nem lembrança de chapéu
e nada mais tem sentido,
que sorte Seu Inacinho
já ter ido para o céu.

ANDRADE, Carlos Drummond de.
Poesia completa. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 2008. p. 1055.



► Fotografia de pedestres na avenida São João, na cidade de São Paulo. Foto de 1915.

Para iniciar

- 1 O poema fala de um gesto muito comum no Brasil até a primeira metade do século XX. Que gesto era esse e o que ele simbolizava?
Tirar o chapéu para saudar ou cumprimentar as pessoas. Ele simbolizava educação e respeito pelo próximo.
- 2 Que aspectos do cotidiano você observa nessa fotografia que você não costuma ver no seu dia a dia?
- 3 Você já ouviu alguém falar de outros costumes que desapareceram? Quais?
Resposta pessoal.

110 UNIDADE 3

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetos de conhecimento	Habilidades
As tradições orais e a valorização da memória	BNCC EF05HI07 Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.
O surgimento da escrita e a noção de fonte para a transmissão de saberes, culturas e histórias	BNCC EF05HI09 Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.

► O cotidiano se transforma

Os costumes eram muito diferentes no Brasil até o século XIX.

Naquela época, a estrutura da família brasileira era patriarcal. Isso significa que o chefe de família decidia como sua esposa, seus filhos e filhas e outros parentes deveriam viver e se comportar.

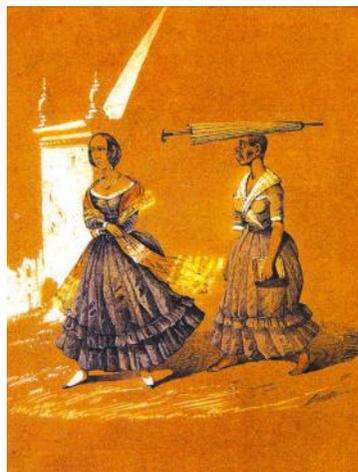
Nas famílias mais ricas, as mulheres estavam autorizadas a sair às ruas somente acompanhadas por um familiar ou um escravizado e passavam a maior parte do tempo em casa.

Já as escravizadas podiam circular desacompanhadas pela cidade para buscar água nos **chafarizes** ou encomendas para seus senhores. Algumas trabalhavam pelas ruas da cidade vendendo quitutes ou outros produtos como escravas de ganho.

Observe as imagens abaixo.



► Uma barraca de feira, gravura colorida de Henry Chamberlain, 1821.



► Dama no Rio de Janeiro e sua acompanhante, de autor não identificado, cerca de 1844.

A mulher branca, de classe social mais privilegiada, só saía de casa acompanhada. As negras escravizadas saíam sozinhas, tanto para buscar encomendas como para vender produtos

- 1 Descreva as diferenças entre as mulheres representadas nas duas imagens, como escravas de ganho. Podemos perceber diferenças também nas vestimentas.
- 2 Converse com seus colegas: no Brasil do século XIX as mulheres mais ricas saíam pouco de casa, e quando saíam precisavam estar acompanhadas. E hoje acontece o mesmo? **Resposta pessoal.**

chafariz:

fonte de água com várias bicas, que funciona como bebedouro ou para fornecimento público de água.

A BNCC nas páginas 111 a 113

Estas páginas tratam das mudanças nas formas de agir, de pensar, de saber e de fazer que acabam por transformar hábitos e costumes e levar ao abandono de tradições, deixando marcas na sociedade. Ao trabalhar as mudanças ocorridas na organização familiar e na vida cotidiana, por causa da chegada da família real e das inovações tecnológicas, desenvolvem-se as habilidades **EF05HI07** e **EF05HI09** da BNCC.

Orientações didáticas

Muitos donos de escravizados colocavam alguns deles para vender produtos nas ruas. Outros escravizados faziam acordos com seus senhores e, em troca de um pagamento periódico (diário, semanal ou mensal, por exemplo), conseguiam autonomia e, às vezes, comprar sua alforria. Esses escravizados eram chamados de “escravos de ganho”.

Atividade 2

Compare com os dias atuais, para que o aluno se conscientize das marcas do tempo nas mudanças e permanências ocorridas de um período a outro da História. Esse exercício auxilia a desenvolver nos alunos a capacidade de observação do seu cotidiano e daquilo que o rodeia.

Objetos de conhecimento	Habilidades
Os patrimônios materiais e imateriais da humanidade	BNCC EF05HI10 Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

Orientações didáticas

Explique para os alunos que a chegada da família real fez com que muitas pessoas fossem desalojadas de suas casas para que os funcionários da Coroa pudessem ocupá-las. Diferentemente do que acontece em nossos dias com as obras públicas, a população não foi indenizada ao ser desapropriada e não recebeu nenhum tipo de auxílio.

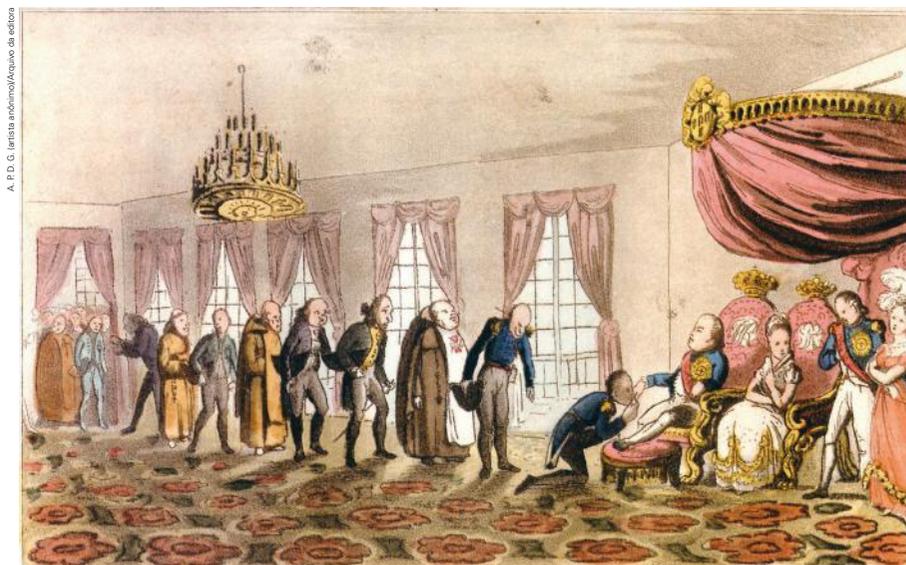
A imagem desta página mostra a cerimônia de beija-mão no palácio da cidade do Rio de Janeiro. Nela está representada a família real: dom João VI, sua esposa, dona Carlota Joaquina, e seus filhos, dom Pedro e dona Maria Teresa.

Em 1808, a família real portuguesa se transferiu para o Brasil. Isso provocou a modernização de muitas cidades, principalmente a do Rio de Janeiro, que era a capital do Brasil na época. Além de novas ruas e construções, a cidade passou a ter iluminação pública e **fiscalização sanitária** de mercados e matadouros, entre outras melhorias.

fiscalização sanitária: verificação das condições de higiene de um lugar por fiscais autorizados pelo governo.

O Rio de Janeiro recebeu um grande número de portugueses e estrangeiros, que vieram trabalhar como cientistas, artistas, artesãos e comerciantes.

A vinda da família real para o Brasil também influenciou o comportamento e os costumes das pessoas mais ricas, que passaram a se vestir e a se portar como os europeus. O cotidiano das pessoas mais pobres, porém, praticamente não se modificou.



► Cerimônia do beija-mão, de A. P. D. G. (artista e militar inglês). As pessoas compareciam à cerimônia para beijar a mão de dom João VI.

a) Estão em fila para beijar a mão de dom João VI, que está sentado ao lado de sua esposa.



Observe a imagem acima e troque ideias com seus colegas e seu professor.

a) O que as pessoas retratadas na imagem acima estão fazendo?

b) Esse costume existe ainda hoje? **O beija-mão não é mais um costume na sociedade brasileira.**

c) Como as pessoas se cumprimentam hoje?

Dependendo do grau de intimidade, as pessoas podem trocar um aperto de mãos, abraçar-se ou beijar a face uma da outra.

112

UNIDADE 3 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

Entre os temas relacionados ao estudo do cotidiano em História, a alimentação é um dos mais importantes. Proponha uma atividade em grupo em que os alunos explorem esse tema.

Para sensibilizá-los, apresente-lhes o texto a seguir, que fala da alimentação brasileira nos períodos colonial e imperial.

Quando e como se comia

De Portugal tivemos essas denominações. Almoço, jantar, ceia. Criamos uma, a primeira comida da manhã, que chamamos *o café*, e que é o pequeno almoço. Denominação das últimas décadas do século XVIII. O almoço para nós é um tanto antes ou depois do meio-dia e é o jantar europeu tradicional. [...] “Até horas de jantar, que para ele eram sempre as do meio-dia”, informava frei Luís de Sousa na vida de d. Frei Bartolomeu dos Mártires. Entre jantar e ceia vinha a merenda, também romana e portuguesa.

No século XIX, houve grande avanço tecnológico e novos inventos, como o bonde e o **fonógrafo**, que provocaram mudanças nos hábitos e no comportamento das pessoas.

Leia o texto abaixo.

fonógrafo:
antigo aparelho que servia para reproduzir os sons gravados em discos.

A República do progresso

Tudo era novidade: usar uma máquina de escrever, ir ao teatro de variedades, ter tantos jornais à disposição, tomar o chá das cinco, acender a luz em casa, andar de bonde.

Algumas inovações trazidas pelo progresso parecem hoje corriqueiras e sem importância. No entanto, tente imaginar como seria sua vida sem a luz elétrica...

Para os homens do final do século XIX e começo do século XX, essas experiências eram tão novas e surpreendentes que eles chegavam a achar que fariam mal à saúde, ficariam esgotados de viver tantos choques num só dia: ouvir um fonógrafo, mandar um telegrama, receber telefonemas. As mudanças se espalharam por toda a sociedade...

SOUZA, Iara Lis Schiavinatto C.
A República do progresso.
São Paulo: Atual, 2009. (Adaptado.)



► Desenho de 1921 com o telefone, na época um símbolo da modernidade. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 1.

Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/Arquivo da editora

Orientações didáticas

Explique para os alunos o significado de algumas referências feitas no texto citado desta página. O teatro de variedades era um espetáculo que abrangia diversas apresentações teatrais e musicais, muitas vezes com enredo que permitia uma tênue ligação entre essas apresentações ou até mesmo sem enredo algum.

Minha coleção de palavras de História

Leia mais sobre a **Minha coleção de palavras de História** na página XXII das Orientações gerais.

Para este capítulo, foi escolhida a palavra **modernização**, relacionando-a aos temas tratados. As atividades estimulam os alunos a identificar mudanças, reconhecendo que elas advêm da modernização ocorrida nas sociedades, e a perceber que o sentido dessa palavra pode ser relativizado: o que era moderno no final do século XIX pode não ser mais em nossos dias.

Minha coleção de palavras de História

A palavra abaixo aparece bastante nos nossos estudos de História.

MODERNIZAÇÃO

- 1 Segundo o texto, o que era moderno no final do século XIX e começo do século XX? Isso é moderno hoje?
Usar a máquina de escrever, ir ao teatro, acender a luz elétrica, ouvir um fonógrafo, mandar um telegrama, receber telefonemas, etc.
- 2 Desde o século XIX, as inovações tecnológicas causam impacto na vida cotidiana das pessoas. Converse com seu professor e com os colegas sobre quais inovações podem surgir nos próximos anos e como elas podem mudar a vida de vocês.
Resposta pessoal.

[...]

No Brasil velho o café era às seis, almoço às nove, jantar entre três e meia ou quatro horas, ceia às seis. A vésper da tarde era mesmo chamada “papa-ceia” porque aparecia no céu ao anoitecer, justamente na hora da manducação [refeição] noturna. Quando acendiam o candeeiro doméstico.

CASCUDO, Luis da Câmara. *História da alimentação no Brasil: cozinha brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968. p. 308-309.

A seguir, proponha que, em grupos, escrevam um relato sobre os hábitos alimentares dos habitantes de sua cidade, na época atual: quantas refeições fazem por dia, em que horário e o que geralmente comem em cada uma delas.

Conclua a atividade discutindo com a classe as diferenças entre os hábitos alimentares descritos no texto e os de nossos dias.

A BNCC nesta seção

Esta seção apresenta, por meio de duas imagens, como diferentes camadas sociais se divertiam no Brasil do início do século XIX. As atividades buscam comparar práticas do passado e do presente por meio da leitura das imagens e da pesquisa sobre danças em nossos dias, além de ampliar o conhecimento musical dos alunos. Esta seção busca desenvolver nos alunos as habilidades **EF05HI07** e **EF05HI09** da BNCC.

Orientações didáticas

Explique para os alunos que no século XIX as mulheres de famílias ricas aprendiam desde cedo a tocar piano.

Converse com a classe sobre a grande diversidade musical do Brasil. Um dos gêneros musicais mais populares do país, o samba, tem no lundu uma de suas origens. O lundu, por sua vez, é tanto um estilo musical quanto uma dança e sofreu influências africana e portuguesa.

Apesar de ser malvisto pelas camadas mais ricas da sociedade brasileira do século XIX, o lundu foi a primeira dança de origem africana a sair das senzalas e dos terreiros e se tornar popular. Trabalho conjunto com Arte e Matemática.

TECENDO SABERES

As mudanças ocorridas durante o século XIX também se expressaram nas manifestações culturais e nas atividades de lazer da população.

A cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, que era a capital do Brasil, começou a abrigar óperas, concertos de piano, **recitais** de canto, além de espetáculos teatrais.

recital: concerto de música vocal ou instrumental, apresentado geralmente por um solista.

Enquanto os mais ricos dançavam nos salões ao som de gêneros musicais europeus, a maior parte da população – negros escravizados, mestiços e homens e mulheres livres e pobres – dançavam nas ruas o lundu e outros ritmos que misturavam elementos musicais de origem africana e portuguesa.



► **Cena de bailado na Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, de autor desconhecido, 1817.** O príncipe dom Pedro e sua esposa, dona Leopoldina, abrem o baile. Ao piano, outra princesa: Maria Teresa.

114

UNIDADE 3 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

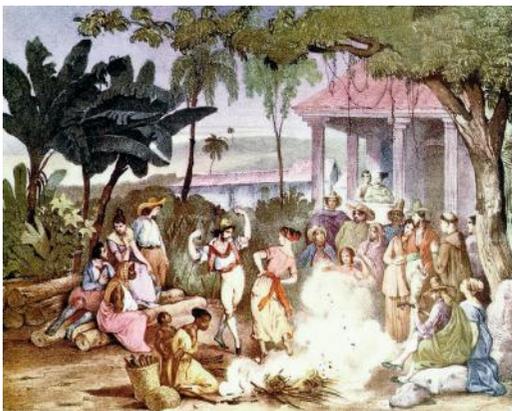
O texto a seguir descreve a importância dos ritmos africanos para os estilos musicais mais populares no Brasil durante o século XIX.

Flauta, rabeca e violão apareciam como os instrumentos europeus mais comuns no país até meados do século XIX. [...] Famílias importantes de senhores de engenho do interior baiano não

tinham visto um piano até os anos de 1850. À exceção do piano, todos os outros instrumentos apontados já estavam, de muito, pautados pelos ritmos afro-brasileiros. [...]

[...]

[...] a música e as danças afro-brasileiras apresentavam-se como resultantes de uma prática social, de uma cadência sonora que compassava os trabalhos, os serões, o transporte de gente e de carga, o refluxo do choro, a sublimação da dor, o



► **Dança lundu**, de Johann Moritz Rugendas, gravura de aproximadamente 1825. Essa dança teve origem na mistura dos ritmos das músicas africanas e das danças portuguesas. Foi a primeira forma de música negra aceita pela sociedade brasileira.

- 1 Observe as pessoas que aparecem nas imagens destas páginas e escreva no caderno:
 - a) Na primeira imagem, há pessoas fardadas e outras em trajes de gala. Na segunda imagem, os trajes são simples, e há pessoas descalças.
 - a) Que diferenças podem ser notadas entre as roupas das pessoas representadas em cada uma das imagens? b) Na primeira imagem, o príncipe e sua esposa dançam perante a Corte, que apenas observa, b) Há diferença entre a postura das pessoas em cada imagem? Qual? em deferência. Na segunda imagem, o casal de dançarinos é rodeado pelos convivas, que parecem descontraídos.
- 2 Procure em jornais e revistas uma foto de uma dança atual ou faça um desenho. Compare a imagem que você encontrou ou elaborou com as imagens destas páginas. Depois, troque ideias com seus colegas e seu professor: existem semelhanças ou diferenças entre as imagens que a classe encontrou e as imagens destas páginas? Quais? **Resposta pessoal.**
- 3 Ao tocar uma música, os músicos conseguem tocar juntos porque seguem o ritmo, que é a pulsação da música. Assim como acontece com a pulsação do nosso corpo, às vezes não percebemos a pulsação da música, mas ela está lá, presente o tempo todo.
 - a) Seu professor vai escolher uma canção para vocês ouvirem. Com seus colegas, encontrem a pulsação da canção e batam com o pé para marcá-la.
 - b) Depois, contem quantas vezes bateram o pé no intervalo de um minuto. Isso vai definir o andamento da composição musical. Qual é o andamento da canção que vocês ouviram? **Resposta pessoal.**
 - c) Então, contem seus batimentos cardíacos, medindo-os pelo pulso ou pela lateral esquerda do pescoço, durante um minuto. Qual pulsação é mais rápida: a da música ou a do seu corpo? **Resposta pessoal.**

tédio da espera ao abrigo da chuva, o embalado dos bebês, a viagem para o Além. A onipresença dos ritmos afro-brasileiros derivava da onipresença da escravidão afro-brasileira.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de.

Vida privada e ordem privada no Império.

In: _____ (Org.). *História da vida privada no*

Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional.

São Paulo: Companhia das Letras,

1997. v. 2. p. 45. (Coleção História da

vida privada no Brasil).

Atividade 3

Você pode levar uma canção para reproduzir em sala ou convidar os alunos a cantarem juntos uma canção. Procure escolher uma música que se relacione com o conteúdo trabalhado nesta seção. A unidade de medida usada é a chamada bpm (batidas por minuto). Em música, as composições podem ser classificadas de acordo com seu andamento. Veja abaixo as denominações dadas aos andamentos:

Largo: 40-60 bpm

Larghetto: 60-66 bpm

Adagio: 66-76 bpm

Andante: 76-108 bpm

Moderato: 108-120 bpm

Allegro: 120-168 bpm

Presto: 168-208 bpm

Prestissimo: mais que 208-bpm

Fonte: JACQUES, Mario Jorge. *Glossário do jazz*. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2009. p. 29.

A BNCC nas páginas 116 e 117

A partir da década de 1960, a população brasileira passou a ser mais urbana que rural. O aumento da população urbana resultou em novos costumes, maneiras de ser e de pensar a vida, maneiras de trabalhar e de se divertir. A influência dos meios de comunicação nesse processo não pode ser descartada, com a ampliação do alcance dos meios já existentes, como os jornais e o rádio, e o surgimento e a popularização da televisão e da internet. Os temas abordados nessas páginas trabalham a habilidade **EF05HI09** da BNCC.

Atividade 1

- a) Ouve-se muita música estrangeira no Brasil, geralmente cantada em língua inglesa e de origem estadunidense, mas os brasileiros também gostam muito da música brasileira, cantada em português. A resposta dos alunos deve variar bastante. Procure incentivar o respeito às preferências de todos os alunos, que podem estar ligadas às origens familiares ou aos gêneros musicais ouvidos pelos pais.
- b) O número de filmes brasileiros em exibição nos cinemas dos grandes centros urbanos tem aumentado consideravelmente nas últimas décadas. No entanto, sua bilheteria ainda é bem menor que a obtida pelos filmes estadunidenses. Na televisão, os filmes desse país continuam predominando.

Atividade 2

Os alunos devem comentar sobre a grande quantidade de produtos estadunidenses no Brasil.

Na segunda metade do século XX, o estilo de vida dos brasileiros mudou muito, principalmente o daqueles que moravam em grandes centros urbanos.

A partir dos anos 1950, o rádio, que até então era o principal veículo de comunicação, começou a enfrentar a concorrência da televisão. Os anos 1950 também foram os anos dourados para a indústria automobilística. Tinha início a era dos automóveis e das rodovias.



► Novos produtos de consumo surgiram, como os jeans, as camisetas e a goma de mascar. Na foto, James Dean, famoso ator estadunidense, em 1955.

O Brasil passou a receber, assim como outros países da América Latina, grande influência cultural dos Estados Unidos. Tudo o que vinha desse país – filmes, músicas, roupas e outros hábitos culturais – era valorizado e imitado.

- 1 Troque ideias com seus colegas e seu professor: **Respostas pessoais.**
- a) Você costuma ouvir muita música estrangeira? De que país é a maioria das músicas que você ouve?
- b) Você sabe a origem da maioria dos filmes que são exibidos no Brasil? Cite exemplos de filmes a que você já assistiu ou costuma assistir.
- 2 Leia esta história em quadrinhos e converse com seus colegas: o que o autor quis dizer com o diálogo? **Resposta pessoal.**



VERISSIMO, Luis Fernando. **As cobras**: Antologia Definitiva. São Paulo: Objetiva: 2010.

Atividade complementar

Ao tratar das mudanças ocorridas entre o final do século XX e o começo do século XXI, comente com os alunos que a globalização é um fenômeno mundial que se iniciou na segunda metade do século passado e se acelerou nas últimas décadas.

Atualmente, a maior parte da produção e do comércio mundial é controlada por grandes empresas internacionais e a

velocidade dos meios de comunicação (internet, sistema de telefonia e comunicação via satélite) e a modernização dos transportes facilitaram e aceleraram o processo de globalização. Por exemplo, peças de um produto podem ser fabricadas na China, em Taiwan ou nas Filipinas, onde a mão de obra é mais barata, enquanto a montagem do produto é feita em outro país.

Ninguém mais precisa ficar isolado. Todos podem se integrar na comunidade internacional e participar da busca de soluções para os problemas mundiais.

Entre o final do século XX e o começo do século XXI, o mundo mudou bastante – e muito rapidamente. Surgiram novos hábitos, novas modas, diferentes maneiras de viver, trabalhar e se divertir.

Algumas décadas atrás, era comum nas cidades brasileiras que as famílias se divertissem passeando nas praças. Quase sempre havia um coreto onde músicos e outros artistas se apresentavam. Mas durante muitos anos os coretos se calaram.

Hoje o hábito de ir às praças voltou a fazer parte dos fins de semana das famílias de algumas cidades brasileiras.

Observe a imagem ao lado.



► Famílias passeando próximo ao coreto da Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais. Foto de 2016.

1 Você já viu um coreto? Onde? Havia músicos ou outros artistas se apresentando?

Resposta pessoal.

2 Além do coreto, o que mais está retratado na foto acima?

Uma área arborizada, pessoas passeando, etc.

3 Há praças na sua cidade ou no seu bairro? Quem costuma frequentar essas praças?

Resposta pessoal.

4 Troque ideias com seus colegas e seu professor:

a) Que diversões foram substituindo os passeios na praça? Resposta pessoal.

b) Como vocês costumam se divertir em família? Resposta pessoal.

► CAPÍTULO 6 117

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A globalização influi na maneira de viver das pessoas, alterando hábitos, tradições e maneiras de pensar.

A seguir, proponha aos alunos as atividades aqui sugeridas.

1. Converse com um colega a respeito da questão: Quais são os meios de comunicação e transporte que facilitam a comunicação entre os países?
2. Ainda em dupla façam uma lista de cinco produtos utilizados por vocês que foram produzidos em outro país. Trabalhe com

os alunos marcas vendidas no Brasil, mas que são estrangeiras. Faça também uma atividade verificando, entre os produtos relacionados pelos alunos, quais são fabricados no Brasil e quais são fabricados em outro país.

3. Por fim, elaborem um painel com as informações que vocês levantaram. Enriqueçam o trabalho com recortes de revistas e desenhos. No dia marcado pelo professor, apresentem o painel à classe.

Atividade 4

- a) Alguns exemplos são a televisão, os videogames e os shopping centers.
- b) Considere com os alunos várias possibilidades de divertimento em família ou com os amigos, como jogar futebol, passear, ir à praia, à represa ou à piscina, sair para tomar sorvete, visitar parentes, etc. Abra uma roda de conversa para os alunos compartilharem e divulgarem as diferentes formas de se divertir em família, com os amigos ou até mesmo sozinhos. Os alunos poderão fazer uma lista das diversões mais antigas e das mais recentes.

A BNCC na página 118

Nesta página, os alunos são estimulados a identificar diferentes tipos de famílias, reconhecendo as transformações pelas quais os arranjos familiares passam como parte da nossa história. Entre essas transformações estão a presença cada vez maior da mulher no mercado de trabalho (e o reconhecimento da mulher como chefe de família, papel antes reservado apenas ao homem), a aprovação do divórcio e a extensão do direito ao matrimônio aos relacionamentos homossexuais. Esse trabalho desenvolve a habilidade **EF05HI09** da BNCC.

Orientações didáticas

Explore as diferentes organizações familiares da turma, cuidando para que todas sejam igualmente respeitadas. É fundamental estimular o respeito à diversidade.

Atividade 2

Incentive o debate. Trabalhe a crescente participação da mulher no mercado de trabalho e a ocupação de cargos antes majoritariamente ocupados por homens.

Atividade 3

Homens e mulheres têm direitos e obrigações iguais. No entanto, em razão do preconceito que persiste, muitos acreditam que o homem deve chefiar a casa e não tem a obrigação de dividir as tarefas domésticas com a mulher. Isso muitas vezes representa uma sobrecarga para a mulher trabalhadora, que precisa cumprir dupla jornada, no trabalho e no lar.

Atividade 4

a) Com os dados fornecidos pelos alunos, faça com a turma um gráfico, considerando algumas situações possíveis: só o pai trabalha, só a mãe trabalha, os dois trabalham, entre outras.

As famílias também mudaram nas últimas décadas. Hoje são formadas de várias maneiras, podendo ser chefiadas pela mãe e pelo pai juntos, só pela mãe, só pelo pai, por duas mães, por dois pais ou por outros adultos, parentes ou não.

A legislação brasileira reconhece que casais formados por pessoas do mesmo sexo também constituem uma família. E, desde 2011, eles têm os mesmos direitos de matrimônio que um casal formado por um homem e uma mulher.

A separação de casais, que era considerada um escândalo no passado, também passou a ser algo comum.

As pessoas também estão vivendo mais sós. Segundo dados do IBGE, o número de pessoas que moram sozinhas no país vem aumentando nos últimos anos.

- 1 Observe as imagens e responda: você conhece outros arranjos familiares? Discuta com seus colegas e seu professor. **Resposta pessoal.**



➤ Família sem filhos. Foto de 2016.



➤ Família composta de dois pais e três filhos. Foto de 2017.



➤ Família composta de mãe e filha. Foto de 2016.

- 2 Observe a imagem ao lado e, com seus colegas, troquem ideias sobre a participação da mulher no mercado de trabalho.

- 3 Você acha que homens e mulheres têm os mesmos direitos e deveres? Converse com seus colegas. **Resposta pessoal.**

- 4 Responda no caderno:

- a) Quem trabalha para o sustento de sua família? **Resposta pessoal.**
b) Você conhece famílias chefiadas por avô ou avó? **Resposta pessoal.**



➤ Operárias trabalhando na construção do Parque Olímpico do Rio de Janeiro. Foto de 2015.

Texto complementar

Sobre a estrutura das famílias brasileiras, leia o que dizem dois grandes especialistas no assunto, José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi, professores doutores da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do IBGE.

IHU On-Line – Quais as principais conclusões a que vocês chegaram em relação à família brasileira no estudo recente que realizaram com base no censo de 2010?

José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi – A primeira

grande mudança foi a redução do arranjo majoritário formado por casais (núcleo duplo) com filhos. [...]

Casais sem filhos

A segunda mudança [...] foi o aumento do arranjo formado apenas pelos casais sem filhos e sem outros parentes, que passou de 12% em 1980 para 15% em 2010.

Arranjo monoparental feminino

A terceira alteração foi o aumento do arranjo monoparental feminino (núcleo simples, formado por mães com filhos), que passou de 11,5% em 1980 para 15,3% em 2010.

Os grupos sociais e o direito à memória

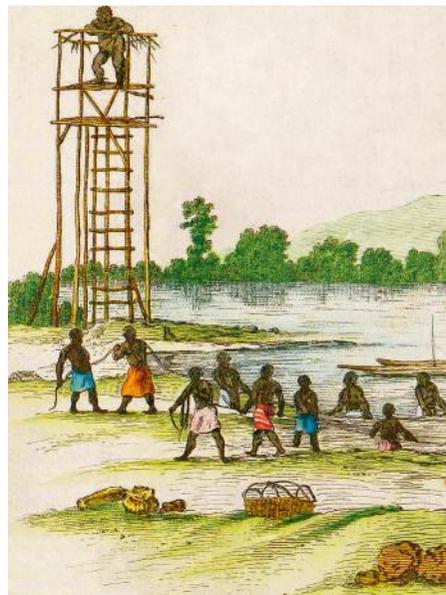
Em 1988, o movimento negro obteve uma grande conquista: o reconhecimento, na Constituição, do direito das comunidades remanescentes de quilombolas à terra que ocupam há gerações.

De lá para cá, o governo brasileiro estima que mais de 2 400 comunidades quilombolas tenham sido reconhecidas. A partir desse reconhecimento, que se dá por meio da emissão de um certificado, essas comunidades passaram a ter direitos, que preveem, por exemplo, a defesa e a valorização do patrimônio cultural brasileiro.

A realidade, no entanto, é que as comunidades remanescentes de quilombos enfrentam muitas dificuldades para garantir seus direitos e preservar a memória do passado. Uma forma de lutar contra isso é por meio de ações para a recuperação da memória dos quilombos que se formaram ao longo dos séculos no Brasil.

Por isso, é muito importante estudar a história dos quilombos e a maneira como eles se organizavam. Isso nem sempre é fácil, pois não existem muitas fontes de informação sobre a maneira como os quilombolas viviam no passado.

Observe atentamente a imagem ao lado. Ela retrata uma cena de trabalho no maior quilombo que se formou no Brasil, entre 1590 e 1694, o Quilombo dos Palmares.



Homens trabalhando no Quilombo dos Palmares, gravura de Gaspar Barlaeus em detalhe de mapa de 1647.

1 Quando foi feita a imagem?

Estima-se que a imagem tenha sido

feita em 1647.

2 O que mostra a imagem?

O trabalho comunitário da pesca com rede executado por homens; a forma de se vestir desses homens; a área de floresta e montanhas, ao longe, no segundo plano, e uma torre de madeira, provavelmente de vigilância.

Nestas páginas, aborda-se o direito à terra e à memória de alguns grupos sociais do Brasil. Um dos exemplos é o das comunidades quilombolas, que lutam para preservar as terras que tradicionalmente ocupam e sua cultura, levando o aluno a compreender os modos de vida desses povos tradicionais. Reconhecer o local onde esteve o Quilombo dos Palmares como patrimônio ajuda a valorizar o direito de todos os quilombolas à terra e à preservação da sua cultura, desenvolvendo as habilidades EF05HI07 e EF05HI09 da BNCC.

Orientações didáticas

O processo de reconhecimento é importante, mas é apenas uma etapa para a titulação das terras que essas comunidades ocupam. A posse da terra é fundamental para que a cultura dos povos remanescentes de quilombos seja preservada, porque esses povos sobrevivem por meio de atividades ligadas à agricultura e ao extrativismo. De acordo com a Comissão Pró-Índio de São Paulo, há aproximadamente 170 terras quilombolas tituladas no país inteiro.

Arranjo monoparental masculino

A quarta modificação foi também o aumento – ainda que de uma base menor – do arranjo monoparental masculino (núcleo simples, formado por homens com filhos), que passou de 0,8% em 1980 para 2,2% em 2010.

Mulheres morando sozinhas

A quinta transformação foi o crescimento do número de mulheres morando sozinhas, que passou de 2,8% em 1980 para 6,2% em 2010.

Homens morando sozinhos

A sexta foi o crescimento do número de homens morando sozinhos, que passou de 3% em 1980 para 6,5% em 2010.

E, finalmente, a sétima mudança aconteceu com a redução do percentual de famílias compostas e extensas (casais, filhos, parentes e agregados) que caiu de 4,8% para 2,2% no mesmo período. [...]

CENSO 2010. *Uma família plural, complexa e diversa*. Entrevista especial com José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi. Instituto Humanitas Unisinos, 29 out. 2012. Disponível em: <www.ihu.unisinos.br/entrevistas/515013-censo-2010-uma-familia-plural-complexa-e-diversa>. Acesso em: 26 dez. 2017.

Orientações didáticas

Sobre o Parque Memorial Quilombo dos Palmares, assista com os alunos à reportagem sobre o Quilombo dos Palmares no programa *Expedições*, da TV Brasil, disponível em: <www.youtube.com/watch?v=zHFfLuUD8Dw>. Acesso em: 26 dez. 2017.

Pesquisa

Atividade 2

O site do Parque Memorial Quilombo dos Palmares está disponível no endereço <<http://serrada.barriga.palmares.gov.br>> (acesso em: 26 dez. 2017). Nele há informações sobre a culinária dos quilombolas, de influência africana.

Para preencher essa lacuna da falta de conhecimento sobre o modo de vida dos quilombolas no passado, é preciso estimular a produção de estudos sobre essas comunidades e preservar a memória desses locais.

Em 2007, o governo brasileiro criou o Parque Memorial Quilombo dos Palmares, em um lugar da região onde se formara o quilombo no passado. O local, na Serra da Barriga, no estado de Alagoas, recria o ambiente do quilombo e ajuda a preservar a memória da luta das populações quilombolas.

Observe a foto do Parque Memorial Quilombo dos Palmares.



▶ Parque Memorial Quilombo dos Palmares, Alagoas. Foto de 2015.

Pesquisa

As construções do Parque Memorial Quilombo dos Palmares não são antigas, elas foram recriadas com base em estudos e pesquisas. Ainda assim, elas podem nos ajudar a refletir sobre o modo de vida nos quilombos.

- 1 Quais informações a imagem pode nos fornecer sobre a vida em Palmares?

Os alunos podem observar o tipo de construção, a divisão do espaço, presumir as atividades realizadas nesses espaços, etc.

- 2 A seguir, visite o site do Parque Memorial para pesquisar mais sobre o modo de vida dos quilombolas e sobre os hábitos alimentares deles.

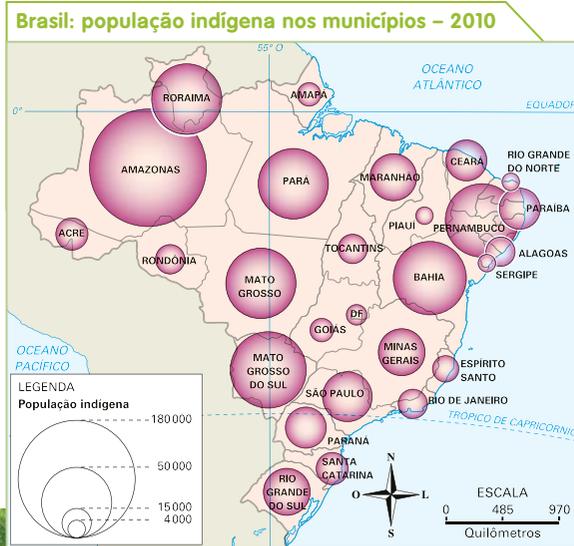
Ser indígena brasileiro hoje

Segundo dados do IBGE, há no Brasil aproximadamente 896 mil pessoas que se declaram ou se consideram indígenas.

A maioria vive no Norte do país, em territórios demarcados por lei pelo governo brasileiro. Essas terras, chamadas Terras Indígenas, existem em todo o território brasileiro. Há também muitos indígenas morando em cidades.

Veja o mapa ao lado e a imagem abaixo.

IBGE. Censo demográfico 2010. **Características gerais dos indígenas:** resultado do universo. Rio de Janeiro, 2012. p. 170. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/95/cd_2010_indigenas_universo.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2017.



Renato Soares/Pulsar Imagens

► Homens, mulheres e crianças participam da pescaria com uso de timbó (um tipo de cipó). Os homens batem o timbó na água e as mulheres são encarregadas da coleta dos peixes. Município de Feliz Natal, no estado de Mato Grosso, 2016.

1 Quais são os estados com o maior número de indígenas?

Amazonas, Roraima, Pará, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia e Pernambuco.

2 Escreva no caderno qual é a sua opinião sobre a importância de demarcar e preservar as Terras Indígenas. **Resposta pessoal.**

► CAPÍTULO 6 121

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividades complementares

1. Após o trabalho com as atividades desta página, informe aos alunos que historiadores estimam que na época da chegada dos portugueses havia entre 3 milhões e 5 milhões de indígenas no atual território brasileiro. Em nossos dias, de acordo com o Censo de 2010, há aproximadamente 896 mil. Peça a eles, com base nessas informações, que troquem ideias sobre os resultados da colonização portuguesa para a população indígena.

2. Ouça ou leia com a turma a canção *Chegança*, de Antônio Nóbrega. A letra pode ser encontrada no *site* do artista: <<http://antonionobrega.com.br/site/category/letras/>> (aceso em: 26 dez. 2017). Em seguida, peça aos alunos que se reúnam em grupos e, em folha separada, descrevam como o autor explicou o contato entre indígenas e europeus.

A BNCC nas páginas 121 a 123

As páginas 121 a 123 abordam as maneiras de viver, os hábitos e os costumes das populações indígenas que vivem em áreas urbanas e nas Terras Indígenas. Ao aprender sobre o modo de vida dos indígenas nas cidades, os alunos poderão comparar seu cotidiano com o desses povos, desenvolvendo a habilidade **EF05HI09** da BNCC.

Orientações didáticas

Explique que há indígenas que vivem em áreas urbanas em todas as regiões do país, mas são mais numerosos nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. O mapa desta página mostra a quantidade de indígenas por estado. Trabalhe com Geografia (divisão político-administrativa do Brasil).

Atividade 2

É esperado que os alunos considerem importante preservar as Terras Indígenas como uma forma de manter viva a cultura e a organização social tradicional dos povos indígenas.

Saiba mais

Atividade 2

Não é a aparência, tampouco o local de nascimento ou de moradia de uma pessoa, que define sua identidade cultural, e sim seu sentimento de pertencimento a uma comunidade, a um povo ou a uma cultura.

Saiba mais

No Brasil, uma pessoa é considerada indígena quando se declara como tal ou se identifica como membro de uma comunidade ou de um povo indígena. Isso significa que não é a aparência que define a identidade cultural de uma pessoa, mas o seu sentimento de pertencimento a uma cultura ou a uma comunidade.

Muitos indígenas hoje vivem em cidades. Em seu dia a dia, eles convivem com indígenas e não indígenas, frequentam escolas e universidades, trabalham em lojas e escritórios, usam internet e redes sociais, viajam de ônibus e de avião.

Isso tudo não faz com que eles deixem de ser indígenas, pois, mesmo adotando costumes de outras culturas, eles não abrem mão de sua história e de sua identidade.



► Família indígena Guarani Mbya fazendo compras em supermercado do bairro de Parelheiros, em São Paulo. Foto de 2017.

1. Qualquer pessoa é considerada indígena no Brasil?
1. Não. Para ser considerada indígena, é necessário que a pessoa se reconheça como tal ou se identifique como membro de uma comunidade ou de um povo indígena.
2. Para ser considerada indígena, é necessário que a pessoa viva em Terras Indígenas? Por quê?
3. Troque ideias com seus colegas e seu professor: há algum indígena na escola de vocês? Vocês sabem se existem indígenas vivendo na cidade em que vocês moram? O que vocês sabem sobre eles? **Resposta pessoal.**

122

UNIDADE 3

2. Não. Ela pode viver em qualquer lugar, até mesmo em grandes cidades, como São Paulo ou Rio de Janeiro. O importante é que ela se reconheça e seja reconhecida como participante de uma comunidade ou de um povo indígena.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Pensar histórico

Um tema importante quando se pensa nas comunidades indígenas é a questão do contato desses grupos com os não indígenas. Isso resulta em transformações no modo de vida desses povos, que passam a incorporar hábitos diferentes em seu cotidiano. Isso, entretanto, não significa que os indígenas abandonaram sua cultura e vivem apenas como os não indígenas. Na realidade, há um processo complexo de trocas cul-

turais, ao mesmo tempo em que os indígenas preservam aspectos que eles julgam centrais de seu modo de vida. Essa questão permite refletir sobre a historicidade da organização dos povos indígenas, destacando transformações e permanências ao longo do tempo. Deve-se evitar a visão de que a cultura indígena é algo cristalizado no passado e destacar que todos os grupos humanos estão em transformação ao longo do tempo.

Uma das principais reservas indígenas, reconhecida pelo governo brasileiro, é o Parque Indígena do Xingu. Criado em 1961, no norte do estado de Mato Grosso, perto da fronteira com o Pará, ele é cortado pelo rio Xingu e seus afluentes.

Nessa reserva vivem mais de 5 mil indígenas de diferentes etnias: Kaiabi, Ikpeng, Aweti, Trumai, Suyá, entre outras. Apesar de apresentarem tradições culturais e modos de viver próprios, é possível observar alguns hábitos em comum entre os indígenas do Xingu, como o de comer peixe, mandioca, milho e produtos da Floresta Amazônica. Além de hábitos alimentares, eles compartilham muitas festas e a defesa da natureza.

No interior do parque há mais de 30 escolas nas quais as crianças indígenas estudam. Nessas escolas, existem professores indígenas que ajudam a preservar as tradições locais. As línguas indígenas são faladas e ensinadas nessas escolas, mas os alunos também devem aprender a língua portuguesa.

- Com a orientação de seu professor, pesquise um pouco mais sobre a vida dos povos que vivem no Parque Indígena do Xingu. Depois, com base nas informações que você pesquisou, elabore uma ilustração em uma folha à parte. Você pode fazer isso com um colega. **Resposta pessoal.**



FUNAI. Terras Indígenas. Disponível em: <www.funai.gov.br/terra_indigena_2/mapa/index.php?cod_ti=33801>. Acesso em: 29 nov. 2017.



▶ Escola da aldeia Ipatse da etnia Kuikuro, Parque Indígena do Xingu, no estado de Mato Grosso. Foto de 2012.

Orientações didáticas

Aprofunde seus conhecimentos sobre o Parque Indígena do Xingu acessando o site Terras Indígenas, mantido pelo Instituto Socioambiental, no endereço <<https://terrasindigenas.org.br/es/terras-indigenas/3908>> (acesso em: 27 dez. 2017). Nele, você terá acesso a informações sobre os povos que vivem nesse parque, a área, a demografia e as principais ameaças.

Comente com os alunos que há 16 povos indígenas no Xingu. Desse, alguns povos, como os Kaiabi e os Ikpeng, não ocupavam a área do parque até a sua criação.

A BNCC nas páginas 124 e 125

Estas páginas abordam o tema da luta dos indígenas pela terra. É um problema que pode estar no cotidiano de muitos alunos do Brasil, principalmente nas regiões Norte e Centro-Oeste. É importante que os alunos compreendam o ponto de vista dos indígenas, que precisam da terra para reproduzir sua cultura e seu modo de vida. Outros grupos sociais no Brasil contestam o direito dos indígenas à terra. As atividades permitem esse contato com diferentes pontos de vista. Esta dupla de páginas trabalha a habilidade **EF05HI09** da BNCC.

Orientações didáticas

Explique para os alunos que o artigo 231 da Constituição brasileira garante aos indígenas o uso da terra que tradicionalmente ocupam. Esse direito existe mesmo antes da demarcação.

A criação das Terras Indígenas pelo governo reflete a organização e a luta dos povos indígenas brasileiros pelo direito às suas terras e pela preservação delas.

Na década de 1980, os povos indígenas se organizaram para exigir o reconhecimento de seus direitos durante os trabalhos da Assembleia Constituinte de 1988, que tinha a **missão** de criar uma nova Constituição para o Brasil.

missão: tarefa que precisa ser realizada por alguém, um grupo de pessoas ou uma organização.

Além do direito à terra, a Constituição também reconheceu o direito à preservação da cultura e ao aprendizado das línguas indígenas nas escolas. Mais tarde, novos movimentos indígenas se organizaram para lutar pelo reconhecimento de novas terras e também pela proteção das terras já reconhecidas.

Mas ainda falta muito para que os povos indígenas brasileiros possam viver bem e com seus direitos assegurados no país. Por isso, eles continuam se organizando em grupos e movimentos para pressionar a sociedade e o governo brasileiros.



▶ Indígenas nas galerias do Congresso Nacional, durante sessão da Assembleia Constituinte, Brasília, Distrito Federal. Foto de 1988.



▶ Manifestação com mais de três mil indígenas contra a votação que transfere a demarcação de Terras Indígenas do Executivo para o Legislativo. Congresso Nacional, Brasília, Distrito Federal, em 25 de abril de 2017.

 Sob a orientação de seu professor e com seus colegas, pesquisem em livros, revistas e sites sobre a luta por direitos das populações indígenas no Brasil. Depois discutam sobre isso em sala de aula.

124 UNIDADE 3 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Leia, a seguir, uma reportagem sobre o retorno do povo indígena Panará às terras que ocupava até a década de 1970.

Volta à terra de origem faz “índios gigantes” triplicarem

A tumultuada história do contato dos panarás tem meio século. Desde o final dos anos 1960, tentativas de aproximação frustravam os militares, que queriam afastá-los das obras da BR-163 (Cuiabá-Santarém), hoje um dos principais focos de desmatamento ilegal da Amazônia.

[...] Os panarás ganharam a alcunha de “índios gigantes” porque o único panará conhecido, que vivia entre os txucarramães, media 2,04 m. [...]

Em 1973, os panarás finalmente decidiram se aproximar da expedição dos irmãos Orlando e Claudio Villas Bôas. As impressionantes imagens do encontro, registradas pelo fotógrafo Pedro Martinelli, deram a volta ao mundo, embora a expectativa de que fossem gigantes não tenha se confirmado.

O fim do isolamento os colocou à beira da extinção. Doenças se espalhavam pelas aldeias e matavam rapidamente.

No Brasil, existem hoje outras Terras Indígenas, além do Parque Indígena do Xingu.

Isso não garante, porém, que os povos indígenas vivam em paz e não enfrentem problemas. A expansão da agricultura e da pecuária é um grande risco para eles.

Mesmo quando essas atividades não são feitas nas Terras Indígenas, a destruição das florestas contribui para a poluição dos rios e para a elevação da temperatura da região.

Leia o texto a seguir.

1. Desmatamento e queimadas para a formação de lavouras e pastagens, poluição e construção de represas. O desmatamento, por exemplo, tem feito com que as queimadas tradicionais dos povos indígenas saiam do controle e provoquem incêndios florestais.

Desmatamento e seca fazem índios do Xingu perderem “tecnologia do fogo”

Enquanto esperava reforços para combater uma linha de fogo de 12 km de extensão que ameaçava a aldeia Yawalapiti, o bombeiro Emilton Paixão foi abordado por um morador. Em meio à fumaça que encobria o Parque Indígena do Xingu, ele perguntou ao funcionário recém-chegado de Brasília se havia riscos em queimar a área da sua roça.

A recente insegurança dos índios para usar uma tecnologia dominada há incontáveis gerações para o plantio de subsistência é o sintoma mais visível das mudanças climáticas na região do Xingu, provocadas pelo aumento da temperatura global e pelo intenso desmatamento no entorno, tomado por pastagens e pela soja.

“Temos relatos de vários povos indígenas de que utilizam a mesma técnica tradicional do fogo, mas o resultado agora é muito diferente”, afirma o pesquisador Paulo Brando. “O fogo que antes não escapava agora adentra a floresta e pode queimar áreas gigantescas.”

MAISONNAVE, Fabiano. Desmatamento e seca fazem índios do Xingu perderem “tecnologia do fogo”. **Folha de S.Paulo**, 5 set. 2016. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/ciencia/2016/09/1810280-queimadas-crescem-no-parque-indigena-do-xingu.shtml>. Acesso em: 29 nov. 2017.

3. a) Eles fazem expedições para fiscalizar as fronteiras do parque e impedir invasões, além de organizar manifestações contra a construção de barragens.

1 Quais são os problemas que ameaçam o Parque Indígena do Xingu e como eles estão afetando o modo de vida tradicional dos povos que vivem lá?

2 Você já ouviu falar nessa “tecnologia do fogo” utilizada há incontáveis gerações pelos indígenas? O que você sabe ou já estudou sobre ela?
Resposta pessoal.

3 Para responder às questões a seguir, pesquise em livros, revistas e na internet.

a) Como os indígenas do Xingu procuram combater os problemas que os ameaçam?

b) Além de reconhecê-las, o que é preciso fazer para proteger as Terras Indígenas?
É necessário que a destruição da natureza por conta das atividades agrícolas e pecuárias seja interrompida para que o equilíbrio natural dessas regiões se recomponha.

» CAPÍTULO 6 125

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

[...]

A adaptação ao Xingu nunca ocorreu. Os panarás não reconheciam as frutas e estavam acostumados a rios menores e à terra mais fértil. Nos 22 anos que permaneceram ali, mudaram de aldeia sete vezes.

[...] em 1993, os panarás fizeram uma expedição à área original. A maior parte já havia sido “comida pelo branco”: garimpos, pastos e as cidades de Guarantã do Norte e Matupá e Peixoto de Azevedo, todas em Mato Grosso, tomaram o território tradicional.

Mas nem tudo estava destruído. Em um sobrevoo, os panarás descobriram que a parte nordeste do território, protegida por mon-

tanhas, estava preservada. Iniciou-se então uma negociação com o governo federal que levou à homologação de 500 mil hectares, no final de 1996.

[...]

A volta fez bem aos panarás. Com o crescimento populacional, expandiram de uma para cinco aldeias.

[...]

MAISONNAVE, Fabiano. Volta à terra de origem faz “índios gigantes” triplicarem. **Folha de S.Paulo**, 15 out. 2017. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/poder/2017/10/1927090-volta-a-terra-de-origem-faz-indios-gigantes-triplicarem.shtml>. Acesso em: 27 dez. 2017.

Atividade 2

Espera-se que os alunos relacionem a “tecnologia do fogo” à agricultura de coivara, estudada no capítulo 3.

Atividade 3

Chame a atenção dos alunos para o fato de a maioria das aldeias estar localizada ao longo dos rios. Explique a eles o efeito da construção de barragens: inundações de terras, dificuldades para a procriação de peixes, etc.

Objetivos das páginas 126 e 127

As páginas a seguir permitem fazer uma retrospectiva dos temas desenvolvidos na unidade e, para isso, trabalham as atividades de escrita e coleção de palavras de História em **Eu escrevo e aprendo** e atividades de desenho em **Eu desenho e aprendo**.

Eu escrevo e aprendo

Objetivo: Sistematizar noções desenvolvidas na unidade usando a **linguagem escrita**.

Nesta atividade deve-se trabalhar o que foi importante para os alunos em cada capítulo ou o que eles mais gostaram de aprender. Eles terão oportunidade de retomar, registrar e organizar o que foi estudado. Como esta é uma das atividades que fecham a unidade, é o momento ideal para os alunos selecionarem palavras que mais chamaram a atenção deles durante o estudo. Assim, eles vão identificar os temas centrais de um texto e trabalhar a linguagem escrita.

As frases selecionadas estão nas páginas 106 e 122.

Minha coleção de palavras de História

Veja, na página XXII das Orientações gerais, como trabalhar a seção **Minha coleção de palavras de História** em sala de aula, incluindo um modelo de quadro que poderá ser feito com os alunos. Eles devem preenchê-lo com as palavras trabalhadas após o estudo da unidade. Esta atividade deve ser feita em conjunto com Língua Portuguesa, pois trabalha o letramento e incentiva a ampliação do vocabulário do aluno.

Converse com os alunos a respeito da expressão **tradição oral**. Com seu significado claro, eles podem refletir sobre as tradições orais com as quais têm contato em sua cidade ou até entre seus familiares. A palavra **modernização** trabalha sempre com a noção de mudança e inovação; oriente os alunos caso haja dificuldade de sintetizar essas ideias.

O QUE ESTUDAMOS

Eu escrevo e aprendo

- As frases abaixo aparecem nos capítulos da unidade 3. Copie, embaixo de cada uma delas, outra frase sobre o que você mais gostou de aprender em cada capítulo.

Capítulo 5 – O uso da linguagem e a memória

Muitos povos preservam suas tradições e memórias transmitindo-as oralmente por meio de histórias que lembram as pessoas de alguns fatos considerados essenciais.

Resposta pessoal.

Capítulo 6 – A marca do tempo nas sociedades

No Brasil, uma pessoa é considerada indígena quando se declara como tal ou se identifica como membro de uma comunidade ou de um povo indígena.

Resposta pessoal.

Minha coleção de palavras de História

Em cada capítulo da unidade, há uma palavra destacada para a Minha coleção de palavras de História. Você também fez atividades com essas palavras para saber como utilizá-las quando precisar escrever um pequeno texto de História. Veja quais são essas palavras no quadro ao lado.

- O que você aprendeu com essas duas palavras? Discuta com seus colegas.
Resposta pessoal.
- Em um quadro no seu caderno, escreva essas duas palavras e o significado de cada uma delas. O significado deve estar ligado ao que você aprendeu no capítulo.
Resposta pessoal.

TRADIÇÃO ORAL,
página 106.

MODERNIZAÇÃO,
página 113.

126

UNIDADE 3

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Eu desenho e aprendo

- 1 Os desenhos abaixo representam assuntos importantes estudados em cada capítulo da unidade 3. Observe-os atentamente.

Capítulo 5 O uso da linguagem e a memória



Capítulo 6 A marca do tempo nas sociedades

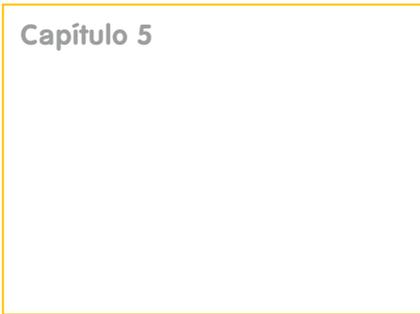


Ilustrações: Cláudio Chyng/Arquivo da editora

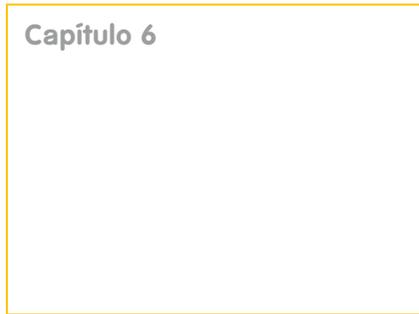


- 2 Agora é a sua vez! Para cada capítulo, faça um desenho do que você mais gostou ou achou importante estudar nesta unidade do livro. Se preferir, faça uma colagem.

Capítulo 5



Capítulo 6



Eu desenho e aprendo

Objetivo: Sistematizar noções desenvolvidas na unidade utilizando a **linguagem gráfica**. Incentive os alunos a usar a criatividade e construir uma vinheta conclusiva. Lembre-se de que as representações gráficas são muito importantes para as crianças, pois permitem manifestações e estruturas do pensamento de forma mais lúdica e natural.

Objetivos das páginas 128 e 129

As páginas a seguir permitem fazer uma retrospectiva dos temas desenvolvidos na unidade e, para isso, promovem a leitura e a síntese em **Hora de organizar o que estudamos** e **Sugestões de leitura**, e autoavaliação em **Para você refletir e conversar**.

Com estas páginas pretende-se avaliar o progresso pessoal do aluno e o processo coletivo de ensino-aprendizagem. Esta avaliação tem como objetivos:

- permitir a intervenção do professor para auxiliar o aluno em suas características individuais;
- determinar o grau de obtenção de resultados de acordo com os objetivos estabelecidos e habilidades a serem atingidas.

Trabalha-se aqui a avaliação somatória, através da medição dos resultados da aprendizagem, observando se as habilidades e objetivos estabelecidos foram atingidos ou não.

Leia mais sobre o tema avaliação na página XIII das Orientações gerais.

Hora de organizar o que estudamos

- Diferentes meios de comunicação foram criados pelo ser humano ao longo do tempo.

Os elementos representados nesta página não estão em mesma proporção de tamanho.

- ▶ Nesta linha do tempo os intervalos entre as datas de surgimento dos aparelhos e meios de comunicação não estão representados de forma proporcional.



- As tradições orais têm papel essencial na preservação da memória de diferentes grupos sociais.

- ▶ Grupo de *griots* narrando histórias tradicionais de seu povo em apresentação no México, em 2016.



- Hoje, os indígenas brasileiros vivem em Terras Indígenas ou nas cidades. Eles continuam enfrentando problemas para terem seus direitos respeitados.

- ▶ Família indígena Guarani Mbya fazendo compras em supermercado do bairro de Parelheiros, em São Paulo. Foto de 2017.

- O cotidiano dos brasileiros passou por muitas transformações ao longo do tempo. Perdemos muitos costumes e adquirimos novos hábitos.

Sugestões de...

Livros

Histórias de índio. Daniel Munduruku, Companhia das Letrinhas.

Daniel Munduruku é um indígena que conhece muitas coisas importantes sobre a organização e o modo de vida dos povos indígenas no presente. Neste livro, ele apresenta um pouco das tradições indígenas em uma linguagem muito clara e acessível.

O cotidiano brasileiro no século XIX. Hernâni Donato, Melhoramentos.

O livro conta um pouco sobre o cotidiano das pessoas no Brasil durante o século XIX.

O livro do papel (o homem e a comunicação). Ruth Rocha e Otávio Roth, Melhoramentos.

A obra conta um pouco da história da comunicação escrita e o desenvolvimento da humanidade ao longo do tempo.

Site

Parque Memorial Quilombo dos Palmares. Disponível em: <<http://serradabarriga.palmares.gov.br>>.

O site oferece um passeio virtual pelo Parque Memorial, com fotos e textos explicativos, além de mostrar informações sobre a história do Parque. Acesso em: 21 set. 2017.

Filme

Disque Quilombola. David Reeks, 2012, 13 minutos.

O filme mostra crianças de uma comunidade quilombola conversando com crianças que vivem em um morro na cidade de Vitória, no estado do Espírito Santo. Dessa forma, é possível conhecer um pouco mais o cotidiano desses dois grupos sociais.



Indicações de leitura para o professor

- ALBRES, Neiva de Aquino. *Ensino de Libras*. Curitiba: Appris, 2016.

Este livro reflete sobre a prática pedagógica do ensino de Libras a partir das experiências pessoais da autora e de diálogos com surdos que se tornaram professores de Libras.

- CUNHA, Manuela Carneiro. O futuro da questão indígena. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1ª e 2ª graus*. Brasília: MEC/Mari/Unesco, 1995.

Neste texto a autora discute pontos importantes para o avanço de resoluções das questões indígenas. O texto faz parte de uma coletânea que discute vários aspectos da vida indígena no Brasil.

- LOUREIRO, Robson; FONTE, Sandra Soares Della. *Indústria cultural e educação em "tempos pós-modernos"*. Campinas: Papiрус, 2003.

Neste livro os autores refletem sobre os desafios enfrentados na educação nesse novo cenário de acelerado desenvolvimento tecnológico, em que a informação é o bem mais valioso.

Para você refletir e conversar Respostas pessoais.

- De qual assunto você gostou mais nesta unidade?
- Você teve dificuldade para entender alguma atividade ou alguma explicação?
- Escolha a imagem de que você mais gostou nesta unidade. Conte a seus colegas o motivo de sua escolha.

Sugestões de... (PARA O ALUNO)

Livros

Coisa de menina. Pri Ferrari, Companhia das Letras.

Coisa de menino. Pri Ferrari, Companhia das Letras.

Pindorama, terra das palmeiras. Marilda Castanha, Cosac Naify.

Objetivos desta unidade

1. Identificar a experiência humana, seus vestígios e seus registros por meio do estudo dos patrimônios históricos.
2. Compreender a relação entre passado e presente em uma sociedade por meio do estudo dos patrimônios históricos.
3. Valorizar os bens culturais materiais e imateriais como parte das memórias e dos registros das sociedades humanas.



Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.



- Você reconhece o patrimônio histórico representado na ilustração? **Resposta pessoal.**
- Há algum patrimônio histórico em sua cidade? E em seu estado? **Resposta pessoal.**
- Você já visitou algum patrimônio histórico? **Resposta pessoal.**

131

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Comentário para abertura de unidade

Nesta unidade, os alunos vão entrar em contato com as diversas modalidades de patrimônio, compreendendo que as sociedades devem decidir o que transformar em patrimônio e se esforçar para preservá-lo. Eles também vão aprender sobre os diferentes patrimônios materiais, imateriais e naturais da humanidade.

A ilustração está relacionada ao tema principal da unidade, pois representa a vista aérea da Baía da Guanabara, na cidade do Rio de Janeiro, com destaque para a estátua do Cristo Redentor e o Pão de Açúcar. Esse monumento foi construído entre 1926 e 1936 tornando-se, em pouco tempo, símbolo do Rio de Janeiro e do Brasil. O Iphan tombou o Cristo Redentor como patrimônio cultural em 2008.

As questões convidam o aluno a relacionar o tema da ilustração ao patrimônio cultural e histórico da cidade em que ele mora.

Objetivos do capítulo

1. Reconhecer que os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar em que vivem e deixam para as próximas gerações seus registros de memória e os vestígios de suas atividades.
2. Conhecer e valorizar o patrimônio material e imaterial local, nacional e mundial.
3. Estimular a formação cidadã por meio do estudo das produções de memória e registro de uma sociedade.

Para iniciar

Faça perguntas sobre o frevo aos alunos para descobrir o que eles sabem sobre a música, a dança e as vestimentas. Caso os alunos não saibam muito sobre o assunto, traga informações sobre o frevo para eles e, se for possível, mostre vídeos de pessoas tocando e dançando frevo. Aprofunde seus conhecimentos sobre esse gênero musical e essa dança lendo o artigo "Frevo: Carnaval de Pernambuco". Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=442>. Acesso em: 29 dez. 2017.



Patrimônio histórico e cultural

O frevo é uma expressão cultural brasileira composta de música e dança considerada patrimônio cultural imaterial da humanidade, segundo a **Unesco**.

Leia a letra da canção abaixo.

É hora de frevo

Quem quiser me ver
Me procure aqui mesmo
Quando chega o carnaval
Seja noite ou dia
Aqui tudo é alegria
E alegria não faz mal

É aqui que eu danço
Aqui é que eu canto
[...]

Na quarta-feira,
quando tudo terminar!
Eu espero mais um ano,
até o frevo voltar!

CAPIBA. É hora de frevo. Intérprete: Claudionor Germano. In: _____. **História do Carnaval, 20 sucessos**. Recife: Polydisc, 2004. CD 1. Faixa 16.



▶ Passista de frevo na Praça Barão de Rio Branco, popularmente conhecida como Praça do Marco Zero do Recife, no estado de Pernambuco. Foto de 2016.

Para iniciar

- 1 O frevo é muito popular no Carnaval do Recife desde o final do século XIX. Você já viu alguém dançar e cantar um frevo? **Resposta pessoal.**
- 2 Na sua opinião, por que é importante preservar esse tipo de tradição cultural no Brasil? **Resposta pessoal.**
- 3 Em sua cidade ou região há alguma manifestação artística que poderia ser considerada patrimônio pelos moradores do lugar? **Resposta pessoal.**

132 UNIDADE 4

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

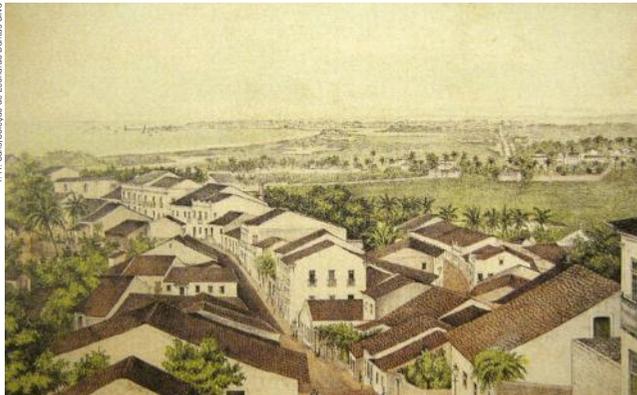
Objetos de conhecimento	Habilidades
As tradições orais e a valorização da memória O surgimento da escrita e a noção de fonte para a transmissão de saberes, culturas e histórias	BNCC EF05HI09 Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.
Os patrimônios materiais e imateriais da humanidade	BNCC EF05HI10 Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

► Patrimônios materiais

Como os grupos sociais que nelas vivem, as cidades também têm história. As suas construções, o aspecto de suas ruas, a organização de seus bairros e até mesmo os seus problemas estão ligados à sua história.

Quem vive em uma cidade nem sempre percebe que as ruas e as construções que nela existem podem contar como a cidade se formou e se modificou ao longo do tempo.

Veja o exemplo das cidades do Recife e de Olinda, no estado de Pernambuco.



► **Panorama de Olinda e Recife**, visto da ladeira da Misericórdia, em Olinda, no estado de Pernambuco, de Franz Carls, 1878 (litografia de 29,2 cm x 40,9 cm).



► **Cidade de Olinda vista do alto da Sé, em 2015. Ao fundo, a cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco.**

As imagens acima mostram as cidades de Olinda e Recife em diferentes épocas. Em seu caderno, faça um quadro com as permanências e as mudanças que ocorreram na paisagem dessas cidades. **O quadro deve apresentar como permanências os casarios antigos e baixos e as palmeiras de Olinda. Como mudança, os prédios construídos na orla de Recife.**

► **CAPÍTULO 7** 133

A BNCC nas páginas 133 a 135

Estas páginas tratam de patrimônios históricos e artísticos de natureza material, e, com mais destaque, dos conjuntos urbanos tombados. Conjuntos como os de Ouro Preto, em Minas Gerais, e de São Luís, no Maranhão, permitem aos visitantes entrar em contato com modos de vida do passado, e o trabalho com esses patrimônios ajuda a desenvolver a habilidade **EF05HI10** da BNCC.

Pensar histórico

Neste item, os alunos podem compreender a importância de conhecer e valorizar o patrimônio local, nacional e mundial. Além dos bens materiais abordados neste item, as sociedades possuem bens naturais, intelectuais (que são o conjunto do conhecimento humano) e os bens emocionais, em que são inseridas as manifestações folclóricas, religiosas e artísticas de cada povo. A reflexão sobre a realidade em que os alunos vivem também é importante para o aprendizado de História e é valorizada nos textos e nas atividades deste item.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

Muitas cidades têm interesse no tombamento dos bens culturais, pois muitas vezes recebem auxílio financeiro para promover reformas, além de atrair turistas, que estimulam a economia local.

A preservação dos conjuntos urbanos permite compreender as transformações ocorridas na arquitetura, nas atividades econômicas e nos modos de vida.

De acordo com o Iphan, “os bens tombados se subdividem em bens móveis e imóveis, entre os quais estão conjuntos urbanos, edificações, coleções e acervos, equipamentos urbanos e de infraestrutura, paisagens, ruínas, jardins e parques históricos, terreiros e sítios arqueológicos. O objetivo do tombamento de um bem cultural é impedir sua destruição ou mutilação, mantendo-o preservado para as gerações futuras”. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

Algumas cidades, ou partes delas, ainda conservam conjuntos arquitetônicos ou monumentos isolados construídos em outros tempos, que hoje possuem valor histórico e cultural. Por representarem uma lembrança do que se deseja preservar de outras épocas, esses locais são escolhidos como patrimônio e tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).



“Pelourinho” vem do nome dado ao poste de madeira ou de pedra que era utilizado para punir as pessoas que cometessem crimes. Escravizados que fugiam, por exemplo, eram castigados no pelourinho. Nos dias atuais, cerca de 350 casarões do bairro foram restaurados. O bairro atrai milhares de turistas do mundo todo.

► Pelourinho, bairro da cidade de Salvador, no estado da Bahia. Foto de 2015.

A cidade de São Luís foi fundada por franceses em 1612 e, depois de ser invadida por holandeses, foi colonizada pelos portugueses. No centro histórico há ruas estreitas e grandes sobrados com fachadas revestidas de azulejos e sacadas com muretas de ferro.



► Casario colonial revestido com azulejos portugueses no centro histórico de São Luís, capital do estado do Maranhão. Foto de 2015.

Texto complementar

Leia o texto, do *site* do Iphan, sobre os conjuntos urbanos tombados.

As cidades e os núcleos históricos representam as referências urbanas do Brasil. Neles é possível vivenciar os processos de transformação do país, por meio da preservação de expressões próprias de cada período histórico. São lugares especiais de uma nação, constituem a base do Patrimônio Cultural Brasileiro e sua preservação é

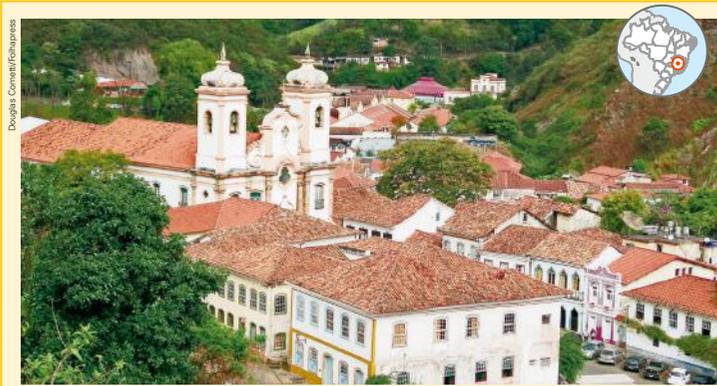
de responsabilidade da União, dos estados e municípios, e da sociedade civil.

Até janeiro de 2017, são 87 conjuntos urbanos protegidos, sendo 67 tombados, três tombamentos provisórios [...].

Em função de seu papel na história, os núcleos urbanos históricos atuavam como “cidades polo” em todas as regiões do país. Em sua maioria, mostram a influência portuguesa e mantêm cenários urbanos ainda bem preservados, palcos de manifestações culturais tradicionais. Têm sua formação relacionada a processos históricos como a explora-

Atividade 2

Valorize o passado local e os relatos das pessoas idosas. Por meio desses depoimentos, o aluno terá condições de perceber que a história também pode ser feita do ponto de vista de variados sujeitos históricos. A escola pode ser um lugar propício para dar voz a esses testemunhos, transformando-os em valiosas fontes históricas. Vale lembrar que as fontes históricas não devem ser consideradas isoladamente na pesquisa sobre eventos passados.



► Vista das torres da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto, no estado de Minas Gerais. Foto de 2017.

São Cristóvão foi a capital e a cidade mais importante de Sergipe antes da fundação de Aracaju, em 1855. Como foi constituída na época da União Ibérica (união das Coroas de Portugal e Espanha), ela mistura características do planejamento urbano espanhol e português. No período colonial, era a cidade mais importante no caminho entre Salvador e Olinda.



► Igreja e Convento de São Francisco, na Praça São Francisco, em São Cristóvão, no estado de Sergipe. Foto de 2015.

- 1 Discuta com seus colegas e o professor: o que os lugares retratados nas fotos têm em comum? **São sítios tombados de cidades brasileiras, que conservam a arquitetura dos tempos passados.**
- 2 Converse com pessoas mais velhas que conheçam bem a cidade em que você vive para descobrir mais sobre ela. Siga o roteiro e anote as respostas em seu caderno.
 - a) Quais são os locais mais antigos da cidade onde você vive? **Resposta pessoal.**
 - b) Esses locais sofreram transformações? Quais? O que permaneceu do passado? **Resposta pessoal.**

ção econômica com o cultivo de cana-de-açúcar, algodão, café ou fumo e da extração da borracha, além da mineração de ouro e diamantes no interior.

[...]

Nas últimas décadas, foram reconhecidos como Patrimônio Cultural Brasileiro conjuntos urbanos construídos em períodos mais recentes, testemunhos do processo de industrialização pelo qual o país passou a partir do final do século XIX, a exemplo da Vila Ferroviária de Paranaíacaba – Santo André (SP), ou com linguagens arquitetônicas e urba-

nísticas características do século XX, a exemplo do conjunto arquitetônico e urbanístico *art déco* de Goiânia (GO), da Vila Serra do Navio (AP), e do conjunto urbanístico de Brasília (DF), símbolo internacional do Movimento Moderno, inscrito pela Unesco na Lista do Patrimônio Mundial.

IPHAN. Conjuntos Urbanos Tombados (Cidades Históricas). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/123>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

A BNCC nas páginas 136 e 137

Estas páginas abordam os Arcos da Lapa, mostrando como essa construção, inicialmente um aqueduto, tornou-se um viaduto para a passagem do bonde de Santa Teresa e hoje é um patrimônio histórico da cidade do Rio de Janeiro. As permanências e mudanças nas cidades e nos patrimônios materiais nelas existentes permitem aos alunos reconhecerem e valorizarem o papel dessas construções para a história e para a memória da sociedade, desenvolvendo a habilidade **EF05HI10** da BNCC.

Orientações didáticas

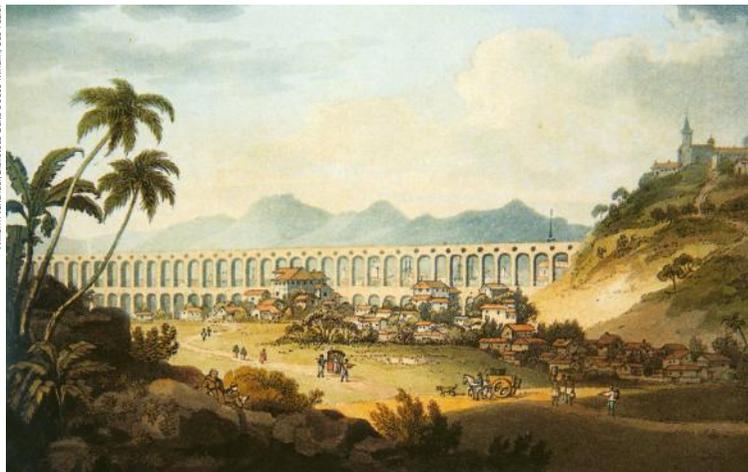
Explorar a existência de áreas urbanizadas em períodos diferentes na cidade em que os alunos moram é uma forma de trabalhar a ideia de permanências e mudanças, e de que diferentes processos históricos podem ser simultâneos, sendo possível encontrar no presente práticas que surgiram em diferentes contextos históricos em uma mesma cidade ou região.

De modo geral, as cidades surgem, crescem e se modificam. Algumas desaparecem, mas outras permanecem ao longo do tempo – sofrendo poucas ou muitas transformações.

A cidade do Rio de Janeiro foi fundada no ano de 1565, mas só começou a crescer a partir de 1763, depois que a capital do Brasil foi transferida de Salvador para lá.

Nos quase dois séculos que o Rio de Janeiro foi sede do governo, e também depois, a cidade cresceu muito. Grandes mudanças ocorreram na cidade, mas algumas construções da época em que era capital se conservam até hoje, como é o caso dos Arcos da Lapa.

William Alexander/Biblioteca Guate e Jose Mendin, São Paulo.



► O aqueduto do Rio de Janeiro, de William Alexander, 1792 (litografia). Os Arcos da Lapa foram usados durante muito tempo como aqueduto. Eles foram inaugurados em 1750 para levar água da floresta da Tijuca até a região central da cidade.

► Arcos da Lapa em 2010. No século XIX, o aqueduto deixou de ser usado para essa finalidade. Sua estrutura foi aproveitada para a instalação da linha de bondes que liga o centro ao bairro de Santa Teresa, inaugurada em 1896 e em funcionamento até hoje.



Lucas Piazini/Imagens

136 UNIDADE 4

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

De acordo com o artigo 216 da Constituição federal, o patrimônio cultural pode ser definido:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I. as formas de expressão;
- II. os modos de criar, fazer e viver;

- III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

BRASIL. *Constituição federal*. Disponível em: <http://portal.iphlan.gov.br/uploads/legislacao/Constituicao_Federal_art_216.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2017.

1 Como os Arcos da Lapa são utilizados hoje?

Atualmente a estrutura é utilizada como linha de bondes, que liga o centro ao bairro de Santa Teresa.

2 Os Arcos da Lapa foram inaugurados em que período da História do Brasil?

Por terem sido inaugurados em 1750, os Arcos da Lapa pertencem ao período colonial da História do Brasil.

3 Observe e compare as imagens da página ao lado. Em seguida, faça as atividades.

a) O que pode ser visto ao redor dos Arcos da Lapa em cada imagem?

Na primeira imagem, podem ser vistos morros ao fundo. Na segunda imagem, nota-se a existência de muitos edifícios ao redor dos arcos.

b) Liste quais foram as principais intervenções humanas na paisagem representada.

Construção de prédios nos arredores; remoção das residências adjacentes aos arcos; retirada da mata nativa; criação de ruas e avenidas no entorno; etc.

c) Você acha que o local retratado na litografia era urbanizado? E no período em que a fotografia foi tirada?

Espera-se que os alunos percebam que a litografia foi produzida a partir de uma região não urbanizada na época. Já a fotografia mostra uma área bastante urbanizada.

Atividade 3

A mesma atividade pode ser feita com fotografias antigas de fachadas de casas e de prédios do bairro para compará-las com as fachadas atuais.

A BNCC nas páginas 138 e 139

Ao trabalhar com o conceito de História local nestas páginas, é necessário atentar para uma das competências da BNCC para o Ensino Fundamental:

“6. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.”

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão. Brasília: MEC, 2017. p. 352.

O trabalho com a História local, combinado com a pesquisa em documentos escritos e orais, contribui para o trabalho com as habilidades **EF05HI09** e **EF05HI10** da BNCC.

Orientações didáticas

Esta página trata da História local e o exemplo escolhido é o de uma comunidade no interior do Rio Grande do Sul com grande influência da cultura italiana. Para conhecer um pouco da história do lugar em que se vive é preciso buscar informações em documentos históricos e recorrer a depoimentos (orais e escritos) de antigos moradores. Por meio dessa pesquisa, os alunos poderão reconhecer na paisagem as marcas da ação humana e sua influência na vida cotidiana no presente.

Atividade 2

Observe que muitos recursos materiais e de mão de obra foram empregados para a construção da igreja, indicando que provavelmente a obra era muito importante para os moradores.

Atividade 3

Cite outros exemplos possíveis de colaboração dentro da comunidade, como a limpeza de uma praça, a pintura de um muro ou a ajuda na construção das casas dos vizinhos.

Para conhecer a história da cidade em que vivemos, podemos começar pelos seus bairros e as características que fazem um bairro ser diferente do outro. Para isso, teremos que pesquisar as etapas da formação dos bairros e descrever como eles surgiram e se desenvolveram ao longo do tempo. Podemos buscar informações registradas em documentos antigos ou em textos escritos por estudiosos e pesquisadores.

Esses registros nos contam, entre outras coisas:

- como era a vida no bairro e na cidade em outros tempos;
- o que as pessoas faziam, como se vestiam, como se locomoviam;
- como eram os bairros e a cidade;
- quando os bairros foram criados e se foram planejados;
- quem eram os primeiros moradores.

O texto a seguir é um testemunho do passado de um bairro. Foi escrito por uma neta de imigrantes italianos e conta como a comunidade ajudou a construir a igreja católica do bairro em que ela mora, Nova Vicenza.

A igreja de Nova Vicenza é dedicada a São Vicente Mártir. [...] É aquela perto da nossa casa, porque a terra onde está foi doada pelo meu avô [...]. Meu pai colocou uma olaria [...] e lá fizeram os tijolos para construir a igreja nova, mas foi tudo à mão. Todos os Pasqualle hospedavam um filho de algum colono, davam-lhe comida e cama para ele trabalhar nas obras da igreja, e nós, além de darmos comida e cama por dois anos, demos também a terra.

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil** – República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 262-263.

1 De que maneira as famílias italianas do bairro de Nova Vicenza contribuíram para a construção da igreja?

As famílias de origem italiana do bairro forneceram materiais de construção e abrigaram os trabalhadores. A família da autora, além disso, doou a terra.

2 Na sua opinião, a construção da igreja foi importante para a comunidade daquele bairro? **Resposta pessoal.**

3 Você conhece alguma história em que as pessoas colaboraram para um objetivo comum na cidade ou no bairro em que você mora? **Resposta pessoal.**

138 UNIDADE 4

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

Para que os alunos possam conhecer um pouco mais da história da cidade em que vivem, proponha a eles as atividades a seguir, que devem ser feitas ao longo do estudo do capítulo.

1. O que você pode observar quando anda pela cidade ou pelo bairro em que você mora? Para responder, elabore um qua-

dro com as características que você observa em seu bairro.

2. Entreviste uma pessoa idosa que mora há bastante tempo no local e pergunte-lhe se aquele local era como é hoje. Anote ou faça uma gravação do que a pessoa contar.

3. Tire fotos do local citado pela pessoa idosa.

4. Escreva um texto sobre as permanências e mudanças do local escolhido. Tome por

Outra maneira de conhecer a história da cidade em que moramos é conversar com os moradores, especialmente com aqueles que vivem há muito tempo no lugar.

São os moradores e os grupos sociais de um bairro ou de uma cidade que precisam refletir e decidir o que é importante para a sua comunidade, o que deve ser conservado e valorizado como patrimônio histórico, sejam prédios, tradições culturais, saberes ou modos de agir.

Partindo da valorização dos seus patrimônios locais, as pessoas têm condições de valorizar os demais patrimônios da sua cidade, do seu estado, do seu país e do mundo.



▶ Casarios no centro histórico de Manaus, capital do estado do Amazonas. Foto de 2015.



▶ Edifícios residenciais na orla da praia da Ponta Negra, em Manaus, Amazonas. Foto de 2015.

1 Há diferenças entre as imagens apresentadas? Quais?

Os casarios antigos e baixos permanecem no centro histórico da capital manauara, enquanto a paisagem da orla da praia da Ponta Negra caracteriza-se pela presença de arranha-céus.

2 Em sua comunidade, existem lugares com construções antigas e outras mais modernas? Converse com seus colegas e o professor a respeito disso.
Resposta pessoal.

▶ CAPÍTULO 7 139

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

base o depoimento que você registrou e o que você observou inicialmente no local.

5. Se possível, ilustre o trabalho com fotos e imagens antigas e atuais do local.

6. Entregue o seu trabalho ao professor. Os trabalhos serão lidos e expostos em sala de aula ou na escola.

Orientações didáticas

Se for possível, obtenha fotos antigas e recentes da cidade em que os alunos moram ou da capital do estado. Cite ou peça para os alunos citarem alguns patrimônios históricos do município ou do estado, explicando por que são patrimônios. Cite também locais que podem ser escolhidos como patrimônio pela sociedade local.

A BNCC nas páginas 140 e 141

Estas páginas continuam o trabalho com os critérios que levam determinadas comunidades a estabelecer patrimônios históricos. Um deles é o das permanências e mudanças nas cidades. As transformações nos modos de vida com frequência levam à modificação dos espaços e à demolição de edifícios antigos, daí a necessidade de preservar registros de experiências do passado.

O trabalho com depoimentos também é importante, pois ajuda os alunos a valorizá-los como instrumento de construção da história e da memória locais. O **Saiba mais** destaca o trabalho que o Ministério Público Federal (MPF) desempenha na preservação do patrimônio histórico. Dessa maneira, trabalham-se as habilidades **EF05HI09** e **EF05HI10** da BNCC.

Orientações didáticas

Os pais do senhor Ariosto eram imigrantes italianos que vieram para trabalhar nas fazendas no interior do estado de São Paulo. Migraram para a cidade de São Paulo em 1900 e foram morar na rua Antônio Carlos, paralela à avenida Paulista.

Atividade

Esta atividade é importante para auxiliar os alunos a reconhecer as permanências e mudanças ocorridas em uma cidade no decorrer de mais de um século por meio de duas fontes históricas diferentes, depoimento (nesse caso transcrito) e foto. Pergunte aos alunos se o relato do senhor Ariosto condiz com a foto da Avenida Paulista e de seus arredores em nossos dias.

Faça um quadro na lousa e preencha-o conforme a discussão com os alunos for se desenvolvendo. Pode-se também trabalhar com fotos e textos antigos e recentes da cidade onde vivem, caso isso seja possível.

Minha coleção de palavras de História

Leia mais sobre a **Minha coleção de palavras de História**, na página

Leia o **depoimento** do senhor Ariosto, que nasceu na capital do estado de São Paulo, em 1900.

A avenida Paulista era bonita, calçamento de paralelepípedos, palacetes. As outras ruas eram semicalçadas, cobertas de árvores, de mata. De noite, os “lampioneiros” vinham acender os lampiões e de madrugada voltavam para apagar. Minha rua tinha poucas casas, uma aqui, outra a quinhentos metros. [...] a nossa [casa] tinha quintal com pés de laranja, mixerica [mexerica], ameixa e abacate. Minha mãe gostava muito de flores e plantava rosas, margaridas, violetas. Todo dia de manhã cedo ia regar as flores com seu regadorzinho. E eu ia atrás dela.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 154.

- Em grupo e com a ajuda do seu professor, escrevam em um quadro as diferenças e as semelhanças entre o que diz o texto acima e o que mostra a foto abaixo.



► Vista da avenida Paulista, em São Paulo, estado de São Paulo. Foto de 2017.

Diferenças: atualmente, o calçamento é de asfalto e as calçadas, de pedra e concreto; os palacetes deram lugar a edifícios; os lampiões foram substituídos por lâmpadas elétricas. Semelhanças: a avenida continua bonita.

Minha coleção de palavras de História

A palavra a seguir é muito importante nos estudos de História.

DEPOIMENTO

- 1 No depoimento desta página, o senhor Ariosto contou uma história sobre o passado da cidade em que nasceu. Você consegue fazer o mesmo? Escreva, no caderno, um breve depoimento sobre um acontecimento do passado de sua cidade.
Resposta pessoal.
- 2 Além da forma escrita, como podem ser registrados os depoimentos? Discuta com seus colegas. **Um depoimento é uma declaração a respeito de algo; ele quase sempre se torna público, acessível a outras pessoas. Pode ser registrado por escrito ou ser gravado em áudio e vídeo.**

140 UNIDADE 4 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

XXII das Orientações gerais. Trabalho conjunto com Língua Portuguesa.

As atividades com a palavra **depoimento** ajudam a conscientizar os alunos para a importância dos testemunhos no trabalho do historiador. A identificação de patrimônios, sejam eles materiais ou imateriais, pode depender dos relatos de memória sobre locais e práticas do passado, resgatando significados que estavam esquecidos para parte da sociedade.

Atividade 2

Lembre os alunos que os depoimentos podem ser registrados por escrito, gravados em áudio ou em áudio e vídeo. Cada forma de registro impacta o depoimento: alguns entrevistados podem se sentir desconfortáveis para escrever ou gravar, e quando o depoimento oral é transcrito, o registro oral é submetido às normas da escrita.

Saiba mais >>

Além do Iphan, no Brasil existem outros órgãos públicos destinados a proteger o patrimônio cultural do país. Um deles é o Ministério Público Federal. Leia o texto a seguir sobre esse tema.



Professor Ari: Tudo bem, turminha? Vamos conversar hoje sobre a atuação do MPF na preservação do nosso patrimônio cultural. Nossos bens culturais materiais e imateriais são muito importantes para conhecermos a história do Brasil e saber como se formou a nossa cultura. [...]



Malu: E o MPF? Cuida de todos esses bens?



Professor Ari: Isso mesmo, Malu. O MPF trabalha para preservar as características essenciais de todos os bens materiais e imateriais de nossa cultura.



Rod: E como é o trabalho do MPF nessa área?



Professor Ari: Ele atua na Justiça e fora dela para evitar que as novas construções mudem as características dos bens protegidos, para recuperar aqueles que estão danificados e para declarar o valor cultural dos que ainda não foram reconhecidos. O MPF também tenta equilibrar o turismo com a proteção de nosso patrimônio, pois muitas vezes áreas protegidas e bens culturais atraem muitos turistas.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Turminha do MPF. Preservar o patrimônio cultural também é patrimônio do MPF. Disponível em: <www.turminha.mpf.mp.br/o-mpf/atuacao-do-mpf/patrimonio-cultural>. Acesso em: 29 nov. 2017.

1 Qual é o papel do Ministério Público Federal na preservação do patrimônio brasileiro?

O Ministério Público Federal atua na Justiça e fora dela para proteger os patrimônios, agindo de modo a evitar que as pessoas os danifiquem.

2 Por que são necessários órgãos públicos para proteger o patrimônio de um país?

Resposta pessoal. É importante lembrar que, sem a fiscalização de órgãos públicos, não existiriam meios de garantir a preservação e a proteção dos patrimônios de um país.

Texto complementar

É importante conjugar o trabalho com o patrimônio cultural e histórico ao conceito de História local. Trabalhar, em sala, com a história do lugar em que os alunos vivem contribui para que eles possam compreender melhor os processos históricos que o constituíram e integrá-lo a processos históricos mais abrangentes.

O levantamento do passado da comunidade, da família, do bairro e depois da cidade, deixa transparecer as mudanças ocor-

ridas no tempo e mostra o reflexo dos fatos mais gerais em nível local.

Aparentemente, o trabalho sobre a comunidade pode representar um fechamento para o aluno, um horizonte estreito e limitado. Mas ocorre o contrário: devemos perceber a comunidade como um microcosmo, que não só reflete como também determina uma realidade bem maior da qual é parte integrante.

ANTUNES, Aracy do Rego et al. A reconstrução do passado pela memória. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Qualificação profissional para o magistério: integração social*. Livro 7. Rio de Janeiro: MEC/Centro Brasileiro de TV Educativa, 1987. p. 110.

A BNCC nas páginas 142 e 143

Estas páginas retomam e aprofundam o conceito de patrimônio cultural e histórico imaterial. Espera-se que os alunos compreendam que práticas culturais podem ser reconhecidas como patrimônios de um povo ou da humanidade, sem que haja a necessidade de um suporte físico para elas. Na medida em que as práticas culturais podem ser parte importante do cotidiano das pessoas, o trabalho com o patrimônio imaterial ajuda a desenvolver as habilidades **EF05HI09** e **EF05HI10** da BNCC.

Orientações didáticas

Ouçã com os alunos o fado “Lisboa antiga”, interpretado por Amália Rodrigues. (A letra desse fado encontra-se disponível em: <www.letras.com/amalia-rodrigues/564691/>. Acesso em: 3 jan. 2018.) Peça a eles que prestem atenção à pronúncia da cantora portuguesa. Comente que, apesar de ser cantado na mesma língua falada pelos brasileiros, é um pouco difícil entendê-la. Deixe que os alunos façam a experiência de tentar compreender a letra da canção e o vocabulário, depois trabalhe com eles a letra. Explique para os alunos que o fado é importante para os portugueses porque a canção, os instrumentos e as vestimentas remetem às tradições desse país. O principal instrumento do fado, por exemplo, é o violão português de 12 cordas. Muitos fados falam da saudade do passado, um tema presente não só na música como na literatura de Portugal.

➤ Patrimônios imateriais

Os bens que são escolhidos como patrimônio histórico e artístico não são apenas bens materiais. Escolhem-se também sítios naturais e bens imateriais.

Patrimônio imaterial é todo o conjunto de bens intelectuais e emocionais de um povo, ou seja, o conjunto de tradições, hábitos, ofícios e outros saberes e fazeres transmitidos de geração em geração.

Uma característica importante desse tipo de patrimônio é que ele não é formado por objetos que podem ser guardados em um museu.

Os bens imateriais só existem enquanto um grupo social os pratica, caso contrário, eles desaparecem. Portanto, uma forma de preservar o patrimônio imaterial de um povo é garantir que ele possa continuar sendo praticado e transmitido para as novas gerações.

É por esse motivo que há uma grande preocupação em registrar em filmes, fotografias, entrevistas, entre outras maneiras, muitos saberes e fazeres que podem se perder no futuro.

Nesse sentido, a Unesco organizou uma lista de bens imateriais do mundo inteiro que precisam ser preservados. Esse tipo de iniciativa tem como objetivo estimular os governos e as próprias comunidades locais a reconhecer, valorizar e preservar seu patrimônio.

Vamos conhecer alguns exemplos de patrimônio imaterial de outros países?



➤ O **fado** é um gênero musical que se desenvolveu em Portugal a partir de tradições rurais e urbanas do século XIX. Geralmente, o fado é cantado por um homem ou uma mulher e recebe acompanhamento de instrumentos musicais, como guitarras e violões. Na foto, de 1990, Amália Rodrigues, intérprete do fado português.



➤ O **taekkyeon** é uma arte marcial coreana baseada em movimentos físicos que dão a impressão de ritmo e leveza. Praticantes de taekkyeon na Coreia do Sul em foto de 2008.

142 UNIDADE 4 ➤

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Leia mais sobre patrimônio imaterial: o que é, o que compreende e como deve ser preservado.

Patrimônio cultural imaterial

O Patrimônio Cultural Imaterial ou Intangível compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes.

É amplamente reconhecida a importância de promover e prote-

ger a memória e as manifestações culturais representadas, em todo o mundo, por monumentos, sítios históricos e paisagens culturais. Mas não só de aspectos físicos se constitui a cultura de um povo. Há muito mais, contido nas tradições, no folclore, nos saberes, nas línguas, nas festas e em diversos outros aspectos e manifestações, transmitidos oral ou gestualmente, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo. A essa porção imaterial da herança cultural dos povos dá-se o nome de patrimônio cultural imaterial.

Para muitas pessoas, especialmente as minorias étnicas e os povos indígenas, o patrimônio imaterial é uma fonte de identidade



Os japoneses praticam um ritual chamado **mibu** para garantir boas colheitas de arroz. Durante o ritual, que acontece no primeiro domingo do mês de junho, os camponeses da região de Hiroshima entoam cantos e tocam instrumentos musicais. Foto de 2015.

O **keşkek** é um prato cerimonial preparado pelos turcos em ocasiões especiais, como casamentos, rituais tradicionais e algumas celebrações religiosas. O prato é feito a partir do cozimento do trigo.



- 1 Todos os bens imateriais representados nas imagens são práticas do mesmo tipo? **Não. Há práticas que envolvem ritmo e canto (hábitos e expressão corporal), outras envolvem a confecção de alimentos (saber e fazer).**
- 2 Quais características esses bens imateriais compartilham entre si?
Todos são práticas que pertencem a um grupo social ou a um povo e são passadas de geração em geração.
- 3 Na sua opinião, por que é importante preservar bens imateriais como esses?
Resposta pessoal.

» CAPÍTULO 7 143

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

e carrega a sua própria história. A filosofia, os valores e formas de pensar refletidos nas línguas, tradições orais e diversas manifestações culturais constituem o fundamento da vida comunitária. Num mundo de crescentes interações globais, a revitalização de culturas tradicionais e populares assegura a sobrevivência da diversidade de culturas dentro de cada comunidade, contribuindo para o alcance de um mundo plural.

[...]

Além das gravações, registros e arquivos, a Unesco considera que uma das formas mais eficazes de preservar o patrimônio imaterial é

garantir que os portadores desse patrimônio possam continuar produzindo-o e transmitindo-o. Assim, a Organização estimula os países a criarem um sistema permanente de identificação de pessoas (artistas, artesãos etc.) que encarnam, no grau máximo, as habilidades e técnicas necessárias para a manifestação de certos aspectos da vida cultural de um povo e a manutenção de seu patrimônio cultural material.

UNESCO. Patrimônio Cultural Imaterial. Disponível em: <www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/intangible-heritage/>. Acesso em: 3 jan. 2018.

Pensar histórico

A questão dos patrimônios imateriais permite recuperar mais uma vez o conceito de trocas culturais e de historicidade das culturas. Assim, é possível destacar a variedade de hábitos e tradições que possuem uma longa história e se formaram a partir do encontro de diferentes culturas. Além disso, é possível trabalhar a noção de que mesmo as ações cotidianas que realizamos em nossa vida possuem uma história.

A BNCC nas páginas 144 a 147

Estas páginas apresentam bens culturais brasileiros considerados patrimônio imaterial. Muitas dessas práticas foram tombadas por iniciativa de comunidades e, após um processo de investigação do Iphan, reconhecidas pelo governo como patrimônio. As atividades estimulam a aquisição e organização de conhecimentos sobre esses bens culturais, além de incentivar o reconhecimento de possíveis bens na região em que o aluno vive. Aprender como diferentes comunidades buscam, com o auxílio do governo, manter suas tradições e sua identidade, permite ao aluno reconhecer práticas culturais em sua comunidade e a preservá-las, desenvolvendo as habilidades **EF05HI09** e **EF05HI10** da BNCC.

Orientações didáticas

Explique para os alunos que a Cachoeira de Iauaretê é um patrimônio imaterial por ser considerada lugar de origem dos povos indígenas da região.

O distrito de Iauaretê fica a pelo menos um dia de viagem de voadeira (canoa motorizada) da sede de São Gabriel da Cachoeira. A Cachoeira de Iauaretê é considerada um patrimônio imaterial do Brasil pelo Iphan desde 2006. Mais informações disponíveis no site do instituto: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/60>>. Acesso em: 3 jan. 2017.

No Brasil também há inúmeros exemplos de patrimônio imaterial. Um deles é a Cachoeira de Iauaretê (ou Cachoeira da Onça). Localizada no município de São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas, a cachoeira é considerada um lugar sagrado para os povos indígenas que vivem na região dos rios Uaupés e Papuri.

Os Tariano, um desses povos indígenas, acreditam que a divindade chamada Ohkomi vivia ali. A perseguição a essa divindade, contada no mito, deu origem às pedras sagradas da cachoeira e ao próprio povo Tariano. Leia a seguir uma versão dessa história.

É a partir dessa narrativa mítica que os Tariano fundamentam suas reivindicações como moradores legítimos de Iauaretê, pois ali se conta a origem de várias das [...] ilhas e **paraná**s dessa cachoeira na forma de sucessivas transformações de um ser chamado Ohkomi. Segundo contam, a gente-onça já sabia que Ohkomi viria a propiciar a origem de um grupo numeroso que dominaria o rio Uaupés – i.e., os Tariano. Por esse motivo, ele foi capturado [...] e sacrificado [...]. Com as onças em seu encalço, Ohkomi buscava despistá-las transformando-se em animais ou plantas. Todas as formas que assumiu até ser morto tornaram-se as pedras da cachoeira que hoje se prestam à colocação de elaboradas armadilhas de pesca – caias, cacuris e matapis, cujas estruturas são encaixadas e afixadas em determinadas pedras entre os meses de março e abril, antes das águas começarem a subir.



▶ Cachoeira de Iauaretê, localizada no município de São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas. Foto de 2015.

▶ **paraná**: canal que se forma entre uma ilha fluvial e a margem do rio.

ANDRELLO, Geraldo. Histórias tariano e tukano: política e ritual no rio Uaupés. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 55, n. 1, 2012. p. 300.

- 1 Com um colega, escrevam um texto sobre a Cachoeira de Iauaretê. Vocês podem utilizar trechos da narrativa dos Tariano. **Resposta pessoal.**
- 2 Em dupla, escrevam frases que estimulem a defesa do meio ambiente e a preservação de lugares como a Cachoeira de Iauaretê. **Resposta pessoal.**

144 UNIDADE 4 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Passados Presentes: jongueiros se encontram em Pinheiral para manter forte a tradição do Jongô

O que tem em Pinheiral? Pinheiral tem Jongô. E no final de semana que marcou o Dia Estadual do Jongô (26 de julho), a cidade só respirou esta forma de expressão que, desde 2005, foi registrada como patrimônio imaterial brasileiro pelo Iphan. As comemorações começaram na sexta-feira, 24, e seguiram até o domingo, 26, data marcada para inauguração da exposição “Passados Presentes”

Outro exemplo importante de bem imaterial do Brasil é o jongo, uma forma de expressão afro-brasileira que integra dança de roda, batida de tambores, ritos e crenças.

O jongo hoje é praticado nos estados da região Sudeste – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. Para essa região, sobretudo para o vale do Paraíba, milhares de africanos escravizados foram trazidos à força para trabalhar nas fazendas, primeiro, de cana-de-açúcar, depois, de café. Nessas fazendas o jongo era dançado por africanos e afrodescendentes, mas apenas pelos idosos, pois aos jovens ele era proibido.

No início do século XX, o jongo, que era o ritmo mais tocado nas favelas cariocas na época, acabou influenciando o nascimento do samba no Rio de Janeiro, que é outro exemplo de bem imaterial do Brasil.

O jongo hoje celebra acontecimentos importantes para a população negra do Brasil, como o Dia da Consciência Negra, e pode ser também considerado uma prática de memória coletiva.

1 Por que o jongo é considerado uma prática de memória coletiva da população negra do Brasil?

Ele é considerado uma prática de memória coletiva por celebrar a ancestralidade africana e a trajetória dos afrodescendentes no Brasil.

2 Com a ajuda do seu professor, pesquise mais informações sobre o jongo. Depois, com seus colegas, montem um mural em sala de aula sobre o tema.
Resposta pessoal.



► Grupo de jongo da cidade de Piquete, no estado de São Paulo. Foto de 2017.



► Roda de samba realizada em 2016 na cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Orientações didáticas

O jongo é considerado um patrimônio imaterial do Brasil pelo Iphan desde 2005. Mais informações disponíveis no site do instituto: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/59/>>. Acesso em: 3 jan. 2018.

Utilize também os sites indicados a seguir para ampliar seus conhecimentos sobre o tema: <<http://jongodaserrinha.org/historia-do-jongo-no-brasil/>> e <<http://educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=6650>>. Acesso em: 3 jan. 2018.

(LABHOI/UFF) na cidade do Sul Fluminense, seguida da tradicional Festa de Santana, padroeira do Jongo de Pinheiral.

[...]

O final de semana de festa reuniu jongueiras e jongueiros de comunidades tradicionais de todo o Sudeste. O reencontro foi marcado por momento de descontração na sexta-feira e a noite foi tomada pelo Jongo. As comunidades, que há muito tempo não se reuniam para conversar sobre suas atividades e demandas, aproveitaram o momento propício e sentaram em reunião durante todo o sábado. Desde informes até assuntos que dizem respeito às comunidades tradicionais, como o

surgimento crescente de novos grupos de Jongo, a realização do Encontro de Jongueiros, e as próximas reuniões, tanto das lideranças quanto das jovens lideranças – sempre muito presentes e ativas nos encontros – foram temas pautados na reunião de sábado. Os encaminhamentos deliberados por jongueiras e jongueiros definem rumos que pretendem para o Jongo no Sudeste.

MOSCARDINI, Gabriela. Passados presentes: jongueiros se encontram em Pinheiral para manter forte a tradição do Jongo. *Pontão da Cultura Jongo/Caxambu*. Disponível em: <www.pontaojongo.uff.br/passados-presentes-jongueiros-se-encontram-em-pinheiral-para-manter-forte-tradicao-do-jongo>. Acesso em: 17 set. 2017.

Orientações didáticas

Historicamente, o queijo é a expressão de um modo de fazer tradicional que parte da necessidade de conservar o leite, transformando-o em um produto menos perecível. Até a invenção da geladeira, na segunda metade do século XIX, foram várias as técnicas desenvolvidas pelo ser humano para a conservação dos alimentos.

O bem tombado pelo Iphan é o modo de fazer o queijo. Os produtos não são considerados bens imateriais pelo Iphan. A comunidade da região de Serro, em Minas Gerais, que fabrica esses queijos, decidiu que o modo de fazer o queijo era um patrimônio para ela.

O modo artesanal de fazer queijo de Minas é considerado um patrimônio imaterial do Brasil pelo Iphan desde 2008. Mais informações disponíveis no site do Iphan: <<http://portal.iphan.gov.br/mg/pagina/detalhes/65>>. Acesso em: 3 jan. 2018.

O modo artesanal de fazer queijo de Minas, nas regiões do Serro, da Serra da Canastra e do Salitre, no estado de Minas Gerais, é outro exemplo de bem imaterial do Brasil. Ele envolve um conjunto de técnicas que vem da tradição portuguesa.

No território do atual estado de Minas Gerais, ocupado pelos portugueses a partir do século XVIII, a população que lá se estabeleceu criou um modo próprio de fazer queijo, combinando técnicas que vinham de Portugal e ingredientes locais, disponíveis na região. Por isso, até hoje o tradicional queijo artesanal de Minas deve ser feito apenas com leite cru, coalho, sal e um fermento.



► Produção artesanal de queijo na região da Serra da Canastra, no estado de Minas Gerais. Foto de 2016.

Atualmente, o queijo artesanal de Minas é consumido em todos os estados do país e é considerado um dos melhores queijos brasileiros.

Leia o texto.

Por mais que se avance na modernidade e que se aprimorem a tecnologia e os equipamentos, o modo artesanal de fazer o queijo será sempre uma forte referência da melhor tradição mineira. Tradição secular que está no cotidiano do trabalhador das fazendas, aquele que adentra os currais nas madrugadas frias para da ordenha extrair o precioso líquido que outras mãos irão transformar. Tradição que está no gestual próprio dos queijeiros, homens e mulheres, e nos utensílios [...] das belíssimas cozinhas mineiras com seu mobiliário **rústico** e seu rico inventário de cheiros e sabores. Tradição que está no hábito da prosa sem pressa em redor da mesa, com o queijo no prato, circulando entre os comensais junto com o bule de café.

rústico:
aquilo que é próprio da vida no campo.

DOSSIÊ Iphan 11: Modo artesanal de fazer queijo de Minas. Brasília: Iphan, 2014. p. 55-56. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Dossie_Queijo_de_Minhas_web.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2017.



Resposta pessoal. Pode-se falar das técnicas de fabricação artesanal, passadas de geração em geração, de produtos como a farinha de mandioca, o biju, a tapioca. Além do queijo de Minas, há outros alimentos consumidos no Brasil que conservam seus antigos modos de fazer e tradições. Na sua região há alimentos produzidos assim? Converse com seus colegas e o professor a respeito. **o fubá de milho feito no pilão, o peixe seco e salgado típico de alguns lugares do Norte e do Nordeste, o charque, o presunto defumado, os doces caseiros, etc.**

146

UNIDADE 4

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

Leia com os alunos o texto a seguir. Em seguida, separe-os em grupos e peça que reflitam e escolham uma atividade que existe na cidade ou no estado em que eles moram que possa ser tombada como patrimônio cultural imaterial. Veja os passos a seguir:

Bens imateriais também compõem Patrimônio Cultural Brasileiro

O Patrimônio Cultural do Brasil vai além de edificações tombadas e bens materiais. Tradições da vida popular, modos de fazer coletivos, celebrações, ritmos e danças são considerados os bens imateriais do País, previstos pela Constituição Federal de 1988 e também pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

Em 2004, uma política de proteção dos bens imateriais começou a ser implementada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

Saiba mais

Há outros patrimônios imateriais do Brasil que combinam tradições muito diversas. Vamos conhecer alguns deles?



► A viola de cocho é um instrumento musical produzido na região Centro-Oeste do Brasil. Os artesãos locais utilizam apenas materiais disponíveis na região para a produção do instrumento, como madeira e fios de algodão. Há registros de uso das violas de cocho no Brasil desde o século XIX, e os pesquisadores acreditam que o modo de fazer a viola de cocho é baseado em técnicas indígenas e também europeias. Foto de 2013.

► Goiabeiras Velhas é um bairro da cidade de Vitória, capital do Espírito Santo, onde se desenvolveu o ofício das chamadas panelas de Goiabeiras. A produção artesanal de panelas se baseia em técnicas de cerâmica desenvolvidas por populações indígenas que viviam no Brasil. Como os portugueses que colonizaram a região também passaram a utilizar essas técnicas, pode-se dizer que o ofício das panelas de Goiabeiras é resultado da combinação de diferente saberes. Foto de 2014.



Qual é a origem das técnicas utilizadas para fazer a viola de cocho e as panelas de Goiabeiras?

A origem é indígena, mas também houve influência europeia.

Nacional (Iphan), a partir da criação do Departamento do Patrimônio Imaterial (DPI). Atualmente, são 40 bens imateriais registrados em todo o Brasil.

Bens imateriais também compõem Patrimônio Cultural Brasileiro. *Portal Brasil*, 29 set. 2017. Disponível em: <www.brasil.gov.br/cultura/2017/09/bens-imateriais-tambem-compoem-patrimonio-cultural-brasileiro>. Acesso em: 3 jan. 2018.

1. Em grupos, pesquisem na cidade ou no estado em que vocês moram se há ofícios, práticas ou festividades que possam ser consideradas patrimônio cultural imaterial.

2. Registrem o que vocês encontraram em um dossiê, com fotos, descrições e, se possível, registros audiovisuais do bem cultural.

3. Escrevam um texto explicando por que vocês acham que esses bens devem ser tombados e quais riscos eles correm se não forem.

4. Apresentem o resultado para seus colegas e o professor.

A BNCC nesta seção

Esta seção mostra um caso diferente de tombamento no país, o de Brasília. O conjunto arquitetônico foi tombado com o urbanístico, incluindo aí a relação com a natureza prevista no projeto de Lúcio Costa. Discutindo aspectos cotidianos e a relação com a natureza que há no projeto de Brasília, desenvolvem-se as habilidades **EF05HI09** e **EF05HI10** da BNCC.

Orientações didáticas

Brasília é uma cidade nova se comparada a outras do Brasil. Foi inaugurada em 1960, mas já foi tombada como patrimônio material da humanidade pela Unesco e como patrimônio cultural e histórico nacional. O tombamento ocorreu para preservar o projeto urbanístico do Plano Piloto de Brasília, elaborado pelos arquitetos Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Além da cidade de Brasília e do Eixo Monumental, há o rico patrimônio natural do Cerrado, preservado no Parque Nacional de Brasília.

Trabalho conjunto com Geografia, Arte e Matemática.

TECENDO SABERES

Até hoje o Brasil teve três capitais:

- Salvador, de 1549 a 1763;
- Rio de Janeiro, de 1763 a 1960; e
- Brasília, desde a sua inauguração, em 1960, até hoje.

A ideia de construir Brasília, uma nova e moderna capital no coração do país, era muito antiga. Com a nova capital seria possível promover a ocupação do interior do território e a integração nacional, ligando os lugares mais distantes do Brasil.

A cidade foi projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer e pelo urbanista Lúcio Costa. O projeto que os dois criaram contava com técnicas modernas de planejamento urbano e a cidade acabou adquirindo características únicas. Isso fez com que Brasília se tornasse a maior área tombada como patrimônio mundial pela Unesco.

A importância de Brasília não está só na cidade e em suas construções. Um exemplo disso é o Parque Nacional de Brasília. A maior parte das nascentes que abastecem o Distrito Federal se localiza em seu interior. O parque conta com áreas preservadas de Cerrado, onde vivem diversos animais, incluindo alguns ameaçados de extinção, e também com áreas de lazer.

Além disso, o Iphan já identificou a existência de importantes manifestações de patrimônio imaterial na região de Brasília. Um exemplo disso é o Vale do Amanhecer. Trata-se de um templo religioso fundado na década de 1960 que deu origem à primeira experiência religiosa nascida na nova capital brasileira.

Como forma de reconhecer a importância cultural dessa religião, o Iphan vem organizando a documentação necessária para incluir esse local na lista oficial de bens imateriais do Brasil.



▶ Vista do Parque Nacional de Brasília, em 2017.



▶ Árvore de copaíba.



▶ Tamanduá-bandeira, animal ameaçado de extinção.

- 1 Por que se decidiu por construir a capital do Brasil no Centro-Oeste?
Para promover a ocupação e a integração do território.
- 2 Por que o Parque Nacional de Brasília é importante para:
 - a) a população da região?
Porque garante a preservação dos mananciais e é uma área de lazer.
 - b) as espécies nativas da região?
Porque garante a sobrevivência dessas espécies, principalmente das ameaçadas de extinção, como o tamanduá-bandeira.
- 3 Observe o mapa abaixo e responda:

Brasil: Distâncias entre Brasília e as capitais dos estados (em km)



IBGE. Anuário estatístico do Brasil. Rio de Janeiro, 2011. p. 15.

- a) Qual é a distância da capital do estado em que você mora até Brasília?
Resposta pessoal.
- b) Se um voo de Porto Alegre a Teresina precisasse parar para reabastecer, qual trajeto seria o mais curto: com parada em Brasília ou em Belo Horizonte?
Com parada em Brasília.

- 4 Com ajuda de seus colegas e do professor, pesquisem mais informações sobre Brasília. Depois, montem um mural com as principais informações encontradas.
Resposta pessoal.

Atividade 2

Possibilite aos alunos observar imagens que mostrem a vegetação natural do Centro-Oeste (Cerrado). Trabalho conjunto com Ciências e Geografia.

Atividade 3

- a) As distâncias apresentadas no mapa são em linha reta. Esclareça aos alunos que as rotas terrestres e áreas que utilizamos para viajar não são sempre retas, por isso podem ser maiores que as indicadas no mapa.
- b) É esperado que os alunos utilizem a escala gráfica para obter a distância aproximada entre Porto Alegre e Belo Horizonte e entre Belo Horizonte e Teresina. Uma vez calculados esses valores, a soma dos dois trechos deve ser comparada à soma dos trechos entre Porto Alegre e Brasília e Brasília e Teresina. Trabalho conjunto com Matemática e Geografia.

A BNCC nas páginas 150 e 151

Estas páginas abordam os patrimônios naturais, ou seja, sítios que devem ser preservados por serem excepcionais, pela biodiversidade ou por abrigarem espécies animais e vegetais ameaçadas. Há uma série de patrimônios naturais protegidos pelo governo brasileiro e pela Unesco. O objetivo do trabalho com o patrimônio natural é levar os alunos a respeitarem e a valorizarem o meio ambiente do lugar onde vivem e a se sentirem responsáveis pela sua conservação. Além de desenvolver a habilidade **EF05HI10**, a proteção do ambiente natural é um dos temas contemporâneos indicados na BNCC.

Orientações didáticas

Reforce com os alunos que os patrimônios naturais indicados nesta dupla de páginas são diferentes da Cachoeira de Iguazu. O Pantanal e a Mata Atlântica, por exemplo, foram tombados por suas características próprias de clima, relevo, biodiversidade e risco de desaparecer. A cachoeira, embora protegida fisicamente pelo tombamento, só foi considerada bem imaterial por ser sagrada para os povos indígenas da região. O valor histórico para a cultura daqueles povos é que a transforma em patrimônio.

► Patrimônios naturais

Atualmente, existem sete sítios naturais do Brasil que são considerados patrimônio mundial pela Unesco. São áreas de formações geológicas e regiões que constituem **habitat** de espécies animais e vegetais ameaçadas. Vamos conhecê-las?

► **habitat:** lugar em que um organismo vive e tem condições favoráveis a sua sobrevivência.



Érica Catarina Pompei/Futura Press

► As Cataratas do Iguazu formam um conjunto de quedas-d'água localizado na fronteira entre Brasil e Argentina. O Parque Nacional do Iguazu localiza-se no estado do Paraná. Foto de 2014.



André Dib/Pulsar Imagens

► Praia do espelho na cidade de Porto Seguro, estado da Bahia. As florestas tropicais da costa Atlântica do Brasil são as mais ricas do mundo em biodiversidade. Foto de 2011.



Ebora Cardoso/Pulsar Imagens

► Floresta de Mata Atlântica preservada no Parque Estadual Carlos Botelho. São Miguel Arcanjo, estado de São Paulo. Foto de 2015.



André Dib/Pulsar Imagens

► O Pantanal é um bioma que se localiza na região dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Bioma é um conjunto de plantas e animais adaptados a determinada região. Foto de 2017.



André Dib/Pulsar Imagens

► Vitórias-régias na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, em Tefé, estado do Amazonas. Foto de 2014.

150

UNIDADE 4 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

O texto a seguir aborda temas importantes para a Educação Ambiental e para a Educação para o Desenvolvimento Sustentável.

Educação para o desenvolvimento sustentável

Com uma população mundial de mais de 7 bilhões de pessoas e recursos naturais limitados, nós, como indivíduos e sociedades, pre-

cisamos aprender a viver juntos de forma sustentável. [...] A educação para o desenvolvimento sustentável (EDS) contribui para mudar a forma como as pessoas pensam e agem para um futuro sustentável. A EDS significa incluir questões-chave sobre o desenvolvimento sustentável no ensino e na aprendizagem.

Isso requer mudanças profundas no modo que a educação é frequentemente praticada hoje. Esse esforço educacional irá incentivar mudanças de comportamento que virão a gerar um futuro mais sus-

Andre Dib/Pulsar Imagens



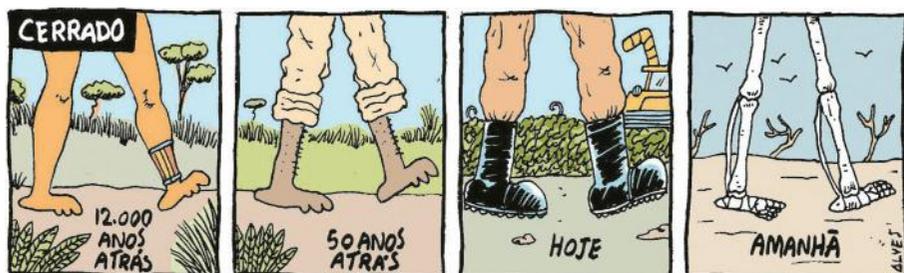
► Ilhas Atlânticas de Fernando de Noronha e Atol das Rocas. Na foto, ilhas Dois Irmãos e morro do Pico ao fundo, em Fernando de Noronha, no estado de Pernambuco. Foto de 2016.



► Cerrado e morro do Buracão ao fundo, no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, estado de Goiás. Foto de 2016.

Assim também aprendo

1 Observe atentamente a tirinha abaixo.



ALVES. **Cerrado**, Cerrado em Quadrinhos, 11 out. 2015. Disponível em: <<http://cerradoemquadrinhos.blogspot.com.br/2015/10/passado-presente-futuro.html>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

- Como a tirinha trata da importância da preservação do Cerrado brasileiro?
Ela mostra o Cerrado em diferentes períodos da história. Há 12 mil anos, quando a região era preservada pelas populações nativas; 50 anos atrás, quando trabalhadores rurais viviam na região e preservavam a diversidade; no presente, quando a exploração agrícola da região vem acabando com a diversidade da natureza; e, finalmente, o possível futuro da região, quando a natureza estará devastada e a espécie humana, possivelmente, extinta.

2 Em dupla, elaborem uma história em quadrinhos sobre a importância da preservação da natureza e dos patrimônios naturais do Brasil. **Resposta pessoal.**

tentável em termos da integridade ambiental, da viabilidade econômica e de uma sociedade justa para as gerações presentes e futuras. Isso representa uma nova visão da educação capaz de ajudar pessoas de todas as idades a entender melhor o mundo em que vivem, tratando da complexidade e do inter-relacionamento de problemas tais como pobreza, consumo predatório, degradação ambiental, deterioração urbana, saúde, conflitos e violação dos direitos humanos, que hoje ameaçam nosso futuro.

Também requer métodos participativos de ensino e aprendizagem para motivar e empoderar alunos a mudar seus comportamentos e tomar atitude em favor do desenvolvimento sustentável. A educação ambiental promove competências como pensamento crítico, reflexão sobre cenários futuros e tomadas de decisão de forma colaborativa.

UNESCO. Educação para o desenvolvimento sustentável. <www.unesco.org/new/pt/brasil/educacao/education-for-sustainable-development/#c155001>. Acesso em: 3 jan. 2018.

Objetivos do capítulo

1. Refletir sobre os patrimônios do passado.
2. Analisar os usos sociais dos patrimônios ao longo do tempo.
3. Entender o processo de surgimento de novos patrimônios no presente.
4. Relacionar patrimônio e memória.

Para iniciar

A letra da canção faz referência aos Jardins Suspensos da Babilônia, monumento que até hoje não foi descoberto e que, provavelmente, foi construído pelo povo babilônico, que habitava a antiga Mesopotâmia na Antiguidade. Se julgar pertinente, retome com os alunos os conteúdos desenvolvidos na primeira unidade deste volume. Aproveite para retomar conhecimentos já estudados e investigar o que os alunos já sabem sobre o assunto.



Mudanças e permanências no patrimônio histórico

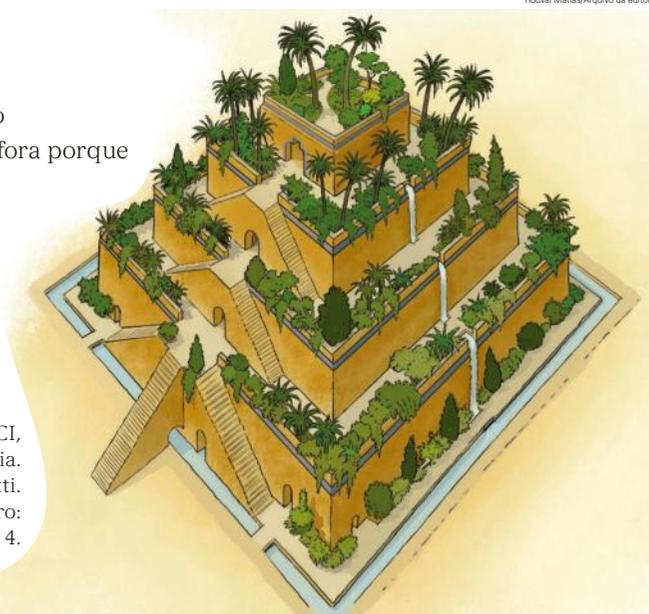
As chamadas Sete Maravilhas do Mundo Antigo formam a primeira tentativa que se tem notícia de listar as principais construções humanas até aquele momento. Você já ouviu falar delas?

O trecho da canção transcrito a seguir faz referência a uma dessas maravilhas. Leia-o com atenção, tentando identificá-la. Depois converse com seus colegas e o professor.

Jardins da Babilônia

Suspenderam
Os Jardins da Babilônia
Eu pra não ficar por baixo
Resolvi botar as asas pra fora porque
Quem não chora dali
Não mama daqui
Diz o ditado
Quem pode, pode
Deixa os acomodados
Que se incomodem

LEE, Rita; MARCUCCI, Lee. Jardins da Babilônia. In: Rita Lee e Tutti Frutti. **Babilônia**. Rio de Janeiro: Som Livre, 1978. Faixa 4.



Para iniciar >>

- 1 A qual das Sete Maravilhas do Mundo Antigo a canção faz referência?
A canção cita os Jardins Suspensos da Babilônia.
- 2 O que você sabe sobre o povo que construiu esses jardins?
Resposta pessoal.

152 UNIDADE 4 >>

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

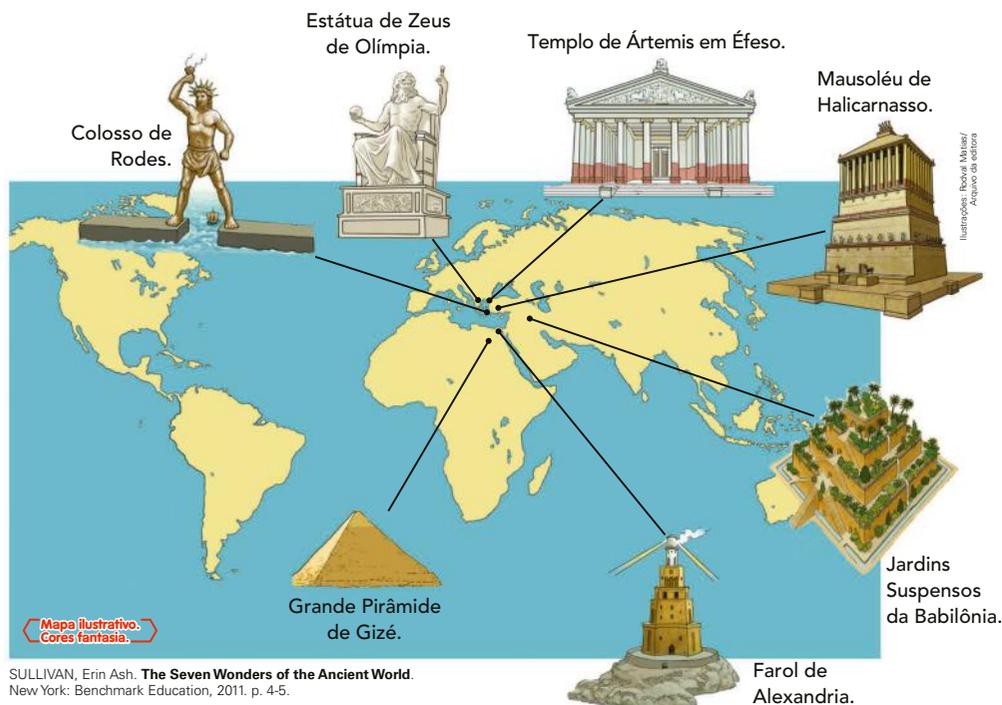
Objetos de conhecimento	Habilidades
O que forma um povo: do nomadismo aos primeiros povos sedentarizados	BNCC EF05HI01 Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.
As tradições orais e a valorização da memória O surgimento da escrita e a noção de fonte para a transmissão de saberes, culturas e histórias	BNCC EF05HI07 Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.

➤ O que era patrimônio histórico na Antiguidade?

Algumas sociedades antigas se destacaram por construir grandes monumentos, lembrados ainda hoje por sua beleza, embora muitos deles não existam mais. Essas construções tinham uma finalidade prática e simbólica compartilhada por toda a população, honrando as gerações do passado, celebrando acontecimentos importantes, cultuando os deuses e demonstrando o poder dos governantes.

Os gregos antigos, porém, foram os primeiros a reconhecer a importância dos grandes monumentos para a posteridade. Quem sabe eles já haviam desenvolvido a preocupação de serem lembrados no futuro?

Entre 150 a.C. e 120 a.C., uma lista de sete obras monumentais foi compilada por filósofos gregos. Ela incluía: a Estátua de Zeus de Olímpia e o Colosso de Rodes, ambas na Grécia; o Farol de Alexandria e a Grande Pirâmide de Gizé, no Egito; os Jardins Suspensos da Babilônia, na Mesopotâmia, atual Iraque; o Templo de Ártemis em Éfeso e o Mausoléu de Halicarnasso, no atual território da Turquia.



➤ Ilustração representando como seriam as Sete Maravilhas do Mundo Antigo de acordo com as fontes históricas disponíveis. Cores fantasia.

Estas páginas tratam das Sete Maravilhas do Mundo Antigo, monumentos escolhidos por filósofos gregos da Antiguidade clássica por sua beleza e importância naquele período. A ideia de que monumentos devem ser preservados é um esboço do conceito que existe em nossos dias de patrimônio artístico e histórico. Compreender as diferenças entre as concepções antigas e modernas de Maravilha e patrimônio ajuda a desenvolver as habilidades **EF05HI01** e **EF05HI10** da BNCC.

Orientações didáticas

Localize em um mapa-múndi político os países atuais da região do Mediterrâneo onde habitaram os povos antigos que construíram os monumentos (Grécia, Turquia, Iraque e Egito). Alguns desses povos, como os egípcios, foram abordados em capítulos anteriores deste volume. Compare o passado com o momento atual, pedindo aos alunos que façam pesquisas em livros e na internet sobre várias características atuais desses países.

Objetos de conhecimento	Habilidades
Os patrimônios materiais e imateriais da humanidade	BNCC EF05HI10 Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

Orientações didáticas

Observe a foto das pirâmides nesta página e comente com os alunos sobre a proximidade entre as pirâmides e a cidade do Cairo. A Grande Pirâmide de Gizé é a que está no meio.

A maior parte das informações que temos das Maravilhas da Antiguidade vem de relatos posteriores, escritos por gregos e romanos, além de imagens em manuscritos e moedas. Algumas das ilustrações que representam essas construções foram produzidas com base nesses relatos e imagens, e não na observação dos edifícios.

Pensar histórico

Poucas das Sete Maravilhas do Mundo Antigo restaram. Em alguns casos, os únicos vestígios desses monumentos são os relatos e as imagens. Além disso, cada sociedade valorizou determinados modelos de construções, enquanto outros eram considerados sem importância. Assim, aquilo que consideramos importantes patrimônios no presente poderia não ser considerado algo a ser preservado no passado.

A Grande Pirâmide de Gizé, no Egito, é a única Maravilha da Antiguidade que ainda existe. Ela foi construída pelos egípcios entre 2589 a.C. e 2566 a.C. para servir de tumba para o faraó Queóps.

• **mausoléu:** nome dado a tumbas grandes e monumentais. A palavra mausoléu surgiu do monumento funerário construído para o rei Mausolo.

• **Império Persa:** império que tinha sua capital em Persépolis, no atual território do Irã, na região do Oriente Médio, entre os séculos VI a.C. e IV a.C.

• **colosso:** nome dado a grandes estátuas.



► Vista da cidade do Cairo, capital do Egito, com as Pirâmides de Gizé ao fundo, em 2017. Atualmente, as Pirâmides de Gizé fazem parte da paisagem urbana do Egito.



► Leão de Halicarnasso, escultura grega do século IV a.C. Uma das poucas esculturas independentes do Mausoléu de Halicarnasso, a peça encontra-se no acervo do Museu Britânico, em Londres.

Já o Templo de Ártemis, o **Colosso** de Rodas e a Estátua de Zeus foram erigidos em homenagem, respectivamente, à deusa grega da caça, Ártemis, ao deus grego do Sol, Hélios, e ao deus mais importante do Olimpo, Zeus.

154 UNIDADE 4 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

A Grande Pirâmide de Gizé é uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo que existe até hoje. Ela está situada no Egito, perto da cidade do Cairo, capital do país.

Mesmo depois de séculos de pesquisas, a pirâmide ainda guarda surpresas.

Leia a notícia a seguir.

Nova cavidade misteriosa é descoberta dentro da Grande Pirâmide de Gizé

Surgiu um novo mistério envolvendo as pirâmides do Egito: cientistas descobriram o que parece ser um grande vazio dentro da pirâmide de Queóps, conhecida como a Grande Pirâmide de Gizé.

Não se sabe por que a cavidade existe ou se ela abriga algo de valor histórico, já que não parece ser acessível pelos caminhos conhecidos até o momento.

Cientistas japoneses e franceses fizeram o anúncio depois de estudar o complexo das pirâmides de Gizé, nos arredores do Cairo, por dois anos.

Construído em Éfeso no século VI a.C., o Templo de Ártemis foi destruído em um incêndio por volta de 356 a.C. A Estátua de Zeus, erguida no século V a.C., foi transportada de Olímpia a Constantinopla, onde foi destruída por um terremoto entre os séculos V e VI d.C. O Colosso de Rodes, construído entre 292 a.C. e 280 a.C., também foi destruído por um terremoto, em 225 a.C.

Outra Maravilha da Antiguidade que sofreu por conta de terremotos foi o Farol de Alexandria. Construído no Egito no século III a.C., a torre de mais de 100 metros de altura, visível a mais de 50 quilômetros de distância no mar, e utilizada para indicar a entrada do porto de Alexandria, resistiu até o século XV.

Quanto aos Jardins Suspensos da Babilônia, os pesquisadores até hoje não encontraram vestígios arqueológicos de quando e onde eles foram construídos. Segundo relatos, o rei Nabucodonosor II, um dos reis da Babilônia, construiu jardins em terraços de até 97 metros de altura para consolar sua mulher, que sentia falta da natureza de sua terra natal. Se os Jardins Suspensos da Babilônia existiram como foram descritos pelos gregos, eles foram erguidos entre 605 a.C. e 562 a.C. e destruídos por um terremoto no século I d.C.



► Moedas romanas do século II que retratam o Farol de Alexandria.



Atividade 2

Utilize as seguintes informações para orientar os alunos na confecção da linha do tempo. Se for possível, eles devem usar uma medida-padrão para cada século, o que permite trabalhar a distância entre os acontecimentos, desenvolvendo o trabalho com os conceitos de anterioridade, sucessão e cronologia, ligados ao tempo histórico.

2589 a.C. a 2566 a.C. – Construção da Grande Pirâmide de Gizé.

605 a.C. a 562 a.C. – Construção dos Jardins Suspensos da Babilônia.

Século VI a.C. – Construção do Templo de Ártemis.

Século V a.C. – A estátua de Zeus em Olímpia foi esculpida.

Século IV a.C. – Construção do Mausoléu de Halicarnasso.

356 a.C. – Destruição do Templo de Ártemis.

Século III a.C. – Construção do Farol de Alexandria.

292 a.C. a 280 a.C. – Construção do Colosso de Rodes.

225 a.C. – Destruição do Colosso de Rodes.

Século I d.C. – Destruição dos Jardins Suspensos da Babilônia por um terremoto.

Séculos V e VI d.C. – Destruição da estátua de Zeus em Constantinopla.

Séculos XII a XV d.C. – Destruição do Mausoléu de Halicarnasso.

Século XV d.C. – Destruição do Farol de Alexandria.

1 Qual era a função de cada uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo?

A Grande Pirâmide de Gizé foi construída para servir de túmulo ao faraó; o Colosso de Rodes era uma homenagem ao deus do Sol; não se sabe certamente a função dos Jardins Suspensos da Babilônia; o Farol de Alexandria era utilizado para facilitar a navegação; o Mausoléu era um túmulo; a estátua de Zeus era dedicada ao mais importante deus grego; e o Templo era dedicado à deusa Ártemis.

2 No caderno, elabore uma linha do tempo com as datas de construção e destruição das Sete Maravilhas do Mundo Antigo.

Veja orientações para a construção da linha do tempo nas Orientações didáticas deste Manual do Professor.

► CAPÍTULO 8 155

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

[...]

Com 146 m de altura, a Grande Pirâmide é a maior das estruturas de Gizé e foi construída durante o reino do faraó Quéops, entre 2509 e 2483 a.C.

A de Quéops é conhecida por ter três grandes câmeras interiores e uma série de passagens. A mais impressionante, chamada de Grande Galeria, tem 47 metros de comprimento e 8 de altura.

AMOS, Johnathan. Nova cavidade misteriosa é descoberta dentro da Grande Pirâmide de Gizé. *BBC Brasil*. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/geral-41847597>. Acesso em: 28 dez. 2017.

Orientações didáticas

Para trabalhar o tema do significado dos monumentos na antiga civilização egípcia, retome a unidade 1, páginas 30 e 31, que tratam da importância da religião entre os antigos egípcios.

Pode-se também indicar aos alunos que pesquisem sobre o tema em sites na internet, livros e revistas especializadas, como a revista **Aventuras na história** (disponível em: <<http://aventurasnahistoria.uol.com.br/>>), **Revista Fênix** (disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/>>), **Superinteressante** (disponível em: <<https://super.abril.com.br/>>), entre outras. Acesso em: 17 jan. 2018.

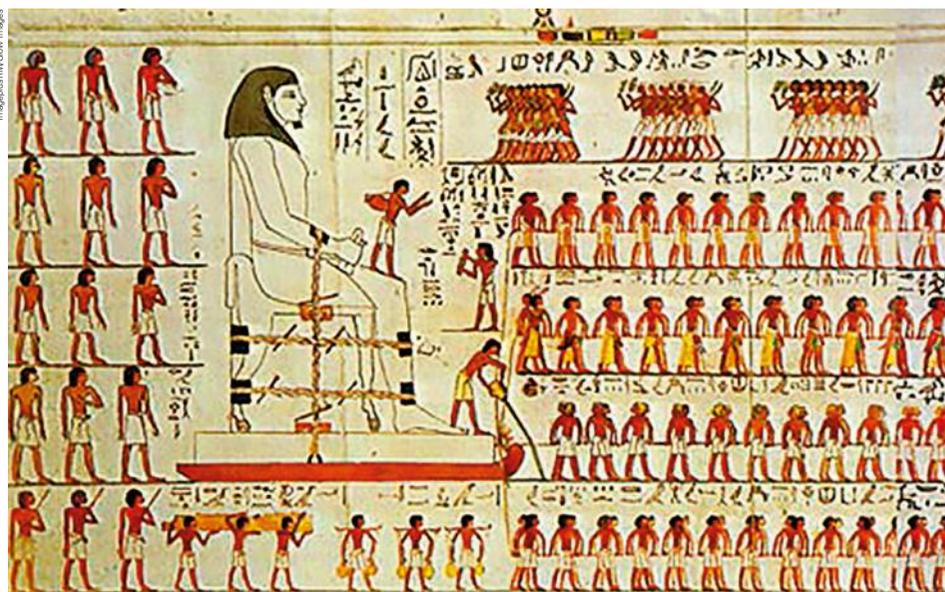
Muitas das construções que compõem a lista das Sete Maravilhas do Mundo Antigo foram erguidas para serem grandes **monumentos**. Um monumento é, de modo geral, uma obra erigida em honra, em memória ou em comemoração a algo ou alguém importante – um rei, um deus ou um acontecimento do passado.

A Grande Pirâmide de Gizé, no Egito, por exemplo, não foi construída apenas para servir de túmulo ao faraó Quéops. Ela representava o poder desses governantes na sociedade egípcia.

Como você pode imaginar, a construção de uma pirâmide naquela época levava muitos anos e envolvia o esforço de milhares de trabalhadores, sobretudo para o transporte dos grandes blocos de pedra com os quais era feita.

Grande parte desses trabalhadores eram camponeses livres obrigados a dedicar um período do ano à construção de obras públicas, que podiam ser estradas, pontes, templos ou monumentos.

Como o trabalho era duro e cansativo, muitos adoeciam ou morriam durante as obras. Por trás de todo grande monumento do passado, portanto, há muito esforço e sacrifício daqueles que o construíram.



► Imagem encontrada no túmulo de Djehutihotep, de aproximadamente 1900 a.C., em Deir El-Besha, no Egito. Essa imagem apresenta o modo de se movimentar as pedras e as estátuas esculpidas.

Refleta a respeito da mão de obra utilizada naquelas construções lendo o poema a seguir, escrito pelo **dramaturgo** alemão Bertold Brecht no início do século XX. Depois converse com seus colegas e o professor.

Perguntas de um trabalhador que lê

Quem construiu a Tebas de sete portas?

Nos livros estão nomes de reis:

Arrastaram eles os blocos de pedra?

E a Babilônia várias vezes destruída

Quem a reconstruiu tantas vezes?

Em que casas da Lima dourada moravam os construtores?

Para onde foram os pedreiros, na noite em que a Muralha da China ficou pronta?

A grande Roma está cheia de arcos do triunfo:

Quem os ergueu?

[...]

2. É possível afirmar que foram os trabalhadores (construtores, pedreiros, etc.) que os construíram – e não os reis que esses monumentos homenageiam. Vale destacar que na primeira estrofe citada o próprio Brecht faz uma oposição entre “rei” e trabalhadores.

dramaturgo:
autor de peças de teatro.

1. De forma geral, os monumentos eram obras construídas para honrar a memória de algo ou alguém importante – um rei, um deus – ou celebrar um feito memorável do passado.

BRECHT, Bertold. Perguntas de um trabalhador que lê. In: _____. **Poemas 1913-1956**. 6. ed. Tradução de: Paulo César de Souza. São Paulo: Editora 34, 2003.

1 Quais eram as funções dos monumentos erguidos na Antiguidade? Converse com os seus colegas e o professor.

2 O poema de Bertold Brecht cita diversos monumentos construídos na Antiguidade e questiona quem foram os responsáveis pela construção dessas obras. Com base em tudo que estudamos até o momento, como você responderia à questão do poema: quem os ergueu?

Minha coleção de palavras de História

A palavra a seguir é muito importante nos estudos de História.

MONUMENTO

1 Escreva uma frase com a palavra monumento. Lembre-se de que a frase tem que fazer referência aos temas trabalhados no capítulo.

Resposta pessoal.

2 Os monumentos são construções, em geral, que homenageiam alguém ou algo considerado importante, e acabam preservando sua memória. Atualmente, existem várias outras formas de preservar as memórias. Cite algumas.
Pode ser por meio de um depoimento oral, que é uma declaração de alguém a respeito de algo; o depoimento, quase sempre, se torna público e acessível a outras pessoas. As memórias também podem ser registradas por escrito, gravadas em áudio e vídeo, etc.

» **CAPÍTULO 8** 157

Orientações didáticas

Tebas era umas das cidades-Estado da Grécia antiga; Roma era a capital do antigo Império Romano e que hoje continua como a capital da Itália.

O poeta e dramaturgo alemão Bertolt Brecht questiona o valor atribuído a essas construções do ponto de vista de uma pessoa do século XX. No seu poema, ele pretende valorizar a ação do trabalhador anônimo, numa época histórica em que o ser humano se descobria como sujeito da História. Trabalhe o poema em sala para lembrar os alunos que esses monumentos dependeram do esforço de muitos trabalhadores para serem construídos e não só da vontade dos governantes.

Minha coleção de palavras de História

Sobre a **Minha coleção de palavras de História**, leia a página XXII das Orientações gerais. Trabalho em conjunto com Língua Portuguesa.

A palavra escolhida neste capítulo é **monumento**. Os patrimônios de um grupo social ou de um povo estão muitas vezes relacionados a monumentos, erigidos em honra de um momento da história, de um personagem ou de fatos marcantes para aquela sociedade e que os escolheu como símbolos de seu passado. Contextualize a construção de monumentos em sala. Alerta para os motivos que um Estado ou grupo social teriam para preservar a memória de uma pessoa ou acontecimento.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC na página 158

○ **Pesquisa** desta página apresenta outras construções importantes do ponto de vista estético e histórico que estão fora da região do mar Mediterrâneo. Ao fazer o inventário dos patrimônios históricos e culturais da humanidade, é importante que o aluno não fique preso à herança europeia, desenvolvendo a habilidade **EF05HI10** da BNCC.

Pesquisa

As construções representadas nesta página estão preservadas até os dias de hoje e são consideradas importantes patrimônios mundiais. Porém, sem maiores cuidados e sem a criação de políticas de preservação, algumas delas podem ruir no futuro. Um exemplo disso é Chan Chan, sítio arqueológico ameaçado pelo avanço da agricultura nas proximidades e pela estrada que corta o sítio arqueológico.

Aproveite a ocasião para conversar com os alunos sobre os bens culturais em situação de risco na cidade em que eles moram e o que poderia ser feito para preservá-los.

Atividades 1 e 2

A Mesquita de Sankore foi construída no século XIV, no antigo Império do Mali, pelo arquiteto muçulmano Ibrâhim Abû Ishâq al-Sâhili. A mesquita e a universidade ainda mantêm a função original desde sua construção, de estudo e prática do islamismo.

O templo de Angkor Wat foi construído no antigo império Kmer, região que hoje pertence ao Camboja, pelo rei Suryavarman II no século XII para ser um templo religioso hindu e seu mausoléu. Hoje, é um famoso sítio arqueológico e destino turístico.

A cidade de Chan Chan, no atual território do Peru, era a capital do império Chimu. Construída no século IX, foi habitada até o século XV e hoje é um sítio arqueológico.

Os santuários de Nikko, no Japão, formam um conjunto de templos xintoístas e budistas construídos pelos xoguns Tokugawas, que governaram o Japão entre os séculos XVI e XIX. Ainda hoje são locais de celebrações religiosas, além de serem famosos destinos turísticos.

Pesquisa

Como vimos, as Sete Maravilhas do Mundo Antigo foram escolhidas pelos gregos no século II a.C. Foi uma primeira ideia de registrar e valorizar construções de diferentes povos: gregos, persas, babilônios, egípcios.

Segundo relatos, elas foram obras criadas por sociedades conhecidas pelos gregos antigos e que viviam em regiões próximas ao mar Mediterrâneo.

Você sabia que outros povos, em diferentes regiões do mundo e períodos de tempo, também construíram monumentos de grande valor artístico e histórico? Vamos conhecer um pouco mais sobre eles?

1 Com a orientação do professor, pesquise informações sobre as seguintes construções:



➤ Mesquita de Sankore, em Tombuctu, Mali, em 2016.



➤ Templo de Angkor Wat, no Camboja, em 2017.



➤ Detalhe do complexo arqueológico de Chan Chan, no Peru, em 2015.



➤ Santuário em Nikko, no Japão, em 2015.

2 Depois, com base nas informações pesquisadas, monte um mural destacando:

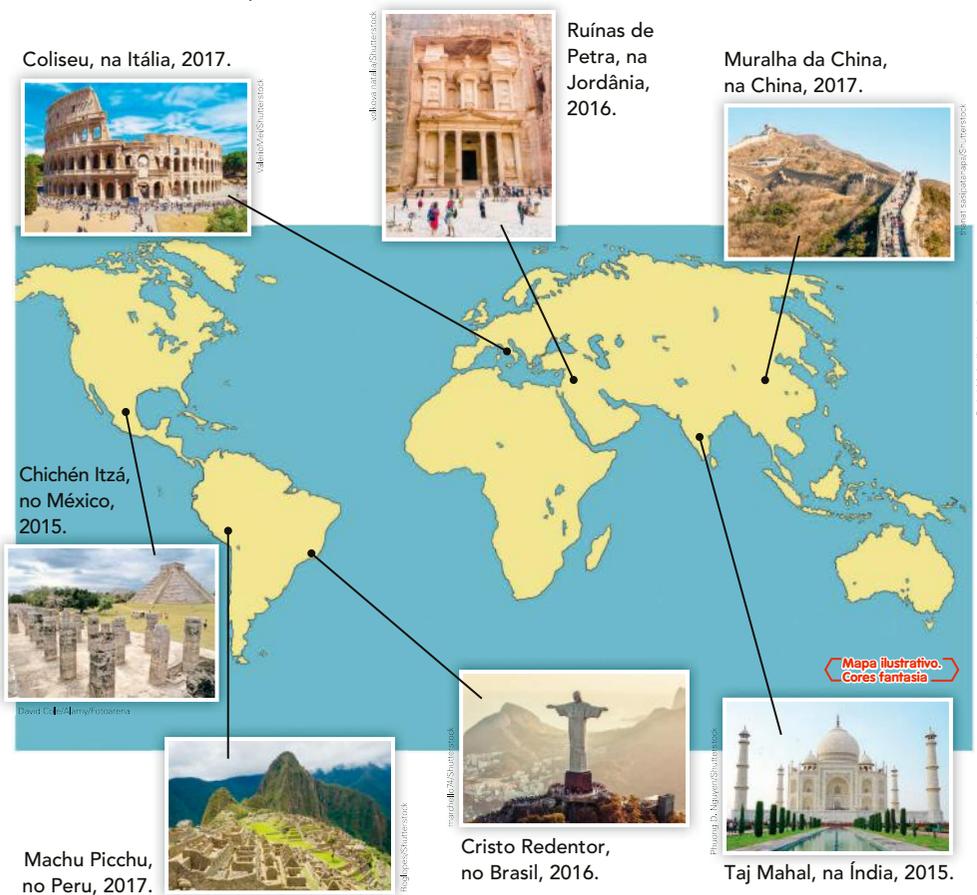
- onde e quando essas construções foram feitas;
- quem as construiu; e
- uma breve descrição de como cada uma delas era, para que elas serviam, quando foram construídas e o que aconteceu com elas ao longo do tempo.

As Sete Novas Maravilhas do Mundo

No início do século XXI, um concurso internacional foi organizado para eleger as Sete Novas Maravilhas do Mundo. Uma lista com mais de 200 monumentos existentes foi divulgada para que as pessoas pudessem votar pelo telefone ou pela internet. O resultado foi anunciado em uma cerimônia realizada em 2007, na cidade de Lisboa, Portugal. Vamos conhecê-lo?

Estes são os sete finalistas, eleitos, segundo o concurso, por centenas de milhares de votos:

- Muralha da China;
- Ruínas de Petra;
- Coliseu de Roma;
- Cristo Redentor;
- Taj Mahal;
- Chichén Itzá; e
- Machu Picchu.



As Sete Novas Maravilhas do Mundo podem ser trabalhadas em sala para mostrar que é possível catalogar e organizar o patrimônio de diferentes formas. Ao conhecer e questionar critérios de classificação de patrimônios históricos, os alunos desenvolvem a habilidade **EF05HI10** da BNCC.

Orientações gerais

Trabalhe novamente com Geografia localizando no mapa-múndi os países onde estão os patrimônios escolhidos. Peça aos alunos que pesquisem informações em livros e na internet sobre os países que abrigam esses patrimônios.

O conjunto das Sete Novas Maravilhas do Mundo é composto de construções valiosas para a humanidade do ponto de vista de sua história, arquitetura, beleza e importância cultural.

A iniciativa para a eleição partiu de uma organização suíça e as construções foram escolhidas por meio de um concurso internacional, popular e informal pela internet e por telefone. Com recorde de participantes, o resultado da votação foi anunciado em 2007, em Lisboa, Portugal.

A escolha foi criticada por muitos especialistas, que alegam a ausência de critérios científicos para a sua realização. O resultado da votação também pode ser interpretado como o estabelecimento de uma hierarquia de importância entre os patrimônios, portanto não sendo aconselhável que ela seja levada em consideração por órgãos, instituições e representações governamentais.

Orientações didáticas

Peça aos alunos que façam uma pesquisa em livros e na internet sobre a história de cada uma das Sete Novas Maravilhas do Mundo. O objetivo dessa atividade é aprofundar o conhecimento dos alunos a respeito dos patrimônios históricos e artísticos de diferentes países. Veja as etapas da atividade na base desta página.



▶ Também conhecido como Anfiteatro Flaviano, o Coliseu de Roma começou a ser construído em 72 d.C. por ordem do imperador Flávio Vespasiano. Era um enorme anfiteatro, com arquibancadas ao redor de uma arena, onde se realizavam lutas e jogos. Foto de 2017.



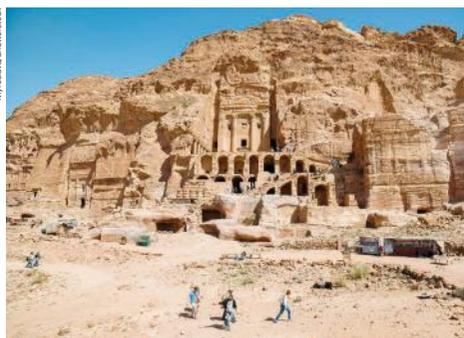
▶ A cidade maia de Chichén Itzá foi construída na península de Iucatã, no México, por volta do ano 500, sendo importante polo urbano durante o século X. Na foto, de 2016, o Templo dos Guerreiros, uma das construções presentes nessa cidade.



▶ Machu Picchu foi construída por volta de 1450 no topo de uma montanha da cordilheira dos Andes, no Peru, a 2400 metros de altitude. Foto de 2017.



▶ A Muralha da China começou a ser construída em 215 a.C. para proteger a região contra ataques de inimigos e levou 20 séculos para ser concluída: seu último trecho foi feito entre 1368 e 1644. Foto de 2017.



▶ As Ruínas de Petra, Jordânia, em 2017. Petra foi uma cidade estabelecida por volta do ano 312 a.C. como a capital dos árabes nabateus no sul da atual Jordânia. Petra foi destruída por dois terremotos, nos anos 363 e 551 d.C.

160 UNIDADE 4 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

1. Reúna os alunos em grupos. Cada grupo ficará responsável pela pesquisa sobre uma das Sete Maravilhas e depois pela apresentação em sala de aula aos colegas de classe.
2. Eles devem iniciar o trabalho localizando no mapa-múndi o país onde ela se encontra e explicando aos colegas alguns dados básicos sobre esse país (capital, população, etc.). É importante que eles descrevam a construção (medidas, material utilizado, onde se localiza, etc.) e a contextualizem historicamente, descrevendo também as transformações pelas quais ela passou durante os anos ou séculos.
3. O grupo poderá pesquisar também se há algum movimento ambientalista que este-

Orientações didáticas

Faça com os alunos uma eleição semelhante à que foi feita para eleger as Sete Novas Maravilhas, incluindo desta vez os bens materiais, imateriais ou naturais da cidade em que eles moram. Porém, alerte-os sobre o caráter da escolha dos patrimônios feita na eleição das Sete Novas Maravilhas do Mundo (veja as **Orientações didáticas** da página 159).

Depois de eleger as “maravilhas” da cidade, os alunos podem, em grupos, realizar uma pesquisa sobre elas de forma similar à pesquisa feita para as Sete Novas Maravilhas do Mundo.

Roop_Dey/Shutterstock



► O Taj Mahal é um mausoléu situado em uma pequena cidade da Índia, chamada Agra. Ele foi construído entre 1630 e 1652 para homenagear a esposa favorita do imperador Shan Jahan. Foto de 2017.

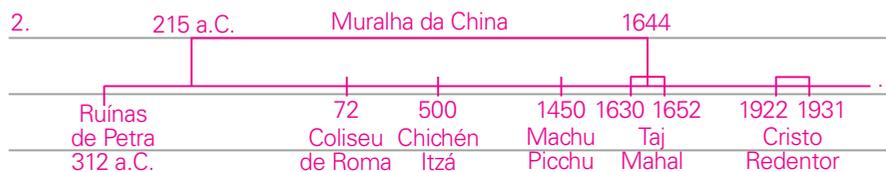
► Localizado no topo do morro do Corcovado, na cidade do Rio de Janeiro, o Cristo Redentor foi construído entre os anos de 1922 e 1931 em concreto armado e pedra-sabão. Foto de 2015.



marcshel/Shutterstock

1 Para que cada uma das Sete Novas Maravilhas do Mundo foi construída?

O Coliseu foi construído para ser palco de lutas e jogos; a cidade de Chichén Itzá era um importante polo urbano para os maias; Machu Picchu era uma cidade que protegia os maias contra ataques; a Muralha da China foi construída para proteger a região de ataques de outros povos; a cidade de Petra era a capital dos árabes nabateus; o Taj Mahal foi construído para homenagear a esposa de um imperador; o Cristo Redentor foi construído como monumento católico.



2 No caderno, elabore uma linha do tempo com as datas de construção das Sete Novas Maravilhas do Mundo.

ja relacionado a essa “maravilha” pesquisada, como conservação da vegetação ao seu redor, manutenção e limpeza do local e limitação de número diário de turistas.

4. Depois de apresentada pelo grupo, a pesquisa poderá ser exposta em murais na sala de aula.

A BNCC nas páginas 162 e 163

A história de um grupo social, comunidade ou povo também pode ser contada por meio de suas construções e monumentos, tema destas páginas. Estas páginas também destacam que os vestígios do passado podem ter usos e sentidos diferentes e que os patrimônios também se transformam ao longo do tempo. Trabalham-se aqui as habilidades **EF05HI01**, **EF05HI07** e **EF05HI10** da BNCC.

Desafio

Para a atividade do **Desafio** desta página, procure com os alunos quais são os museus da sua cidade ou de outras da região. A pesquisa pode também ser estendida para a capital do estado ou mesmo para todo o país, caso haja interesse por parte dos alunos e desde que sejam escolhidas algumas regiões ou cidades para serem trabalhadas.

Muitos museus oferecem visitas virtuais, de maneira que poderão ser visitados pelos alunos com o auxílio e a orientação do professor.

➤ Cada patrimônio tem sua história

Como as cidades, os monumentos também têm história. Alguns foram construídos para cumprir determinada função, mas tiveram seu uso modificado ao longo do tempo.



➤ Fachada do Museu Imperial de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, em 2015.

O edifício ao lado, por exemplo, hoje abriga o Museu Imperial de Petrópolis, cidade localizada no estado do Rio de Janeiro. Mas ele foi construído entre as décadas de 1840 e 1850 para ser a residência de verão do imperador dom Pedro II.

Com a Proclamação da República, em 1889, o edifício passou a abrigar uma escola. Em 1940, por meio de um decreto-lei, ele se transformou no atual Museu Imperial.

Desafio

Você conhece algum edifício em sua cidade – ou na cidade mais próxima à sua comunidade – que tenha se transformado em um museu, como o que abriga o Museu Imperial?

Com a ajuda do professor, escolha um museu e pesquise a sua história, procurando responder às questões abaixo.

1 Quando e com qual finalidade o prédio que o abriga foi construído?

Resposta pessoal.

2 Quando ele foi transformado em um museu? Por quê?

Resposta pessoal.

3 Ele sofreu alguma transformação desde que ganhou uma nova utilidade? Qual?

Resposta pessoal.

Texto complementar

O patrimônio histórico não é um registro estático do passado. Para aprofundar seus conhecimentos sobre os sentidos que o patrimônio histórico assume, leia o texto a seguir.

Memória, história e cidadania: o direito ao passado

A estas alturas da discussão sobre história, memória, patrimônio e passado, sabemos todos que nenhuma destas palavras tem um

sentido único. Antes, formam um espaço de sentido múltiplo, onde diferentes versões se contrariam porque saídas de uma cultura plural e conflitante. A noção de “patrimônio histórico” deveria evocar estas dimensões múltiplas da cultura como imagens de um passado vivo: acontecimentos e coisas que merecem ser preservadas porque são coletivamente significativas em sua diversidade.

Não é, no entanto, o que parece acontecer: quando se fala em patrimônio histórico, pensa-se quase sempre em uma imagem congelada

Como o edifício do Museu Imperial, muitos outros prédios no Brasil e no mundo deixaram de ser a residência de um monarca ou governante e se transformaram em espaços culturais.

Como espaços culturais, eles se tornaram locais de visita popular ou pontos turísticos importantes, que podem ser visitados por qualquer pessoa que queira conhecer um pouco mais sobre a história de uma cidade ou refletir sobre o passado de um povo.

Vamos conhecer alguns?



Kiev Victor/Shutterstock

► Museu do Louvre, em Paris, na França, em 2016. Antes de ser um museu, foi usado como fortaleza e palácio real.

► Museu do Prado, em Madri, na Espanha, em 2016. Inicialmente, o edifício foi construído para abrigar um Museu de História Natural.

Geraldo Gomes/Opção Brasil Imagens



Luiz Milazari/Shutterstock

► Memorial Minas Gerais, em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais, em 2015. O edifício foi construído no século XIX e abrigava a Secretaria de Finanças do estado de Minas Gerais.

► CAPÍTULO 8 163

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

do passado. Um passado paralisado em museus cheios de objetos que ali estão para atestar que há uma herança coletiva – cuja função social parece suspeita. Monumentos arquitetônicos e obras de arte espalhadas pela cidade, cuja visibilidade se achata no meio da paisagem urbana. Documentos e material historiográfico que parecem interessar somente a exóticos pesquisadores. Modos de expressão artística folclorizados e destituídos de seu sentido original. A atitude externa que habitualmente se tem com relação a este passado mostra o quanto a sua pre-

servação, como produção simbólica e material, é dissociada de sua significação coletiva, e o quanto está longe de expressar as experiências sociais.

PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In: PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992. Disponível em: <<http://gpaf.info/dtd/ArqPerm/MCPaoli.pdf>>. Acesso em: 4 jan. 2018.

A BNCC nas páginas 164 e 165

Estas páginas apresentam exemplos de esforços da sociedade brasileira para tornar espaços pouco utilizados ou degradados em polos de cultura. A etimologia da palavra museu mostra que a ideia de museu sempre esteve ligada à conservação e à produção de cultura. Estas páginas ajudam a desenvolver as habilidades **EF05HI07** e **EF05HI10** da BNCC.

Nos últimos anos, cresceu a preocupação com a preservação de vestígios do passado. Entre as iniciativas de preservação estão a criação de museus, o estudo de sítios arqueológicos e a nova função atribuída a edifícios históricos.

Isso é importante, pois, em um mundo de grandes e constantes transformações como o em que vivemos hoje, a sensação de que as tradições estão se perdendo é cada vez mais forte entre as pessoas.

Entre os mais recentes museus criados no Brasil, destacam-se o Instituto Inhotim, no estado de Minas Gerais, e o Museu Cais do Sertão, em Pernambuco.

Inhotim foi idealizado na década de 1980, mas só foi aberto ao grande público em 2006. Construído em uma fazenda localizada nos arredores da cidade de Brumadinho, a menos de 100 quilômetros de Belo Horizonte, abriga um dos acervos de arte contemporânea mais importantes do mundo.

O espaço conta também com um **jardim botânico** que preserva espécies típicas da vegetação local.

O edifício que abriga o Museu Cais do Sertão está localizado a poucos metros do Marco Zero da cidade de Recife e abriga um acervo dedicado à cultura, à memória e às histórias do povo sertanejo brasileiro.

jardim botânico: local dedicado ao cultivo e à preservação de diversas espécies de plantas.



► **Troca-troca**, obra do artista Jarbas Lopes exposta no Instituto Inhotim, em Brumadinho, Minas Gerais. Foto de 2016.



► Interior do Museu Cais do Sertão, no Recife, Pernambuco, em 2015. A estrutura desse museu conta com alta tecnologia.

164 UNIDADE 4 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Um dos critérios mais importantes para o tombamento do patrimônio é a necessidade de preservá-lo da destruição pelos mais diversos agentes. Leia mais sobre esse assunto no texto a seguir.

Imagens de satélite ajudam a monitorar patrimônio cultural ameaçado, diz Unesco

Patrimônios culturais ao redor do mundo vêm sofrendo ataques intencionais, saques e efeitos de desastres naturais, além de danos

colaterais. Muitas vezes, é difícil alcançar rapidamente áreas atingidas para que seja possível monitorar a situação, planejar a restauração e prevenir maiores danos.

Nesse cenário, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e o Instituto para Treinamento e Pesquisa das Nações Unidas (Unitar, na sigla em inglês) fecharam uma parceria para acessar imagens de satélite que têm sido usadas na proteção de sítios no Iraque, na Síria, no Iêmen e no Nepal.

Um novo relatório elaborado pela parceria mostrou que a análise das imagens é uma ferramenta cada vez mais importante para

O Museu Cais do Sertão foi inaugurado em 2014 e faz parte do projeto Porto Novo Recife, que pretende transformar a antiga região portuária da cidade em um polo de lazer e cultura.

- Observe novamente as imagens do Instituto Inhotim e do Museu Cais do Sertão. Em seguida, converse com seus colegas e o professor a respeito da temática de cada um deles. **Resposta pessoal.**

Saiba mais

Você sabia que a palavra museu é de origem grega? Na Grécia antiga, havia um templo dedicado às nove musas do Olimpo chamado Templo das Musas. As musas eram figuras mitológicas e cada uma delas era a protetora de uma arte ou ofício.

Elas representavam a música, o teatro, a poesia, a dança, a tragédia, a comédia, a astronomia, entre outros, e esse templo, chamado *mouseion*, era o local onde as pessoas homenageavam essas musas, por meio do desenvolvimento do conhecimento e das artes.

Até hoje os museus continuam tendo um papel importante na formação das pessoas e no desenvolvimento das artes e do conhecimento.

- 1 Observe a imagem abaixo. Ela representa as nove musas gregas. Com a ajuda do professor, tente descobrir a que arte e ofício cada uma delas se dedicava, pesquisando em livros da biblioteca e sites da internet.



► **Dança de Apolo com as nove musas**, têmpera sobre painel feita por Baldassare Peruzzi no século XVI.

- 2 Você já visitou algum museu? Na sua opinião, por que é importante visitar os museus e espaços de memória? Converse com seus colegas e o professor a respeito. **Resposta pessoal.**

Atividade complementar

Se for possível, faça com os alunos uma visita a uma instituição ligada à preservação do patrimônio histórico da cidade em que os alunos moram ou na mesma região. Entre as instituições que podem ser visitadas estão arquivos, centros de memória, centros de cultura, museus e memoriais. Peça aos funcionários da instituição que expliquem como ocorre a preservação dos bens culturais. Bens materiais, por exemplo, podem precisar de restauração. Bens imateriais podem ter suas práticas registradas.

Prepare os alunos com antecedência, explicando-lhes o motivo da visita, o que vão ver, e a quais informações eles devem prestar mais atenção, quais devem anotar. Na aula seguinte, peça a eles que troquem impressões e leiam suas anotações.

avaliar o dano potencial aos sítios de patrimônios culturais da humanidade.

[...]

O relatório examinou o sítio arqueológico de Nimrud, no Iraque. Comparando imagens de satélite feitas entre março e abril de 2015, a extensão e localização do dano e da destruição causados pelo grupo autodenominado Estado Islâmico no Palácio do Rei Ashurnasirpal II (883-859 a.C.) ficaram evidentes.

No Nepal, depois do terremoto de abril do ano passado, as imagens ajudaram a mapear quais templos e monumentos históricos de Kath-

mandu foram prejudicados, em qual extensão, e a apontar quais permanecem intactos. Isso permitiu que especialistas avaliassem de maneira mais efetiva as necessidades e planejassem as medidas de reparação.

[...]

ONU. Imagens de satélite ajudam a monitorar patrimônio cultural ameaçado, diz Unesco. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/imagens-de-satelite-ajudam-a-monitorar-patrimonio-cultural-ameacado-diz-unesco/>>. Acesso em: 4 jan. 2018.

A BNCC nas páginas 166 e 167

Estas páginas continuam a abordar o tema da criação e da revitalização de espaços tratando de mais dois exemplos: o Cais do Valongo e o Museu do Amanhã. Eles estão relacionados, pois a revitalização da área portuária do Rio, que incluiu a construção do Museu do Amanhã, permitiu a redescoberta do cais. A criação de museus e a redescoberta de sítios arqueológicos mostram a historicidade do patrimônio. O fato de o Cais do Valongo ter permanecido encoberto por tantos anos antes de ser escavado e preservado mostra a hierarquização dos marcos de memória. Estas páginas ajudam a desenvolver as habilidades EF05HI07 e EF05HI10 da BNCC.

Orientações didáticas

O Museu do Amanhã já é considerado um patrimônio cultural, mas ainda não foi tombado pelo Iphan. Trata-se de um bem cultural por causa de sua importância para a sociedade, do artista que o construiu e da integração da obra ao meio ambiente. Cabe às próximas gerações decidir sobre o seu tombamento e de que modo esse bem cultural será preservado.

Há sempre novos patrimônios?

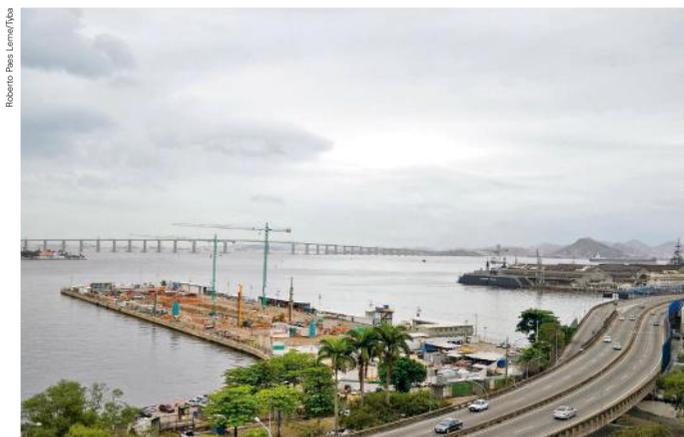
O Museu do Amanhã foi criado pela prefeitura do Rio de Janeiro em 2015. Ele foi instalado na região portuária da cidade para ajudar na **revitalização** da área – assim como o Museu Cais do Sertão foi instalado na região portuária de Recife.

A revitalização de uma região é também uma forma de ajudar na criação e na proteção de novos patrimônios históricos.

▶ revitalizar:

em uma cidade, por exemplo, significa dar nova vida a um bairro ou região, promovendo renovações e melhorias.

▶ Vista da Praça Mauá e do viaduto perimetral na cidade do Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro, em 2012.



▶ Região portuária do Rio de Janeiro em 2016, com vista da Praça Mauá e do Museu do Amanhã.



1 Observe atentamente as imagens. Quais são as diferenças e as semelhanças entre elas? O que provocou essas transformações? Converse com seus colegas e o professor. **Resposta pessoal.**

2 Por que a revitalização de determinadas áreas de uma cidade é importante? **Resposta pessoal.**

166 UNIDADE 4 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Sobre a proposta do Museu do Amanhã, recomenda-se a leitura do texto a seguir.

Por que um Museu do Amanhã?

O Museu do Amanhã é um museu de ciências diferente. Um ambiente de ideias, explorações e perguntas sobre a época de grandes mudanças em que vivemos e os diferentes caminhos que se abrem

para o futuro. O Amanhã não é uma data no calendário, não é um lugar aonde vamos chegar. É uma construção da qual participamos todos, como pessoas, cidadãos, membros da espécie humana.

E por que um Museu do Amanhã? Porque vivemos em uma nova era, em que o conjunto da atividade humana tornou-se uma força de alcance planetário. Somos capazes de intervir na escala de moléculas e de continentes. Manejamos átomos e criamos microrganismos artificiais. Desviamos o curso de grandes rios, alteramos florestas, influenciamos

Locais destinados à preservação da memória, como um museu, uma instituição cultural ou um sítio histórico, são espaços democráticos que podem ajudar no desenvolvimento da sociedade e no processo de formação e transformação dos indivíduos. Por isso, eles devem ser valorizados e preservados.

Vejamos o caso da transformação do Cais do Valongo, também na cidade do Rio de Janeiro, em um Patrimônio Mundial da Humanidade pela Unesco.

Leia o texto a seguir.

Cais do Valongo, patrimônio mundial no Rio para não esquecer o horror da escravidão

visão holística:
visão completa
ou ampla.

O Sítio Arqueológico Cais do Valongo, localizado na zona portuária do Rio de Janeiro, ganhou neste domingo o título de Patrimônio Mundial da Unesco. O lugar foi o principal porto de entrada de escravos africanos no Brasil e representa a exploração e o sofrimento das pessoas que foram trazidas à força ao país até meados do século XIX. [...]

A nomeação exige que as autoridades brasileiras assumam determinadas responsabilidades. “A Unesco recomenda que o Brasil adote ações específicas para a gestão dos vestígios arqueológicos, para a execução de projetos paisagísticos e para que os visitantes possam ter uma **visão holística** sobre o Cais do Valongo e o que ele representa”, reconheceu o Itamaraty. “Tais medidas, que contribuirão para a preservação deste importante patrimônio cultural brasileiro, deverão ser implementadas pelos governos federal, estadual e municipal, em coordenação com a sociedade civil e as comunidades envolvidas.”

Cais do Valongo, patrimônio mundial no Rio para não esquecer o horror da escravidão. **El País**, 10 jul. 2017.

Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/09/politica/1499625756_209845.html?id_externo_rsoc=TW_BR_CM>. Acesso em: 2 dez. 2017.



➤ Sítio Arqueológico Cais do Valongo, na cidade do Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro, em 2017.

1 O que era o Cais do Valongo no passado?

O Cais do Valongo era o principal porto de entrada de africanos escravizados no Brasil.

2 Na sua opinião, por que a transformação desse local em um patrimônio mundial é importante?

Ele representa um local de memória da exploração e do sofrimento das pessoas que foram trazidas à força ao país até meados do século XIX.

➤ **CAPÍTULO 8** 167

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

a atmosfera, transformamos o clima. Habitamos um planeta que vem sendo profundamente modificado por nossas ações. Que amanhã serão gerados a partir de nossas próprias escolhas?

O Museu do Amanhã oferece uma narrativa sobre como poderemos viver e moldar os próximos 50 anos. Uma jornada rumo a futuros possíveis, a partir de grandes perguntas que a Humanidade sempre se fez. De onde viemos? Quem somos? Onde estamos? Para onde vamos? Como queremos ir?

Orientado pelos valores éticos da Sustentabilidade e da Convivência, essenciais para a nossa civilização, o Museu busca também promover a inovação, divulgar os avanços da ciência e publicar os sinais vitais do planeta. Um Museu para ampliar nosso conhecimento e transformar nosso modo de pensar e agir.

MUSEU DO AMANHÃ. Sobre o museu. Disponível em: <<https://museudoamanha.org.br/pt-br/sobre-o-museu>>. Acesso em: 17 set. 2017.

Orientações didáticas

Explique para os alunos que a existência do Cais do Valongo não era desconhecida. Esse local foi encoberto pela reurbanização da área portuária na primeira década do século XX, pouco tempo após a abolição da escravidão, que ocorreu em 1888.

Objetivos das páginas 168 e 169

As páginas a seguir permitem fazer uma retrospectiva dos temas desenvolvidos na unidade e, para isso, trabalham as atividades de escrita no **Eu escrevo e aprendo** e na **Minha coleção de palavras de História**; e atividades de desenho em **Eu desenho e aprendo**.

Eu escrevo e aprendo

Objetivo: Sistematizar noções desenvolvidas na unidade usando a **linguagem escrita**.

Nesta atividade, deve-se trabalhar o que foi importante para os alunos em cada capítulo ou o que eles mais gostaram de aprender. Eles terão oportunidade de retomar, registrar e organizar o que foi estudado. Como esta é uma das atividades que fecham a unidade, é o momento ideal para os próprios alunos selecionarem as palavras que mais chamaram a atenção deles durante o estudo. Assim, eles vão identificar os temas centrais de um texto e trabalhar a linguagem escrita.

As frases selecionadas estão nas páginas 132 e 167.

Minha coleção de palavras de História

Veja na página XXII das Orientações gerais como trabalhar a seção **Minha coleção de palavras de História** em sala de aula, incluindo um modelo de quadro que poderá ser feito com os alunos. Eles devem preenchê-lo com as palavras trabalhadas após o estudo da unidade. Esta atividade deve ser feita em conjunto com Língua Portuguesa, pois trabalha o letramento e incentiva a ampliação do vocabulário do aluno.

As palavras **depoimento**, trabalhada no capítulo 7, e **monumento**, no capítulo 8, estão ligadas à ideia de memorização e preservação do passado. Se for possível, explore como essas palavras são utilizadas fora do âmbito dos estudos de História.

O QUE ESTUDAMOS

Eu escrevo e aprendo

- As frases abaixo aparecem nos capítulos da unidade 4. Copie, abaixo de cada uma delas, outra frase sobre o que você mais gostou de aprender em cada capítulo.

Capítulo 7 – Patrimônio histórico e cultural

Patrimônio imaterial é todo o conjunto de bens intelectuais e emocionais de um povo, ou seja, o conjunto de tradições, hábitos, ofícios e outros saberes e fazeres transmitidos de geração em geração.

Resposta pessoal.

Capítulo 8 – Mudanças e permanências no patrimônio histórico

Locais destinados à preservação da memória, como um museu, uma instituição cultural ou um sítio histórico, são espaços democráticos que podem ajudar no desenvolvimento da sociedade e no processo de formação e transformação dos indivíduos.

Resposta pessoal.

Minha coleção de palavras de História

Em cada capítulo da unidade, há uma palavra destacada para a Minha coleção de palavras de História. Você também fez atividades com essas palavras para saber como utilizá-las quando precisar escrever um pequeno texto de História. Veja quais são essas palavras no quadro ao lado.

- O que você aprendeu com essas duas palavras? Discuta com seus colegas.
Resposta pessoal.
- Em um quadro no seu caderno, escreva essas duas palavras e o significado de cada uma delas. O significado deve estar ligado ao que você aprendeu no capítulo.
Resposta pessoal.

DEPOIMENTO,
página 140.

MONUMENTO,
página 157.

168 UNIDADE 4

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Eu desenho e aprendo

- 1 Os desenhos abaixo representam assuntos importantes estudados em cada capítulo da unidade 4. Observe-os atentamente.

Capítulo 7 – Patrimônio histórico e cultural



Capítulo 8 – Mudanças e permanências no patrimônio histórico



Ilustrações: Claudio Chaves/Arquivo da editora

- 2 Agora é a sua vez! Para cada capítulo, faça um desenho do que você mais gostou ou achou importante estudar nesta unidade do livro. Se preferir, faça uma colagem.

Capítulo 7

Capítulo 8

» O QUE ESTUDAMOS

169

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Eu desenho e aprendo

Objetivo: Sistematizar noções desenvolvidas nesta unidade usando a **linguagem gráfica**.

Incentive os alunos a usar a criatividade e a construir uma vinheta conclusiva. Lembre-se de que as representações gráficas são muito importantes para as crianças, pois permitem manifestações e estruturas do pensamento de forma mais lúdica e natural.

Objetivos das páginas 170 e 171

As páginas a seguir permitem fazer uma retrospectiva dos temas desenvolvidos na unidade e, para isso, promove a leitura e síntese em **Hora de organizar o que estudamos** e **Sugestões de leitura**, e autoavaliação em **Para você refletir e conversar**.

Com estas páginas, pretende-se avaliar o progresso pessoal do aluno e o processo coletivo de ensino-aprendizagem. Esta avaliação tem como objetivos:

- permitir a intervenção do professor para auxiliar o aluno em suas características individuais;
- determinar o grau de obtenção de resultados de acordo com os objetivos estabelecidos e habilidades a serem atingidas.

Trabalha-se aqui a avaliação somatória, através da medição dos resultados da aprendizagem, observando se as habilidades e objetivos estabelecidos foram atingidos ou não.

Leia mais sobre o tema Avaliação na página XIII das Orientações gerais.

Hora de organizar o que estudamos

- Existem patrimônios materiais, imateriais e naturais e todos eles são importantes para a preservação da memória das sociedades humanas.

► Vista do Pantanal em Poconé, no estado do Mato Grosso. Foto de 2017. O patrimônio natural também é importante e deve ser preservado.



Andre Dourado Imagens



EO Roy/Shutterstock

- O patrimônio histórico é uma das formas de preservação da memória coletiva e da história.

► A Muralha da China começou a ser construída em 215 a.C. para proteger a região contra ataques de inimigos e levou 20 séculos para ser concluída: seu último trecho foi feito entre 1368 e 1644. Foto de 2017.

- A construção de monumentos no passado estava ligada à demonstração de poder dos governantes e a práticas religiosas.



Genialo Gomes/Ócio Brasil Imagens

- Edifícios que hoje abrigam museus já tiveram outros usos no passado.

► Memorial Minas Gerais, em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais, em 2015.

170

UNIDADE 4

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestões de...

Livros

Brasília, uma viagem no tempo. Eliana Martins, Editora do Brasil.

Duas crianças viajam no tempo e acompanham a construção da nova capital do Brasil, a cidade de Brasília.

Flor do Cerrado: Brasília. Ana Miranda, Companhia das Letrinhas.

Relato das memórias de infância da própria autora sobre a construção de Brasília.

Meu, seu, de todos: patrimônio cultural. Renata Consegliere, Positivo.

Com textos, ilustrações e fotos, o livro trata da importância do patrimônio histórico e cultural e de sua preservação. No final da obra há um mapa com a localização de todos os sítios no Brasil considerados Patrimônio da Humanidade.

Sites

Inhotim. Disponível em: <www.inhotim.org.br/visite/tour-virtual/>.

No site do Instituto Inhotim é possível fazer uma visita virtual às principais obras presentes na instituição. Acesso em: 22 set. 2017.

Museu do Amanhã. Disponível em: <<http://museudoamanha.org.br>>.

No site do Museu do Amanhã é possível acessar publicações e ver a programação completa do museu. Acesso em: 22 set. 2017.

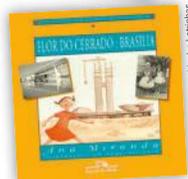
Filme

Superquadras. Marcelo Feijó e Mário Salimon, 2014, 24 minutos.

O filme trata da arquitetura de Brasília e da história da sua construção, trazendo entrevistas com alguns dos principais arquitetos da cidade.



Reprodução da Brasil Editora



Reprodução Companhia das Letrinhas



Reprodução Editora Positivo



Reprodução <https://museudoamanha.org.br>

Indicação de leitura para o professor

- PELEGRINI, Sandra; FUNARI, Pedro Paulo. *O que é patrimônio cultural imaterial*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

Esse livro narra o surgimento do conceito de patrimônio cultural imaterial, como ele começou a ser reconhecido pelos órgãos de preservação do patrimônio e as melhores formas de preservá-lo.

Para você refletir e conversar Respostas pessoais.

- De qual assunto você gostou mais nesta unidade?
- Você teve dificuldade para entender alguma atividade ou alguma explicação?
- Escolha a imagem de que você mais gostou nesta unidade. Conte aos colegas o motivo de sua escolha.

Sugestão de... (PARA O ALUNO)

Livro

Festas e danças brasileiras. Ana Tatit; Maristela Loureiro. Melhoramentos.

Objetivos dos projetos

1. Propor aos alunos a investigação, a pesquisa e a execução de um trabalho.
2. Desenvolver o espírito de participação nos alunos por meio de atividades voltadas para a produção de cartas e cartazes.
3. Orientar os alunos a buscar soluções diferentes para determinado problema.

Orientações didáticas

Pode ser interessante discutir em sala de aula a maneira como os portugueses relataram o primeiro encontro com os povos indígenas, destacando as pequenas trocas de objetos entre os dois povos. Ajude os alunos a ler a carta.

O texto completo da carta de Pero Vaz de Caminha está disponível em: <www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000292.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2017.

O conteúdo da carta poderá ser explorado com um debate e uma pequena exposição na sala de aula.

PROJETO 1

Um escrivão do século XXI

No dia 22 de abril de 1500 os portugueses chegaram pela primeira vez à costa do território que seria chamado mais tarde de Brasil. O chefe da esquadra de navios era Pedro Álvares Cabral. Entre os viajantes também estava o escrivão Pero Vaz de Caminha, que tinha a tarefa de escrever sobre todos os acontecimentos ocorridos durante a viagem e a chegada a uma nova terra.

Pero Vaz de Caminha escreveu uma longa carta ao rei de Portugal relatando a chegada à nova terra e o encontro com os indígenas. Essa carta foi enviada a Portugal em uma embarcação.

Agora você será o Pero Vaz de Caminha do século XXI! Sua tarefa é redigir uma carta-relatório ao famoso escrivão português, como se ele ainda estivesse vivo, narrando suas observações e opiniões sobre a cultura brasileira e a cidadania no Brasil de hoje. Você pode escrever sua carta à mão, como Caminha, ou digitá-la em um computador. Faça uma cópia em papel e entregue-a a seu professor.

Preste atenção nestas dicas. Elas poderão ajudar você.

- 1 Leia a **Carta a El Rei dom Manuel**, de Pero Vaz de Caminha. Esse documento está disponível na internet.
- 2 Pesquise em fontes diversas, como livros, revistas e sites da internet, informações sobre a realidade brasileira nos dias atuais.
- 3 Em grupo de três ou quatro alunos, troquem opiniões sobre as diferenças entre os fatos descritos na carta de Caminha e os que pesquisaram.
- 4 Enriqueça sua carta-relatório com ilustrações, fotos, postais, recortes de jornais e revistas ou desenhos que você mesmo pode fazer.
- 5 No dia marcado pelo professor, leve seu trabalho para a classe. Você e seus colegas vão organizar juntos um painel com as cartas escritas por todos.

PROJETO 2

O patrimônio cultural brasileiro

Construções, danças, técnicas de artesanato, estilos musicais, recursos naturais, tradições, festas... tudo isso pode ser entendido como parte do patrimônio cultural de um povo. No Brasil, muitos desses patrimônios são passados de geração em geração e estão presentes no cotidiano da nossa gente.

Nos dois últimos capítulos deste livro, você conheceu alguns exemplos de patrimônios culturais brasileiros. Agora é a vez de conhecer mais algumas manifestações populares de nossa cultura que também são patrimônios históricos.

-  1 Forme um grupo com mais três colegas. Juntos, procurem e anotem:
 - um patrimônio material brasileiro de seu estado, se houver;
 - um patrimônio material brasileiro de outro estado;
 - patrimônios imateriais do Brasil:
 - uma dança
 - um tipo de comida
 - uma festa
 - um artesanato
 - um patrimônio de sua cidade ou região, material ou imaterial.
-  2 Elaborem um cartaz com o resultado da pesquisa, ilustrando-o com desenhos, recortes de jornal ou revista, cartões-postais ou outras coisas que acharem adequadas.
-  3 No dia marcado pelo professor, levem o trabalho para a classe e montem, com os outros grupos, um painel na sala de aula.
-  4 Em uma roda de conversa troquem ideias com seu professor e os colegas sobre a pesquisa realizada:
 - Foi fácil ou difícil encontrar os itens pedidos?
 - Que material vocês consultaram para obter os dados da pesquisa?
 - Algum grupo usou o recurso da entrevista para chegar às respostas? Quem foram os entrevistados?
 - Algum dos itens pedidos não foi encontrado? Qual?

173

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

Os alunos poderão desenvolver a capacidade de pensar dois tempos históricos e compará-los, além de pesquisar, conversar com pessoas e elaborar a respeito da realidade em seu entorno.

O painel pode ser exposto em espaços coletivos da escola, caso seja possível, como forma de valorizar a atividade e a produção dos alunos.

GLOSSÁRIO

A

Antiguidade > página 23

Nome pelo qual é conhecido o período entre a domesticação das plantas no Oriente Médio, aproximadamente 12 mil anos a.C., e a Queda do Império Romano do Ocidente, em 476 d.C.



Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

➤ Os zigurates eram grandes edifícios religiosos construídos na região do atual Iraque por volta de 3,5 mil anos atrás.

C

Cultura > página 11

Nome que se dá para o conjunto de realizações materiais e imateriais, valores intelectuais e morais, tradições e costumes de um povo.

D

Ditadura > página 26

Regime de governo em que uma pessoa ou um grupo exerce o poder sem respeito à democracia nem à divisão dos três poderes, Executivo,

Legislativo e Judiciário, dos quais, nesse tipo de regime, o primeiro se sobrepõe aos demais.

I

Impacto ambiental > página 67

Mudança causada no meio ambiente pela atividade humana. A mudança pode ser positiva, melhorando o meio ambiente, ou negativa.

M

Mito > página 32

Narrativa criada pelos mais diversos povos para explicar a origem do mundo e dos costumes.

Monarquia > página 26

Regime de governo em que o rei ou o imperador é o chefe de Estado. O cargo é transmitido por hereditariedade.

O

Ostracismo > página 72

Processo que existia em Atenas, na Grécia antiga, em que um político era submetido a um julgamento. Caso a assembleia o condenasse, ele seria banido por 10 anos. Isolamento, exclusão.

P

Patrimônio cultural imaterial > página 69

De acordo com a definição da Unesco: “as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo

recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes.”.



► Roda de capoeira em Salvador, estado da Bahia, 2016.

Propriedade privada ▶ página 56

Objeto, imóvel, ideia e tudo aquilo que pertence e é de uso exclusivo de uma pessoa ou grupo específico.



Regime político ▶ página 25

Neste volume, a forma de atuação do Estado, definindo como será a relação entre o governo e os cidadãos, para organizar, dirigir e administrar um país.

República ▶ página 26

Regime de governo em que pessoas são eleitas para ocupar cargos políticos e tomar decisões que afetam toda a sociedade. Geralmente, os mandatos políticos têm duração fixa.

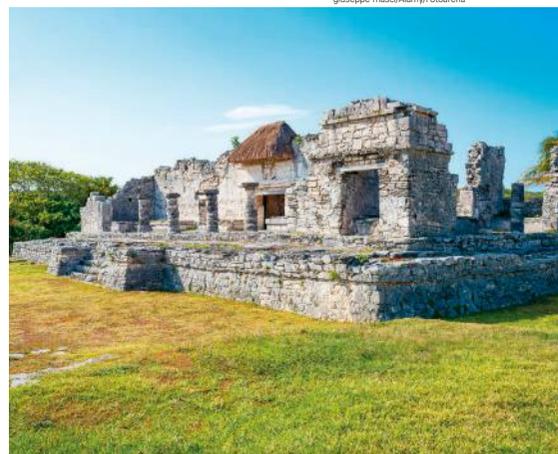


Sedentário ▶ página 18

Modo de viver em que as pessoas deixam de se locomover em busca de alimento, como ocorre no modo de vida nômade.

Sítio arqueológico ▶ página 167

Local em que vestígios da vida humana no passado foram descobertos. Essas evidências podem ser ruínas de construções, restos de objetos ou mesmo de cadáveres humanos ou de outros animais.



► Ruínas de Tulum. Canaán, México, 2016.



Tombar ▶ página 134

Colocar bens móveis ou imóveis de valor histórico, cultural ou ambiental sob a proteção do governo para impedir sua destruição ou descaracterização.



Unesco ▶ página 132

Sigla em inglês para Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, órgão dedicado à preservação e ao desenvolvimento da cultura e da ciência, estimulando os países a promover o acesso a esses bens por meio da educação.

BIBLIOGRAFIA

Desta bibliografia não constam as referências de alguns livros dos quais foram transcritos trechos ao longo dos capítulos. Citamos as referências nos próprios textos por se tratar de fontes de leitura complementares.

- ALBUQUERQUE, Manoel de et al. **Atlas histórico escolar**. Rio de Janeiro: MEC, 1991.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BELER, Aude Gros de. **O Egito Antigo passo a passo**. São Paulo: Claro Enigma, 2016.
- BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2005.
- _____. (Org.). **Dicionário de datas da história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia/História e Temas transversais**. Brasília, 1997.
- _____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- CARPENTIER, Vincent. **A Idade Média passo a passo**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- CARRETERO, Mario et al. **Ensino da História e memória coletiva**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.
- CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- DARS, Éric; TEYSSIER, Éric. **A Grécia Antiga passo a passo**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.
- DUMONT, Sáva. **O Brasil em festa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- FISCHER, Steven Roger. **História da escrita**. São Paulo: Unesp, 2009.
- FUNARI, Pedro Paulo A. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2001.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 34. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GESSER, Audrei. **Libras, que língua é essa?** São Paulo: Parábola, 2015.
- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento**. São Paulo: Centro de Documentação e Disseminação de Informações/IBGE, 2000.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povos Indígenas no Brasil Mirim**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2015.
- KARNAL, Leandro. **História na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.
- LEFEVRE, François. **História do mundo grego antigo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- _____. **Civilização do Ocidente Medieval**. Baur: Edusc, 2005.
- LENSKIJ, Tatiana; HELFER, Nadir Emma (Org.). **A memória e o ensino da História**. Santa Cruz do Sul: ANPUH/RS, 2000.
- MEIRIEU, Philippe. **Aprender... sim, mas como?** Porto Alegre: Artmed, 2000.
- MELLO E SOUZA, Marina. **África e Brasil africano**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Global, 2009.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- NIKIPROWETZKY, Paul Garelli, V. **O Oriente Próximo asiático: impérios mesopotâmicos, Israel**. São Paulo: Liv. Pioneira e Editora da USP, 1982.
- NOVAIS, Fernando Antônimo (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 5 v.
- PAULA, Eunice Dias de et al. **História dos povos indígenas: 500 anos de luta no Brasil**. Petrópolis: Vozes/Cimi, 2001.
- PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- _____. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PINSKY, Carla (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.
- PINSKY, Jaime (Org.). **O ensino de História e a criação do fato**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- PORTA, Paula. **A corte portuguesa no Brasil (1808-1821)**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- PRANDI, Reginaldo. **Contos e lendas afro-brasileiros: a criação do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PREZIA, Benedito; HOORNAERT, Eduardo. **Esta terra tinha dono**. 6. ed. São Paulo: FTD, 2000.
- PRIORI, Mary del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- RASSI, Sarah Taleb et al. **O Brasil também é negro**. Goiânia: Ed. da UCG – Universidade Católica de Goiás, 2004.
- ROSSINI, Ester Rosa et al. **Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência: guia prático para educadores e educadoras**. São Paulo: Nemege/CNPq, 2006.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2005.
- SCHWARCZ, Lília Moritz; SOUSA REIS, Leticia Vidor de. **Retrato em branco e negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. **Memória d'África: a temática africana em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2007.
- SIMIELLI, Maria Elena. **Atlas geográfico escolar**. São Paulo: Ática, 2009.
- _____. **Geoatlas**. 33. ed. São Paulo: Ática, 2013.
- SOUZA, Maurício de. **Manual dos Índios do Papa-Capim**. São Paulo: Globo, 2011.
- STRAFORINI, Rafael. **No caminho das tropas**. Sorocaba: TCM, 2001.
- SWINNEN, Colette. **A Pré-História passo a passo**. São Paulo: Claro Enigma, 2010.

Sites

- (Acesso em: out. 2017.)
- Casa das Áfricas – <www.casadasafricas.org.br>
- Funai – <www.funai.gov.br>
- IBGE – <www.ibge.gov.br>
- Instituto Socioambiental – <www.socioambiental.org>
- Museu Afro Brasil – <www.museuafrobrasil.org.br>
- Museu Histórico Nacional – <www.museuhistoriconacional.com.br>
- Museu da Pessoa – <www.museudapessoa.net>
- Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros – <www.neab.ufpr.br>
- Núcleo de História Oral – <www.fflch.usp.br/dh/nehoo>

